GLÁUCIA MARIA TINOCO BARBOSA

# A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DOS LUKACSIANOS BRASILEIROS: 1960 -2000

DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

RECIFE
2011

GLAUCIA MARIA TINOCO BARBOSA

# A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DOS LUKACSIANOS BRASILEIROS: 1960 -2000

Tese apresentada como requisito à obtenção do grau de Doutora em Sociologia, junto ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação do Professor Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares e co-orientação do Professor Dr. Jesus Ranieri.

RECIFE
2011

**Catalogação na fonte**
**Bibliotecária, Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4-985**

**B238p** **Barbosa, Glaucia Maria Tinoco**
**A produção de conhecimento dos lukacsianos brasileiros : 1960-2000 / Glaucia Maria Tinoco Barbosa. – Recife: O autor, 2011.**
**293 f. : il. ; 30 cm.**

**Orientador: Prof. Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares.**
**Co-orientador: Prof. Dr. Jesus Ranieri.**
**Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2011.**
**Inclui bibliografia, anexos.**

**1. Sociologia. 2. Produção – Conhecimento. 3. Intelectuais – Lukacsianos 4. Ciências sociais. I. Soares, Paulo Marcondes Ferreira. (Orientador). II. Ranieri, Jesus. (Co-orientador). III. Titulo.**

**301 CDD (22.ed.)** **UFPE (BCFCH2011-28)**

Ata da Sessão de Defesa de Tese de **GLÁUCIA MARIA TINOCO BARBOSA,** do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e onze, reuniram-se na Sala de Seminários do 12° andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da comissão designada para o Exame da Tese de Doutorado de **GLÁUCIA MARIA TINOCO BARBOSA** sob o título **A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DOS LUKACSIANOS BRASILEIROS: 1960 - 2000.** A comissão foi composta pelos professores: **Prof. Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares - Presidente/Orientador; Profa. Dra. Maria Eduarda da Mota Rocha – Titular Interna (PPGS/UFPE); Prof. Dr. Remo Mutzenberg – Titular Interno (PPGS/UFPE); Profa. Dra. Simone Magalhães Brito – Titular Externa (PPGS/UFPB); Prof. Dr. Antônio Paulo de Morais Rezende – Titular Externo (PPGH/UFPE); Prof. Dr. Jesus José Ranieri – Titular Externo (PPGS/UNICAMP).** Dando início aos trabalhos, o **Prof. Dr. Paulo Marcondes Soares** explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida, passou a palavra à autora da Tese para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua argüição, seguindo-se a defesa da candidata. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornarem o **Prof. Dr. Paulo Marcondes Soares,** presidente da mesa e orientador da candidata, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão Examinadora **aprovando a Tese por unanimidade.** E nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim, secretário do Programa, pelos membros da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 28 de fevereiro de 2011.

Vinícius Douglas da Silva Nascimento – Secretário

Prof. Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares

Profa. Dra. Simone Magalhães Brito

Prof. Dr. Remo Mutzenberg

Profa. Dra. Maria Eduarda da Mota Rocha

Prof. Dr. Jesus José Ranieri

Prof. Dr. Antônio Paulo de Morais Rezende

Gláucia Maria Tinoco Barbosa

*A Sheila Tinoco Cintra, Elza Vasconcelos, Mariana Correia Trajano e Adriana Tenório, irmã, tia e amigas queridas.*

# Agradecimentos

A Kaliani Rocha, pela leitura previa, pelos comentários construtivos, pelo apoio, confiança e amizade indispensáveis e fundamentais nos momentos mais duros do meu percurso.

A João Paulo Lima e Silva Filho, pelas dicas preciosas, pela amizade, carinho e incentivo.

A Luiz Carlos Pinto, pelos momentos alegres e tristes no decorrer do curso e pelos animados encontros de estudo e de bar com Kali e João.

À amiga Assunção Lima de Paulo, pela força e carinho, pelas conversas ao vivo e via e-mail.

Ao amigo Mário Mendonça pela presença constante.

Aos queridos Francisco de Sá Barreto, Isabella Medeiros, Roberta Melo, Fábio Alves (a culpa é sua!), Michely Peres e Cacau Holanda pelas valiosas palavras de incentivo e pela confiança.

Aos meus colegas de turma.

A André Rangel, pelo estímulo, carinho e compreensão

Aos meus pais, Fátima e Gláucio, por tudo.

Às minhas tias queridas, Lourdes, Marlene e Gracinha pela apóio constante, paciência e carinho de sempre.

Ao meu irmão Arthur Tinoco e a Márcio Cintra pelos puxões de orelha e pelo carinho.

A Magnólia D'Amorim, minha analista, pelos conselhos, pela confiança de sempre e por ajudar enormemente no meu processo de autoconhecimento.

Ao Prof. Ricardo Santiago, pela ajuda incalculável no momento mais difícil do curso de doutorado. Pelas dicas e pelo incentivo intelectual que me motivaram a continuar e a querer mais.

A Cibele Rodrigues pelo estímulo.

Gostaria de agradecer especialmente ao professor e querido ex-orientador Jorge Ventura de Morais, pelo profissional competente que é. Pela confiança primeira depositada em mim, pelo entusiasmo demonstrado com as minhas propostas de investigação e pelos ensinamentos que foram absolutamente essenciais para que eu continuasse forte e crente sobre a importância de uma pesquisa e sobre a minha própria importância como pesquisadora.

A Vinícius Douglas, secretário do PPGS, que com presteza e capacidade deu andamento as questões burocráticas e forneceu as informações necessárias ao longo do curso.

Agradeço também a Priscila Braz, funcionária do PPGS, pela solicitude com que atendia aos meus apelos.

Ao Prof. Denis Bernardes, pelas indicações de leitura no momento da defesa do projeto e depois dela, e pelo empréstimo de alguns livros.

Ao Prof. Ricardo Antunes, pelo apoio na pesquisa, pela recepção e pela ajuda no processo da coleta dos dados. Sem sua ajuda, provavelmente, o acesso aos demais intelectuais teria sido bastante difícil.

Aos professores Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, José Paulo Netto e Celso Frederico pela delicadeza com que me receberam e pelas entrevistas concedidas, indispensáveis para a feitura do presente trabalho.

À Profª Ester Vaisman, pela gentileza em responder as minhas questões sobre a atuação de José Chasin na divulgação de Lukács no Brasil.

Às professoras Cynthia Hamlin e Eliane Veras pelas contribuições fornecidas no início e no decorrer da presente tese.

Ao Prof. Jesus Ranieri, pelas dicas importantes concedidas durante o período do doutorado-sanduíche na UNICAMP e pelo estímulo intelectual.

Ao meu orientador, o Prof. Paulo Marcondes por ter aceitado a orientação no momento crucial da minha pesquisa. Pelo apoio, tempo e confiança dadas a mim e pelas coordenadas relevantes que me trouxeram a segurança necessária para concluir a pesquisa.

Finalmente agradeço ao **CNPq** (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico) pelo auxílio imprescindível para a consecução deste trabalho, através das bolsas concedidas durante todo o doutorado e na fase do doutorado-sanduíche.

# RESUMO

Nosso trabalho procede a uma análise sobre a produção de conhecimento de sete intelectuais brasileiros ligados às esquerdas e influenciados pelo filósofo e marxista húngaro Georg Lukács. Trata, em linhas gerais, da recepção das idéias lukacsianas no Brasil, iniciada nos anos 1960, por meio dos trabalhos de tradução e de divulgação do seu pensamento, mediante pesquisas empreendidas pelos marxistas comunistas, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho e José Chasin, e das contribuições do trotskista radicado na França, Michael Löwy. Continuadas nos anos 1970 por José Paulo Netto e, nos anos 1980, por Celso Frederico e Ricardo Antunes, nossa investigação está circunscrita, pois, aos anos correlatos ao início da ditadura militar em 1964 até os anos 2000. Objetivamos abranger períodos de negação, preservação e superação (*Aufhebung*) das ideias contidas nos exames realizados pelos lukacsianos, concernentes à realidade concreta contextualizada. Nela, eles aplicam a categoria da totalidade e concepções do pensador húngaro, mormente algumas refletidas em "História e Consciência de Classe", nos anos 1920, na sua etapa estética posterior à década de 1930 e em sua obra derradeira, "Para uma ontologia do Ser Social", interrompida em 1970. Apresentam uma visão mais epistemológica e outra mais ontológica. Usamos o método histórico-sistemático a fim de apreender a gênese e os desdobramentos da produção de conhecimento dos lukacsianos em seu processo de realização, ao longo de, aproximadamente, quarenta anos. Tomados em duas gerações que apresentam uma maior ou menor proximidade com a instituição universitária brasileira, e com as ciências sociais, local e disciplina onde a presença da visão de mundo de Lukács se faz em vários momentos escassa e fragmentada. Foi justamente por meio da análise da produção dos marxistas supracitados e de suas contribuições para as ciências sociais que desenvolvemos considerações sobre a relação entre sociologia e marxismo. O intento por nós posto contribui para repensar o estatuto sociológico, que carece de uma perspectiva capaz de apreender a realidade na sua concretude e na sua totalidade.

Palavras-chave: Produção de conhecimento; intelectuais lukacsianos; ciências sociais

# ABSTRACT

Our work is an analysis on the knowledge production of seven Brazilian intellectuals linked to the left parties influenced by the Hungarian Marxist philosopher Georg Lukács. This is roughly the reception of Lukacsian ideas in Brazil, started in the 1960s through the translation work and dissemination of his thought, through research undertaken by the Marxist communists, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho and José Chasin, and contributions from the Trotskyite Michael Löwy settled in France. Continuing in the 1970s by José Paulo Neto and in the 1980s by Celso Frederico and Ricardo Antunes. Our investigation is limited, therefore, to the years of military dictatorship beginning in 1964 until the 2000s. We aim to cover periods of denial, preservation and overcoming (*Aufhebung*) of the ideas contained in the examinations by the Lukacsians concerning contextual reality.

In applying the category of totality and conceptions of the Hungarian thinker, some particularly reflected in " History and Class Consciousness" in the 1920s, in his later aesthetics stage to the decade of the 1930 and in his last work, "Toward an Ontology of the Social Being" ended in 1970.Introducing a more epistemological and another more ontological. We applied the historic-systematic method in order to understand the genesis and evolution of the Lukacsian knowledge production in its process of development of approximately forty years.Taken in two generations which have a greater or less proximity to the Brazilian university institution, and with the social sciences; place and subject where Lukács world view is sparse and fragmented in several moments. It was precisely through the production analysis of the above listed Marxists and their contributions to the Social Sciences we developed considerations about the relationship between Sociology and Marxism. Our objective contributes to rethink the sociological statute that lacks of a perspective capable of grasping reality in its concreteness and entirety.

Key Words: Knowledge Production; Lukacsian Intellectuals; Social Sciences.

# RÉSUMÉ

Notre travail propose une analyse de la production de la connaissance de sept intellectuels brésiliens liés aux politiques de gauche et sous l'influence du philosophe marxiste hongrois Georg Lukács. Il s'agit d'exposer les traits généraux de la réception des idées lukacsiennes au Brésil, introduites dans les années 1960, par les travaux de traduction et de vulgarisation de sa pensée, par des recherches entreprises par les marxistes communistes, tels que Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho et José Chasin et des contributions du trotskiste enraciné en France, Michael Löwy. Ces idées-lá ont été poursuivies dans les années 1970 par José Paulo Netto et, dans les années 1980, par Celso Frederico et Ricardo Antunes. Notre enquête s'est donc limitée aux années qui correspodent au début de la dictature militaire en 1964 jusqu'aux années 2000. Notre objectif fut d' inclure des périodes de négation, de conservation et de surpassement (Aufhebung) des idées contenues dans les études accomplies par les lukacsiens vis à vis de la réalité concrète contextualisée. Surtout quand ils appliquent la catégorie de la totalité parmi les autres conceptions du penseur hongois, certaines d'entre elles travailées dans "Histoire et Conscience de Classe", dans les années 1920, dans l'époque esthétique ultérieure à la décennie de 1930 et dans son dernier ouvrage, " pour une Otonlogie de l'Être Social", finie en 1970. Ouvrage dans lequel ils présentent une vision plus épistémologique qu'ontologique de ces idées. Nous avons utilisé la méthode historico-systématique pour appréhender la genèse et les dédoublements de la production de connaissance des lukacsiens dans son processus d'accomplissement pendant environ quarante ans. Ces auteurs ont été pris comme faisant partie de deux générations qui ont plus ou moins de proximité avec l'institution universitaire brésilienne et avec les sciences sociales, le lieu où la discipline ou la présence de la vision de monde de Lukács est faite dans plusieurs moments rares et fragmentés. C'était exactement par l'analyse de la production des marxistes précédents et de leurs contributions pour les sciences sociales que nous avons développé des considérations à propos du rapport entre la sociologie et le marxisme. Notre objetif propose de contribuer à une réflexion sur le statut sociologique, qui manque d'une perspective capable d'appréhender la réalité dans sa concrétude et dans sa totalité.

Mots-clés: la production de connaissances, intellectuelle lukacsienne; sciences sociales

# TABELAS E QUADROS


Quadro1 - 110

Quadro 2 - 153

Tabela 1 - Leandro Konder 117

Tabela 2 – José Chasin 118

Tabela 3 – Carlos Nelson Coutinho 119

Tabela 4 – Michael Löwy 119

Tabela 5 - José Paulo Netto 120

Tabela 6 – Celso Frederico 120

Tabela 7 – Ricardo Antunes 121

# Lista de Abreviações

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

UFF – Universidade Federal Fluminense

UNB – Universidade de Brasília

PPGS – Programa de Pós-Graduação em Sociologia

HCC – *História e Consciência de Classe*

ANPOCS: Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais

ALAS: Associação Latino-Americana de Sociologia

SBS: Sociedade Brasileira de Sociologia

# Sumário

**INTRODUÇÃO** **15**

**CAPÍTULO 1: AS IDEIAS DE GEORG LUKÁCS COMO POSSIBILIDADE PARA PENSAR A REALIDADE SOCIAL BRASILEIRA** **26**

1.1 O marxismo crítico de Georg Lukács 27

1.2 Os intelectuais lukacsianos escolhidos: a divisão em gerações 36

1.2.1 O esboço da importância de Georg Lukács para a formação de um grupo de intelectuais brasileiros: 1960 – 2000 38

1.2.1.1 Da seleção do material bibliográfico 41

1.2.2 Lukács como alternativa para pensar a realidade social brasileira 43

1.2.2.1 A teoria do conhecimento lukacsiana 44

1.3 Duas perspectivas: epistemológica e ontológica 50

1.3.1 As categorias da totalidade e da *Aufhebung* 65

**CAPÍTULO 2: Esquerdas e academia brasileira: uma relação dialética acerca do contexto histórico-social** **72**

2.1 Breve esboço sobre a presença inicial do marxismo no Brasil: ideias socialistas e positivistas. 74

2.1.1 O contexto e as tendências de esquerda no país 77

2.1.2 O Partido Comunista Brasileiro 84

2.3 Os intelectuais lukacsianos nos anos 1960 87

2.3.1 Da introdução do marxismo nas universidades 92

2.4 Perspectivas em foco: os lukacsianos e suas relações com a esquerda e com a academia. 100

2.5 Os meios de difusão do pensamento de Georg Lukács no Brasil 101

**CAPÍTULO 3: Um diálogo com os lukacsianos – 2008 104**

3.1 Situando as origens da pesquisa: problemas e objetivos, a partir de uma experiência pessoal 104

3.2 O contato com os lukacsianos: a chegada ao campo 112

3.2.1 Da elaboração do questionário ao campo em si: as entrevistas e os entrevistados. 112

3.3 A análise das entrevistas 116

3.4 Georg Lukács em torno de dois grupos de recepção: Konder e Chasin 127

3.5 Sobre as Minibiografias 133

3.5.1 De Konder a Antunes: uma apresentação 134

3.6 Um olhar sobre o campo 154

3.7 O início das aulas: nossas anotações 155

**CAPÍTULO 4: Para uma análise da produção de conhecimento dos intelectuais lukacsianos 158**

4.1 O resenhar das obras (1960 - 2000) e a categoria da totalidade: um balanço analítico dos momentos de influência das perspectivas de *História e Consciência de Classe* e da *Ontologia do Ser Social*. 158

4.2 A Primeira geração: Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, José Chasin, Michael Löwy e José Paulo Netto 159

4.3 A segunda geração: Celso Frederico e Ricardo Antunes 229

**CAPÍTULO 5: Sociologia e marxismo: uma relação dialética é possível? 251**

5.1 A Sociologia sob o ponto de vista lukacsiano 251

5.2 Os lukacsianos e as Ciências Sociais: notas para um aporte crítico 255

**CONSIDERAÇÕES FINAIS 268**

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 272**

**ANEXOS 283**

**“O combate é o pai de todas as coisas... O que diverge consigo mesmo concorda: harmonia de tensões retornantes, como de arco e lira.**

**(Heráclito)**

# INTRODUÇÃO

A sociologia brasileira tem sido marcada por uma forte presença de ideias estrangeiras desde os anos 1930, quando foi introduzida no país por meio de manuais franceses, alemães e ingleses utilizados no que corresponde hoje ao ensino médio.

A difusão da sociologia, por intermédio de livros introdutórios, facilitou o acesso à disciplina e sua posterior consolidação. A partir de 1931, observa-se a produção de manuais feitos por autores brasileiros, como Achiles Archero Júnior, Fernando de Azevedo, Amaral Fontoura e Gilberto Freyre (Meucci, 2000), revelando uma pretensa preocupação de parte da nossa intelectualidade em usar a sociologia como instrumento para explicar a realidade do país, de estabelecer uma identidade nacional e transmitir seus ensinamentos para os estudantes. De maneira quase concomitante à entrada dos livros de introdução sociológicas no ensino médio, nas escolas normais de Pernambuco e do Rio de Janeiro, via-se a introdução e produção desses manuais em Universidades brasileiras como a Universidade de São Paulo, a Universidade do Distrito Federal, entre outras[1].

No período posterior à década de 1940, no pós-guerra, a influência norte-americana foi bastante forte. Isso pode ser observado mediante as pesquisas realizadas com o apóio de Institutos de Pesquisa dos Estados Unidos, como a Fundação Ford e o Instituto Rockfeller, que tiveram um peso significativo para os intelectuais que principiaram a produção sociológica nacional, a exemplo de Florestan Fernandes (Souto Maior, 2007).

Os influxos das escolas sociológicas advindas da Alemanha, da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos fez surgir uma contenda na nossa sociologia que se refere à introdução e assimilação, por parte da intelectualidade brasileira, dos influxos provenientes dessas escolas que contribuíram para o desenvolvimento das nossas ciências sociais.

[1] Para uma pesquisa aprofundada sobre o tema ver o excelente trabalho de Simone Meucci (2000).

É a partir dessa contenda que a sociologia do conhecimento brasileira vai colocar uma questão central. Esta visa saber em que medida algumas influências teóricas possibilitaram uma produção de conhecimento em compasso com a nossa realidade, sem se reproduzir apenas o que as correntes de pensamento mencionadas estavam usando para a compreensão da realidade de seus países de origem. Todavia, mais do que essa disputa referida, nos importa entender como a presença de uma pensador da vertente marxista, crítico feroz das ciências sociais particulares, repercute nesse âmbito que o toma também para realizar análises sobre nossa realidade social.

Além da questão da adequação de teorias européias e norte-americanas para o fomento de exames sobre a nossa realidade, outro ponto de relevância é a relação espinhosa e sempre presente nos debates das ciências humanas entre sociologia e marxismo (Bottomore, T., 1979).

No Brasil, a sociologia passa a fazer uso de idéias marxistas a partir do seu desenvolvimento nos anos de 1930 e 1940, sobretudo destes últimos (Souto Maior, 2006). Nos trabalhos elaborados por autores como Antônio Cândido e Florestan Fernandes, a presença de concepções marxistas ganha contornos significativos e a relação entre as duas formas de conhecimento levanta uma questão a ser discutida. A saber, a possibilidade de se utilizar um instrumental marxista para se fazer análises sociológicas tendo como foco a realidade brasileira.

A sociologia e o marxismo surgem com o objetivo de explicar a formação e o desdobramento do capitalismo (Lukács, 1958; Netto, 1978). Aquela se desenvolveu, inicialmente, ancorando suas análises em idéias evolucionistas e positivistas. Isso fez com que a sociologia adquirisse a antipatia de grande parte dos marxistas: para esses a sociologia buscava dar sustentabilidade a certas instituições sociais, como o Estado e a Igreja. Todavia, a idéia corrente no meio marxista de que a sociologia é uma ciência ideológica, no sentido de uma falsa consciência[2] é a primeira vista limitada. Isso porque nem toda forma de explicação sociológica partilha de uma visão de mundo fragmentada e alicerçada em formulações de tipo positivista. Reprodutora de idéias que buscam a permanência de determinadas instituições conservadoras, como as duas anteriormente citadas.

[2] O conceito de Ideologia tem várias acepções e vários marxistas a conceituam de forma própria. Alguns se aproximam mais de Marx. Ideologia como falsa consciência foi usada por Karl Marx na *Ideologia Alemã*, mas ganhou um novo e mais completo significado no *Capital*. Contudo, aqui está se aplicando o termo "falsa consciência" para dar um significado mais contundente à frase.

Apesar de aquela relação ter sido problematizada, é necessário reconhecer que o marxismo esteve presente nas investigações sociológicas e o estudo da sociologia por marxistas também foi efetivado, (Lukács, 2002). Basta recorrer a trabalhos realizados por marxistas de importância expressiva para as Ciências Sociais, como Georg Lukács, Lucien Goldmann e Tom Bottomore para se perceber como a discussão entre ambas as formas de entendimento da realidade se encontram arroladas.

A relação entre as duas muitas vezes é tensa e isso fica evidente, por exemplo, ao se recorrer ao argumento de Lukács para explicar sua recusa à sociologia. De acordo com ele, grosso modo, esta representa uma forma de conhecimento burguesa, pois atrelada à visão de mundo que busca à preservação do *status quo* capitalista. Já para Bottomore (1988), a questão é vista de maneira diferenciada da de Lukács. Segundo aquele, o marxismo e a sociologia podem e devem discorrer e estabelecer um diálogo de contribuições mútuas para o entendimento da realidade social.

No Brasil, essa relação aparece de forma evidente nos trabalhos de Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Renato Ortiz, dentre outros. De fato, a sociologia brasileira recorreu, em alguns momentos, aos usos e aplicações de categorias marxistas para compreensão da realidade do país, sobretudo nas décadas de1950, 1960 e 1970, quando autores como Karl Marx, Friedrich Engels, Lênin, Agnes Heller e Louis Althusser passaram a ser discutidos nas Universidades brasileiras (Fernandes, 1977).

Mas é nos anos de 1940 e 1950 que o marxismo começa a ser introduzido nas Ciências Sociais e a obra de Karl Marx passa a ser discutida em grupos, como 'Para Ler o Capital', articulado na USP em 1958 por José Arthur Gianotti (Arantes, 1995; Souto Maior, 2007). Nos anos de 1960, a relação entre marxismo e sociologia adquire uma nuance: o questionamento de sua validade nas análises sociológicas que procuravam entender e explicar a realidade brasileira. É nessa fase quando se verifica uma perspectiva profundamente ancorada na problematização da cultura brasileira que as idéias de Georg Lukács, especialmente seus escritos sobre estética, apresentam-se como alternativa para explicar a realidade cultura do país.

Por isso, ele aparece no pensamento das ciências sociais e vai adquirindo relevância, atrelado ao nosso contexto de transformações político-econômicas e sócio-culturais. Suas concepções foram trazidas através de intelectuais ligados às esquerdas, especificamente ao PCB, que transitavam nas áreas de filosofia, sociologia, serviço social e direito. Disso, temos configurada a questão que mais nos inquieta: ela se refere

ao entendimento do processo de apropriação das idéias de cunho marxista desenvolvidas por Georg Lukács que influenciam a produção dentro das ciências sociais do país. Sendo assim, o presente estudo incide sobre a análise ainda não sistematizada, da extensão de Lukács no âmbito teórico-metodológico do pensamento das nossas ciências humanas, focalizando duas gerações de intelectuais que fomentaram análises sobre o Brasil mediante o uso da dialética materialista aplicada à história. Do modo como Lukács a empregava nos seus trabalhos concernentes à realidade sócio-econômica e político-cultural.

Isso foi pontuado por Celso Frederico (1995, 2002), em seu brilhante mapeamento sobre a presença do húngaro no Brasil. O estudo fornece um material importantíssimo no que tange à indicação da forma como se deu a entrada das idéias de Lukács em nosso país. Esse mapeamento abrange o início da inserção das concepções lukacsianas, a relação com partidos de esquerda e com o contexto histórico-social brasileiro e enumera trabalhos acadêmicos feitos nos últimos anos sob a inspiração de Lukács. Contudo, tal mapeamento mostra-se mais descritivo e menos analítico, não abrangendo sistematicamente o delineamento e tampouco a análise das obras de influxo lukacsiano desenvolvidas por parte da intelectualidade. Isso é importante de ser pesquisado porque possibilitará a compreensão da forma como a recepção de Lukács foi sendo alterada, além de viabilizar o entendimento das mudanças efetivadas pelos intelectuais lukacsianos em relação aos seus próprios trabalhos. Ademais será analisada de que forma a compleição das idéias do filósofo húngaro colaboram para o fomento de uma produção de conhecimento social no Brasil atualmente, abordando como as instâncias sócio-institucionais se articulam a essa produção.

Apenas esse ponto já justificaria um estudo sobre nosso autor. Não obstante, existe um fato mais significativo que é a produção de conhecimento dos nossos lukacsianos.

A forma como as idéias de Lukács influenciaram a produção de conhecimento social no país, vai ao encontro da preocupação sobre o entendimento do uso, aplicação e relevância de teorias para a formação da ciência social brasileira. Trabalhos elaborados por autores como Florestan Fernandes, Antonio Candido e Emílio Willens referentes à imigração, à constituição da sociedade nacional, à formação da nossa literatura e a mobilidade de grupos étnicos no país, exemplificam as investigações iniciais feitas ao longo da consolidação da sociologia. Recentemente podemos citar autores como Gabriel

Conh (2003), Celso Frederico (1997), Leandro Konder (1980), Glaucia Villas Bôas (2006), Maria Helena Cevasco (2001), que tratam de temas referentes aos impactos e a recepção de concepções teóricas de intelectuais de vertentes conceituais as mais variadas, e de estudos sobre a repercussão da sociologia de um país, a exemplo da Alemanha[3]. Esses temas tratados pelos referidos pesquisadores indicam a viabilidade de efetivação e a necessidade de uma investigação que contemple um teórico significativo para o delineamento de um tipo de produção de conhecimento no Brasil, como Lukács.

Nossa apreensão será efetivada a partir do uso de categorias adotadas por Lukács e empregadas por autores lukacsianos. Embora ele não tenha desenvolvido uma teoria do conhecimento no sentido estrito do termo, sua produção intelectual nos possibilita extrair uma teoria do conhecimento bem desenvolvida e passível de ser empregada para se entender a realidade social. Ademais, ele sistematizou uma concepção ontológica para a compreensão das condições de reprodução do ser social e como esse se encontra articulado na nossa sociedade capitalista. Nesta perspectiva poderemos investigar como os intelectuais lukacsianos se articulam na história às instâncias culturais, políticas e sociais para a efetivação de seus trabalhos que se desdobram em produções de conhecimento de inspiração marxista.

A idéia de se utilizar categorias provenientes de Georg Lukács para investigar a recepção de suas idéias no Brasil mostra-se como algo original na medida em que isso será efetivado, até onde sabemos, pela primeira vez nas análises da sociologia do conhecimento brasileiro.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa utilizaremos a categoria da totalidade e o próprio método dialético, como empregado pelos intelectuais lukacsianos. Ao adotarmos o método dialético, consideraremos a não neutralidade do sujeito investigador e suas ligações com complexos culturais, políticos, econômicos e sociais para a investigação da realidade. Isso é viável na medida em que nos colocamos teoricamente como influenciados por Lukács e pelos lukacsianos a serem pesquisados.

[3] O que se observa ao longo da consolidação da sociologia brasileira é que os focos temáticos foram sendo modificados na medida em que questões em voga no contexto histórico-social e político-cultural iam sendo alteradas, a exemplo, da questão da identidade nacional, da presença de imigrantes na formação do país, de questões raciais, desenvolvimentistas, questões acerca da modernidade e da ascensão nacional e o estudo da presença de correntes sociológicas francesa, alemã, dentre outras, na constituição da ciência social do país. A sociologia nacional esteve atenta aos acontecimentos e procurou se modificar e mudar a realidade, interferindo de forma direta sobre ela.

Será feita uma investigação dos que analisaram as obras de Georg Lukács tendo por base as categorias adotadas por este e retomadas por aqueles.

De maneira sumária, além da adoção de conceitos utilizados pelo filósofo, procuraremos apreender as mudanças referentes ao *modus operandi* dos intelectuais lukacsianos no uso e aplicação das categorias elencadas em suas análises sobre a realidade social, no período a ser destacado.

O primeiro período a ser examinado corresponde aos anos de 1960, início da introdução das idéias de Lukács no Brasil. Leandro Konder, Michael Löwy, José Chasin, Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto são autores fundamentais nesse momento. O segundo período atrela-se aos anos de 1980, ocasião da abertura política que representa um momento de retomada das concepções advindas de Lukács por parte de alguns intelectuais brasileiros, como Celso Frederico e Ricardo Antunes. O último momento a ser investigado vai dos anos 1990 até os anos 2000, período de consolidação da distensão política e de continuidade da produção de conhecimento dos intelectuais citados. Com esses autores configuramos duas gerações de lukacsianos no Brasil.

Não obstante, verificamos no desenrolar da tese que nossa idéia das gerações não era preponderante. O maior impacto foi à assunção de uma perspectiva mais ontológica ou mais epistemológica, decorridas de mudanças, que em princípio nos permitiria diferenciar uma geração de outra. Essas transformações, ou para usarmos a expressão de Ricardo Antunes, "adensamentos dialéticos" acerca da passagem de um momento a outro decorrem, muitas vezes, da forte inspiração em uma das duas obras que marcam a trajetória intelectual de Lukács, a saber, *História e Consciência de Classe* (1923), de vertente epistemológica e a *Ontologia do Ser Social* (1970) de fundamentação ontológica. Há uma modificação acerca do foco analítico que se voltava para uma investigação alicerçada na estética, na epistemologia e na ontologia[4] lukacsianas.

De todo modo, percebemos que existem aproximações acerca dos dois grupos de intelectuais. Esses ajuntamentos decorrem, em parte, da permanência de concepções dialético-hegelianas aplicadas por Lukács, como a da *Aufhebung* e a da Totalidade garantindo certo direcionamento teórico-metodológico por parte das duas gerações.

[4] No capítulo 2 esse ponto será desenvolvido e explicado.

Contudo, em diversos momentos, a relação entre os grupos será diluída, e os traços mais fortes que separam um intelectual de outro será exclusivamente o foco temático.

Dos dois livros selecionados, *A Ontologia do Ser Social* adquire uma grande visibilidade para os lukacsianos, sobretudo para Jose Chasin, José Paulo Netto, Celso Frederico e Ricardo Antunes, na medida em que esse corresponde ao período de síntese do pensamento de Georg Lukács. Afirma Tertulian[5] (apud Vaisman e Patriota, 2003:15) ao se referir a *Estética* e a Ontologia *do Ser Social,* respectivamente penúltima e última obras do húngaro:

"(...) Lukács revelou os alicerces mais profundos de sua concepção final sobre as formas do espírito, em geral, e da arte, em particular". Elas são, pois, as "últimas grandes obras de síntese".

Para os lukacsianos citados, o período da maturidade de Lukács corresponde à sua fase mais proeminente e passível de explicar de modo aprofundado problemas da sociedade contemporânea, devido ao seu caráter ontológico. A ontologia busca o entendimento das necessidades do ser social, em sua relação com sua realidade concreta. Realidade esta que é histórica mutável e não linear. Nessa, os indivíduos desenvolvem suas vidas e podem articular a mudança da mesma. Na acepção ontológica, conseqüentemente, observam-se as possibilidades do objeto e do sujeito do conhecimento num processo em que a totalidade apresenta-se, melhor desenvolvida, pois não circunscrita a questões de método. *Historia e Consciência de Classe,* obra marxista inicial, e a mais importante para Michael Löwy, a preocupação de Lukács está alicerçada mais fortemente em questões epistemológicas, que buscam a apreensão da validade do conhecimento produzido de acordo com os procedimentos adotados em torno do objeto.

Dito isto, nos cabe agora expor a forma como será feita a presente pesquisa. A fim de analisar a produção de conhecimento lukacsiano no Brasil, efetuaremos um recorte das obras dos nossos intelectuais consideradas por eles, conforme entrevista concedida, e por nós, como as mais importantes a partir da década de 1960, quando a primeira geração inicia a sua produção intelectual.

[5] O romeno radicado na França, Nicolas Tertulian é o maior estudioso vivo da obra de Georg Lukács.

Será fundamental investigar a atuação do contexto e a ação dos intelectuais. Isso possibilitará apreender as modificações concernentes ao foco temático e às mudanças teórico-metodológicas dos autores já mencionados. Ademais, essa relação entre contexto e intelectuais indica os impactos relativos à produção de conhecimento social dos lukacsianos.

Os impactos das teorias lukacsianas podem ser percebidos sob diversos aspectos: de um lado, um diálogo positivo entre correntes sociológicas brasileiras que tinham como referencial teórico-metodológico o marxismo. Esse diálogo objetivava o entendimento da realidade histórico-social do nosso país, ao mesmo tempo em que buscava uma mudança no *status quo* capitalista. Por outro lado, gerou-se uma relação antitética entre linhas de pensamento, a exemplo da positivista e da estruturalista, que rechaçavam análises de fundo marxista para compreensão da realidade, pois considerada ultrapassada. Isso impossibilitou, muitas vezes, a disseminação do nosso autor nos centros de pesquisa das universidades brasileiras. Nesse sentido, vale à pena investigar a conjuntura política, social e cultural que tornou possível o esboço e a manutenção de um pequeno grupo, não homogêneo, de estudiosos lukacsianos, sobretudo no sudeste[6].

Para a efetivação das relações aludidas, é importante pensar como se desenrolou, ao longo de trinta anos, eliminação**,** a conservação e a sustentação qualitativa - caracterizadoras do conceito hegeliano de *Aufhebung*[7] - das idéias lukacsianas entre alguns intelectuais brasileiros da área das humanidades.

Em relação às possíveis contribuições que o presente estudo pode oferecer para as ciências sociais, vemos duas. A primeira incide sobre as possibilidades de reflexão tangente ao estatuto das ciências sociais. Essas possibilidades se concretizam a partir do posicionamento questionador dos intelectuais lukacsianos frente a elas. Além disso, vemos que o nosso trabalho poderá fornecer condições que reforçam o projeto mais amplo de renovação do marxismo, como proposto por nossos lukacsianos.

Lukács, mesmo sem ter articulado de forma sistemática uma teoria do conhecimento, possibilita, a partir de categorias resgatadas aqui, como a da totalidade e

---

[6] É importante salientar que no Nordeste brasileiro, alguns intelectuais docentes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) desenvolvem e divulgam a obra de Lukács. Todavia, por uma questão de recorte, como será melhor explicado ao longo da tese, esses intelectuais ficaram de fora da pesquisa.

[7] Adotamos aqui a caracterização apresentada por Ranieri, J. (2004), no prefácio da tradução dos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos* de Karl Marx.

a da *Aufhebung* fornecer um substrato para apreciações de cunho científico social. Isso ocorre na medida em que é viável apreender sua recepção por intermédio de suas próprias concepções. Além disso, pontua-se que as categorias usadas são empregadas por grande parte dos lukacsianos selecionados, o que nos leva ao estabelecimento de uma análise sobre a produção do conhecimento desenvolvido pelos lukacsianos que tem por base a influência exercida pela teoria do nosso autor. Em termos de sociologia do conhecimento, como já mencionado, o estudo desenvolvido poderá incrementar o debate acerca de concepções teóricas aplicadas para o entendimento da realidade brasileira.

A fim de esclarecer como procederemos de maneira mais detalhada ao longo do trabalho que segue, arrolaremos sumariamente os principais pontos dos cinco capítulos que constituem o presente estudo.

No primeiro capítulo, procuraremos apresentar o nosso objeto de estudo. Trataremos de caracterizar, em linhas gerais, o marxismo de Georg Lukács, e nos deteremos em delinear as principais categorias adotadas por ele para o entendimento da realidade; a *Aufhebung* e a Totalidade. O objetivo é mostrar como as concepções do pensador húngaro podem ser uma alternativa rica de análise da nossa realidade. Posteriormente, e tendo em vista o exame que se pretende desenvolver em torno dos influxos de Lukács nas ciências sociais, explicitaremos um grupo de intelectuais que foram influenciados por ele e articularam investigações sobre nossa realidade mediante categorias lukacsianas. O capítulo encerra-se com a explicação da divisão desses intelectuais em gerações.

O segundo capítulo questiona como se deu o desenvolvimento do marxismo no Brasil. Este capítulo abrirá a discussão sobre a relação entre as esquerdas e a academia brasileiras, situando o contexto histórico-social e político-cultural com as perspectivas dos teóricos das duas gerações apresentadas. Objetivamos com isso entender como os intelectuais lukacsianos concebiam prática e teoricamente a modificação da realidade social e como o contexto os influenciava nas suas apreciações sobre a realidade brasileira. Ou seja, há de se considerar a relação dialética entre contexto e produção de conhecimento como modificadores um do outro.

Inicialmente, como já colocado, serão analisados os períodos do Golpe Militar de 1964, o período de abertura política ocorrida nos anos 1980 e, por fim, o período de consolidação da distensão política, anos de 1990-2000. Este último atrela-se ao período

de revisão (apropriação e/ou divulgação) da produção lukacsiana no Brasil. A partir desses momentos, vermos de que maneira as esquerdas se posicionavam frente aos intelectuais lukacsianos e como a recepção de concepções lukacsianas se deu na academia.

O primeiro passo será a análise da relação entre as esquerdas, nos anos de 1960, e a difusão de um tipo de marxismo inspirado em concepções diversas, a exemplo das leninistas, trotskistas e stalinistas. Nesse sentido, é central observar em que medida a perspectiva de Georg Lukács começava a ser veiculada no Brasil. Ulteriormente, há de se investigar a relação estabelecida entre os intelectuais lukacsianos e as esquerdas, expondo que inicialmente os intelectuais em questão estavam atrelados a partidos de esquerda e foram desenvolver análises científicas na academia quando passaram a compor seu quadro formativo. Por fim, serão enunciados os principais meios de difusão do pensamento de Georg Lukács no país.

A questão que norteia o terceiro capítulo versa sobre a pergunta referente à relação entre a produção de conhecimento social dos lukacsianos, e a aplicação, por parte deles, de categorias lukacsianas. Neste tópico serão delineadas e analisadas entrevistas, realizadas por nós em 2008, com os membros dos grupos de intelectuais lukacsianos.

Esse capítulo configura-se como o momento de análise do material coletado e de inferências mais acuradas acerca das modificações na estrutura da produção de conhecimento desenvolvida pelos autores escolhidos.

No capítulo subseqüente, verificaremos, através das obras dos intelectuais, os principais momentos de mudança acerca do uso e da aplicação de determinadas concepções lukacsianas que foram se alterando num processo em que tanto o contexto quanto a própria produção de conhecimento atuavam em vias diretas de confluência e de influência mútuas. Nesse sentido, as concepções dialéticas da *Aufhebung* e da totalidade, aplicadas ao longo da pesquisa, servirão como elementos centrais para o entrosamento das modificações ocorridas nas concepções dos intelectuais lukacsianos, no período estabelecido (1960-2000).

Serão postas e confrontadas as posturas teórico-metodológicas de cada autor selecionado, a fim de identificarmos os momentos de ruptura, mudança e superação e os pontos essenciais dessas alterações.

Com a investigação desses instantes, acreditamos ser possível averiguar os períodos fundamentais de mudança, o processo em que isso ocorreu, as percepções dos próprios intelectuais, e a forma como eles passaram a conceber a nossa realidade, modificando sua produção de conhecimento.

O quinto capítulo buscará a explicitação, a partir da fala dos intelectuais elencados, do entendimento da relação entre sociologia e marxismo, conforme a interpretação deles e da nossa.

# CAPÍTULO 1

# AS IDEIAS DE GEORG LUKÁCS COMO POSSIBILIDADE PARA PENSAR A REALIDADE SOCIAL BRASILEIRA

> "Nossos conhecimentos são apenas aproximações da plenitude da realidade, por isso mesmo, são sempre relativos; na medida, entretanto, em que representam a aproximação efetiva da realidade objetiva, que existe independentemente de nossa consciência, são sempre absolutos." (Lukács, 1967:233).

Em meados de 1960, alguns jovens intelectuais ligados às esquerdas brasileiras passaram a divulgar e a fazer uso de categorias advindas do filósofo marxista húngaro Georg Lukács.

Nas ciências sociais, esses estudiosos, aqui chamados de intelectuais lukacsianos, propiciaram uma produção de conhecimento que fora e que é articulada desde o período em que as concepções do pensador húngaro passaram a ser introduzidas no país até a atualidade.

As ideias teóricas, metodológicas e políticas de Lukács foram, inicialmente, aplicadas com o objetivo de entendimento da realidade social brasileira. A compleição de concepções marxistas e de suas vertentes, como a lukacsiana, aparecem, não só entre as esquerdas, mas também no âmbito acadêmico, rebentando como uma alternativa às concepções então em voga, a exemplo da positivista, da funcionalista e da existencialista. Entendemos que a presença das ideias de Lukács pode nos conduzir à uma reflexão sobre as influências e os desdobramentos deste segmento do pensamento marxista, para que se tenha um melhor entendimento da relação entre a produção de conhecimento lukacsiana e uma parte significativa das ciências sociais brasileiras.

Com o objetivo de apresentar alguns aspectos que nos guiarão, abordar-se-ão, primeiramente, neste capítulo, determinadas características do marxismo de Georg Lukács, sobretudo aspectos da sua trajetória intelectual e passagens do seu percurso

teorético e ideológico. Por conseguinte, será caracterizada a teoria do conhecimento do nosso autor, bem como proposições teórico-metodológicas, com vistas a entender como suas concepções podem fornecer elementos que atuem como alternativa às investigações acerca da nossa realidade social. Isso ficará mais claro, à medida que indicaremos os intelectuais que, divididos em gerações, desenvolvem exames sobre o Brasil, tendo por fundamento analítico categorias dialéticas empregadas por Lukács – a categoria da Totalidade e a da *Aufhebung*. Por via de consequência, numa ocasião outra, será preciso explicitá-las já que elas fundamentarão as apreciações a ser fomentadas nesta pesquisa.

Será explanado o porquê da divisão dos intelectuais em gerações e como se deu o recorte destas. Cabe-nos acrescentar, ainda, que serão arroladas, sumariamente, algumas passagens sobre a relevância de Lukács para os grupos de intelectuais brasileiros por ele influenciados. Isso ocorrerá mediante a apresentação de parte do material selecionado, para as investigações atinentes à produção de conhecimento daqueles. O material usado é o coletado por ocasião das entrevistas realizadas em 2008, pela autora deste trabalho, junto aos intelectuais lukacsianos brasileiros. Os entrevistados foram: Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, Celso Frederico, José Paulo Netto e Ricardo Antunes. Dado o exposto, passemos à disposição dos pontos a serem avaliados no presente capítulo.

## 1.1 O marxismo crítico de Georg Lukács

As ideias de Georg Lukács geraram bastante controvérsia ao longo de mais de cinquenta anos. Nascido em Budapeste no ano de 1885, ele presenciou grandes acontecimentos da História Contemporânea do Ocidente e, por alguns, fora influenciado. A Primeira Grande Guerra Mundial e a Revolução Russa de 1917 são representativamente basilares na sua *démanche* intelectual e política. Da perspectiva pessimista e messiânica do início de 1910 à adoção do marxismo nos anos de 1918, quando adere ao Partido Comunista, o jovem filósofo questionava a realidade dura e esquemática através da crítica à arte. A partir de 1918, Lukács começa a expor suas

ideias políticas, sociais e culturais por meio de escritos sobre organização partidária, filosofia e cultura.

Do seu encontro com os ideais socialistas até a sua morte em 1971, Lukács se manteve fiel à ideia da conscientização do gênero humano e do fim da realidade fragmentada, usando seus trabalhos como forma de modificação desta. Nunca abandonou a causa socialista e por ela alterou suas posições intelectuais, mesmo quando a contragosto, precisou fazê-lo[8]. Isso contribuiu para a profusão de críticas, muitas vezes, simplistas, no meio intelectual e político, mas não minimizou a sua relevância para a formulação de um tipo de marxismo inovador e crítico, capaz de questionar, de modo radical (num sentido etimológico), a sociedade capitalista e de apreender a realidade desta, através da dialética.

Lukács resgata influências filosóficas peremptórias dentro do próprio marxismo, como as ideias de Friedrich Hegel, erroneamente deixadas de mão por diversos integrantes do partido comunista, mormente pelos estetas da II Internacional[9], como Karl Kautisky. Via-se, no marxismo da AIT, um determinismo econômico bastante forte, conjecturador do esgotamento do capitalismo e da ação revolucionária da classe trabalhadora. Esse determinismo mecanicista propiciava, como implicação, a passividade política dos sujeitos. Por isso, "a ênfase de Lukács sobre a ação autônoma, independente e determinada do proletariado" (McDonough, 1980, p. 48), presentes nos seus textos políticos.

Publicada em 1923, *História e Consciência de Classe*[10]é, decisivamente, a sua obra mais conhecida. Redigida entre 1919 e 1922, é fundamental para a apresentação de suas teorias políticas. Nela abordam-se as questões sobre a consciência de classe e sua relação com o partido, do método dialético, da reificação e do fenômeno da alienação. O livro citado influenciou parte considerável da *intelligentsia* da época e ulterior a esta, congregando correntes distintas do marxismo e de outras vertentes teóricas e políticas,

[8] Em várias ocasiões, Georg Lukács assumiu uma postura política e teórica, que contrariava o que, de fato, ele acreditava. Isso ocorreu por causa do Regime stalinista. No decorrer do trabalho, as críticas relativas ao stalinismo e à contenda gerada pelas opiniões de Lukács, entre os comentadores e autores influenciados por ele, serão expostas.

[9] A associação dos trabalhadores AIT ou Internacional foi criada por Marx em 1864. Seu objetivo era a promoção e cooperação entre as organizações da classe trabalhadora dos vários países da Europa Ocidental e Central, que se reuniriam em congressos periódicos. A II Internacional foi fundada em 1891, diferindo bastante da primeira, tendo na figura de Kautsky um dos seus principais nomes. Em 1917, Lênin funda a III Internacional ou Comintern. Sua extinção ocorreu em 1943, na época stalinista.

[10] Usaremos a abreviatura HCC.

como o existencialismo francês, o marxismo da Teoria Crítica dos filósofos da Escola de Frankfurt e o marxismo genético de Lucien Goldmann. Como afirma o próprio Lukács, *"História e Consciência de Classe* exerceu, assim, uma profunda influência nos círculos dos jovens intelectuais." (2002, p. 24).

Uma das obras a provocar diversos e acalorados debates até hoje é *As Aventuras da Dialética* (2006), publicada em 1955, por Maurice Merleau-Ponty. Nesse livro, é trazida à baila uma revisão do marxismo, de modo particular, dos escritos lukacsianos, publicados em HCC. O objetivo de Merleau-Ponty foi tratar expositivamente da experiência na filosofia política e analisar os limites do marxismo então em voga. Para ele, esse exame insurgia-se como esforço para mostrar proposições de um marxismo distinto do ortodoxo, sinalizando a premência de uma "política revolucionária (que) tinha como meta a síntese." (Merleau-Ponty, 2006, p. XII). Questão que Lukács[11] delineou em HCC, segundo a compreensão do existencialista francês, agregando concepções de Max Weber, pondo no papel a vontade dos comunistas adeptos da filosofia alemã, entusiastas da Revolução Russa de 1917.

Mas quais as peculiaridades do marxismo ocidental? Grosso modo, este se caracteriza pela síntese da totalidade, do indivíduo, do sujeito e do objeto, como isso, ele visava, a repensar as bases teóricas e políticas correntes. Para o filósofo francês, o marxismo russo, se configurava de forma distinta, exemplificado nas obras da filosofia leninista, repudiadas por Merleau-Ponty. Esse marxismo apregoava as "antíteses" e a justaposição de elementos sociais, contrariamente à dialética marxiana (Merleau-Ponty, 2006, p. 79), ponto do qual discordamos veementemente, como tentaremos elucidar adiante.

Ainda seguindo essa linha de raciocínio, destacam-se os desdobramentos críticos aparecidos pós-enunciação do Marxismo ocidental[12] que, além de deveras amplo, ultrapassa os limites do nosso trabalho. Mesmo válido, o esforço do filósofo existencialista em avaliar o marxismo da época, especialmente *História e Consciência de Classe,* e criticar o russo, de Pravda, foi extremamente falho nas considerações

[11] Não apenas Lukács, mas Ernest Bloch, Karl Korsch e Antonio Gramsci são tomados como os fundadores do marxismo ocidental. Segundo Merquior, "Se considerada em perspectiva histórica, a expressão se torna muito mais significativa. Pois, o marxismo ocidental nasceu, no começo da década de 1920, como um desafio doutrinário, vindo do Ocidente, ao marxismo soviético." (1986:12).

[12] Pontuamos que a exposição, a princípio extensa, para esta seção é importante, pois a ideia do marxismo ocidental e suas articulações com a sociologia de Max Weber têm um peso substancial para o marxismo de Michael Löwy, como será mostrado no decorrer do nosso trabalho.

direcionadas a Lênin. No mais, cabe-nos ressaltar alguns trabalhos de envergadura, efetivados por comentadores, críticos e apreciadores do marxismo ocidental em exames desenvolvidos sobre ele. Dentre os autores, se destacam: Michael Löwy (1995); Nicola de Feo, (1972); José Guilherme Merquior (1986) e Perry Anderson (1983 1989). Este último buscou urdir uma categoria, que viabilizasse a separação entre o marxismo ocidental e o marxismo oriental, causando distintas interpretações e apreciações equivocadas.

Se, por um lado, as ideias norteadoras de HCC, influenciaram, para o bem ou para o mal, o desenvolvimento de trabalhos, como os dos autores e escolas supracitadas por outro, geraram questionamentos densos por parte de teóricos e dirigentes do partido comunista, em que se destaca Vladmir Lênin, exatamente pelo conteúdo historicista e idealista[13], presentes no livro. As críticas conduziram Lukács a estiolar o escrito, posteriormente a sua publicação, só consentindo uma nova edição em 1967, quando compunha o que viria a ser o seu derradeiro trabalho, *A Ontologia do Ser Social*.

Dentre as inovações da obra marxista primeira, a teoria da consciência de classe é modelar no que respeita a esse idealismo. O cerne dos textos de 1923 é dado pela iminência teorética com o hegelianismo, donde se vê que a teoria da Consciência de Classe é uma reprodução, no plano social, do desenvolvimento da Ideia em Hegel. "A ideia (a consciência), em sua caminhada para o autoconhecimento, exterioriza-se, aliena-se, objetiva-se, sai para si, divide-se em sua peregrinação para, no momento final, poder superar as divisões e reencontrar-se, reconhecendo-se como sujeito-objeto idêntico" (Frederico, 1997, p.14). Este sujeito-objeto idêntico[14] é o proletariado, tomado como a classe em potencial, como o ser social do devir histórico, capaz de solapar as antinomias do capitalismo, pois, representativamente é a classe congregadora dos paradoxos do capital. Com isso, poderá adquirir percepções da realidade, de maneira mais abrangente. Não obstante, para que se dê a mitigação do sistema em questão, é premente que o proletariado atinja uma consciência para si, ou como denominou Lukács, a consciência adjudicada (imputada). A consciência de classe realiza-se, pois,

[13] Lukács, com sua visão idealista, acreditava numa mudança na sociedade rápida e imediata. Isto só começará a ser modificado a partir de 1921 na época de um dos congressos da III Internacional, quando em um artigo articula a possibilidade da revolução por etapas na forma de um processo gradual.

[14] Para Hegel, o sujeito-objeto idêntico corresponde à tentativa de identificação e de delineamento de maneira intrínseca entre sujeito e objeto, que findou por caracterizar sua concepção acerca da dialética e da ontologia.

em dois momentos, duas gradações. O primeiro é a consciência empírico-psicológica; o segundo é a consciência adjudicada (imputada) (Lukács, 2002). Estas se dariam no processo histórico, o que não ocorre em HCC. Como compreendemos, o idealismo está posto no sujeito-objeto idêntico, bem como na consciência, nas mediações entre uma e outra, algo que não fica claro no texto lukacsiano. Neste não há a explicitação de como se dará a passagem de uma a outra, nem como a consciência de classe poderia se concretizar na história, como o próprio autor afirma em seu importante prefácio de 1967.

> "Portanto, o proletariado como sujeito-objeto idêntico da verdadeira história da humanidade não é uma realização materialista que supera as construções de pensamento idealista, mas muito mais um idealismo exacerbado." (2002, p.25).

Muitos dos nossos intelectuais lukacsianos apontam para as limitações dessa teoria, e não chegam a um verdadeiro acordo. Genericamente, fazem referência à escassa preocupação concernente à consciência empírico-psicológica, vista como um dos pontos mais problemáticos do ensaio. Para Ricardo Antunes (2002:98), "(...) há uma forte polarização entre falsa e verdadeira consciência (...). Do mesmo modo, há uma relativa desconsideração do elemento empírico, dado pela consciência espontânea, pela consciência imediata, no universo da vida cotidiana". Adam Schaff (1973) é ainda mais contundente, segundo ele, Lukács desprezou a consciência empírico-psicológica. Essa opinião opõe-se à de Celso Frederico (1976) e Michael Löwy (1998). Para o primeiro, Lukács procurou, sim, atentar para a consciência psicológica, já que a "ideia de processo sustenta a teoria lukacsiana da consciência de classe" (p.31). O problema, contudo, consiste na explicação da passagem da consciência psicológica para a consciência atribuída. Também para Löwy, a relação entre as duas formas de consciência "não é concebida como uma dualidade rígida e metafísica, mas como um *processo* histórico, em que a classe se eleva por sua própria experiência de luta (e com a ajuda de sua vanguarda [operária]) (...)" (p.214)

Como acima mencionado, as objeções e condenações referentes à fundamentação teórica de *História e Consciência de Classe*, criaram, pois, uma distorção da compreensão de muitos da opulência da obra, mesmo que se tenha em mente os limites nele contidos. Especialmente os de um idealismo hegeliano marcante, que perpassou uma parte da juventude de Lukács, e que dá indicativos do entendimento de sua trajetória intelectual, sobretudo nos anos de 1920.

Nesse período, passa-se a atribuir expressiva relevância à historicidade dos fatos sociais, tratando-os dialeticamente. Ademais, ele apreende a ligação epistemológica existente entre o marxismo e a concepção de classe (classista) que os indivíduos têm, de acordo com seu posicionamento no processo produtivo. Além disso, efetiva uma distinção do marxismo de fundo positivista da Segunda Internacional, dando ao materialismo histórico uma concepção cabal dos acontecimentos. No positivismo, entendia-se a posposta conservadora de dar continuidade ao sistema capitalista que era visto como possuidor de categorias intemporais e presentes em formas outras de vida social, a exemplo da Feudalista. O aspecto histórico era prontamente minimizado nessa corrente do conhecimento.

Ainda nessa fase, ocorre a retomada de Lukács das dimensões hegelianas do pensamento de Karl Marx. "(Se) transmite uma assertiva sistemática (que) é o *lócus classicus* de muitos dos temas encontrados no cerne de um debate sobre a natureza do marxismo, desde a extinção da II Internacional". (McDonough, 1980:45). Porém, essa utilização de Hegel deu-se, em certa medida, pelas influências teóricas do círculo dominical organizado por Max Weber, em Heidelberg, na Alemanha, do qual Lukács fez parte. Esse grupo de debate, contrapondo-se às influências do positivismo e tendo como figura central Wilhelm Dilthey, cuja obra da maturidade correspondeu a uma mistura de neokantismo e neo-hegelianismo não ortodoxo, foi substancial para Max Weber e Georg Simmel, estendendo-se, por conseguinte, a Lukács, influenciado por estes na época.

Nos anos de 1920, o húngaro reinterpretou o marxismo e adotou como fundamento o pensamento hegeliano, objetivando o desenvolvimento do seu próprio discurso teórico.

> "É impossível tratar o problema da dialética concreta e histórica sem se estudar mais de perto o fundador deste método, Hegel, e suas relações com Marx. A advertência de Marx no sentido de não se tratar Hegel como um *cão morto* é letra morta, mesmo para muitos bons marxistas" (Lukács, 1974, p.9).

Além disso, Lukács realizou uma distinção do marxismo da época, que apresentava desconhecimento de Hegel, e o relegava à condição de remoto precursor de Marx, como figura de pouca relevância.

O contato e aprendizado do hegelianismo[15] são, imediatamente, centrais para a concretização de sua etapa inicial como marxista. Mas como sabido, de forma alguma, se esgota aí. Desdobrar-se-á no decorrer de sua trajetória.

Após o impacto gerado por HCC, o húngaro revê algumas das suas posturas e dá início a uma mudança, com preservações categoriais, de basilar e inequívoca relevância.

Isso ocorre densamente na década de 30, em que se processa alteração significativa na sua orientação teórica e política. Essa fase é essencial para o amadurecimento do marxismo de Georg Lukács. Precisamente em 1930, este se exila na Rússia, onde trabalha no Instituto Marx–Engels. Lá tem acesso a textos desconhecidos de Karl Marx; os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*, e de Vladimir Lênin, os *Cadernos Filosóficos*, o que o conduz, por conseguinte, a uma modificação profunda respectiva à visão empregada na primeira metade dos anos 20. A assunção das obras leninistas e a concomitante reflexão de suas próprias posições (já verificadas também no referido livro) o levam, por motivos diversos como, por exemplo, a tentativa de elucidar o seu maior dilema - a relação entre a infra-estrutura, base material e as formas distintas de consciência e as censuras provocadas por Stalin - a dedicar-se, outra vez, ao estudo e à análise das questões referentes à arte. A partir daí, tem-se a ulterior elaboração de obras respectivas ao tema que culminam, de modo mais significativo, na redação da genial *Estética,* um de seus últimos livros.

Ainda no decênio de 1930, verifica-se o afastamento da perspectiva influenciada por Rosa Luxemburgo e a adoção dos posicionamentos de Lênin que alicerçam as posturas de Lukács durante todo o resto do seu itinerário intelectual. Passados mais de trinta anos de dedicação quase exclusiva às questões artísticas, o húngaro inicia a escrita da *Ética,* que terminará com a sugestão de renovação do marxismo, mediante a *Ontologia do Ser Social.* Esta última seria parte da *Ética,* abandonada pela dimensão e preocupação adquiridas pela ontologia do ser social, cujo intento era contemplar a subjetividade humana, bem como reconstruir a filosofia marxista de caráter objetivista - "princípio segundo o qual as categorias do pensamento nada mais são do que expressão das leis do mundo objetivo" (Oldrini, 2002, p. 57) – por intermédio da referida ontologia.

---

[15] Faz-se premente mencionar que G. Lukács estabeleceu intenso contato e estudo das idéias de Hegel ao longo de sua trajetória intelectual. Reviu posturas e fundamentou melhor seu entendimento sobre o hegelianismo. Isso pode ser percebido pelas seguintes obras: *O Jovem Hegel; Para uma ontologia do Ser Social; Estética.*

Nessa obra, dá-se o afastamento do idealismo hegeliano. Ainda na Ontologia, Lukács, transfere a ideia do sujeito objeto-idêntico para a categoria do trabalho. "Trabalho no seu sentido mais geral é o sujeito-objeto idêntico do mundo da postulação teleológica (...)" (Mészáros, 2002, p. 488). Infelizmente não é viável traçar uma explicação pormenorizada sobre o itinerário lukacsiano, visto que essa empreitada fugiria ao nosso objetivo. O intento pensado aqui foi tão somente um conciso esboço acerca do marxismo de Lukács nos decênios de 1920 a 1930, com o propósito de fornecer alguma noção das fases categóricas no pensamento deste, que deram substrato a seus influxos no Brasil. Acrescenta-se que trabalhos excelentes contemplam as fases do itinerário teorético-político de Georg Lukács e seus desdobramentos[16] (Löwy, Konder, Netto, Vaisman, Rainer)

Retomando nossa linha de raciocínio e reiterando o que foi ilustrado brevemente neste tópico, vê-se a importância que representou a ocasião da permanência de Lukács em Moscou. Esses anos foram essenciais para todo o desenrolar das ideias posteriores respectivas, especificamente, a relação entre base material e as formas de consciência, analisadas em livros atinentes à arte ou não. Além disso, seus escritos continham, como característica marcante e bastante próxima do estilo Marx, Engels e Lênin, críticas às formas de conhecimento e correntes de pensamento, como o idealismo, o existencialismo, o próprio marxismo, a sociologia alemã, a filosofia, etc, presentes em trabalhos portentosos: *O Jovem Hegel, Lênin, Existencialismo ou Marxismo, A Destruição da Razão, Problemas del Realismo, Prolegômenos a uma estética marxista, Estética, Para uma Ontologia do Ser Social.* Ainda como incremento do seu período *moscovita,* efetivou uma mudança teórico-metodológica qualitativa, exposta mais claramente em seus trabalhos finais, nos quais enfatizou veementemente o dever "para os marxistas libertos do stalinismo, de enfrentar a tarefa de analisar os novos fenômenos a partir do método de Marx" (Lukács, 1982 b, p. 110). Com isso, Lukács propôs a renovação do marxismo e o solapamento das novas formas manipulatórias,

[16] Todos os autores citados são brasileiros. Como o presente trabalho versa sobre a produção de conhecimento nacional de base lukacsiana, achamos justo divulgar essas produções. Não obstante, há diversos trabalhos de grande densidade e relevância desenvolvidos sobre Lukács, suas fases e modificações. Dentre os quais, grande destaque para os dois maiores conhecedores e divulgadores do pensamento do húngaro: I. Mészáros (1973; 2002); N. Tertulian (2008)

concretizadas pelo sistema capitalista[17] presentes ideologicamente nas investidas filosóficas e nas teorias científicas, já referidas.

A partir dessas proposições e cercado por modificações intelectuais, as ideias lukacsianas, conhecidas por alguns estudiosos europeus, como Theodor Adorno, Horkheimer, Lucien Goldmann, adquiriram receptividade e causaram certo impulso no meio marxista durante sua vida.

No Brasil, Georg Lukács começa a ser citado na segunda metade dos anos 1950, através do movimento comunista, que passa a conhecer algumas de suas obras. Isso ocorreu por causa do enfraquecimento da ortodoxia stalinista, possibilitando a divulgação de autores que questionavam a política do líder da antiga URSS[18]. No ano de 1959, é publicado no país, o primeiro texto de Lukács, a tradução do prefácio de "A Destruição da Razão", livro redigido em 1952 (Frederico, 1995, p. 184). Em meados de 1960[19], os escritos do húngaro começam a ser revelados e suas concepções usadas para entendimento e desenvolvimento de estudos sobre a realidade brasileira. Essas traduções foram realizadas por jovens intelectuais ligados à esquerda nacional, especialmente, ao Partido Comunista. O que se pretendia era a fundação de um projeto de política cultural, (Frederico, 1995). É, pois, em torno desses intelectuais influenciados por Georg Lukács, notadamente, Leandro Konder, José Chasin, Carlos Nelson Coutinho, José Paulo Netto, Celso Frederico e Ricardo Antunes, que se dará a análise sobre a importância lukacsiana para a formação de grupos de intelectuais influenciados teórica e politicamente por ele.

[17] Lukács faz menção, tanto na *Ontologia do Ser Social* no capítulo dedicado a Marx, como na coletânea de entrevistas, *Conversando com Lukác*s, à questão da substituição da mais valia absoluta pela mais valia relativa no período atual, o que lança uma modificação significativa em relação à época de Marx. Nesse novo capitalismo, as novas formas de manipulação devem muito a essa substituição.

[18] União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

[19] É importante destacar que, nos anos de 1940 alguns intelectuais ligados à universidade e intelectuais ligados ao jornalismo cultural já conheciam Lukács. Dentre eles, podem-se destacar Otto Maria Carpeaux, (Frederico, 1995, p. 184).

## 1.2 Os intelectuais lukacsianos escolhidos: a divisão em gerações

No período dos anos 1960, é vista uma produção de conhecimento social de qualidade significativa, que toma por base concepções teóricas e metodológicas lukacsianas.

Como mencionamos, essa produção de conhecimento foi fomentada por intelectuais marxistas ao longo de mais de cinquenta anos. Entendemos que, para compreender como se deu o exame da realidade brasileira e as mudanças de perspectiva da intelectualidade lukcasiana, concernente à feitura das apreciações desenvolvidas por ela, é interessante a separação dos intelectuais em gerações. Isso é importante à medida que contribui para viabilizar o entendimento da relação entre a introdução de ideias lukacsianas no Brasil[20] e a produção de conhecimento fomentada aqui.

Por isso, usamos o termo geração para caracterizar um grupo de estudiosos, situados no tempo, que modifica suas perspectivas analíticas dentro do contexto histórico-social e político-cultural de um lugar específico. Os intelectuais têm suas visões de mundo sobre a realidade por eles investigada alteradas tematicamente, o que origina rupturas teórico-metodológicas em relação às concepções adotadas pelos mesmos, num momento anterior, como ocorreu com os nossos estudiosos. Daí se percebe o imperativo da divisão dos intelectuais lukacsianos em gerações.

Nosso foco incide sobre duas gerações de autores, que trabalham analiticamente a realidade brasileira a partir de categorias teóricas lukacsianas. A escolha dos intelectuais seguiu o critério de importância na divulgação do autor húngaro no país e de suas produções intelectuais dentro das ciências humanas, a saber, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, Michael Löwy e José Paulo Netto, representantes da primeira geração; Celso Frederico e Ricardo Antunes, representantes da segunda geração. Como dito, buscamos o exame da produção de conhecimento desses estudiosos e entender como eles desenvolvem trabalhos a respeito da realidade nacional, se rompem e contribuem para a relação entre marxismo e ciências sociais, que perpassa a sociologia do conhecimento brasileiro.

[20] No capítulo subseqüente esse ponto será explicado e analisado.

Ainda sobre a escolha por nós efetivada, ressaltamos a vasta produção de análise social, política e cultural desenvolvida por eles, da relevância dessas investigações para pensar o Brasil e de sua influência exercida no cenário acadêmico-nacional da atualidade, em que se destacam a preocupação com a ecologia e com os problemas do mundo do trabalho. O fato de muitos terem ficado de fora desta pesquisa, além dos limites impostos aqui, está ligado à relação de proximidade dos intelectuais elencados com as ciências sociais, mesmo que nem todos a aceitem e atuem diretamente na área, como será explicitado no decorrer desta pesquisa.

Destacamos o fato de que muitos foram os intelectuais importantes, que contribuíram para a exposição de Lukács no Brasil, tais como José Chasin, Otto Maria Carpeaux, Nelson Werneck Sodré, José Arthur Gianotti, Paulo Arantes entre outros

É válido frisar a existência, no Nordeste do país, notadamente na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, de um pequeno, mas importante grupo de estudiosos, a exemplo de Sérgio Lessa e Ivo Tonet, que apregoam o pensamento do nosso autor. Além destes, vemos a significância laboral de outros intelectuais lukacsianos na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Eles poderiam compor uma terceira geração, todavia, esta se encontra em fase de consolidação e, como optamos por contemplar os primeiros a divulgar e fazer uso de categorias lukacsianas, achamos melhor deixá-los para uma investigação posterior acerca dos desdobramentos da produção de conhecimento entre os "discípulos" dos "discípulos" dos nossos intelectuais. Ademais, alguns dos assuntos por eles tratados ficam mais no plano da filosofia das ideias. Por via de consequência, elegemos investigar os autores das duas primeiras gerações.

Pontua-se que, para que o nosso exame seja efetivado, é essencial o entendimento do contexto histórico-social brasileiro e seu arrolamento sobre a receptividade exercida pela assimilação das ideias de Georg Lukács. Salientamos os momentos mais expressivos que nos capacitam a prover um substrato para a percepção das mudanças respectivas à produção de conhecimento, desenvolvida pela nossa *intelligentsia* de corte lukacsiano.

Nesse sentido, elegemos três períodos históricos centrais, correspondentes às fases de assimilação, maturação, retomada e afastamento do marxismo crítico do húngaro, por nossos estudiosos, a ser verificado através das análises dos trabalhos destes, quais sejam: o Golpe Militar de 1964*;* o momento de abertura política ocorrida

nos anos de 1980 e, por fim, a fase de consolidação da distensão política (1990 aos dias atuais).

Ademais, ressalva-se a diferença existente entre os grupos de intelectuais que se voltam para a fase da ontologia e o grupo, sobretudo uspiano, que considera o momento de *História e Consciência de Classe* como o mais proeminente na busca de um instrumental científico mais correto. Observa-se que há uma ruptura nas concepções lukacsianas entre a primeira fase de sua obra, que é mais epistemológica, e a última fase, mais ontológica, o que também encontra consonância com os trabalhos da primeira e da segunda gerações.

Para os que se inspiram na *Ontologia do Ser Social*, a preocupação incide sobre a relação entre o ser e a concretude da história, vistas como capitais. Há, por esses termos, a viabilidade de uma inspiração contundente por parte das duas gerações em adotar uma perspectiva ancorada em HCC; e outra que adota *A Ontologia* como fundamentais.

### 1.2.1 – O esboço da importância de Georg Lukács para a formação de um grupo de intelectuais brasileiros: 1960 – 2000

Com a preponderância de uma ou de outra perspectiva, seja a epistemológica ou a ontológica, o fato indefectível para uma parcela das ciências sociais brasileiras de base marxista é a presença de intelectuais influenciados por Georg Lukács. Voltando às nossas referências, cabe agora esboçar determinadas passagens atinentes à importância que o húngaro representa para nossos intelectuais lukacsianos no período a ser examinado ao longo desta tese (1960 – 2000).

Ressaltamos que as definições acerca dessa importância podem ser percebidas a partir das análises dos trabalhos a serem efetivadas no capítulo 3. Já os títulos das obras selecionadas serão arrolados no tópico subsequente. Por ora, nos deteremos em delinear algumas referências coletadas no nosso campo de pesquisa.

A coleta de parte do material, que nos cabe expor aqui, foi conseguida no segundo semestre de 2008, por ocasião de entrevistas realizadas, por nós, com alguns dos nossos estudiosos: Leandro Konder, Celso Frederico, Carlos Nelson Coutinho, José Paulo Netto, Ricardo Antunes, e em 2009, com Ester Vaisman, viúva de José Chasin e, assim como ele, divulgadora de Lukács.

Os termos postos por Vaisman indicam, com precisão, o momento em que José Chasin percebe a relevância das concepções lukacsianas para a captação da realidade, que deram fundamento teórico a seu trabalho de doutoramento, o que ocorreu em 1977. Mas, anteriormente, a partir de 1959, Chasin já fazia uso das ideias do húngaro para desenvolver estudos universitários.

> "À época, Chasin identificou em Lukács indicações importantes para o estudo daquilo que veio a se constituir o tema de sua tese de doutorado e de outros trabalhos posteriores, a análise dos fenômenos ideológicos." (Vaisman, 2009, entrevista).

A descoberta de Carlos Nelson Coutinho foi praticamente concomitante à de José Chasin, no início dos anos 60. Sua intensa preocupação com os problemas políticos e o interesse juvenil por entender a realidade e transformá-la, conduziram-no à busca por teóricos de corte marxista. E, como ele mesmo afirma, por intelectuais marxistas pouco ortodoxos, dentre os quais, Georg Lukács e Antonio Gramsci. Numa passagem proeminente, ele põe em relevo seu interesse pelo segmento não dogmático, mostrando-nos uma postura, desde cedo, crítica e contrária ao marxismo sectário e pouco fértil da Internacional Comunista.

> "Claro que aqueles manuais da academia e ciências da extinta URSS sempre foram extremamente pesados, eu não gostava daqueles textos dogmáticos. E me lembro até uma vez que vim ao Rio, na casa do Leandro Konder. Ele estava com um desses manuais em cima da mesa que se chamava *Fundamentos do Marxismo Leninismo,* e ele colocou um 'A', antes do 'Fundamentos', ou seja, 'Afundamentos'. Nós sempre recusamos duramente esse tipo de marxismo." (Coutinho, 2008).

Nessa mesma fase, do final dos anos 1950 e início de 1960, Michael Löwy conhece *História e Consciência de Classe*. Por intermédio dos escritos de Lucien

Goldmann, Löwy se interessa pelas concepções de Lukács. Seu objetivo primeiro foi entender as possibilidades de conscientização dos trabalhadores sindicais em São Paulo. "Tentei utilizar o conceito de 'consciência de classe imputada' (*Zugerechnetes Klassenbewusstsein)* em meus estudos sobre consciência de classe dos sindicalistas metalúrgicos de S. Paulo.", através da ótica goldminiana. Ainda nos anos 60, Leandro Konder se volta para o conhecimento de textos do húngaro e assimila algumas sinalizações teoréticas para a feitura de suas pesquisas. A preocupação deste incidia sobre a crítica da cultura, da problemática que envolvia nossas análises culturais. A introdução de elementos marxianos e, posteriormente, lukacsianos se fazia necessário para a realização dessas análises. Konder procurou apreender como as ideias de Karl Marx haviam sido recebidas no Brasil, seus desdobramentos e interpretações equivocadas, indicando-nos a problemática da relação entre o marxismo e *intelligentsia* brasileira. Para isso, fazia uso do materialismo histórico e dialético.

Poucos anos depois, na metade dos anos 1960, José Paulo Netto, o mais jovem dos autores anteriormente mencionados, dá sequência às preocupações acerca das trajetórias culturais realizadas no Brasil. De modo independe e sem trocar ideias com os primeiros estudiosos lukacsianos, Netto desenvolve, ainda muito jovem, em Juiz de Fora, seus contatos iniciais com a teoria marxista e lukacsiana. A questão que principiou seu percurso como estudioso do marxismo foi o operariado mineiro e as possibilidades de conscientização de classe. O fulcro de HCC era precisamente esse. Consequentemente o acesso à teoria da consciência de classe causou impacto, propiciando o interesse de José Paulo Netto em examinar obras outras de Lukács.

Passados mais de dez anos, desde as primeiras publicações de livros traduzidos e artigos escritos pelos intelectuais, que convencionamos chamar de primeira geração, aparecem dois estudiosos de pontos de vista distintos, que apreendem a importância de Lukács, como possibilidade de respostas às dúvidas sobre a realidade brasileira que os perpassavam. Ricardo Antunes e Celso Frederico estavam, nos anos 1970, envolvidos pela conscientização de classe de uma parcela do proletariado paulista, bem como Netto, Antunes e Frederico foram fortemente influenciados pelos escritos de 1923, em seus contatos iniciais com a visão de mundo lukacsiana. Relembra Antunes (2008),

> Quando eu entrei no mestrado houve um duplo movimento, por um lado, eu aprofundei os estudos de classe operária e do Estado no Brasil, não é? Nos Anos 30, logo eu me defini por estudar o getulismo

> e a questão da consciência de classe. E pra estudar a questão da consciência de classe eu mergulhei - foi o meu primeiro mergulho na obra do Lukács- em "História e Consciência de Classe"

Ao longo dos anos, esses intelectuais desdobraram suas investigações, modificaram suas concepções sobre as ideias do húngaro, a ser analisadas no decorrer deste trabalho, em que abordaremos os livros dos lukacsianos, considerados mais expressivos para entendimento da relação teorética e política, estabelecidas por eles, com Georg Lukács.

#### 1.2.1.1 Da seleção do material bibliográfico

Por base na nossa exposição e tendo como objetivo o entendimento de forma mais abrangente das mudanças pelas quais passaram as concepções dos intelectuais lukacsianos, durante o período assinalado, analisar-se-á parte da produção bibliográfica destes. Para isso, foram estabelecidos alguns critérios respectivos à seleção do material. Leva-se em conta o período temporal que agregam mudanças temáticas e a relação entre o contexto e a adoção de ideias lukacsianas. Algumas obras foram autodefinidas pelos próprios autores, a exemplo de José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho. As sugestões foram anotadas pela autora deste trabalho ao longo das entrevistas realizadas com alguns dos lukacsianos investigados. Intelectuais como Leandro Konder e José Paulo Netto indicaram livros de maior relevância dentro de sua produção intelectual. Todavia nem todos puderam expor sua opinião pelo fato de não terem sido questionados na ocasião. Isso ficará mais claro ao longo do trabalho que segue.

Para isso, faz-se relevante a utilização do método de abordagem diacrônico-sistemático. Este objetiva relacionar as tensões das rupturas e perceber como elas formam um todo. Assim, a quebra com as ideias lukacsianas dentro de uma das gerações de intelectuais acadêmicos selecionadas com outros, possibilitam perceber, por exemplo, o porquê da negação, superação e preservação de perspectivas sociológicas ancoradas em bases lukacsianas.

A aplicação de categorias lukacsianas considera sempre a realidade investigada, ou melhor, é o objeto quem vai indicar o caminho analítico a ser seguido. Isso

corresponde a uma escolha ontológica de se analisar o material coletado, seja ele o bibliográfico ou o adquirido por meio das entrevistas.

Abaixo estão arrolados as obras e os artigos substanciais para a nossa análise.

**Ricardo Antunes**

"Classe Operária, Sindicatos e Partidos no Brasil: da revolução de 30 até a Aliança Nacional Libertadora." (1982). São Paulo, Cortez.

"A rebeldia do Trabalho (O confronto operário no ABC paulista): As Greves de 1978-1980." (1992).

"Adeus ao Trabalho? (Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho." (1995). São Paulo, Cortez.

---

**José Chasin**

"O Integralismo de Plínio Salgado"

"Marx: Estatuto Ontológico e Revolução Metodológica" (2009)

"Marx – Da Razão do Mundo ao Mundo sem Razão" in: Marx Hoje (1988)

**Carlos Nelson Coutinho**

"Literatura e Humanisno: Ensaios Sobre crítica marxista" (1968)

"O marxismo e a miséria da razão (1972)

"A Democracia como valor Universal"

"Proust, Kafka e Lukács"

---

**Celso Frederico**

"Consciência Operária no Brasil" (1978). São Paulo, Ática

"Crise do Socialismo e Movimento Operário (1995). São Paulo, Cortez.

"O jovem Marx" (2006)

"Marx, Lukács: A arte na perspectiva ontológica" (2005). Natal, Ed. Da Universidade do Rio Grande no Norte.

---

**Michael Löwy**

"Romantismo e Messianismo"

“Messianismo e política”

“A evolução política de Lukács”

“Figuras do Marxismo Ocidental”

---

**Leandro Konder**

“Os marxistas e a arte”

“Marxismo e Alienação”

“O Marxismo na Batalha das ideias”

“A Derrota da dialética

**José Paulo Netto**

“Ditadura e Serviço Social.”. São Paulo, Cortez

“Marxismo Impenitente”

“Crise do Socialismo e ofensiva Neoliberal” São Paulo, Cortez.

“Economia Política:Uma introdução Crítica.”

“Razão, Ontologia e práxis”. (1994). Revista Serviço Social e Sociedade. Cortez, nº 44,

---

### 1.2.2 Lukács como alternativa para pensar a realidade social brasileira

Após a exposição dos livros a serem investigados, importa-nos apresentar, em dada medida, as concepções de Georg Lukács sobre sua perspectiva do processo de conhecimento. Através dos traços por ele desenhados, poder-se-á inferir a relação postulada entre suas proposições teóricas e a produção de conhecimento fomentado por nossos intelectuais. Salienta-se que nossa atual pretensão se refere à forma como as assertivas teórico-metodológicas lukacsianas e sua teoria do conhecimento podem atuar como uma alternativa para o exame da realidade social brasileira. Dito isso, apresentaremos o esboço da teoria do conhecimento lukacsiana e as indicações dela extraídas.

### 1.2.2.1 A Teoria do Conhecimento lukacsiana

Numa contenda estabelecida com Jean-Paul Sartre em 1948, Georg Lukács redige um instigante livro sobre a relação entre o marxismo e o existencialismo. Na obra intitulada "Existencialismo ou Marxismo", é esquematizado o percurso que a filosofia existencialista coadunou para se atingir as viabilidades de aproximação com a filosofia marxista. Lukács esclarece as impossibilidades de se agregarem concepções distintas que objetivam arrestar a relação do ser humano na sociedade do capital. Mas por que tratar disso aqui? Qual o sentido dessa pequena digressão acerca dos debates que envolviam formas de conhecimento que preocupavam Lukács? A resposta parece simples e em sintonia com o tema proposto. Primeiramente o húngaro nos apresenta, de maneira inteligente e acurada, diferenças entre formas de pensamento envoltas de complexos teóricos e de visões de mundo que solicitavam uma adequação para ser articulada e fazer sentido para a investigação da realidade. Grosso modo, o simples fato da percepção, para os existencialistas franceses como Sartre e Maurice Merleau-Ponty, da importância do marxismo no estudo das relações sociais e do estabelecimento de uma relação teórica com o existencialismo alemão, mostrou quão incongruente era essa articulação. Não cabia nesse debate, e isso é notório nas vigorosas observações lukacsianas sobre as relações entre formas de conhecimento, da possibilidade de uma adequação da realidade a teorias então em voga, ou melhor, do entendimento daquela a partir destas. O existencialismo era contraditório com a perspectiva do marxismo de Lukács por possuir, na sua essência filosófica, o lastro das concepções burguesas que o faziam incapaz de uma tomada de posição radical, em seu sentido etimológico, não favorecendo o rompimento com a posição de classe burguesa. Isso ilustra que as teorias, como postuladas por Georg Lukács, devem estabelecer uma relação estreita e genuína com a realidade social para que esta seja analisada de forma decisiva[21]. Ora, o que fora e é desenvolvido pelos intelectuais lukacsianos selecionados corresponde a uma tentativa de se apreender a realidade social brasileira, de analisá-la. Isso em meio a equívocos de exame e de interpretação realizados no âmbito das ciências sociais e também por marxistas, seja da obra de Georg Lukács, ou do marxismo em suas vertentes distintas,

[21] O existencialismo francês buscava uma atividade política, mas, segundo nosso autor, era inviável romper com os condicionantes de classe e isso ficava mais nítido nas expressões artísticas que abordavam as angústias humanas e nelas não se encontravam possibilidades de saída.

como a Teoria Crítica e o marxismo goldminianno. Podemos citar Merleau-Ponty (1955/2006), Perry Anderson (1983; 1989), J. Habermas (1988); no Brasil, José Guilherme Merquior (1986), autores que, em algumas de suas obras, trataram das definições do Marxismo Ocidental e das crises do marxismo, por exemplo.

Por certo, a intenção do húngaro exige um nível de complexidade e objetiva algo mais amplo, que é o envolvimento do investigador com uma *Weltanschauung* (visão de mundo) determinada, coisa que suplanta as pretensões de grande parte da sociologia, como a inspirada em concepções positivistas, funcionalistas, etnometodológicas, dentre outras.

O que Lukács nos faz perceber, inicialmente, é que há de existir uma concretude fundamental entre a realidade e as teorias, que são usadas para se acessar e analisar aquela.

É mediante a teoria do conhecimento, desenvolvida por ele e apresentada como uma resposta a sua visão teórica de 1923, e sob influência de concepções leninistas, bem como dos questionamentos sobre formas de conhecimento efetivadas por Lênin, que nosso autor alicerça o processo de conhecimento, contribuindo para a apreensão da realidade social.

Essa teoria do conhecimento, procura relacionar filosofia e ciência, de forma crítica. Há a necessidade de separar a definição de gnosiologia, da idéia de matéria dos significados concretos, presentes nas Ciências Naturais. O que interessa é, pois, a realidade objetiva, que se encontra fora da consciência das pessoas, independe desta. De forma mais clara, a objetividade existe independentemente do sujeito. (Lukács, 1967).

Dessa proposição, é dada ênfase à matéria, que corresponde à realidade concreta, objetiva. Nela tem-se a percepção da relevância do materialismo como componente categórico, que é substrato na perspectiva da teoria do conhecimento e, ao mesmo tempo, compõe este. E a dialética? Através das assertivas de Lênin, a teoria do conhecimento marxista é levada a impingir uma nova força à dialética como instrumento basilar para se apreender a realidade social. Como sinaliza Lukács acerca da importância leniniana para a fundamentação do processo do conhecimento marxista, "(Lênin) é o primeiro pensador revolucionário, depois de Marx e Engels, que soube dar um novo impulso à dialética." (Lukács, 1967, p. 218).

Essa explicação, abalizada nas análises do nosso autor sobre Lênin, tornam-se acentuadas, daí a necessidade de expô-las aqui, pelo fato de que foi a partir das

inovações leninianas que Lukács estabeleceu sua forma de compreensão do conhecimento e, por conseguinte, influenciou teóricos de corte materialista dialético, no melhor estilo de Marx e Engels.

A perspectiva concernente à teoria do conhecimento é indigitada quando Lukács retoma as contendas dirigidas por Lênin às formas de concepção da realidade, como o materialismo mecanicista. Neste, o conhecimento é visto a partir do reflexo da experiência do dia a dia das pessoas, imediatamente. Essa perspectiva, mesmo correta, como início do processo que compõe nossos conhecimentos, é simplista. Pois o conhecimento não pode ser compreendido apenas pela experiência sensorial, a realidade. O conhecimento não é entendido e nem se manifesta somente pelo que nos é imediatamente dado, mas o tem como componente de singular valor. Logo a percepção da concretude da realidade está para além da consciência imediata. Disso faz-se premente retomar o que foi exposto no início dessa seção sobre a objetividade.

Vemos que a apreensão desta pode ter dois sentidos distintos e complementares. O primeiro ancora-se na assertiva de que a realidade existe de modo objetivo. O segundo afirma que não é correto dar-se por satisfeito, tão somente com a primeira ilação, ou seja, a realidade é objetiva, independe do ser, mas a partir do instante que este se põe a conhecer a realidade social, por exemplo, fica claro que esta apresenta muito mais elementos do que o sujeito pode, ou se deseja que ele perceba. Daí se fazem presentes as formas naturalizantes de compreensão da realidade, como a mecanicista.

É imprescindível frisar que Georg Lukács, ao listar críticas às novas concepções da ciência e de correntes filosóficas, a exemplo do materialismo mecanicista, do idealismo, do subjetivo e do existencialismo, realça a relação entre as ideologias, que alicerçam essas formas de entendimento da realidade, e o contexto histórico, como essenciais para a compreensão do predomínio de ideias filosóficas.

> "Não é por acaso que essa época vive também o apogeu da influência de Schopenhauer, que qualifica a dialética de 'delírio'. Enfim, não é por acaso que Kierkegaard, o adversário mais intransigente da dialética hegeliana, torna-se o pensador em moda nos anos que deveriam preceder o advento do fascismo." (Lukács, 1967, p.227).

Além disso, nosso autor ressalta o uso, muitas vezes, feito, por essas linhas de pensamento filosófico, de uma linguagem pouco acessível para as pessoas não versadas

em filosofia e que poderiam pôr as ‘armas’ filosóficas, sociais e políticas da ‘reação mundial’ (Lukács, 1967).

Ora, se é possível realizar tais visões de mundo burguesas, também o é para os materialistas dialéticos lançarem os rudimentos de contestação, a partir de uma ideologia distinta e progressista, alicerces científicos e filosóficos para o entendimento da realidade, não só por parte dos intelectuais, mas ainda para a média das pessoas.

Se, somado ao que fora posto, o materialismo mecanicista não consegue arrestar a realidade por desconsiderar a dialética, possuir categorias dogmaticamente estabelecidas e não entender o relativismo das ciências, ainda, para Lukács, “não é a matéria que desaparece, não é a categoria gnosiológica da matéria que muda, mas é o método teórico do materialismo mecanicista que desmorona por causa da incapacidade em apreender fenômenos novos de maneira adequada.” (Lukács, 1967, p. 223).

A correção da teoria do conhecimento, de base materialista dialética, diferentemente do materialismo mecanicista, fundado na lógica formal, consiste em entender a verdade de acordo com suas instâncias, as transições entre o absoluto e o relativo, o que é observado, não só nas ciências, mas na vida que nos determina, no imperativo de novas configurações de relatividade dos fenômenos e da forma de conhecimento que se apresenta deles. A ciência, em que se baseia o materialismo moderno (marxismo), como nomeou Lênin, contesta a ideologia relativista. No materialismo, o relativo é simplesmente um componente da dialética e representa um momento do absoluto.

Mas a questão não explanada se refere às possibilidades de acesso a verdade. Absoluto e relativo envolvem-na, como aponta Lukács. Para este, o conhecimento da essência só é acertado quando se descobre as leis que lhe são imanentes. (Lukács, 1967, p. 231).

Ainda no materialismo moderno, a essência (coisa-em-si) possui vários elementos e o fenômeno imediato representa um deles. Aquela, por sua vez, é objetivamente concreta, está no mesmo nível do fenômeno imediato e indica a síntese dos elementos que a constituem. A distinção entre fenômeno imediato e essência está presente na variedade dos níveis de existência.

As assertivas precedentes são valiosas no fulcro da teoria do conhecimento de influência hegeliana e marxiana, por romper com concepções filosóficas de Kant acerca do conhecimento, especialmente da diferença entre fenômeno imediato e essência. De

acordo com a perspectiva dialética geral de Hegel, o mundo dos fenômenos e da essência é apenas um: ele denota para o conhecimento tão somente gradações. Como aludido, os fenômenos imediatos, na dialética hegeliana, utilizada por Marx, Lênin e Lukács, possuem importância que não é diminuída frente à essência. Disso, precisa-se que o mundo dos fenômenos imediatos é refletido pelo mundo das leis, sendo aquele a realidade que é continuamente mais rica que a lei mais bem aplicada. Para o nosso autor, *ipsis litteris*, "é precisamente esse fato que melhor explica o papel da relatividade, na evolução do conhecimento científico." (1967, p. 232).

No mais, a passagem anterior nos faz pontuar que o conhecimento das leis e da realidade serão aproximações da totalidade real, pois esta nunca pode ser plenamente atingida por conta da sua mutabilidade infinita. Portanto é preciso ter cautela ao analisar os fenômenos da realidade, com vistas a não falseá-los e não forçar a realidade a se enquadrar aos parâmetros de teorias, o que poderá conduzir o sujeito a criar pseudo-verdades.

Com a noção de aproximação, como elemento substancial na teoria do conhecimento leninista, foi razoável para Lukács extrair considerações a respeito da metodologia para as ciências sociais. Já que, com a aproximação do conhecimento, é posta de lado a idéia de que a partir do entendimento de relações sociais específicas, de uma sociedade ocidental, por exemplo, poder-se-ia compreender relações posteriores em outras formações sociais. A essa tentativa equivocada, largamente aplicada pelas ciências burguesas, nosso autor toma por ideologias fatalistas, os desdobramentos a que as formas de conhecimento podem conduzir-nos. Não obstante, a apreensão de elementos de relações sociais dadas, viabiliza, sim, possibilidades do que poderá vir a se concretizar. Para isso, compreender a realidade e intervir nela constituem elementos cabais do processo de conhecimento. Teoria e prática, conhecimento e realidade objetiva são indissociáveis no materialismo histórico e dialético. Donde,

> "o método marxista permite perfeitamente determinar se uma crise grave do capitalismo pode tornar-se fatal, em certas circunstâncias concretas, mas que a questão de saber se tal ou qual crise comporta uma saída, não poderia ser resolvida senão pela luta, pela ação prática das classes em presença." (Lukács, 1967, p. 237).

Através dessa acepção, é rechaçada mais uma vez, a forma de compreensão das ciências burguesas. A realidade objetiva e a atividade prática, caras ao marxismo, munem, prontamente, um entendimento alargado das nossas relações sociais e das plausibilidades de se acessar a verdade.

Temos, nesses termos, exposta a teoria do reflexo, empregada por Lukács. Nesta, a interação entre a realidade objetiva e pensamentos, representam o progresso humano, em que do material, da realidade, tem-se como desdobramento o que é refletido desta. Todavia, isso não significa que o processo do conhecimento seja uma imagem pura e simples da realidade, como um mero reflexo. Para acessá-la, é preciso considerar as mediações e as transformações contínuas que a constituem. Firmemente, a assertiva colocada pela teoria do reflexo se opõe ao idealismo e coaduna-se como objeto proeminente na teoria do conhecimento lukacsiana.

Afora os caminhos da tessitura de uma concepção apropriada para se chegar ao conhecimento, é evidenciado, por nosso autor, o papel que o sujeito do conhecimento representa nesse processo, que se concretiza mediante a atividade prática e cotidiana e pelos elementos provenientes da nossa imaginação e sentidos. Assim, retomemos o que foi destacado anteriormente. A ação dos seres humanos na sociedade é mister para o materialismo histórico e dialético, bem como o acesso daqueles ao conhecimento, numa relação contígue. Isso possibilita o estiolamento da fragmentação do saber e do ser social, ao contrário do que ocorre em torno da visão burguesa. Nela a razão, foi, durante os séculos XVIII e XIX, componente privilegiado para se atingir o conhecimento. Como nos relata Lukács, as sensações, experiências e ideias eram representativamente secundárias, quando não vistas como falseadoras do conhecimento.

O rompimento desses sistemas de hierarquização do conhecimento efetivou-se com chaves interpretativas provenientes da dialética e do materialismo, a despeito das críticas direcionadas por Lênin e, por conseguinte, por Lukács à dialética hegeliana.

Na acepção leninista do conhecimento, o combate teórico se dá tanto em relação à supremacia da razão, como com as correntes irracionalistas do pensamento, que findam por repudiar aquela. Na perspectiva de Lênin, como mencionado, observam-se os pontos positivos do sujeito do conhecimento, dos laços que os ligam entre si e das possibilidades que eles têm de se modificar e de se completar. No materialismo, os fatores objetivos e subjetivos são interdependentes, em constante movimento dialético, de tal modo que a atividade prática efetivada compõe elemento decisivo no trajeto do

conhecimento. Através dela, a realidade é mudada e, por esta, também é transformada, numa dialética vigorosa. Donde o elemento gnosiológico é rechaçado.

Do estabelecimento da relação entre o materialismo e a dialética, no processo do conhecimento, observa-se a possibilidade de reflexão da nossa realidade social, ao elegermos as adjacências e os elementos centrais postulados pela teoria do conhecimento lukacsiana, com forte e declarada inspiração leninista. Isso nos conduz a uma visão mais aprofundada dos interstícios sócio-culturais e políticos, fornecidos por meio de uma atividade crítica rigorosa, para que se possa precisar analiticamente o mundo social, provido por uma visão de mundo progressista. Isso justifica a nossa digressão inicial acerca dos debates teóricos travados por Lukács, na proporção que vemos como fundamental apreender a realidade sem que passemos por um processo deformador dela, tal com ocorre quando examinamos, no âmbito das ciências humanas, a realidade por intermédio de junções teóricas inadequadas.

### 1.3 Duas perspectivas: epistemológica e ontológica

Nesse sentido, destacaremos o componente da crítica como substancial para a fundamentação do processo de conhecimento, sejam elas elogiosas ou não; densas ou simplistas.

Na tradição marxista, esse recurso crítico é alicerçado por uma visão de mundo, que o usa como instrumental lógico, representando uma ferramenta peremptória para se chegar a conclusões mais próximas da verdade. Ora, o que os clássicos do marxismo, Marx, Engels e Lênin, com destaque, efetivaram foi precisamente a aplicação do recurso da crítica. Por conseguinte, Lukács estabeleceu, guardadas as devidas proporções, um procedimento parecido ao dos clássicos, ao tratar suas ideias sobre o conhecimento, a política, além da metodologia mais correta para se destrinchar e modificar a realidade social. A crítica sempre foi o elemento integral para Lukács arrestar e expor o que é tomado como imprescindível no caminho do conhecimento da sociedade, e para maturar suas ideias teóricas, metodológicas e políticas, no desenrolar de seu trajeto como sujeito que intervém na sociedade. Por esse motivo, é capital apresentar as posturas lukacsianas e os momentos de crítica, de permanência e de superação de sua própria visão de mundo. Sua proposta era sintetizar, não de modo

simplista, mas entender os meandros e as mediações que envolvem o conhecimento nas sociedades de classe. Donde a precisão, de edificar seu arcabouço científico e filosófico. De maneira especial, essa construção categorial foi largamente desenvolvida através de reflexões acerca das proposições de Hegel e Marx.

A apreensão da realidade, a humanização das relações sociais e o desenvolvimento das potencialidades do ser representam as questões fulcrais perseguidas por Lukács ao longo de sua vida. Diversas transformações se processaram no seu percurso circundado por complementaridades e transposições dialéticas explanadas em seus escritos. Impingem-se duas perspectivas presentes no cerne das obras lukacsianas, a saber, uma forma de concepção do materialismo histórico e dialético, mais epistemológica, e outra, mais ontológica. Salientamos, todavia, que as asseverações pontuadas não representam uma distinção excludente de uma perspectiva a outra; isso no pensamento de Lukács. As mediações que o levam a mudanças ocorrem de modo dialético. Donde o elemento embrionário da transição estar presente nos saltos teoréticos e metodológicos expostos nos seus trabalhos como pode ser observado, ao se atentar para a teoria do conhecimento refletida pelo húngaro, esboçada anteriormente. A relação entre objetivismo e subjetivismo; atividade cotidiana e teoria, exemplificam os indícios das interposições entre a epistemologia e a ontologia.

Inicialmente Lukács agregou concepções distintas e fomentou suas investigações da realidade social aparado num ponto analítico epistemológico. Notadamente, em *História e Consciência de Classe,* a preocupação incidia acerca da metodologia mais justa para se alcançar uma visão clara das problemáticas geradas pelo sistema capitalista.

No artigo primeiro, da obra citada, nomeado “O que é marxismo ocidental?” é expendida essa preocupação. Apesar disso, é notório que sua intenção é acrescida do problema que perpassa a filosofia moderna: a análise destituída da atividade prática do ser social. Essa problemática está expressa, em princípio, na epígrafe do artigo, com uma citação de Karl Marx extraída das teses sobre Feuerbach, em que a necessidade de uma articulação entre teoria e prática é capital. Nesse trajeto, emana a premência de se refletir sobre a importância do método marxiano para a apreensão da realidade.

Lukács precisa a caracterização do marxismo ortodoxo, outrora desdenhado pela relação de contiguidade com o socialismo, cristalizada, à época, no início dos anos 1920. Para ele, a ortodoxia do marxismo nada tinha a ver com o marxismo da II

Internacional, mas sim com a correção crítica pedida pela metodologia de Marx, relacionada à dialética hegeliana. Nesse sentido, seria justa a rejeição das teses marxianas mediante a verificação de alguma delas no contexto de períodos específicos. A ortodoxia perpetrada referia-se ao método:

> "Ela implica a convicção científica de que, com o marxismo dialético foi encontrado o método de investigação correto, que esse método só pode ser desenvolvido, aperfeiçoado e aprofundado no sentido dos seus fundadores, mas que todas as tentativas de superá-la ou 'aperfeiçoá-lo' conduziram somente à banalização, a fazer dele um ecletismo – e tinham necessariamente de conduzir a isso." (Lukács, 2003, p. 64).

Dado o exposto, percebe-se que afora a crítica às apropriações equivocadas do método marxista, circundadas por tentativas de 'melhorá-la', havia a ênfase na capacidade revolucionária, que decorre deste. A atividade prática e a teoria são organicamente interdependentes, o que funda a essência do método. Daí a necessidade de apreender pormenorizadamente os momentos, as instâncias em que a teoria e a sua incorporação pelo ser social se dá. Pontua-se que essa relação não é uma via de mão única, mas, ao contrário, à medida que a teoria modifica o ser, por ele, é também transformada continuamente, num processo dialético. Assim, dá-se a relevância da observação da realidade como elemento a fornecer substratos para a reflexão teórica. Consequentemente, quando Lukács se refere a um momento histórico específico, como a sociedade capitalista, e diz que certa teoria anunciou algo, no caso, a teoria revolucionária; significa que ela é a expressão da atividade prática. Esta é, incontestavelmente, a função da teoria, dentro da perspectiva lukacsiana. Daí que, "o esclarecimento dessa função da teoria constitui também a via para o conhecimento de sua essência teórica, isto é, para o método dialético." (Lukács, 2003, p. 67). Com isso, nosso autor põe em relevo a relação dialética fundamental no processo histórico entre o sujeito do conhecimento e o objeto. Sem essa relação, a passividade da ação prática se fortalece e transforma o estudo da realidade em simples contemplação. Isso destitui a disposição do método dialético de transformar, revolucionar. É essa capacidade de revolução que constitui o problema central desse método, que se restringe à realidade histórico-social.

E quanto ao sujeito do conhecimento que inter-relacionado com o objeto, irá concretizar, na atividade prática, essa metodologia? Na fase de HCC o sujeito a captar as inter-relações sociais e apreender a realidade com correção é o proletariado: "O proletariado é o sujeito cognoscente desse conhecimento da realidade social total." (Lukács, 2006, p. 99). Destarte, a realidade só poderia ser investigada metodologicamente através da perspectiva de classe. Que vinha se concretizando, não pela visão proletária, mas sim, mediante uma perspectiva prenhe de traços burgueses. Por conseguinte, Lukács precisou combater posturas metodológicas outras, dentro do próprio marxismo, como as perspectivas revisionistas e as fundamentadas no positivismo. Estas faziam objeção à dialética, de forma a separá-la do materialismo histórico. Agregavam concepções hegelianas, de suas partes conservadoras, captadas sob influência das ciências burguesas. Nessa mesma linha, o pensamento burguês afirmava a positividade da aplicação do método das ciências naturais, através das abstrações, observações e experimentações, para o entendimento dos interstícios do mundo social.

A confiança no uso da metodologia das ciências da natureza, estendida para a apreensão dos fenômenos sociais, surge como resultado do que fora estruturado dentro do sistema do capital: "O caráter enganoso de tal método reside no fato de que o próprio desenvolvimento do capitalismo tende a produzir uma estrutura da sociedade que vai ao encontro dessas opiniões." (Lukács, 2006, p. 71). Acrescida a isso, temos, no método rechaçado por Lukács, a pseudo-idéia de que as categorias sociais são intemporais e aplicáveis a estruturas sociais distintas. Sua natureza não científica está envolta por sua inaptidão de perceber a historicidade dos fatos da realidade, o que caracteriza o conhecimento como fragmentado, posto em distintas esferas. Na dialética, ao contrário, "o conhecimento da verdadeira objetividade de um fenômeno, o conhecimento de seu caráter histórico e o conhecimento de sua função real na totalidade social formam, portanto, um ato indiviso do conhecimento." (Lukács, 2006, p. 86).

É preciso, por isso, reconhecer e superar o que é dado de maneira imediata, para a concretização do tratamento dialético. Com a certeza desse instrumental, é viável compreender que os fatos, elementos e características de uma sociedade, como a capitalista, são transitórios e mutáveis, porque históricos. Mas, como chegar ao conhecimento histórico ou, pelo menos, reconhecer o caráter histórico da realidade social? Seguindo as concepções teoréticas e metodológicas marxianas, Lukács assevera

a essencialidade de uma visão a agregar os fenômenos que as compõem e percebê-las como interdependentes, em meio à totalidade. Isso mostrará as mudanças das formas de objetividade. Estas, que são adquiridas historicamente, de acordo com as intenções ideológicas de uma fase histórica específica e, no caso, quando mencionamos um momento dado, nos reportamos ao capitalismo, já que nele foram engendradas a metodologia e as problemáticas que o questionam, e que nos cercam. Cabe, portanto, um tratamento crítico para desvendar os meandros do conhecimento.

É justamente nesse aspecto, no fato de a preocupação de Lukács estar, à época de HCC, primordialmente voltada para a metodologia dialética, percebida em oposição à metodologia das ciências naturais, que reside sua visão epistemológica.

Nos anos 60, quando Lukács escreve *A Ontologia do Ser Social*, a preocupação com a metodologia correta permanece, mas a fundamentação de sua *Weltanschauung* e de suas aporias filosóficas estão envoltas pelos problemas do ser social. Assim, sua visão perfaz, sintetiza o materialismo histórico e dialético, burilado e maturado decisivamente nesse momento. Todavia, antes de adentrarmos no significado da obra, são importantes algumas considerações sobre a conceituação que nosso autor fazia da ontologia.

Por várias ocasiões, Georg Lukács demonstrou reticências em relação à ontologia, compreendida por ele como atrelada ao irracionalismo[22], corrente filosófica que tomava para si a representatividade da ontologia verdadeira e que, dentro da perspectiva lukacsiana, deformava a realidade, sendo, por isso, rigorosamente criticada por ele. "A visão de mundo que disso decorre – o irracionalismo - só pode superar tais antinomias de modo pseudodialético (...)" (Lukács, 1982, p. 12). Na *Destruição da Razão* (1959), obra publicada em 1953, as correntes irracionalistas são densamente questionadas, por seu caráter metafísico e a-histórico, em relação ao ser, mesmo que a preocupação filosófica delas incidisse sobre o próprio ser. Além do citado livro, anos depois, no fulcro de fins dos anos 50, quando Lukács redige a *Estética,* o sentido negativo acerca da ontologia permanece.

Entrementes, na *Ontologia do Ser Social*, a imagem negativa é dirimida e o entendimento da importância da ontologia colocada como essencial para a compreensão

---

[22] Para uma breve exposição sobre as posturas lukacsianas atinentes ao irracionalismo, vide *Conversando com Lukács* (1969 p. 43-64).

da realidade. Essa modificação de perspectiva se deveu segundo Carlos Nelson Coutinho (1996), a dois ensejos: o primeiro foi a ascensão da corrente neopositivista, considerada como instrumento ideológico de relevância significativa para a burguesia da época. O neopositivismo repudiava elementos caros a Lukács para o entendimento da realidade; prontamente, a categoria da totalidade, a história e a ontologia, que se tornara basilar para o húngaro. O segundo motivo foi possivelmente a assunção, por parte de Stalin, de subsídios teoréticos de inspiração neopositivista, bem como a negação da ontologia, introduzidos no marxismo. Consequentemente, infere-se "que (...) é esse deslocamento de alvo que explica, provavelmente, a adoção por Lukács, em caráter positivo, do termo ontologia." (Coutinho, 1996, p. 18). Ademais, a apreensão das obras do filósofo alemão Nicolai Hartmann também contribuiu para a modificação acerca do caráter do termo – Lukács dedica, na primeira parte da *Ontologia,* um capítulo a ele –, e engendra alterações no interior de suas análises.

A *Ontologia do Ser Social* apresenta, portanto, além da aceitação e reconhecimento da ontologia, pontos de grande relevância, não apenas quanto à ruptura sobre a ontologia tradicional, mas, também, na busca por resgatar, contra o neopositivismo, a premissa de que se deve averiguar, de modo primeiro e contundente, o ser, para apreender o conhecer. Este corresponde ao momento derradeiro, a uma totalidade mais ampla.

Todavia o conhecimento desse ser difere da forma irracionalista, na medida em que prioriza a totalidade dinâmica e concreta, que pode ser entendida por uma racionalidade dialética. "Isso significa que, contra a rígida divisão do trabalho científico, proposta pelo positivismo em suas diferentes vertentes, o projeto ontológico lukacsiano resgata claramente o ponto de vista da totalidade (...)" (1996, p. 19). Com isso, procura mostrar que o ser social não deve ser separado de suas relações com a natureza, operando uma interpretação metodológica, que indica uma busca constante à totalidade e à história, para, com isso, extirpar dos fatos empíricos seu aspecto de aparência fetichizada, ou de elementos naturais. "A ontologia lukacsiana, assim, é uma arma crítica contra a reificação" (Coutinho, 1996, p. 18), em que se deseja definir a especificidade do ser social em suas diversas relações, entre as quais, a natureza é peça fundamental. Nela existe apenas causalidade; com o ser social verifica-se, a partir do trabalho, uma articulação unívoca, singular "entre causalidade e teleologia, determinismo e liberdade" (Coutinho, 1996, p. 20).

Dado o exposto, percebe-se que é aberto, indubitavelmente, um avanço qualitativo na sua obra final, em relação à *História e Consciência de Classe.* Esse avanço refere-se prontamente ao papel essencial da categoria trabalho e da vida do cotidiano, visando à compreensão do desenvolvimento e do processo que originou o ser social, bem como as formas expositivas da consciência de classe.

Além de revisões e autocríticas, concretizadas em livros e ensaios atinentes, sobretudo, a Lênin, Lukács, no período de redação da Ontologia, revê a importância de Hegel e distancia-se do idealismo que permeou sua obra de 1923. Segundo nosso autor, "para que Hegel seja, hoje, uma força viva e atuante no pensamento filosófico e na realidade, é preciso continuar no caminho iniciado pelos filósofos do marxismo" (Lukács, 1982ª, p. 10-11).

Nesse sentido, cabe-nos pontuar que, por retomar e rever as concepções de Hegel e de Marx acerca da ontologia, Lukács nos faz perceber a necessidade de explicar as perspectivas estabelecidas por ambos os filósofos. Com isso, apreender-se-á o significado ontológico na visão lukacsiana. Consequentemente, exporemos o tratamento conferido por este à acepção ontológica daqueles.

Na *Ontologia do Ser Social,* no capítulo dedicado a Karl Marx, vemos uma preocupação central para Lukács, que é mostrar que aquele desenvolveu uma ontologia, mas que esta fora esquecida e desconsiderada pelos marxistas, com algumas raras exceções, a exemplo de Vladmir Lênin. O objetivo do nosso autor foi o de recuperar a ontologia marxiana e deter-se numa ontologia do ser social para compreensão da realidade social. Anteriormente, contudo, Lukács tece criticamente observações concernentes à ontologia de Hegel, alicerçada na perspectiva dialética do autor, central para o pensamento marxiano e, por conseguinte, lukacsiano.

Na visão ontológica hegeliana, a contradição, item basilar da dialética, alicerça a filosofia e o presente, este posto como concretização da razão, e constituem os dois momentos ontológicos para Hegel. O reconhecimento das contradições, do presente como problema da realidade e do pensamento, é precisamente um questionamento ontológico. Ao imprimir à história, vista como realidade, um caráter ontológico, não problematizado antes, Hegel propiciou uma inovação filosófica, emprestando "à dialética, enquanto veículo real da história, um peso ontológico que ela jamais pudera ter no passado." (Lukács, 1982, p. 11). Mesmo assim, Lukács atenta para o fato de que a ênfase no presente, operada por Hegel, como realização da razão, finda por solapar os

elementos subjetivistas, fortalecendo o aspecto objetivo ontológico. Isso conduz, por conseguinte, a respostas, irracionalistas, como as que buscam um retorno ao passado, refletida por parte dos românticos. Com essa atitude, estabelecem-se antinomias com a ontologia de vertente racional, o que nos parece equivocado, já que pseudodialético.

A tentativa hegeliana de ressaltar o aspecto racional da ontologia, nesse sentido, remete suas considerações às do Iluminismo, que estava centrado na importância da razão como fundamento do conhecimento. A razão era o começo e o término do ser e do devir da sociedade e da natureza. Tal postura conduzia à apreensão da realidade, à busca pelas leis perenes e invariáveis daquela. A sociedade era guiada por essas leis, naturais e naturalizadas. Essa preocupação com a razão era motivada pela oposição com a ontologia teleológica e teológica, outrora reinante.

Mas quais as particularidades e pontos questionáveis na ontologia hegeliana, contestada por Lukács? Como exposto, o primeiro aspecto referia-se ao fundamento objetivista, que circundava a ontologia de Hegel. Por conseguinte, ao sobrepor o elemento racional sobre o subjetivo, entendendo a realidade como constituída por categorias intemporais e percebendo o presente como concretização da razão, a ontologia hegeliana realizou a apresentação de uma ontologia única, a agregar e refletir a sociedade e a natureza. Nesse sentido, inexiste um apartamento entre as duas instâncias. Na sua perspectiva, a natureza compõe a fase primeira, não intencional da sociedade, o que será, posteriormente, repensado por Lukács.

Assim, pela necessidade de que a filosofia se concretize na realidade, historicamente, é que Hegel mitiga, filosoficamente, o dever-ser. Com tal decisão, tem-se negado a prioridade do dever-ser em relação ao ser, ponto capital para a caracterização da objetividade, na ontologia hegeliana. Isso "empresta às suas considerações – e não apenas entre a sociedade e a história – uma notável objetividade, que se situa acima das intenções e dos desejos." (Lukács, 1982, p. 17).

Para Lukács, um aspecto precário na ontologia hegeliana reside justamente no fato de ele ter achado resoluções contraditórias, que findam por guiar sua ontologia a desdobramentos sem resolução, a exemplo da supremacia da objetividade em relação à subjetividade e do presente que estabelece uma postura opositiva com o passado e com o futuro, devido à centralidade do presente, que coaduna a filosofia da história de Hegel.

A história não se desenvolve apenas através de atos teleológicos de pessoas e grupos sociais, mas a partir do procedimento global, que precisa a concretização de

escopos teleológicos. Deles é que surgem elementos mais amplos do que pretendiam os atos individuais e coletivos. Essas finalidades e atos teleológicos se realizam, pois, no presente. Este se baseia metodologicamente numa lógica, realizada no presente. Ou seja, Lukács indica que, na ontologia hegeliana, o presente histórico funda-se numa lógica. Donde ressalva-se que as categorias lógicas não correspondem a determinações do pensamento, mas surgem como fruto do movimento da realidade. Isso é representativamente um avanço em relação às ontologias de Platão, Aristóteles, entre outros.

Sua ontologia baseia-se na história, na razão e na procura de uma sistematização lógica.

A lógica não é tida como o ponto inicial para a constituição do seu sistema. Ele não buscava um sistema universalista, mas sim desenvolver uma lógica absolutamente distinta das precedentes; visava à criação de uma lógica dialética. "A criação do sujeito-objeto idêntico, a transformação da substância em sujeito são os veículos dessa passagem da totalidade do ontológico em um sistema lógico." (Lukács, 1971, p. 52).

Na lógica, há a criação de um meio homogêneo de pensamento, em que a estrutura que a constitui é distinta da realidade. Esta é, na verdade, heterogênea. E, nessa realidade, tem-se a historicidade que é, por si mesma, universal e se move mediante contradições. Assim, "a processualidade do pensamento é conseqüência da processualidade de toda realidade." (Lukács, 1971, p. 29). Como rapidamente mencionado, Hegel difere do Iluminismo na medida em que abandona a unidade entre razão e natureza, mas sem deixar de lado o ponto central da concepção iluminista: a idéia de que a razão é produto específico dos indivíduos, como eles são na realidade. É válido ressaltar que o Iluminismo precisou passar do materialismo (mecanicista, como aponta Lukács) para o idealismo, já a tradição da filosofia alemã, na tentativa de dar suporte ao não apartamento entre natureza e sociedade, precisou passar da filosofia do idealismo o conhecimento da natureza. A peculiaridade da concepção hegeliana fundamenta-se, como mencionado, na busca por uma logicização, o uso do elemento da lógica na sua ontologia. "Só com Hegel é que a lógica – reelaborada por ele num sentido dialético – torna-se portadora da nova ontologia." (Lukács, 1971, p. 33).

Essa nova ontologia, no entanto, apresenta pontos problemáticos, alguns já esboçados por nós, e o que se refere à caracterização hegeliana do sujeito-objeto idêntico. Nesta, reside a dificuldade da concepção ontológica de Hegel: "a teoria do

sujeito-objeto idêntico constitui um mito filosófico, o qual – com essa suposta unificação de sujeito e objeto – deve necessariamente violentar os fatos ontológicos fundamentais." (Lukács, 1971, p. 35). Ressalva-se que, mesmo tecendo críticas à teoria do sujeito-objeto idêntico, também usada por Lukács em *História e Consciência de Classe*, ele percebe, nessa teoria, a existência de um momento progressista, na medida em que, mesmo equivocada, pois demasiadamente idealista, são abertos caminhos novos para o pensamento. No mais, Lukács (1971, p. 35) elucida a problemática em que a filosofia clássica alemã se envolveu em sua tentativa de questionar e romper com concepções iluministas:

> "A tragicidade histórico-filosófica da filosofia clássica alemã, em particular de Hegel, consiste precisamente no fato de que tal filosofia- ao tentar superar simultaneamente o elemento mecanicista do materialismo e o elemento transcendente subjetivista do idealismo kantiano – foi levada a postular a identidade do sujeito e do objeto, ou seja, foi levada a uma posição não só insustentável enquanto tal, do ponto de vista de alguma ontologia realista, mas também a uma posição que, sob alguns aspectos, pertence a um passado superado, no qual a diferenciação entre materialismo e idealismo ainda não se havia desenvolvido com a nitidez e clareza que passou a ter a partir do iluminismo, até produzir a contraposição recíproca de ambos."

A base logicista, em que se edifica a ontologia, como já mencionado, é composta por elementos da lógica. Por um lado, a sua concepção propicia a fundação de uma nova forma de dialética; por outro, torna-a excessivamente dependente de categorias lógicas de conteúdos ontológicos. Isso forçosamente conduz conteúdos ontológicos a adequações logicizantes.

De forma geral, a filosofia de Hegel, essencial para as formulações e reformulações lukacsianas, está direcionada para a apreensão da história e da sociedade. Para que isso seja concretizado, é preciso que se compreendam as dimensões do ser. Na medida em que este constitui o elemento central, atuante da história e da sociedade. Daí ele fundamentar a sua filosofia numa lógica distinta das demais. Esta é dialética e intenta chegar a um sistema lógico do ser e do devir ser, no âmbito do ser em si. Não obstante, percebe-se a existência, na lógica hegeliana, de uma subordinação da filosofia. Isso fez com que Hegel incorresse no erro de estender para a esfera social, problemáticas que suscitaram deformações da perspectiva ontológica. Disso resulta a

proposição lukacsiana que compreende o quão arenosa é a apreensão das bases categoriais hegelianas versadas na dialética. Na passagem abaixo, ele afirma:

> "É por isso que tinham razão os clássicos do marxismo quando falavam em **não rechaçar a dialética hegeliana, mas de 'invertê-la', de 'colocá-la' sobre os pés. Todavia, esse processo crítico é muito mais complexo e muito mais radical do que imaginavam aqueles epígonos** que consideravam poder trazer á luz, com uma simples inversão de sinal, as verdades e falsidades; uma rede que aparece em Hegel, diga-se de passagem, de modo particularmente intricado." (Lukács, 1971, p. 51).

As proposições da citação precedente ilustram a necessidade de se considerarem as assertivas postas pela dialética hegeliana envolta na sua visão ontológica da realidade e na busca de entendimento do ser social. A realidade é apreendida numa totalidade de complexos que correspondem em si mesmos, totalidades também. Estas são, por si, elementos fundamentais na dialética de Hegel e na sua apreensão do mundo, da realidade e no entendimento do ser.

Outro filósofo essencial para a formulação da perspectiva ontológica lukacsiana é Karl Marx. Nas obras deste, a ontologia está fundamentalmente presente nas temáticas em que ele se debruçou a analisar: o solapamento das formas manipulatórias do sistema capitalista, o exame deste, a correção da metodologia segura para se chegar à verdade e entender a realidade, a elevação e o conhecimento das potencialidades do gênero humano, por exemplo. A preocupação com algum tipo de ser é, por isso, capital. Contudo ele não desenvolveu, de maneira sistematizada um tratamento autônomo acerca dos problemas ontológicos.

Na sua fase juvenil, Marx parte da filosofia hegeliana. Para ele, a ontologia de Hegel se estabelece na unidade assentada pela perspectiva do sistema entre a lógica, a ontologia e a teoria do conhecimento, já que "o conceito hegeliano de dialética implica, no próprio momento em que põe a si mesmo, semelhante unificação e, inclusive, tende a fundir uma coisa com a outra." (Lukács, 1971, p. 11).

A ontologia de Marx diferencia-se da ontologia de Hegel por haver um afastamento dos elementos lógico-dedutivos e no âmbito do desenvolvimento histórico

das concepções teleológicas, ou seja, na perspectiva marxiana da história não há uma visão teleológica daquela.

De tal modo, Marx tratou a filosofia da natureza. Ele rechaçou a separação tão corrente no meio alemão, entre natureza e sociedade. Todavia é importante apontar para o fato de ele ter dado um tratamento em que a percepção das inter-relações entre as duas esferas da realidade eram fundamentais. Assim, ele vai reconhecer a existência de uma ciência unívoca que abarque tanto a sociedade quanto a natureza (Lukács, 1972, p. 15). A historicidade e a processualidade na natureza estão presentes nos fundamentos metodológicos da ontologia marxiana.

Tanto a sociedade como a natureza pressupõem um ser. Este corresponde ao ser social, que implica o ser da natureza orgânica e inorgânica, interdependentes. Um depende do outro, e isso é um aspecto fundamental que envolve a visão marxiana de totalidade, também adotada por Lukács. Sublinha-se que, na ontologia marxiana, não é feita uma simples transposição das leis naturais para a sociedade, como se fazia correntemente nas concepções evolucionistas.

Assim, o ser em suas múltiplas faces é percebido em seu conjunto histórico. As categorias não são tomadas como enunciados sobre o que é e do que se torna, mas ao contrário, como formas que se movem e que são movidas da própria matéria, ou seja, estão em constante mudança para que possam existir. Nesse ponto, ressalta-se a existência da relação entre matéria e consciência. Segundo Marx, a consciência vem depois da matéria, ela é produto do desenvolvimento tardio do ser material, e isso não a coloca em segundo plano dentro de sua perspectiva ontológica materialista.

Todavia existe sim uma prioridade ontológica no que tange às categorias que compõem o ser social, de tal modo que, se forem tomados, por exemplo, o ser e a consciência, aquele tem prioridade em relação a esta, pois o ser pode existir sem a consciência, mas o contrário é inviável. “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.” (Marx apud Lukács, 1972, p. 41).

Ademais, como já mencionado, a relação intrínseca entre o ser orgânico e este, desenvolve-se a partir de um ser inorgânico.

Para eleger as categorias específicas do ser social, Lukács vai pontuar o caráter complexo que ele tem, tornando premente a percepção dos elementos específicos de cada grau do ser social, em seu conjunto. Por isso, deve-se considerar a totalidade para

que seja viável a apreensão deste ser. A passagem precedente trata de um mote fundamental: a importância da categoria da totalidade para o entendimento do ser social em si. Para isso, Lukács toma a estrutura do ser como sendo viável ontologicamente em complexos dinâmicos, que formam totalidades relativas. As categorias singulares, se tomadas fora da totalidade e pensadas em si, não possuem historicidade e, dessa forma, não podem ser explicitadas ontologicamente. "Só quando constituem totalidades parciais, complexos que se movem de modo (relativamente) autônomo, segundo leis próprias, é que o processo de explicação do ser é também histórico." (Lukács, 1972, p. 117). Assim, exemplifica Lukács, a vida do homem é caracterizada por um complexo que se articula com outros complexos, como a sociedade. Nesse caso, tem-se uma relação de totalidades dos homens entre si com o meio social do qual fazem parte e o instituem.

Outro aspecto essencial observado na ontologia do ser social, com suas influências hegelianas e marxianas, é a fundamentação do ser social na sua categoria mais central, que é o trabalho. Quando se elenca o trabalho, a linguagem, a cooperação e a divisão do trabalho, como categorias centrais do ser social, Lukács explicita a cabal imbricação entre elas e a possibilidade do surgimento de "novas relações da consciência com a realidade e, em decorrência, consigo mesma, etc. Nenhuma dessas categorias pode ser adequadamente compreendida se for considerada isoladamente." (Lukács, 2004, p. 1).

Fazendo um caminho de retorno a Marx, percebe-se, para ele, assim como para Lukács, que o trabalho significa, desde o início de seus escritos, a protoforma, a forma primeira que irá transformar e autotransformar os homens, possibilitando atos teleológicos e saltos ontológicos. Pois, o trabalho, como trabalho útil, é, como afirma Marx, "a condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade; é uma necessidade eterna, que tem a função de mediatizar o intercâmbio entre o homem e a natureza (...)" (Lukács, 1972, p. 16). Através dele é que se processa a transformação do homem pelo trabalho e se dá a possibilidade de atuação sobre a natureza, ao empregar seus recursos para a intervenção sobre o meio. Nesses aspectos é que são postas as finalidades do trabalho; aquilo que previamente está constituído na cabeça das pessoas. Essa construção anterior ao delineamento do que irá ser construído é a teleologia. As mudanças no meio e na percepção dos indivíduos que trabalham representam, por sua vez, o salto ontológico.

Esse salto é perceptível e imprescindível na fundamentação da filosofia marxiana. Quando critica a Economia Política Clássica, Marx expõe, de maneira elucidativa, o método dialético e o questionamento da metodologia empregada por aquela, com o objetivo de desmistificar a percepção do ser, em meio ao capitalismo, apontando as inter-relações que alicerçam a realidade. Mediante a sociedade burguesa, vista como a mais complexa e mais bem desenvolvida historicamente em termos de produção, Marx vai ressaltar que na sociedade mais complexa, encontra-se a chave para as menos complexas, de onde vem a famosa frase que afirma que, na anatomia do homem, está uma das chaves para a anatomia do macaco.

Na perspectiva marxiana, a economia não é tomada como uma ciência particular, como ocorre na economia clássica. Nesta, parte-se das abstrações, separando-se e analisando os elementos arrolados à economia e depois se relaciona com outras formas de conhecimento desenvolvidas para arrestar diversos fenômenos sociais, tal como a sociologia. Para a ciência burguesa, como Lukács a vê, os argumentos e resultados obtidos são justapostos com outras áreas de conhecimento. Diferentemente para Marx, e, posteriormente, para Lukács, a ciência econômica está inter-relacionada como os demais fenômenos da sociedade. A economia parte indubitavelmente da totalidade do ser social e retorna a essa mesma totalidade.

Esse tipo de ciência é, para Marx e Lukács problemática. Ela atribui cientificidade aos fatos em si, e nas conexões por elas estabelecidas, caindo num empirismo ingênuo, em que os fatos tomados inicialmente, por seu inseparável caráter de ser, dos fatos dados, se tornam ontológicos. Ademais, é ingênuo porque estava circunscrita ao elemento imediatamente dado, não se voltando para as necessárias mediações "frequentemente deixadas de lado até mesmo as conexões ontológicas decisivas." Lukács (1971, p. 23)

No mais, e isso marca uma atividade fundamental para Marx e Lukács - bastante influenciado por aquele na *Ontologia do Ser Social* -, a ciência é desenvolvida mediante a vida e, nesta, os indivíduos se articulam de maneira espontaneamente ontológica, de tal modo que, para se exercer uma atividade minimamente científica, a passagem para esta requer a ontologia para a constituição científica. Essa constituição é desenvolvida na vida. Para o nosso autor, essa passagem à cientificidade pode ou não explicitar a espontaneidade ontológica que exercemos na vida cotidiana, reiterando o que fora dito: a vida não deve ser excluída da ciência que se pretenda crítica.

No método marxiano, as abstrações são realizadas seguindo um direcionamento distinto das ciências burguesas, como afirma Lukács. Elas são determinadas a partir da coisa em si, do cerne ontológico do que está sendo analisado, e não por meio de uma perspectiva gnosiológica e metodológica, como realizado em HCC. Naquela metodologia, a objetividade e a subjetividade estão imbricadas, como nos mostra Marx apud Lukács (1972, p. 68), através de sua investigação sobre consumo: "a fome é fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozida, que se come com faca e garfo é uma fome muito distinta da que devora a carne crua, com unhas e dentes." Com isso, apreende-se que o que é produzido no meio social é, representativamente, o objeto de consumo e o modo de consumi-lo. Nessa assertiva, a imediaticidade, tão comumente concretizada por distintas visões não ontológicas, é mediatizada através da mudança concernente à historicização do objeto (a carne) que adquire um novo caráter subjetivo, correspondente ao modo de comê-la. Assim, ao longo do desenvolvimento do ser social, a necessidade imediata de se comer, por exemplo, ganha novas configurações, relacionadas ao meio social que, dependendo das condições de existência, imprime *modus* no trato social e transforma, subjetivamente, a maneira de lidar com os interstícios do mundo social. Em outra passagem, Marx (apud Lukács, p. 69) vai afirmar:

> "O objeto de arte, tal como qualquer outro produto, cria um público capaz de compreender a arte e de apreciar a beleza. Portanto, a produção não cria apenas um objetivo para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto."

Tanto com a carne, como através da arte, estão arrolados o sujeito e o objeto, na ontologia marxiana. Para a compreensão dessa relação e do ser social de maneira interligada, é premente o entendimento da realidade. Esta é o ponto inicial do pensamento e corresponde a manifestações reais do ser social. Os fatos precisam ser analisados e apreendidos como parte constituinte de um complexo posto em relação a outros complexos. Ademais, para o entendimento da realidade, há de se observar que esta é formada por interações com complexos que possuem outras relações no seu interior, e institui relações também heterogêneas com o seu exterior, o que caracteriza o conhecimento aproximativo. Donde as relações, mesmo vistas na totalidade, têm um aspecto de infinitas possibilidades (Lukács, 1972, p. 109).

Nesse sentido é que Georg Lukács buscou a captação, de maneira mais correta e aprofundada, da realidade e de sua relação fundamental com o ser social. Diferentemente da fase de HCC, quando a perspectiva epistemológica era decisiva, um salto capital é realizado na sua última obra: a percepção da fundamentação da ontologia como essencial para apreensão dos nossos atos e para a contiguidade com a realidade, ambos extensivos e interdependentes entre si.

Por isso, coloca, o tópico a seguir volta-se para as categorias da totalidade e da *Aufhebung*.

### 1.3.1 As categorias da Totalidade e da *Aufhebung*

> "A aspiração à totalidade é uma obsessão que acompanha toda a obra de Lukács". (Frederico, 2005, p. 61).

Seja na visão epistemológica ou na ontológica, duas categorias são recorrentes nas análises dos intelectuais lukacsianos delimitados. A categoria da Totalidade e a categoria da *Aufhebung* são adotadas fortemente por influência das concepções de Georg Lukács. Ambas encontram-se seguramente nos trabalhos realizados pelo húngaro, a partir dos anos de 1920, por ocasião de sua adesão a uma visão de mundo comunista, que o leva a uma produção de conhecimento dialético-materialista. Todavia, como demonstrado na seção anterior, a busca por uma perspectiva que o conduzisse à apreensão da realidade de forma interligada, não estanque, é perceptível já na *Teoria do Romance,* escrita no período da Primeira Guerra Mundial. Ela representa uma mudança teórica de Kant para Hegel, em que se vê a assimilação da sociologia alemã, nas concepções teóricas de Weber, Simmel e Dilthey. Há a sinalização do momento conflitivo dos anos de 1914, como já aludido por nós, que angustia Lukács e, em decorrência, promove uma desordem pessoal e acentua um messianismo, mais fortalecido. "(...) A Teoria do Romance surgiu, pois sob um estado de ânimo de permanente desespero com a situação mundial." (Lukács, 2003a, p. 8). Assim, ele procura, através da análise cultural, uma figura redentora que viabilize a mitigação da realidade atomizada. Dostoievski representa essa possibilidade.

Com a adoção da perspectiva hegeliana e as assertivas estéticas dostoievskianas, Lukács elabora a *Teoria do Romance.* Nela esboçou a trajetória da forma épica,entendendo os problemas atravessados pela cultura na modernidade, assim como os novos modos de apreensão desta, que, desprendida da grande épica, se encontra desmantelada na sociedade capitalista. O universo grego é, nesse momento, o *locus* de sonhos nostálgicos para nosso autor: nele era possível uma cultura não fragmentada, totalizante, distinta da realizada no mundo moderno. Lukács via, nesse momento, que, em oposição à sociedade da totalidade, se edificava uma cultura problemática. Ressaltamos que, nessa fase, a totalidade para ele é muito diferente da constituída no período marxista, como veremos mais adiante.

A totalidade de 1916 estaria relacionada à época grega, assinalada por uma utopia saudosista:

> "Nosso mundo tornou-se infinitamente grande e, em cada recato, mais rico em dádivas e perigos que o grego, mas essa riqueza suprime o sentido positivo e depositário de suas vidas: a totalidade. Pois a totalidade, como *prius* formador de todo fenômeno individual, significa que algo fechado pode ser perfeito; perfeito porque nele tudo ocorre, nada é excluído e nada remete a algo exterior mais elevado; perfeito porque tudo nele amadurece até a própria perfeição e, alcançando-se, submete-se ao vínculo. Totalidade do ser envolvido pelas formas; quando as formas não são uma coerção, mas somente a conscientização, a vinda à tona de tudo quanto dormitava como vaga aspiração no interior daquilo a que se devia dar a forma ; quando o saber é virtude e a virtude, felicidade; quando a beleza põe em evidência o sentido do mundo" (Lukács, 2003ª, p. 31).

Quando trata da grande epopéa e do romance (objetivações da grande épica), Lukács visa à forma mais acabada para se atingir a totalidade, vivenciada na Grécia Antiga, rumo à mudança social (Lukács, 2003a: 55). A totalidade na epopeia caracteriza-se pela compleição de um todo de vida fechada mediante ela própria; o romance visava encontrar e edificar, através da forma, "a totalidade oculta da vida." (Lukács, 2003a, p. 60).

Na cultura moderna, ao contrário, Lukács vê a alienação do homem em relação às estruturas empreendidas na sociedade da época, fragmentadora e solapadora de valores qualitativos. A saída despertada nas obras de Dostoievski aponta para uma estética marcada pela ética. Com ela, a ideação de resgate da totalidade alicerçadora de uma formação humanista, fomentadora das potencialidades dos indivíduos.

Passados dois anos, Lukács modifica, ainda mais profundamente, sua postura teórica, política e metodológica e de um hegelianismo denso, encontrado no livro de 1916: ele apreende a concepção de mundo de Marx e inicia o delineamento radicalmente importante, no âmbito marxista, sobre a categoria da totalidade. Foi precisamente nos decênios de 1920 que se tem configurada uma *Weltanschauung* dialética. Nesse momento, as alterações e superações, que coadunam e caracterizam todo percurso de Lukács, de modo fecundo e constantemente crítico, se fazem presentes na forma de aplicar a categoria da totalidade. Inicialmente através de uma perspectiva epistemológica e, posteriormente, dentro de um ponto de vista ontológico. Como mencionado, essas mudanças não se deram de forma estanque, apartadas, mas num processo marcado por mediações, em que as rupturas e preservações as fundamentam, guardando uma essência dialética radical.

Em *História e Consciência de Classe*, a totalidade é percebida, no decorrer da obra, como essencial para a apreensão factual do método dialético, posto em oposição ao método das ciências naturais, edificadas, mais enfaticamente, tendo como um de seus objetivos a contestação da dialética. A aplicação do método das ciências da natureza era consequência da visão de mundo capitalista, que impingia o apartamento das relações humanas, bem como da divisão do trabalho, que se perfazia nas análises sobre a realidade, mediante a diversidade científica das humanidades. Donde, o método elegido era um transposto da natureza para as ciências sociais.

> "Esta tendência da evolução capitalista vai ainda mais longe; o caráter fetichista das formas econômicas, a reificação de todas as relações humanas, a extensão crescente de uma divisão do trabalho que atomiza, abstrata e racionalmente, o processo de produção sem se preocupar com as possibilidades e capacidades humanas dos produtores imediatos, transforma os fenômenos da sociedade e, com eles, a sua apreensão. Surgem fatos isolados, conjuntos de fatos isolados, setores particulares com suas leis próprias (...) ao passo que a dialética, que, por oposição a estes fatos e a estes sistemas isolados e isoladores – insiste na unidade concreta do todo e desmascara esta ilusão, como ilusão produzida pelo capitalismo, que parece uma simples construção" (Lukács, 2001, p. 71-73).

Logo, a dialética materialista aplicada à história fundamentava-se na categoria da totalidade, que atentava para a interligação dos fatos e elementos sociais, vistos como interdependentes. Porquanto se fazia basilar um método que fosse unitário para apreender as particularidades da realidade social.

Ainda, em 1920, em um dos artigos de HCC, intitulado *A Reificação e a Consciência do Proletariado*, Lukács delineia a questão acerca da imediaticidade e da história, essenciais para o entendimento do real. Segundo nosso autor, o cerne da história reside nas mudanças das configurações estruturais das sociedades. Pois, para se compreender o processo 'evolutivo' da história, este precisa ser visto em meio à totalidade que é, para ele, indiscutivelmente, a única capaz de apreender a realidade como um *devir* social:

> "É o ponto de vista da totalidade e não a predominância das causas econômicas na explicação da história que distingue de forma decisiva o marxismo da ciência burguesa. A categoria da totalidade, a dominação do todo sobre as partes, que é determinante e se exerce em todos os domínios, constituem a essência do método que Marx tomou de Hegel e que transformou de maneira original para dele fazer o fundamento de uma ciência inteiramente nova. (...) E o que há de fundamentalmente revolucionário na ciência proletária não é apenas o fato de opor à sociedade burguesa conteúdos revolucionários, mas sim, em primeiro lugar, a essência revolucionária do próprio método. *O reino da categoria da totalidade é o portador do princípio revolucionário da ciência*" (Lukács, 2003, p. 41).

A totalidade tinha como pressuposto o caráter integrado dos dados que, tão somente, adquiram lógica quando referidos ao todo. A inserção da categoria da totalidade foi elaborada através de uma tentativa de aplicação da perspectiva marxiana, ou seja, para Lukács empregar esse recurso metodológico, ele buscou, a partir das proposições de Marx, extrair as abstrações e limitações hegelianas. "Ao pegar na parte progressista do método hegeliano, a dialética como conhecimento da realidade, Marx não apenas se separou dos sucessores de Hegel, como operou uma cisão na própria filosofia hegeliana" (Lukács, 1974, p. 32).

Consequentemente, o húngaro agrega as concepções hegelianas e marxianas, dando relevo ao materialismo histórico, à totalidade e, influenciado pela dialética, reintroduz a noção da *Aufhebung*, extraída das considerações de Georg Lukács na passagem precedente. Nesta, observamos o aspecto alusivo à necessidade da reflexão ordenada das esferas sociais em seu conjunto global, prontamente, as relações do contexto histórico-social e político-cultural com e na totalidade histórica.

Mas qual a definição da *Aufhebung?* De acordo com as interpretações expostas nos *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*, de Karl Marx, publicado no país, em uma recente e importante tradução elaborada por Ranieri (2004), pode-se perceber que o

substantivo alemão de significado amplo é tomado pelo tradutor do texto como supra-sunção:

> "posto que o que se deve reter é a dinâmica do movimento dialético que carrega consigo, no momento qualitativamente novo, elementos da etapa que está sendo ou foi superada ou suprimida, ou seja, a um só tempo, a eliminação, a conservação e a sustentação qualitativa do ser que supra-sume." (2004, p. 16).

Usualmente aplicado por nós, como negação, preservação e superação de elementos da realidade concreta. Assim, tomamos a *Aufhebung* como referente à própria constituição de um pensamento de inspiração lukacsiana no Brasil. Ela viabiliza a análise dos desenvolvimentos e mudanças das gerações de intelectuais inseridas no contexto histórico-social e político-cultural brasileiro e de sua relação com a totalidade, através das instâncias que negam, preservam e superam categorias lukacsianas, como já aludimos.

Retomando a explicitação da categoria da totalidade, percebe-se que ela se faz presente ao longo do itinerário intelectual de Lukács[23], bem como os momentos da *Aufhebung,* substratos do seu pensamento dialético. Para ele, o que o materialismo pretendia era, a partir da totalidade, ter uma visão aprofundada da realidade, considerando as nuanças dos complexos que a compõem. A ciência deveria ser analisada a partir da história, concebida como um processo mutável, não linear e não particularizado: "Para o marxismo, em última análise, não há, portanto, uma ciência jurídica, uma economia política e uma história, etc., autônomas, mas somente uma ciência histórico-dialética, única e unitária, do desenvolvimento da sociedade como totalidade" (Lukács, 2003, p. 107).

A inclinação lukacsiana objetivava, portanto, o encontro da totalidade na acepção metodológica, direcionada para a verdade. Como nos indica com propriedade Celso Frederico, em um dos seus textos sobre a explicação do pensamento de Lukács: "a totalidade segue sendo vista como um registro basicamente epistêmico. Nesse contexto, o método é o caminho para a verdade." (2005:70).

Nas décadas de 1930 e 1940, a perspectiva da totalidade começa a ser modificada, sob a influência leninista. Em *Marxismo ou Existencialismo*, trabalho realizado em fins dos anos 40, a totalidade é urdida em mais um momento da explicação

[23] Como atesta Carlos Nelson Coutinho: "(...) mas o fato é que Lukács jamais abandonou sua inspiração metodológica – princípio da totalidade – que inspirou a sua obra de 1923" (1996, p. 16)

do método dialético materialista, à luz do entendimento da realidade. Sujeito e objeto não mais se apresentam como em HCC, explicitada na noção de sujeito-objeto idêntico, abordado por nós, e sim em seu caráter aproximativo: "porque o conhecimento que podemos ter da totalidade é necessariamente relativo, sendo apenas uma aproximação." (Lukács, 1967, p.141). Portanto a totalidade, ao ser usada para se apreender a realidade social, nos revela a possibilidade de vermos as partes que lhe dão substrato, e de termos uma percepção das interligações que se relacionam com esses complexos. Para Lukács, a totalidade significa:

> "de um lado, que a realidade objetiva é um todo coerente em que cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação com cada elemento e, de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades, ligadas entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas."(Lukács, 1964, p. 40).

Disso entende-se a precisão de perceber no todo e em suas partes as interpenetrações e as relações de contigüidade que as transcorrem. Sem que isso seja concretizado, a totalidade se torna impossível de ser apreendida. Objetivamente e subjetivamente, a referida categoria se apresenta no modo como o sujeito social realiza suas atividades, na realidade concreta e como essa realidade está arrolada frente ao sujeito. A desmistificação da realidade, dirimida e obscurecida pelo pensamento burguês, no sistema capitalista, impede a percepção dos sujeitos da sua totalidade e de suas particularidades. É, tão somente, com a aproximação da realidade, que os indivíduos podem se reencontrar na sua totalidade e se reconhecer na sua humanização.

Aproximadamente dez anos depois de *Existencialismo ou Marxismo*, no período correlato à redação da sua poderosa *Estética* e da formulação da *Ontologia do Ser Social*, Lukács esboça decisivamente a categoria da totalidade. Ela é exposta ao longo dos capítulos que compõem o texto, resultando da aplicação da mesma. Sua caracterização e definições estão presentes, sobretudo nos capítulos referentes à *Falsa e a Verdadeira Ontologia de Hegel* e *Os Princípios Fundamentais de Marx*. Daquele, Lukács apreende a assertiva que confirma que o existente, o que existe se faz numa totalidade; seja ela objetiva ou subjetiva. Daí a relevância de relacionar, de modo intrínseco, ambas as instâncias.

Ainda na ontologia hegeliana, é efetivada uma hierarquização que visa dar conta do grau de desenvolvimento, grosso modo, da justaposição entre sujeito e objeto. No sujeito-objeto idêntico, os dois âmbitos que o constituem ficam em posições distintas. A natureza fica na escala mais baixa, e a sociedade, na mais elevada.

No âmbito social, a totalidade é diferente do âmbito da natureza, dada de maneira contígua. Não obstante, a totalidade imediatamente dada e a compreensão da realidade caem, indubitavelmente, em representações. O imediato não pode ser compreensível de modo totalizante, pois há de se perceber as mediações e os interstícios da realidade. Para conhecê-la, é necessário o uso de abstrações isoladoras, que constituirão o método apropriado a ser aplicado à ciência que busque uma visão envolta pela totalidade. A totalidade é, pois, uma categoria central para a compreensão do ser social e de suas relações, sendo fundamental para o método lukacsiano do conhecimento.

De modo genérico, a totalidade, nos anos 1960, adquire um caráter ontológico, que mitiga o fetichismo do método, bem como sua capacidade equivocada de autonomia frente ao processo histórico, transitório e contínuo da realidade. "À consciência, não cabe a tarefa de 'organizar' a realidade, mas de refletir o seu automovimento, entregando-se à vida própria do objeto para assim poder reproduzi-la conceitualmente." (Frederico, 2003, p. 70). Com isso, é pontuada a perspectiva ontológica lukacsiana, voltada para a compreensão da subjetividade humana e a constante crítica às formas de manipulação capitalista isoladoras e reificantes.

Após expormos o que pretendemos examinar no decorrer deste trabalho, é interessante que voltemos agora para a contextualização histórica e social brasileira e fixemos como se deu a chegada do marxismo lukacsiano entre nós. Esse ponto será basilar para entendermos como o espírito crítico de Georg Lukács contribuiu para que intelectuais marxistas pudessem lançar mão da herança política e teórica do filósofo de Budapeste, a fim de interpretar a realidade social do país em sua totalidade e em seu movimento de transformações.

# CAPÍTULO 2

# ESQUERDAS E ACADEMIA BRASILEIRAS: UMA RELAÇÃO DIALÉTICA ACERCA DO CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

Do período introdutório da inserção das ideias marxistas no Brasil aos seus desdobramentos teóricos, metodológicos e políticos, constituíram-se, entre a intelectualidade, possibilidades de análise social do país, em meio a investidas marxistas, tais como: as leninistas, trotskistas, stalinistas, gramscianas, dentre outras; destacamos a corrente lukacsiana do conhecimento. Para entendermos a fixação no Brasil, desta vertente (do pensamento e da ação) é fundamental apreender as dificuldades da recepção do marxismo aqui, além dos meandros articulatórios, desenvolvidos sobre a realidade social brasileira, pelos intelectuais que a compõem. Há, também, a imprescindibilidade de refletir acerca do nosso contexto político-social, para que seja abrangida a significância do processo histórico e as suas características conjunturais atreladas às concepções marxistas.

Consequentemente, trataremos da relação entre os momentos correlatos a modificações históricas no país, a partir dos anos 1960 até a atualidade, e a recepção lukacsiana. Destacamos o Golpe militar de 1964, alistado às esquerdas, e a academia - instâncias das quais faziam parte a *intelligentsia* influenciada por Georg Lukács – que sinaliza um período de questionamento substancial da sociedade. A presença do pensador húngaro favorece novas perspectivas de ação concernentes ao descortinamento da realidade. Nesse sentido, conforma-se a fase inicial do marxismo lukacsiano no Brasil, que se estendeu pelos anos 1980, no instante de redemocratização política e de mais um fôlego da produção de conhecimento dos lukacsianos, até hoje. Essa fase traz à

baila o incremento, as transformações e negações do uso analítico das acepções do nosso autor. Asseveramos que a apreensão do contexto se faz dialeticamente, ou seja, compreendemos que a investigação precisa considerar que tanto o contexto interfere nas análises da realidade, como as avaliações atuam como interventoras daquela, continuamente.

Num primeiro instante, mostraremos, *en passant*, a chegada das ideias marxistas e sua proximidade com as concepções da corrente positivista, como foi urdida no Brasil. Esse aspecto relevante no desdobramento inegável relação que se estendeu aos âmbitos políticos e intelectuais, congregando uma parcela do quadro de pesquisadores marxistas.

Posteriormente será comentado o marxismo brasileiro, nomeadamente suas tendências políticas mais significativas. Por conseguinte, vislumbramos de que modo e em que momento se deu a requisição do marxismo de Lukács, em suas origens, e como isso está configurado atualmente.

Por fim, o capítulo se encerrará com a abordagem dos principais meios de difusão do pensamento lukacsiano, dos anos 1960 à atualidade.

## 2.1 Breve esboço sobre a presença inicial do marxismo no Brasil: idéias socialistas e positivistas

As primeiras investidas do marxismo no Brasil datam de fins do século XIX e início do século XX, quando a presença deste atrelava-se ao socialismo. A definição do termo nos revela a forma como a relação entre marxismo e socialismo foi estabelecida.

O marxismo aqui posto era sinônimo da expressão socialismo científico ou socialismo positivo – empregado pelos franceses em torno dos anos de 1880 (Batalha, 1995 e Moraes Filho, 1991). No nosso país, ele findou sendo usado pela intelectualidade como 'socialismo marxista'. Grosso modo, difundiu-se, no Brasil, uma visão que partia de autores provenientes da tradição evolucionista, como Herbert Spencer e Charles Darwin, e da positivista, representada por Augusto Comte. O positivismo detinha, no país, prestígio significativo e caracterizava a fala de alguns pensadores, como indica a seguinte passagem, extraída por Evaristo de Morais Filho de um artigo de Euclides da Cunha, publicado na Folha de São Paulo em maio de 1904 e reproduzida aqui. (2007:26)

> "Seja qual for este regime por vir traduza-se pela proteção constante do indivíduo pela sociedade, como pensa Spencer, ou pelas inúmeras repúblicas, em que diferenciará o mundo, segundo acredita Augusto Comte – ele será, antes de tudo, perfeitamente civilizador. Que se passe sem lutas este dia notável. O socialismo, que tem hoje uma tribuna em todos os parlamentos, não precisa se despenhar nas revoltas desmoralizadoras da anarquia."

O ambiente intelectual brasileiro estava, como se vê, propício para que os delineamentos teóricos de Karl Marx adentrassem no país, por vias cientificistas e positivistas. Como consequência, tivemos uma confusão acerca da leitura e da interpretação do material bibliográfico que aqui chegava. Daí se acredita que essa conjuntura facilitou o desdobramento de um tipo de marxismo equivocado, que, ao vincular, diversas vezes, ideias das duas correntes citadas, reforçou a opinião de um determinismo e de um economicismo em primeira instância, difundido tempos depois pela nossa intelectualidade também nas Universidades. Isso facilitou a criação de um segmento intelectual, que tendia a ler Karl Marx, fundamentado por uma ótica já pré-estabelecida e errônea.

Além disso, a chegada de "textos de vulgarização" contribuiu para permanência daquele marxismo frouxo (Batalha, p.14). Isso é bem plausível, visto que, mesmo na Europa, onde nasceu Karl Marx (1818-1883), a difusão de suas concepções foi difícil de se concretizar e de serem apreendidas (Filho Moraes:2007; Konder 2009). A publicação do *Manifesto do Partido Comunista* (1848) possibilitou escasso reconhecimento entre trabalhadores no velho continente e nos Estados Unidos, e teve algum eco também no Brasil. Mas foi mediante a formação da I Internacional Comunista (1864) que Marx galgou a dianteira dos movimentos do operariado mundial. Em seguida, com a Comuna de Paris (1871), ele começou a adquirir um pouco mais de prestígio, mesmo tendo uma visão contrária a Comuna, como deixado claro pelo próprio na ocasião da Internacional.

No Brasil, seu nome também é apresentado por meio da contribuição do socialismo francês de Benoit-Mâlon,[24] um dos implementadores da Associação Internacional na França. À época, Benoit-Mâlon tinha audiência aqui por ser um dos principais teóricos do socialismo, corrente de dado conhecimento entre grupos de pensadores brasileiros. O socialista francês disseminava ideias, que procuravam reunir noções advindas do positivismo francês, "que [pretendia] englobar não apenas a luta política e econômica (limitação que atribui ao socialismo marxista), mas todos os campos da atividade humana, como a ciência, a filosofia e a moral." (Batalha, 1995:23).

O certo é que a noção de marxismo que foi primeiramente introduzida no país marcou-se justamente pela prolação de perspectivas filosóficas, que aparentavam aceitabilidade (ideias de Marx-Engels mal compreendidas e aplicadas por comentadores europeus, como Benoit-Mâlon, atrelados ao positivismo e ao evolucionismo[25]). Uma parcela da *intelligentsia* local, "[difundia] uma visão do marxismo que resultava de uma leitura positivista." (Batalha, 1995:14), como verificado na ideia que o estudioso Farias Brito (apud Morais Filho, 2007), apontou para a resolução da crise moderna.

---

[2424] É importante enfatizar que a presença de autores franceses no Brasil teve um peso significativo no que se refere à difusão das ideias socialistas. Para maior esclarecimento, vide Carone E. (1986). Acrescentamos também que Benoit-Mâlon, juntamente com Ferri, foram - ao que indica a nossa bibliografia - os principais divulgadores do marxismo no país. (Morais Filho, 2007; Carone, Del Roio, 2007)

[25] Konder (2009:114) explicita a presença do evolucionismo entre os jornais socialistas, que circulavam em São Paulo, a exemplo do *Avanti,* que recebeu a colaboração do professor italiano Antônio Piccarollo. Ele chega ao país 1904. "Seu ponto de apoio é o folheto *Do socialismo utópico ao socialismo científico,* ao qual ele se refere como 'admirável livrinho de Engels'. Na difusão da concepção materialista da história, o êxito do folheto de Engels contribuiu para que a dialética se dissolvesse no evolucionismo. E esse abandono da dialética em proveito do evolucionismo se manifesta, com muita clareza, na perspectiva do professor Piccarollo."

Farias de Brito exemplifica, significativamente, essa leitura positivista ao citar Marx por Benoit-Mâlon e Enrico Ferri[26]. Acrescido à ótica positivista, a recepção do marxismo no país se realizou também por meio de traduções francesas, que, em algumas ocasiões, pecavam pela incompreensão sobre as concepções marxianas. Por via de consequência, o que se conhecia do marxismo e seus desdobramentos eram prontamente problemáticos, com apropriações equivocadas feitas por alguns de nossos formadores de opinião a ler sobre o socialismo e a interpretá-lo, ou a estudar a realidade brasileira. A exemplo de Guedes Coutinho e Farias de Brito, pode-se inferir que: "na verdade, ninguém havia ainda lido profundamente, estudado ou se dedicado ao marxismo." (Carone, 1986:29).

Nesse mesmo período, no lustro do século XIX, se dá a chegada de levas de imigrantes europeus, requeridos para o labor na agricultura. Com alguns deles, chegaram também ideias socialistas e noções da figura de Marx, que teve o seu nome proferido no país em 1871, no jornal do Partido Liberal, *A Reforma,* que falava justamente do desacordo do alemão, com a Comuna de Paris (Konder, 2009:97; Morais Filho, 2007). Em 1872, o jornal republicano do Recife, *Seis de Março,* lança uma série jornalística, sobre as ideias de Karl Marx, feitas a partir de traduções de comentadores espanhóis.

Entre os nossos intelectuais, Marx é citado em 1874, por Tobias Barreto, em *Socialismo e Literatura.* De acordo com Evaristo de Morais Filho (2007:23), "sem dúvida alguma, coube a Tobias a citação entre nós, pela primeira vez, da obra fundamental de Marx (*O Capital*) na edição alemã." Além de Tobias Barreto, outros integrantes da chamada "Escola do Recife" a citar Marx foram Sílvio Romero e Clovis Beviláqua.

Ainda, durante a I República (1889 até 1930), são publicados, em alemão, no meio operário, escritos de Marx e Engels, nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo. (Carone, 1986:59). Ressalta-se que, além do fato de a presença germânica restringir-se ao sul do país, poucas pessoas falavam o idioma alemão e o operariado dessa origem, diferentemente dos de outras nacionalidades, não

[26] O socialista italiano (1856-1924) era uma pessoa bem conhecida na América - Latina. Foi diretor do jornal Avanti e veio ao Brasil em 1908. (Konder, 2009:146).

mantinham contato com pessoas de origem étnica distinta. Isso dificultava a difusão dos parcos textos marxianos[27] de que eles tinham noção.

Por tudo isso, até 1914, os nomes dos dois autores aparecem no Brasil, em português e italiano, apenas esboçados em textos, mormente jornalísticos. Somente a partir de 1917, ano da Revolução Russa, a introdução das concepções marxianas começam a chegar por outra via. A vitória do comunismo na Rússia suscitou uma onda de entusiasmo pela obra deles e de Lênin, e estabeleceu, nos círculos positivistas, influenciados pelo socialismo, e anarquistas, o interesse pelo comunismo. Todavia, mesmo com a repercussão da revolução de 1917, e os novos adeptos do comunismo, a exemplo de Leônidas de Rezende, Astrojido Pereira e Luís Carlos Prestes[28], é legítimo afirmar que, até o decênio de 1920, Marx e Engels eram pouco conhecidos no Brasil, não havendo pessoas que desenvolvessem estudos atinentes a nossa realidade, mediante concepções marxianas, mas apenas admiradores dos dois filósofos comunistas. (Carone, 1986).

### 2.1.1O contexto e as tendências de esquerda no país

A relação estabelecida inicialmente entre concepções socialistas e positivistas contribuem para a compreensão de dois elementos substanciais, que perpassam a análise do presente trabalho, a saber: a academia e as esquerdas. O marxismo e o positivismo estão no fulcro dessas instâncias. Em primeiro lugar, podem indicar a proximidade adquirida pelo marxismo com o socialismo e com o positivismo que, no século XX, fora inserido na academia brasileira. Em segundo lugar, refere-se à própria consolidação de um tipo de vertente política que se apresentava em consonância com os interesses de parte da sociedade local burguesa: a ideia crescente de desenvolvimento econômico, político e social e do fortalecimento do progresso. Essas conjecturas dizem algo sobre a receptividade contraída pelo marxismo no Brasil entre a *intelligentsia* e sua conecção, em muitos momentos equivocadas, com aquelas percepções norteadoras da sociedade.

---

[27] Carone, Edgar (1986) fornece uma rica análise sobre a presença de Marx no Brasil, através de levantamentos estatísticos acerca da bibliografia traduzida para o francês, inglês e espanhol, sobretudo no início do século XX até 1964.

[28] O professor Leônidas de Resende tentou adaptar as idéias de Marx às de Comte. Astrogildo Pereira foi o fundador do Partido Comunista – PCB.

Isso foi perpetrado pelos usos de alguns de nossos intelectuais e "interpretes[29]" - como Otávio Brandão, 1924; Antônio dos Santos Figueiredo, 1926; Leônidas de Rezende, 1932; e, fecundamente, por meio da visão crítica de Caio Prado Júnior - acerca dos nossos problemas sociais, ao longo dos anos em que o marxismo foi auferindo algum prestígio e ganhando adeptos no país.

Mas, quais as mudanças que contribuíram para a inflexão da recepção do marxismo no Brasil? Esses equívocos foram alterados? A produção de conhecimento local melhorou? Para que possamos responder a essas questões, é primordial entender como o país se encontrava e o papel da esquerda nesse cenário.

No século XX, o Brasil vivencia a mudança do sistema escravista para o capitalista e, com ele, o processo de aumento e desenvolvimento social, econômico, político e cultural. A urbanização, o impulsionamento da industrialização brasileira, crescimento da pequena-burguesia, aumento acelerado da população, a imigração constante e cada vez maior trazem à tona não só novos elementos culturais que se destacam na culinária, no vestuário, nos idiomas e sotaques, mas, sobretudo, na necessidade do povo, que surge como "categoria política fundamental" (Ianni, 1971:13), para reivindicar direitos na sociedade capitalista em formação e consolidação. É, pois, a partir da Primeira Guerra que as esferas societárias médias e operárias, no campo e nos centros urbanos, ganham contornos mais fortemente políticos. As relações entre a antiga aristocracia e a burguesia em ascensão, o proletariado, a burocracia militar e civil, bem como as novas relações com os países capitalistas de maior expressão mundial (Inglaterra e Estados Unidos) cooperam, portanto, para desencadeamentos político-econômicos (tenentismo, revoluções, greves de operários, movimentos esquerdistas, crise de 1930, getulismo, democracia populista, ditadura de 1964, movimentos armados, etc.). Essas mudanças locais, indubitavelmente, se correlacionam às configurações mundiais, imprimidas pelo sistema em questão, no decorrer do século precedente, com o imperialismo norte-americano, as duas guerras mundiais, a crise de 1929, a revolução russa, as internacionais comunistas, dentre outras.

Em meio à transição da sociedade urbano-industrial, se intensificam filosofias políticas como o marxismo. Os anos compreendidos entre 1914 e 1920 são basilares para os desdobramentos políticos das esquerdas e das camadas sociais brasileiras,

[29] Resende e Caio Prado foram os primeiros a desenvolver estudos importantes em bases marxistas no Brasil.

sobretudo as pertencentes aos setores mais pobres. O operariado, que se desenvolve na proporção em que se ascende a industrialização no país, representa o estrato social de capacidade reivindicatória. Fundamentava-se politicamente em tendências distintas, tais como o anarquismo, o anarcossindicalismo (relação entre correntes anarquistas e o sindicalismo revolucionário), o sindicalismo revolucionário, o reformismo e o socialismo[30], tendo sido, nesta última vertente, que as ideias de Marx foram mais expostas.

No entanto eram grandes as dificuldades do operariado em ler a bibliografia marxiana. O que havia era o conhecimento de táticas de movimentos sindicais nos seus países de origem (Alemanha, Itália, Portugal), já que, grande parte do referido estrato era composto, no final do século XIX e durante as duas primeiras décadas do século XX, por imigrantes italianos e pessoas com menos acesso à educação. Como já aludido, as poucas obras de Marx de que se dispunha, sobretudo, *O Manifesto do Partido Comunista*, eram lidas por imigrantes alemães e por intelectuais, estes através de traduções francesas. (Carone, 1986), quando não eram vistas por autores socialistas que pouco compreendiam Marx, como o já citado Benoit-Mâlon. Não obstante, permanecia o interesse pelo sindicalismo e pelo socialismo entre os operários imigrantes. Isso, seguramente, não era sinônimo de marxismo. O sindicalismo representava os interesses imediatistas do operariado acerca da melhoria salarial. Dentre eles, imperava também o apelo anarquista, tão difundido na Europa do século XX e que ganhou repercussão entre nós, ao contrário da visão bolchevique, que através da ditadura proletária, necessitava da continuidade temporária do Estado. O anarquismo o dispensava, pois o via como uma forma tirânica de poder, que se opunha à idéia de liberdade, colocada na essência da corrente em questão[31].

De todo modo, as tendências de esquerda adquiriam repercussão no movimento operário. Por volta de 1908, é fundado, em São Paulo, o Centro Socialista Paulistano, sob a égide do evolucionismo empreendido por um de seus fundadores, o professor italiano Antônio Piccarollo, também colaborador do jornal brasileiro, escrito em italiano, *Avanti.* Ele atrelava o nome de Marx ao movimento operário do Brasil. No

[30] É importante observar que o socialismo que mais repercussão teve no país foi o francês. Este socialismo jacobino era, segundo Hobsbawn (apud Konder, 2007), impermeável à entrada do marxismo. Daí residia sua impossibilidade de transmitir ideias marxianas a contento.

[31] No início de 1920, disputas são travadas em jornais, como *A Plebe* (Edgard Leuenroth), *A Obra* (Florentino de Carvalho) e a *Voz do Povo* (José Oiticica), em torno do bolchevismo e do seu Estado provisório.

Recife e no Rio de Janeiro, esse movimento contraía gradações cristãs (através de João Ezequiel de Oliveira Luz) e "ecléticas". Isso apontava para a precariedade teórica, que prevalecia entre nossos marxistas, como afirma Leandro Konder no seu ótimo livro *A Derrota da Dialética* (2007:115):

> "Abertura espiritual e frouxidão conceitual caminhavam, infelizmente, juntas. E a teoria, desgastada pelas facilidades das concessões ecléticas, perdia sua capacidade de ajudar a hierarquizar os objetivos perseguidos na prática (...). O movimento operário emergente era sensível aos ideais do socialismo, porém seus líderes não tinham noções concretas de como deveria ser uma política de luta pela transformação socialista da sociedade."

Como mencionamos, em 1917, a Revolução Russa chama a atenção para os nomes de Lênin e de Trotsky, causando impacto entre os operários daqui.

> "Nos desdobramentos da Revolução Russa, as histórias da URSS e da Internacional Comunista se entrecruzam de diversas formas com o movimento operário e suas organizações políticas, servindo como influxo teórico importante para as formas de difusão do marxismo." (Del Roio, 2007:53).

Após ela, em 1918, tem início um movimento grevista com aspecto de levante, sob a organização dos anarquistas (Silva, s/d), os quais haviam desenvolvido grande visibilidade entre as classes subalternas brasileiras. Inspirados nos bolcheviques, mas não no marxismo, almejavam uma revolução libertária no Brasil, de modo que, no mesmo ano, é criada, em Porto Alegre, a União Maximalista (Zaidan, 1985). Em 1919, é fundado, no Rio de Janeiro, um grupo Comunista. Posteriormente, é estabelecido o núcleo do agrupamento em São Paulo. Todos eram abertos tanto a anarquistas como aos socialistas do movimento proletário. Contudo, as rusgas entre as tendências eram freqüentes, tanto que, em 1920, as divergências ascendem e, por exemplo, a ideia que os libertários (anarquistas) faziam a respeito da Revolução Russa, acerca do apoio dos seus companheiros russos, como Bakunin, caem por terra. Esse equívoco de informação, também realizado por causa das repressões do Estado brasileiro liberal, repercutiu nos jornais operários. Estes recorriam às interpretações da imprensa local, que apresentava, além de erros de tradução, as coerções do contexto brasileiro e mundial belicoso. A imprensa distorcia acontecimentos, o que não impediu que se tomasse notícia, mesmo que superficial, das ações da esquerda na Rússia bolchevique. (Zaidan, 1985).

As disputas entre os anarquistas, em 1920, sobre as ações políticas e posturas dos bolcheviques resultaram numa divisão dentro da própria ala política: de um lado, estavam os anarquistas, que simpatizavam com o partido comunista russo; e do outro, os que eram terminantemente contrários ao comunismo-marxista e defendiam o comunismo anarquista sem o elemento federativo do Estado. Assim, em meio a desacordos prático-filosóficos, nos anos 1920, Astrojildo Pereira, um dos libertários mais convictos, mesmo retendo traços anarquistas, passa ao comunismo e inaugura, no Rio de Janeiro, o primeiro "Grupo Comunista". Essa alteração de ponto de vista mostra que Astrojildo estava trilhando uma mudança de fundo ideológico, que traria grande impacto ao país. (Del Roio, 2007).

A percepção da urgência de uma organização articulada no núcleo do movimento esquerdista brasileiro contribuiu fatalmente para a adoção das práticas comunistas e o direcionamento do sindicalismo no país. Nesse período, se pensava na importância da organização prática para o desenvolvimento das esquerdas, formada por intelectuais e proletários, estes largamente influenciados pelos anarquistas. Nessa fase, a grande indústria, apesar de crescer, ainda existia em forma nascente, o que representava um entrave às questões de organização. A intelectualidade, que buscava racionalizar o movimento, não alcançava o objetivo pelo fato de o operariado estar à margem da sua situação real frente ao processo produtivo, político e cultural. Mesmo com a iniciativa das greves, como estratégia de ataque, faltava-lhe "desenvolver formas de organização imprescindíveis a ações prolongadas, de efeitos duradouros." (Konder, 2009:133). Junto a isso, havia o pouco conhecimento sobre o marxismo, mesmo que alguns operários tivessem a possibilidade de leitura, como outrora citado, e dos esforços de outros membros das classes trabalhadoras, como Edgard Leuennroth, um dos principais representantes do anarquismo brasileiro[32], a adquirir alto nível cultural.

Diversamente dos anarquistas, os social-democratas brasileiros tinham, possivelmente, mais conhecimentos sobre Karl Marx, já que conectados à Segunda Internacional Comunista. Através dos intelectuais Mariano Garcia e Estevam Estrella, a social-democracia local foi influenciada. Com propostas reformistas, delineava

[32] O anarquismo, no Brasil, foi representativamente significativo, mas como nosso objetivo é uma breve incursão sobre a introdução das tendências de esquerda e suas relações com a divulgação do marxismo, não há espaço para uma observação pormenorizada. Trabalhos como os de Konder (2009) e a coleção "História do Marxismo no Brasil", em alguns artigos dos seus seis volumes, trabalham esse aspecto aprofundadamente.

questionamentos da própria esquerda, principalmente dos anarquistas e dos anarcossindicalistas. Eles eram acusados de estabelecer relações com a burguesia e de serem pouco combativos. Estrella tentava, ademais, difundir Marx nas suas matérias para os jornais *Gazeta Operária* e *A reforma.* Neles, intentou explicar a mais-valia e o salário não pago. Essa tentativa de divulgação não impediu que, nas disputas com o anarquismo, valessem mais as práticas da social-democracia ao longo da história na Europa do que as ideias de Marx. (Konder, 2009).

> "vê-se ainda àquela altura do século a doutrina marxista era mal interpretada, admitida como reducionista a um único postulado, de crítica fácil, quando os seus próprios criadores reconheciam a interdependência dos fatores sociais e não viam na superestrutura um mero epifenômeno mecânico da estrutura das formas materiais de produção." (Morais Filho, 2007:39).

Em 1922, Edgard Leuenroth redige juntamente com Antônio Romingues, Antonio Cordon Filho, Ricardo Cipolla, João Penteado, Rodolfo Felippe, Emílio Martins, João Peres e José Rodrigues um manifesto que afirmava a necessidade de organização dos anarquistas, o reconhecimento da ineficiência desse movimento e a premência de se distribuírem seus componentes em grupos para uma articulação entre si.

As disputas entre anarquistas e com os socialistas foram se agravando, favorecendo a criação, também em 1922, do Partido Comunista do Brasil.

Este era composto por ex-anarquistas e alguns socialistas. Eram 70 partidários no país, que objetivavam a organização política do proletariado, em torno de um partido de classe. A finalidade era a mudança do sistema capitalista para o comunismo, aos moldes do implantado na Rússia.

É nesse contexto de industrialização, crescimento do proletariado, revoluções internacionais que as esquerdas brasileiras estavam se consolidando. Além das disputas travadas entre as correntes esquerdistas, como o anarquismo, o socialismo, o reformismo, etc, imperava, no país, a falta de compreensão do marxismo, das práticas políticas pela disputa de espaço no cenário local. As camadas operárias e intelectuais ainda não dispunham de ferramentas apropriadas (acesso a textos marxianos, maturidade política, interpretações sobre o Brasil de base materialista dialética,

atividades reivindicatórias ordenadas) para se desenvolverem politicamente, na práxis, e realizar reflexões acerca da nossa realidade. Ademais era clara a força que os ideais positivistas tinham aqui, não só entre as elites, (vide a frase impressa na bandeira nacional: "ordem e progresso"), mas também entre as distintas correntes políticas. Elas agregavam noções ideológicas conservadoras, como as supracitadas, e elementos considerados de esquerda. Além disso, havia, na II Internacional Comunista, um apelo forte ao evolucionismo. (Cf, Lukács, 2002; Konder, 2009; Zaidan 1985).

> "Esse fenômeno se verificou entre os socialistas e anarquistas brasileiros do começo do século 20, que se mostraram, em muitos casos, extremamente receptivos à influência de correntes teóricas prestigiadas pela ideologia das classes dominantes, como o evolucionismo, o positivismo e o cientificismo, em geral." (Konder, 2009:140).

Eles estavam difundidos no meio das camadas proletárias, que imprimiam esforços para solicitar avanços nas condições de trabalho, de melhor remuneração, e a oposição, dos anarquistas, ao Estado institucionalizado. Os processos negativos atuaram como estimuladores do que Leandro Konder chamou da "derrota da dialética" em nosso país, onde o marxismo estava a se implantar e se desdobrar ao longo das décadas do século XX, entre a intelectualidade local, na sua falta de compreensão do que Karl Marx e Friedrich Engels argumentavam sobre a dialética, na origem da recepção do 'marxismo', das idéias e tendências de esquerda (anarquistas, socialistas, etc.).

Não obstante, o que se quer mostrar é que, mesmo com os equívocos postos quanto à interpretação e o entendimento do modo de agir das esquerdas, foi através de intelectuais ligados a elas que se tornou possível o acesso a *pensadores-atuantes*[33] (marxistas da práxis), como Antonio Gramsci e Georg Lukács, nos anos 1960. Os intelectuais de esquerda, em sua maioria, compunham a "vanguarda cultural" do Partido Comunista brasileiro. Mas, antes de verificarmos suas atuações nas esquerdas e na divulgação do marxismo de Lukács, cabe-nos apresentar, em linhas gerais, alguns aspectos do partidão e o papel que ele representou para o labor político e teórico dos nossos lukacsianos.

[33] Termo nosso.

### 2.1.2 O Partido Comunista Brasileiro

Criado no início dos anos 1920, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) é, em dada medida, exemplo das deficiências teóricas e táticas que perpassavam o marxismo brasileiro. Seu reconhecimento junto à Internacional Comunista (IC) ocorreu em 1924, dois anos após a sua fundação, o que denota essas duas lacunas. Conforme Zaidan (1985), a falta de discussão entre as lideranças do movimento operário sobre o socialismo no país e internacionalmente estão no fulcro da formação dos comunistas brasileiros e, consequentemente, da própria fundação do Partido Comunista, trazendo resultados preocupantes. O fraco conhecimento teórico por parte de integrantes do partido é um exemplo significativo disso. Além do mais, como bastante enfatizado aqui, havia a presença de ideias positivistas, que acompanhavam alguns dos principais articuladores da esquerda, como Astrojildo, Luis Carlos Prestes, entre outros.

"O positivismo foi, no início da República, a expressão político-ideológica do 'jacobinismo' brasileiro, tendo se tornado, assim, uma proto-ideologia de dois grandes movimentos sociais: o Trabalhismo e o Comunismo". (Zaidan, 1985:20).

O PCB era constituído por operários e profissionais liberais: Abílio de Nequete, Astrojildo Pereira, Cristiano Cordeiro, Hermogênio Silva, João da Costa Pimenta, Joaquim Barbosa, José Elias da Silva, Luiz Peres e o espanhol Manuel Cendon. Apenas este integrante tinha conhecimento da filosofia marxista, mas pouco influenciou seus companheiros de partido, tendo em vista seu falecimento já em 1927. (Cf. Konder, 2009).

O estatuto do PCB tinha, por fundamento, os regulamentos do Partido Comunista Argentino, em que se buscava a compreensão, a ação internacional dos trabalhadores, a organização política do operariado em partido de classe, a aquisição do poder e a procedente modificação política e econômica da sociedade do capital, para uma sociedade formada em bases comunitárias. ( Silva, s/d).

Mas, com o desfavorecimento teórico e político que o marcava, houve o empecilho para o reconhecimento do PC brasileiro em 1922, e também o impedimento (impossibilidade) da feitura de elaborações analíticas sobre a nossa realidade social. Não obstante, é importante destacar que, ainda nos anos 1920, alguns esforços para a divulgação da teoria marxiana fora realizada. Da tradução do Manifesto Comunista, pelo ex-anarquista Otávio Brandão (1896 – 1980), em 1923, a própria continuação do

partido PCB significou o empenho dos comunistas na busca por uma melhoria política e teórica, que representasse um avanço para uma possível mudança do *status quo* capitalista.

Nessa época, o país vivenciava a modernidade do capital e, com ela, o agravamento das contradições sociais. Muito havia de ser sopesado e questionado pelas esquerdas, a partir dessa conjuntura de mudanças políticas, econômicas e culturais expressas pela burguesia industrial, pelo liberalismo manchesteriano em união com o liberalismo fordista e a ascensão de momentos artísticos que se entrecruzavam com a idéia de uma especificidade nacional, como o movimento modernista[34].

Internacionalmente o comunismo atravessava um momento de reavaliação e de rompimento "teórico-prático com o reformismo social democrata (e sua inspiração positivista)" (Del Roio, 2007:27), com ecos também no Brasil. O fato é que as posturas dos comunistas estavam em fase de alteração nos dois momentos e de organização e identificação, no primeiro.

Certamente o que preponderava no meio esquerdista nacional era o uso de material teórico indicado pela Internacional Comunista, lido em espanhol e francês. (Del Roio, 2007). E, mesmo com a afirmação de Del Roio, de que, nos primórdios do PCB, a existência de intelectuais era parca, ficando o doutrinamento teórico a cargo de Astrojildo Pereira e Otávio Brandão. A intelectualidade também desconhecia as ideias de Marx. Logo, não podia injetar uma perspectiva acurada sobre o marxismo. Ainda assim, é interessante retomar o argumento de Del Roio (2007, p.29) sobre os percalços para a absorção do marxismo "à realidade brasileira e da relutância da intelectualidade – firmemente ancorada à perspectiva da desigualdade étnica e social – em reconhecer a possível autonomia das massas na construção do devir histórico." Precisávamos de amadurecimento teórico para escamotear ideias inconsistentes e engessadoras da realidade, como as que abordavam o determinismo étnico.

O passo tomado pelo PCB, no sentido de examinar nossa realidade à luz do marxismo, começa a se desdobrar, embrionariamente, na metade dos anos 1920, por meio de

[34] O período de fundação do PCB e do surgimento de outros agrupamentos de esquerda, como o trotskismo é deveras amplo. A conjuntura cultural fervilhava, e a economia crescia, se diversificava e impulsionava relações mais complexas entre as diferentes camadas sociais. O intuito dessa seção e do presente capítulo é tão somente abordar o Partido Comunista para que se entenda minimamente a ligação desse partido com os intelectuais lukacsianos. Um exame do modernismo, do liberalismo e do capitalismo em ascensão fogem ao nosso propósito. Todavia, é de muito valor esse exame para que tenhamos uma perspectiva mais profunda dos anos de 1920 e 1930 no Brasil.

Otávio Brandão, com "Agrarismo e industrialismo", obra publicada em 1926. (Del Roio, 2007 &Konder, 2007), que adquire contornos mais fortes, apenas nos anos 1960.

Ainda na sua etapa de fundação, no PCB, e sob os estímulos da Revolução Russa, surge o segmento dos trotskistas, que galga sua trajetória no país. Com ele tem-se aberto mais uma fonte de questionamento das esquerdas para se pensar a realidade brasileira. As disputas teóricas e táticas entre as perspectivas de Josef Stalin e Vladmir Lênin chamam a atenção no seio do movimento operário brasileiro. Após o retorno da Rússia do ativista de esquerda Mário Pedrosa, configura-se o início da introdução das ideias de Leon Trotsky aqui. Segundo Silva (s/d), Pedrosa, ao lado de operários gráficos integrantes do partidão, são afastados do PCB, por sua aceitação e defesa das teses da Oposição de Esquerda. Articulados ao Grupo Bolchevique Lenine, lançam um jornal, intitulado "Lutas de Classe", contrário às posturas políticas e teóricas do dado partido. Estiveram presentes mais profundamente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Após a Revolução de 1930, é fundada a Liga Comunista Internacional (LCI). Para os trotskistas, a política partidária está atrelada às vontades de classe, não se centrando em um indivíduo, mas sim, na representação de um partido. "Os indivíduos só valem politicamente na medida em que são representantes diretos de uma classe, de um partido." (Idem, 51). A oposição a Prestes era muito forte, pois era visto como político a se pôr acima das classes. Ainda seguindo as idéias de Trotsky, seus partidários buscavam a revolução permanente, contrariando a perspectiva stalinista, adotada pelo PCB, da revolução em um só país.

Nessa época, é implantada, no partidão, a política de proletarização, ou obreirismo, que visava colocar no comando do partido comunista, "nos cargos das instâncias partidárias" já stalinizado, membros operários, e não intelectuais como Astrojildo Pereira. O acirramento dessa política se fortaleceu nos anos 30, culminando na análise da adesão de membros intelectuais, que necessitavam comprovar que eram operários. Comunistas e trotskistas se unem em 1934, contrários ao integralismo de Plínio Salgado, acusado de ideias fascistas. Não obstante, as disputas entre trotskistas e comunistas eram constantes e as críticas de ambos contundentes. Estes eram questionados por aqueles quando estabeleceram alianças com a burguesia.

O PCB apóia, ainda, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), movimento popular fundamentado em concepções democrática, nacionalista e reformista, vindo, anos

depois, a cair na clandestinidade, assim como ocorreu com o partido comunista, no governo Vargas, no início do Estado Novo (1937).

Nos anos 1940, o PCB volta à legalidade. Nesse momento, há um crescimento do quadro de partidários. Mais próximo do governo populista de Vargas, junto à política de contenção de despesas, o partidão não faz greves, o que abala trabalhadores. Ainda nessa fase, o partido expõe a ideia que impede o contato entre trotskistas e comunistas. (Cf. Silva:72). Essa herança perpassou alguns de nossos intelectuais, como afirma Konder ao se referir a Michael Löwy, o único trotskista dentre os nossos lukacsianos.

Dos anos 1940 aos anos 1960, a relação entre trotskistas e comunistas pouco se alterou, já as relações entre o PCB e o governo oscilou em alguns momentos, ficando o partido ora na legalidade, ora na ilegalidade. (Silva, s/d).

Sumariamente, uma das grandes dificuldades, não apenas do PCB, mas das esquerdas como um todo, foi prontamente a inadequação da investigação da realidade brasileira, junto à teoria marxista. “Por mais fecunda, entretanto, que seja uma teoria, tratá-la como um dogma, ou o que dá no mesmo, não ser capaz de tratá-la criticamente, é como servir-se de uma tecnologia importada da qual não se dominam princípios.” (Morais Filho, 1995, p.57).

Seguindo essa linha de raciocínio, o autor (Morais Filho, 1995, p. 64 – 66) mostra que é viável a distinção do marxismo em três principais etapas. A inicial reiterava a força teórica dos principais dogmas vigentes ditados pelos líderes do comunismo internacional. A segunda etapa (1940 aos anos de 1960) dava ênfase a uma possível autonomia teórica, mesmo que parcial, por parte dos marxistas brasileiros. Buscava-se a criação de uma cultura política marxista, que propiciasse uma fundamentação crítica pelos marxistas daqui para o desenvolvimento de exames sobre a realidade local.

A terceira etapa de compleição do marxismo brasileiro caracterizava-se por uma necessidade de revisão das táticas empregadas e de uma retomada da teoria marxista, por intermédio das diversas correntes marxistas brasileiras, necessidade cabal para os lukacsianos (Konder, Coutinho e Chasin) que surgem, ligados ao PCB, nos anos 1960.

## 2.4 Os intelectuais lukacsianos nos anos 1960

Em fins dos anos 1950, ocorre o processo de desestalinização na antiga URSS. A Internacional Comunista passa a estabelecer um doutrinamento que diminui a relevância teórica e política de Stalin junto aos Partidos Comunistas. No Brasil, esse acontecimento propiciou um duplo desdobramento. Se, por um lado, a partir das frestas deixadas pela desestalinização do Partido Comunista, jovens atrelados a ele puderam desenvolver algo de novo, que aventava um modo de explicar a realidade brasileira com propriedade dialética, por outro, o partido comunista guardava ainda resquícios da herança política stalinista. Dentro dele, grupos de partidários com perspectivas distintas sobre as doutrinas da IC procuravam articular-se e injetar visões de mundo mais libertadoras das potencialidades dos sujeitos da ação. No conturbado contexto do início da década de 60, que, quatro anos depois, punha a nação não só ao jugo do proselitismo do governo militar, fez, ademais, através do Ato Institucional número 5, com que os brasileiros perdessem sua liberdade de expressão.

Com o partido comunista na clandestinidade, jovens pensadores marxistas começaram a condensar suas propostas e expô-las através de textos e artigos. Ideias novas, embasadas em concepções de filósofos marxistas, iam à contramão do quadro de pensamento stalinista. É nessa época que Konder, Coutinho, Löwy, Chasin e, logo após Netto, começam a conhecer e divulgar Georg Lukács no Brasil. Em tempos de mais uma reformulação da política do PCB, a injeção de autores que pensavam diferentemente e de modo inovador ao estatuto stalinista obsoleto, equivocado e reacionário, contribuem para inflexões acerca da forma como se poderia acessar a realidade brasileira de modo mais radical. Como veremos no capítulo seguinte, a tomada de conhecimento das ideias lukacsianas não se deu a sua popularidade internacional, mas como os nossos intelectuais afirmam ocorreu graças ao acaso. Contrariamente, o húngaro sofreu perseguições dentro do movimento comunista internacional, taxado, muitas vezes, de revisionista e sem a precisão teórica requerida para um marxista. Em relação aos nossos intelectuais, estes compunham, no PCB, grupos mais à esquerda do partido. Mantinham uma postura crítica, mesmo em relação ao partido. A necessidade de alicerçar o PCB e reformular suas ideias era premente. Através de experiências pessoais, e munidos de grande curiosidade intelectual, nossos lukacsianos, leitores ferozes, especialmente da bibliografia comunista, viram que a situação do próprio partido e de mudanças no país solicitavam uma fundamentação teórica que viabilizasse um entendimento dos meandros da realidade brasileira. Lukács

surge, assim, em meio a um esvaziamento do pensamento e da política, que exigia incrementos e (re) formulações.

Como visto, o marxismo no Brasil foi, desde sua introdução, um acontecimento precário e problemático, estabelecido em concepções positivistas e evolucionistas, bem como pouco compreendido e usado para se entender as especificidades dos problemas nacionais. O período de "derrota da dialética" foi longo, mas começa a mudar com a leitura mais aprofundada de intelectuais, como o próprio Marx, Lênin, Lukács, Gramsci, dentre outros. Com um marxismo deveras distinto do empregado na URSS e seus seguidores, inclusive pelo PCB, o chamado "marxismo ocidental" conseguiu, a partir dos anos 1960, causar indagações entre os membros da esquerda.

Inicialmente, as críticas eram cabíveis no âmbito cultural, local de investigação dos intelectuais. As revistas da esquerda e do PCB publicavam artigos e textos traduzidos sobre a nossa cultura, alguns sob influência da perspectiva lukacsiana. Os jovens que começavam a se aproximar de Lukács, ao contrário do que se pode imaginar, não eram acadêmicos, estavam finalizando seus cursos de graduação em direito, filosofia e ciências sociais, e tampouco tomaram conhecimento das ideias de Georg Lukács, por meio da academia.

> "A recepção de Lukács deu-se basicamente pela jovem intelectualidade comunista e não através da universidade. Embora muitos intelectuais acadêmicos cultos conhecessem a obra de Lukács desde a década de 40, bem como alguns imigrantes (Otto Maria Carpeaux, Anatol Rosenfeld etc), que militavam no jornalismo cultural, quem, de fato, se empenhou abertamente na divulgação do pensador húngaro foram os intelectuais comunistas." (Frederico, 1995, p.184).

Como assinalamos, isso se concretizou por acaso, mediante as possibilidades que suas condições materiais e culturais lhes facilitavam. Os nossos intelectuais entram no movimento comunista e lá tentam pôr em prática suas ideias. Como amplamente mencionado por eles em entrevista, a conjuntura política brasileira em plena ditadura, as alterações no escopo do PC e, consequentemente, do PCB, impeliam a abertura da crítica cultural. Logo, o contexto político-social da década de 1960 não favorecia, assim como ocorreu com Lukács no período stalinista, uma posição mais direta sobre a realidade social: além de não haver espaço para uma posição dentro do partido que envolvesse a apreciação de suas ideias centrais, não se podia criticar o governo federal de forma explícita.

Os intelectuais do partido não tinham suas ideias cerceadas, mas elas estavam circunscritas à política cultural e fora da política *strictu sensu*. (Cf. Frederico, 1995; 2008; Konder, 2008; Antunes, 2008; Netto, 2008).

Segundo Frederico (1995), no país, antes do Golpe de 1964, quando Lukács tem sua divulgação primeira, a instância da cultura transitava com um pouco mais de liberdade (até os anos 1970) e foi através dela que se fortaleceu um ponto de apoio para as pessoas contrárias à ditadura militar.

> "A contestação do regime foi feita basicamente pela *intelligentsia* radicalizada, num momento dramático em que a classe operária encontrava-se desmobilizada e sofrendo uma repressão que os donos do poder não ousavam estender para a classe média intelectualizada". (Frederico, 1995, p. 188)

Nos anos 1960, percebe-se o surgimento de um segmento novo atrelado à burguesia radicalizava. Estava se constituindo, pois, um mercado de bens culturais, movimentado por produtores e consumidores de cultura.

Era nesse nincho que se poderia adquirir uma mobilização mais contundente de intelectuais nos partidos de esquerda. "Esse setor era o campo principal de ideias de esquerda e o núcleo de resistência ao regime militar." (1995, p. 188). Nessa fase, o Estado deu apoio a criação de uma indústria cultural televisiva, editorial– que publicava livros especialmente jornais, revistas, fascículos e outros produtos – fonografia de agências de publicidade. Amiúde, era prática comum dar empregos a artistas e intelectuais nas agências publicitárias. Se, por um lado, isso pareceu mais positivamente que negativamente, há de se ressaltar que, ao passo que a indústria cultural crescia, o Estado também contribuía para isso, mas conectava-se e injetava nela um desenvolvimento conservador, como lhe convinha. Um caso interessante da relação entre artistas de esquerda e a política dos anos 70 ocorreu com os sucessores do cinema novo.

Para José Mário Ramos Ortiz (1982:100), "o cinema novo, nos seus primórdios, buscava um enigmático homem brasileiro, em sua ânsia de apreender a realidade brasileira." Isso expressava, segundo Ridenti (2004) uma estrutura de sentimento da brasilidade revolucionária. Essa questão, todavia, vai adquirindo novas adjacências ao longo do tempo: "A preocupação com o 'homem brasileiro' é uma constante no Cinema

Novo, mas o importante é acompanhar as transformações que ele sofre conforme as injunções políticas". Essas injunções políticas tendiam a espaçar a iminência imaginativa da revolução social. Após as derrotas de 1964 e de 1968, a busca por uma caracterização da cultura brasileira permanecia, mas alterava-se as características dessa procura, que foi deixando de ser radical para poder se manter viva na nova configuração política. Nos primeiros anos da ditadura, os herdeiros do Cinema Novo punham-se claramente na oposição, mas isso, em parte, mudou com a abertura política do presidente Geisel e a reorganização da Embrafilme. A posição do governo continuava ambígua: filmes financiados pela Embrafilme, por vezes, eram censurados, diferentes órgãos do Estado incentivavam e puniam uma dada produção.

A ambiguidade governamental, responsável possivelmente pela longevidade ditatorial, distingue as esferas da arte e intelectuais, como a própria universidade: o governo sobrepujava professores e estudantes tidos como perturbadores, mas o projeto de desenvolvimento solicitava investimentos expressivos em ciência e tecnologia, logo também na universidade. O governo procurava atender aos pedidos de modernização, que levou estudantes às ruas na década de 1960. (Ridente, 2004).

A sociedade brasileira foi ganhando nova feição, artistas e intelectuais que compartilharam de um sentido de revolução iam-se adaptando à ordem sob a ditadura. Essa pequena digressão corresponde a um incremento da relação entre o Estado e os produtores de cultura. A radicalização de intelectuais e o acesso à crítica da cultura favoreceu, por outro lado, um pensamento também renovador e inovador, que investia na análise da cultura brasileira e apontava para arbitrariedades estatais e os erros dos partidos de esquerdas. Nessa configuração, dentre artistas e intelectuais, estavam nossos lukacsianos. Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho, o primeiro no Rio de Janeiro e o segundo em Salvador, trocam correspondência e opiniões sobre Lukács. Firmam uma amizade continuada dentro do PC no Rio. Em São Paulo, José Chasin encontra, em Lukács, à época da graduação, possibilidades de pensar sobre a sociologia, através da crítica lukacsiana. Ainda em São Paulo, Michael Löwy, cursando Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, era o trotskista a ler Lukács e o que mais aproximação tinha com a academia, em fins dos anos 1950 e início de 1960, quando integrou o grupo "Para Ler O Capital". Como veremos no capítulo posterior, além das relações que os lukacsianos desenvolviam no partido, no ambiente social familiar (Konder era filho de comunista, Coutinho, de político, e Netto cresceu num bairro operário em Minas), há de

se considerar os autores que os interessavam mais fortemente. Fora Karl Marx, Vladmir Lênin, Lucien Goldmann (que utilizava concepções lukacsianas, até a fase de HCC), S. Freud, White Mills (caro a Lukács), Georg Lukács, Walter Benjamin, Theodor Adorno e Antonio Gramsci, por exemplo, apontam para o interesse por leituras que fugiam de um marxismo esquemático (no caso dos autores marxistas que mencionamos) e de um pensamento idem. A definição que nossos lukacsianos propiciaram com os esforços na divulgação da obra de Lukács foi, num momento inicial, a batalha por uma renovação dentro do próprio PCB e de uma disputa contra o pensamento irracionalista contra o positivismo, que, há anos, perpassava a nossa leitura marxista, seja entre as esquerdas ou na academia, nas faculdades de ciências humanas.

### 2.4.1 Da introdução do marxismo nas universidades

Importa-nos mencionar a inserção do marxismo na academia, sobretudo nas ciências sociais, área em que atuam nossos lukacsianos e, ainda, como estes contribuíram para que ideias de Georg Lukács chegassem a ela.

Nos decênios de 1930 e 1940, quando se instituem as primeiras universidades e, por conseguinte, os primeiros cursos superiores de ciências sociais e de sociologia no Brasil, alguns intelectuais tencionam adotar as perspectivas provenientes da tradição marxista. Autores como Antônio Candido e Florestan Fernandes, num primeiro momento, e outros como Caio Prado Jr., Nelson Werneck Sodré e Sérgio Buarque de Holanda, nos anos de 1940 e 1950, usam, em algumas de suas análises sobre a realidade nacional um instrumental marxista. Caio Prado Jr., entre os anos de 1930 e 1945, publica livros em que o materialismo histórico é empregado. *A Evolução Política do Brasil e Outros Estudos*, *Formação do Brasil Contemporâneo*, e *História Econômica do Brasil* são exemplos de análises de cunho marxista empreendidas por ele, um dos principais divulgadores do marxismo na economia. Não obstante, como afirma Mantega (1995, p.102), "será somente na década de 1950 que a análise marxista irá se consolidar (na economia), com o amadurecimento das obras de Caio Pardo Jr" [35].

Segundo Miceli (2001), o desenvolvimento institucional das Ciências Sociais nacionais, entre os anos 1930 a 1964, esteve atrelado aos esforços elaborados pela

[35] Para compreensão da presença do marxismo na economia brasileira, ver o instigante artigo de Guido Mantega, que se encontra no livro, "História do Marxismo no Brasil: Vol. II, Os influxos teóricos".

organização universitária e a obtenção de verbas do governo para a constituição de centros propiciadores de debates e análises, que não estavam ligados institucionalmente aos estabelecimentos de ensino superior.

Ainda de acordo com Miceli (2001, p.91), esses modelos de fomento dentro da área da institucionalização são presentes atualmente, na medida em que atendem às demandas distintas de grupos sociais emergentes, bem como às propostas desenvolvidas pelos grupos políticos dirigentes.

> "Vale dizer, o perfil intelectual das Ciências Sociais brasileiras variou em medida considerável conforme a margem de distância institucional em relação às escolas superiores tradicionais, conforme o grau de autonomia em face de seus mentores políticos, partidários e/ou confessionais, enfim conforme o espaço social de recrutamento dos quadros profissionais para as novas disciplinas." (Miceli, 2001, p.93).

Essa configuração dos primeiros elementos distintivos do processo de institucionalização atrela-se fortemente ao contexto histórico-social e político-cultural observados, inicialmente na década de 1930, e que se estenderam aos anos da ditadura militar em 1964, (Werneck Sodré, 2003). A aceleração do desenvolvimento das relações capitalistas e as desigualdades regionais se acentuam; o campo atrasado e a cidade desenvolvida marcam uma fase em que o processo de institucionalização das Ciências Sociais e seus desdobramentos indicam não só as temáticas adotadas pelos intelectuais, mas também as diferenças que essas temáticas explicitam. Entre elas, uma distinção regional que baliza os trabalhos acadêmicos e viabiliza distinções entre os centros de produção de conhecimento no Brasil. Assim, sudeste e nordeste diferem em suas escolhas acerca das formas de tratamento dos objetos de análise e das próprias temáticas. Freyre e Caio Prado Jr. são exemplos dessas posturas teóricas diferenciadas.

Culturalmente, há a percepção de que as mudanças políticas exerceram no cenário mundial. A Segunda Guerra Mundial modificou intelectualmente as influências exercidas no Brasil, por exemplo. As concepções teóricas europeias, que eram preponderantes antes da Segunda Guerra Mundial na feitura das Ciências Sociais brasileiras, perdem espaço para as influências vindas dos Estados Unidos. É a potência político-econômica "colonizando" boa parte da intelectualidade brasileira e trazendo formas de pensar as sociedades, a partir de um modo de análise distinto do europeu.

No Brasil, essas influências norte-americanas exercem uma preponderância forte e contribuem teoricamente no processo de institucionalização nacional. Ademais, o processo de implementação universitária se deu tardiamente. Havia uma necessidade de mostrar às nações "civilizadas", mais desenvolvidas, que o país tinha autonomia intelectual. Todavia,

> "As necessidades sociais, aqui, até que as relações capitalistas atingissem certo nível, foram perfeitamente atendidas, dada as estruturas da sociedade, pelo funcionamento isolado das faculdades[36], particularmente aquelas que provinham as necessidades quantitativas de profissionais liberais. A ideia de agrupar, em alguns casos, tais Faculdades em Universidades correspondeu, de início, mais a tendência imitativa do que à necessidade claramente manifestada. Sentia-se, aqui, a inferioridade que a ausência de Universidade traduzia." (Werneck Sodré, 2001, p.86).

Outro aspecto de singularidade do processo de formação das instituições de ensino superior, em um primeiro momento, e da criação de Universidades, em outro, atrela-se à própria institucionalização das Ciências no país e, mais especificamente, das Ciências Sociais, que é a necessidade dos intelectuais e das classes dirigentes em se posicionar frente ao mundo colonizador, desenvolvido, de forma a solicitar autonomia cultural e intelectual. Não obstante, ao mesmo tempo em que essa autonomia era requerida, existia uma forte dependência intelectual, que se evidenciava na medida em que os modelos de análise, para entendimento da realidade social, eram usados, por exemplo. Fora esse aspecto, é relevante se considerar as diferenças que se desenvolviam e se edificavam no sudeste, local de difusão do *modus operandi* e de teorias explicativas sobre o Brasil. Esse deslocamento, e a definição do local economicamente e politicamente com maior peso no cenário nacional, são delineados mais intensamente nos anos 1930, com o fortalecimento da economia no sudeste. Há de se considerar, como já mencionado, o contexto sócioeconômico e político-cultural para a apreensão das mudanças na estrutura constitutiva do país.

Ademais, no próprio sudeste, as posturas dos intelectuais são distintas. Inexiste uma homogeneidade intelectual. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, as temáticas e as

[36] É importante salientar que as primeiras instituições de ensino superior originaram-se, no século XIX, com o objetivo de suprir as demandas referentes ao processo de autonomia frente à colônia portuguesa, na formação de aparato jurídico. As primeiras instituições foram as faculdades de Direito do Recife e do Rio de Janeiro. Para um exame detalhado, vide WERNECK SODRÉ (2001).

posturas teórico-metodológicas e políticas divergem e configuram singularidades que delineiam as Ciências Sociais brasileiras.

As disputas entre os cientistas sociais e a classe dirigente de São Paulo e do Rio de Janeiro, assumem uma postura em torno da posição social a qual pertencem os primeiros à maneira como são reconhecidos no âmbito do conhecimento intelectual. (Miceli, 2001).

A formação do quadro de cientistas sociais em São Paulo, no início de sua institucionalização, atende ás demandas das classes intermediárias, que eram compostas, em grande parte, por famílias de imigrantes. Almejava-se um diploma de terceiro grau que fosse condizente com suas necessidades de ascensão social. (Miceli, 2001, p.99). Havia, pois, uma projeção mais modesta se comparada às profissões mais tradicionais e que eram mais preenchidas por grupos dominantes. Ademais, era intensa a presença de mulheres advindas do ensino primário[37].

Ainda em São Paulo, a compleição de pesquisadores estrangeiros no quadro das Universidades (USP) foi bastante significativa. Eles impingiram, não só concepções teóricas europeias, mas uma forma de trabalhar muito próxima dos seus países de origem, sobretudo a França. Assim, as regras e costumes da competição acadêmica se fizeram presentes e foram assimilados pelos discentes da USP. Com isso, o doutoramento tornou-se, naquela instituição, um passo substancial para a continuação na vida acadêmica.

Já no Rio de Janeiro, a constituição dos quadros das Ciências Sociais passou por um outro processo de assimilação dos docentes estrangeiros. No Rio, verificou-se uma forma mais branda das regras e costumes acadêmicos europeus. A organização universitária vivenciava uma disputa mais expressiva do que em São Paulo do enfrentamento entre as fracas hierarquias acadêmicas e os detentores do poder político, que estavam em posição de subserviência frente às classes dominantes. É válido apontar que, nesse período (anos 1930, 1940, 1950), o Rio de Janeiro era a sede do Governo Federal, o que pode ser um indicativo dessa situação singular entre academia e poder político. “O vigor institucional e intelectual das Ciências Sociais esteve, via de regra, ancorado em iniciativas assumidas ou encampadas por setores políticos e

[37] Para uma apreensão aprofundada, ver o trabalho de MICELI (2001).

governamentais influentes." (Miceli, 2001, p.102). O ISEB[38] é um caso exemplar dessas iniciativas. Enquanto, na USP, os discentes ocupavam-se de galgar títulos bem ao estilo europeu, visando ao reconhecimento como pesquisadores, no Rio de Janeiro, os pesquisadores isebianos, formados por membros de classes intermediárias e dominantes, tomavam o Instituto como uma maneira de se posicionarem socialmente, enquanto que os das classes intermediárias dedicavam-se à pesquisa e à docência, mas não dispunham, como os primeiros, da captação de verbas para o desenvolvimento e fortalecimento da própria instituição.

Não obstante, no Rio de Janeiro na academia e nos centros de pesquisa, como o ISEB, foram se delineando projetos que visavam ao debate político mais amplo. Problemáticas e objetos de pesquisa incidiam sobre este. Preocupava-se mais com o conteúdo e menos com os procedimentos científicos, caso de São Paulo.

"Em São Paulo, logo prevaleceu uma hierarquia propriamente acadêmica, privilegiando os métodos de apropriação científica (a começar pelo trabalho de campo) e os focos de interpretação, substituindo a relevância política pela excelência intelectual." (Miceli, 2001, p.104). As preocupações com o planejamento e com a intervenção nos âmbitos econômicos e políticos, tão relevantes no Rio de Janeiro, passam a deter as atenções de pesquisa na USP, nos anos 1960.

De acordo com as assertivas de Miceli (2001), essa mudança de foco e florescimento de novas preocupações na agenda acadêmica da sociologia paulista surge em meio às transformações econômicas, sociais e políticas ao longo da consolidação do projeto iluminista uspiano.

Finalmente, as distinções entre as instituições de Ciências Sociais de São Paulo e do Rio de janeiro são resultado das relações estabelecidas com os poderes públicos não acadêmicos, da classe dominante, dirigente, os meios em que as socializações se deram política, econômica e culturalmente e com os desdobramentos que o processo de institucionalização e de produção de conhecimento se configurou, ou seja, tudo isso visava a atender às demandas sócioculturais e políticas da sociedade carioca e paulista. (Miceli, 2001). O entendimento das diferenças acerca das configurações da sociologia dos estados mencionados irá contribuir para a apreensão da inserção das influências do

[38] Para a apreensão da formação e institucionalização do ISEB, é importante a leitura do livro, *ISEB, uma Fábrica de* Ideologias.

marxismo lukacsiano na academia brasileira, especificamente no sudeste, onde se encontram os cientistas sociais selecionados para a dada tese.

Como dito parágrafos acima, era nos centros econômico e político brasileiros, que as universidades e as pesquisas mais se desenvolviam: São Paulo e Rio de Janeiro. Todavia, isso não servia como elemento para afirmar que o marxismo na academia estava tendo a leitura e interpretações mais coerentes. Como averiguamos através da historicização de Mantega, um dos intelectuais relevantes a proceder a interpretações significativas, como Prado Jr. adquire maturidade analítica no marxismo nos anos 1950. O certo é que havia uma comunicação da corrente citada e o meio universitário. Revistas como a *Fundamentos,* de 1947, e a *Brasiliense*, de 1955, eram meios de divulgação de artigos que abordavam a perspectiva marxista. Nos anos posteriores à fundação da *Revista Brasiliense* (final dos anos de 1950 e início de 1960), o marxismo encontrava, na academia, especialmente na Universidade de São Paulo (USP), fundada em 1934, um ambiente em que essa corrente era lida nos cursos de filosofia e ciências sociais. Contudo a dialética estava em vias de ser mais bem compreendida, mas não inteiramente aceita e apreendida. No curso de Sociologia, Florestan Fernandes, em 1950, publica "Ensaios de Sociologia Geral e Aplicada" e dedica alguns capítulos ao marxismo de Karl Marx. Na obra, há a busca pela interpretação de parte do pensamento de Marx e da relevância de suas contribuições teórico-metodológicas para as Ciências Sociais, algo que remetia ao espírito da cultura bacharelesca brasileira e seu ecletismo e a pretensão da USP, largamente influenciada pela sociologia francesa, de uma ciência autônoma. (José Arthur Rios, 1999).

**"**O projeto intelectual uspiano, entretanto, estava inteiramente voltado para a justificação da sociologia como ciência autônoma, dotada de um objeto e de um método próprios. A filiação positivista desse projeto é clara." (Frederico, 1995:209).

De fato, existia uma produção bibliográfica verificada nos decênios de 1950 e 1960, de autores como Cândido, Fernandes, Werneck Sodré, que seguiam o espírito uspiano, de formação de uma ciência sociológica autônoma, corrente extensamente criticada por Lukács (2002; 1956), o que provavelmente afastou sociólogos de um possível interesse por suas ideias. Durante fins dos anos 50, encontramos grupos de estudo vinculados ao entendimento do marxismo. Vide a fundação, em 1958, em São Paulo, na USP, de um grupo de intelectuais de áreas diversas das humanidades que se debruçaram para ler *O Capital,* de Karl Marx (Mantega; Arantes, 1995): "Foi desse

núcleo interdisciplinar, idealizado pelo filósofo José Arthur Giannotti, que iriam despontar os maiores intérpretes e divulgadores do marxismo no Brasil." (Mantega, 1995, p.102). Por sua vez, Souto Maior (2006, p.23) esclarece que o grupo composto por "jovens professores" era formado por ex-alunos de Florestan Fernandes, dentre os quais se destacavam: Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni, Fernando Novais, Paul Singer e Ruth Cardoso. Entre os estudantes, podem ser mencionados: Francisco Weffort, Michael Löwy e Roberto Schwarz.

O citado grupo objetivava, além do entendimento dos mecanismos do sistema capitalista, apreender, a partir do contexto brasileiro, a dinâmica da realidade social nacional[39]. Essa realidade estava prestes a escrever, na história brasileira, os conflitos entre estudantes, esquerdas e universidades. Desde a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), passando pela formação do ISEB, perpassavam os rasgos de nossa cultura política de proteção às classes dominantes e a continuidade dos interesses desta. As articulações entre Estado e intelectuais, como no caso do Cinema Novo, reforçam nossa assertiva. Ainda as relações entre esquerdas, intelectuais e universidades apontam para a certeza de que, por intermédio da ascensão do PCB, houve uma fresta para a crítica marxista e lukacsiana, não só ao partido - na sua fase de redefinições nos anos 1970 – como também para a introdução de "pensadores da práxis", como Georg Lukács. Como fica evidenciado no excelente mapeamento realizado por Celso Frederico sobre a presença do húngaro no país, que situa sua significância no contexto histórico-social em que as relações entre a academia e as ideias que norteavam o movimento comunista entram, em alguns momentos, em consonância:

> "A adoção das ideias de Lukács, no Brasil, teve diferentes significados. (...) servia de suporte teórico à luta ideológica contra o irracionalismo (em especial, a filosofia existencialista, que tanto prestígio teve entre nós na década de 50 e início da de 60) e, depois, contra o formalismo, estruturalismo e o positivismo (em voga nos anos 1970); servia, também para se reestudar criticamente a literatura e servia, finalmente, em escala menor, para se pensarem temas da realidade brasileira" (Frederico, 2002, p.3)

As observações sinalizam também para uma clara tentativa de posicionamento dos intelectuais lukacsianos, ligados a partidos de esquerda, frente às correntes teóricas mais

[39] O grupo foi desmembrado em 1964, ocasião em que Fernando Henrique Cardoso se exilou no Chile por causa da Ditadura Militar (Mantega, 1995, p.115).

difundidas na academia durante as décadas de 1960 e 1970 (Fernandes, 1977). Caso interessante é a publicação, em 1972, de *O Estruturalismo e a Miséria da Razão,* de Carlos Nelson Coutinho, onde o autor desenvolve uma crítica ao estruturalismo que se fazia presente nos centros de pesquisa do país (Pinassi, 2002).

As primeiras publicações dos trabalhos dos autores da primeira geração, como Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, ambos com formação em filosofia, coincidem com os primeiros anos de Ditadura Militar. Segundo Konder (1983:38), com enorme contribuição da crise socialista de 1956, do período de desestalinização acarretada pelo relatório de Krustchev, viu-se no Brasil uma resistencia do PC e alguma assimilação das concepções de Marx. De tal modo que se percebia a criação de grupos de pesquisa independentes, compostos por estudiosos que se propunham a estudar as idéias marxianas "sem os percalços de uma ótica imediatista e reagindo contra a pressão de tipo instrumentalizador." Konder, viu na criação do grupo uspiano, *Para ler o Capital*, de 1958 uma forma varguardista que dava esperanças teóricas em fins dos anos 1950 e começo dos anos 1960. Após a queda do presidente João Goulart, em 1964 ocorreu um processo de achatamento dos marxistas. Como relata Konder (1983), proibições de livros, de peças teatrais, de músicas e de bibliografia tida como subversiva também foi forte nas universidades, e se agravou ainda mais com o AI5. Todavia, realizaram-se esforços, como o empreendido pela editora Civilização Brasileira que passou a publicar mais livros importantes de Karl Marx.

Konder nos fala sobre a importância de Lukács, neste contexto, indicando um posicionamento de preservação e superação de sua perspectiva:

> "Nosso grande empenho era a política cultural. Nós, eu e o Carlito, sempre pensávamos num certo uso das ideias filosóficas no plano da ação política; nosso campo de trabalho era, sobretudo, a política cultural. E nesse terreno, acho que Lukács deu realmente uma contribuição importante. Trata-se de um autor que, no campo marxista, associa cultura e participação política com muito vigor. Ele sempre chamou atenção para a questão da herança, para aquilo que devemos assimilar do passado, o que é fundamental para evitar uma posição acrítica em face ao vanguardismo do novo pelo novo. Mas Lukács também tem limites. Quando Gramsci diz que, quando se busca o conhecimento, a posição mais avançada é aquela mais abrangente, aquela que recolhe e incorpora criticamente o que é formulado por outras posições, está indicado um caminho que nem sempre é o dotado por Lukács. Lukács nem sempre avança o necessário porque sua posição nem sempre é suficientemente abrangente. É uma posição avançada, com certeza, mas, às vezes, não

> é suficientemente abrangente...” (Konder apud Lessa e Pinassi, 2002, p. 172).

A mudança de ponto de vista de Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho no que tange a Lukács coincide com a fase de redemocratização do país e com a alteração de proposta voltada para a prática *strictu sensu,* donde a presença das ideias de Gramsci é fundamental. Este direcionou seus trabalhos para esse campo, enquanto Lukács dirigia-se por questões ligadas a seu contexto, a temas voltados para a estética e para as políticas culturais.

A partir dos anos 1970, com o agravamento da ditadura, Chasin, Netto e Konder, se vêem impelidos a sair do país. É nessa fase que Ricardo Antunes e Celso Frederico estão dando início aos seus trabalhos na academia e junto ao PCB. Ao mesmo tempo, intensifica-se o agravamento político, novas linhas de pensamento vão se desdobrando e ganhando interesses mais fortes, como a preocupação com a cultura e com o movimento operário. Outros,como a questão da consciência de classe interrelacionados com os demais, encontram, no marxismo lukacsiano, uma via de entendimento. Assim, nossos autores, motivados com as alterações cotidianas na sociedade brasileira, alteram suas formas de produção de conhecimento.

## 2.5 Perspectivas em foco: os lukacsianos e suas relações com a esquerda e com a academia nos anos 1970.

Nos anos 1970, Ricardo Antunes e Celso Frederico iniciavam seus estudos acadêmicos, no momento correlato, o PCB passa por uma fase de redefinições políticas e teóricas. Atrelado à Escola de Sociologia Política, José Chasin já ministrava cursos sobre a ontologia lukacsiana e formava, dentro do próprio partido comunista, um grupo mais à esquerda, que tinha por finalidade a reflexão de novas formas de pensamento, que possibilitassem um redirecionamento mais acurado, mais radical (na sua acepção etimológica) de entendimento da realidade brasileira, a ser esboçado no capítulo 4. Como mencionado, Löwy já estava na França, onde foi fazer mestrado em Sociologia. Leandro Konder foi para Alemanha, José Paulo Netto para Portugal, onde permaneceu até os anos 1980, momento de retorno dos dois lukacsianos.

Durante esse período, o país vivencia sua fase de redemocratização, consequentemente os exilados políticos começam a retornar. Na academia, Georg Lukács tinha sua obra da juventude lida, sobretudo na literatura e letras da USP. O livro, *História e Consciência de Classe,* que havia entusiasmado Löwy, despertava interesse sobre a questão da consciência de classe. Na Unicamp, alguns professores retomavam suas atividades como docentes, após estudos no exterior. Lá Antunes desenvolve seu trabalho inicial sobre o mundo operário em São Paulo. Anteriormente Frederico havia realizado sua dissertação, com o objetivo de apreender a capacidade de conscientização de operários no sindicalismo do mesmo estado. Por meio das traduções e das primeiras publicações efetivadas com a ajuda do PCB, com as revistas Temas de Ciências Humanas, Estudos Sociais e a Revista Novos Rumos, o contato com as ideias lukacsianas estava mais à mão para os intelectuais marxistas, no período dos anos 1970 e início dos anos de distensão política. Todavia, há de se ressaltar que, nessa época, mesmo sendo um pensador relevante para os estratos intelectuais da esquerda, que visavam à reflexão do marxismo, Lukács deixou de ser um pensador que direcionava a política cultural. (Frederico, 1995).

**6– Os meios de difusão do pensamento de Georg Lukács no país**.

Os primeiros textos de Georg Lukács[40], no país, foram publicados no começo de 1960, "quase sempre em editoras próximas ao PCB e, também da participação de seus discípulos no interior de diversas revistas que surgiam nos anos 60 e 70." (Frederico, 1995, p. 190). Especificamente, em 1965, sai, pela Editora Civilização Brasileira, uma ontologia intitulada "Ensaios sobre Literatura", cuja organização ficou a cargo de Leandro Konder. Em 1967, sai "Marxismo ou Existencialismo", pela editora Senzala, a partir das investidas de José Chasin, responsável pela direção da editora. Ainda em 67, é publicado, pela Editora Zahar, o livro "Estrutura de Classes e estratificação social", que continha o ensaio "A consciência de Classe" parte de "História e Consciência de Classe". Em 1968, é lançada "Marxismo e Teoria da Literatura", cujos ensaios foram

[40] Frederico, 1995, detalha as obras iniciais de Lukács publicadas no Brasil e mostra as incursões do pensamento do húngaro nos âmbitos da literatura, sociologia e filosofia.

traduzidos por Konder e Carlos Nelson Coutinho. Nesse período, importantes revistas difundiam o pensamento marxista no país. A revista "Estudos Sociais" era representativamente relevante e a "Revista Civilização Brasileira" atrelada ao PCB e que atuava orientando a política dos comunistas, que foi alterada através dos cerceamentos decorrentes do Golpe Militar de 1964.

> "A revista teve uma acolhida sem precedentes no meio intelectual identificado com a resistência democrática pregada em páginas, e um sucesso de público até então desconhecido para um publicação volumosa e sofisticada. Além de resistir ao novo governo, a revista procurava informar o leitor sobre a diversidade das correntes marxistas existentes. Para isso, importantes textos de autores contemporâneos foram traduzidos." (Frederico, 1995, p. 193).

Nessa mesma época, entre 1977 e 1981, outra importante revista contribuía com a difusão das ideias marxistas, a publicação nomeada Temas de Ciências Humanas, idealizada por um grupo de intelectuais comunistas.

No final dos anos 1970, Carlos Nelson Coutinho traduz "A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel" e "Os princípios ontológicos fundamentais de Marx", dois capítulos da *Ontologia do Ser social*.

No início dos anos 1980, sob a coordenação de Florestan Fernandes, começam a ser publicados os volumes da importante coleção "Grandes Cientistas Sociais". Um dos volumes é dedicado ao pensador húngaro "Lukács: sociologia" e tem sua introdução e organização assinadas por José Paulo Netto.

Ainda nos anos 1970 e 1980, Chasin continua a contribuir com a divulgação do pensamento lukacsiano através da Revista *Marxismo Hoje*, lançada na década de 1970 e reeditada nos anos 1980. Ademais, ele coordenou a revista Ensaio, também publicada na década de 1980, período em que é lançada a revista *Novos Rumos,* idealizada por um grupo de intelectuais ligados ao PCB.

Atualmente Ester Vaisman continua a linha chasiniana de divulgação de Lukács, publicando a Revista *Ad Hominem* e com a coleção *Ad Hominem Estudos e Edições,* responsável pela edição de livros.

Os demais lukacsianos, como Antunes, Coutinho, Konder, Frederico, divulgam ideias marxistas e lukacsianas por meio da Editora Boitempo, que, em 1996 e em 2002, publicou duas importantes coletâneas sobre Lukács: "Lukács: um Galileu do século

XX" e "Lukács e a atualidade do marxismo", o primeiro organizado por Ricardo Antunes e Walquíria Leão Rego e o segundo organizado por Maria Orlanda Pinassi e Sérgio Lessa. Além disso, a Boitempo é responsável pela revista *Margem esquerda*. Outra editora que recentemente está difundindo o pensamento marxista é a Expressão Popular, que está reeditando livros como "Estruturalismo e a Miséria da Razão" de Coutinho e "História das Ideias socialistas no Brasil" de Leandro Konder. Ademais, ressaltamos o importante trabalho de Coutinho e Netto na tradução das obras lukacsianas correspondentes aos anos 1946 – 1969, publicados pela Editora da UFRJ, como "O Jovem Marx e outros escritos de Filosofia", "Socialismo e Democratização: escritos políticos (1956 -1971)", "Arte e sociedade: estudos estéticos (1932 -1967), publicados em 2007, 2008 e 2009 respectivamente. Por fim destacamos a tão aguardada publicação pela Boitempo dos "Prolegômenos para uma ontologia do ser social", datada de 2010, sob a supervisão e prefácio de Ester Vaisman, em parceria com Ronaldo Vielmi Fortes, que contribui com o prefácio e a tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento.

# CAPÍTULO 3

# UM DIÁLOGO COM OS LUKACSIANOS - 2008

"A gente vai discutir as ideias, as ideias que sobrevivem às críticas"
(Leandro Konder)

O presente capítulo tem por finalidade a apresentação do campo e da inserção da pesquisadora nele. Nosso objetivo é descrever os acontecimentos e as impressões iniciais dos lukacsianos estudados.

O primeiro ponto tratará do modo como a ideia da pesquisa surgiu. Posteriormente, serão delineados os problemas centrais e os objetivos que perpassam este trabalho. Para facilitar a leitura e deixar clara a disposição dos passos trilhados por nós, seguiremos a ordem dos acontecimentos que incitaram a seleção do tema e das entrevistas.

Em seguida, nos deteremos em mostrar como as entrevistas foram realizadas e a operacionalização de suas análises, bem como a arrumação das informações e inferências resultantes. Interessa-nos, também, apontar para as facilidades e dificuldades que a pesquisadora teve no trato com os intelectuais.

O capítulo será finalizado com uma breve apresentação dos nossos entrevistados, através de minibiografias, com um adendo sobre Ricardo Antunes.

## 1.1 Situando as origens da pesquisa: problemas e objetivos, a partir de uma experiência pessoal

Por volta de 2005, quando finalizávamos nosso trabalho de mestrado, uma questão nos instigava: qual era a relevância de estudar um autor europeu e marxista no Brasil e o que ele representava para os estudiosos que mais nos influenciaram no decorrer da nossa formação em Ciências Sociais? As reflexões que essas questões nos causaram foram simples, mas significativamente contundentes. Era preciso retornar ao ponto inicial, que havia contribuído para nosso interesse pelas ciências sociais e,

especialmente, pela sociologia. Esse ponto referia-se à questão da conscientização dos indivíduos na sociedade capitalista. Mas, recorrentemente, nos inquiríamos como isso seria possível e de que modo a sua efetivação seria realizada. A descoberta de dois livros, um de Celso Frederico e outro de Ricardo Antunes, lançou luzes para os questionamentos antes arrolados. O fio condutor dos escritos de Frederico e Antunes era exatamente a conscientização de trabalhadores do ABC paulista, nos anos 1970. Suas análises alicerçavam-se nas concepções teóricas e metodológicas do marxista húngaro, Georg Lukács, que, em seu trabalho "História e Consciência de Classe", tinha mostrado enfaticamente sua preocupação em entender as possibilidades do proletariado europeu de atingir sua real situação frente ao processo produtivo. Objetivamos, primeiramente à época da graduação, desenvolver um trabalho que procedesse analiticamente acerca das obras de Ricardo Antunes, já que ele inseria-se na sociologia do trabalho, área que era fonte de larga importância para nós. Não obstante, fomos alertados que esse trabalho seria precipitado, e o melhor a se fazer era estudar aspectos desenvolvidos por Lukács e trabalhados por intelectuais como Antunes, a partir da realidade brasileira.

O retorno a ele e a outros intelectuais da vertente lukacsiana foi novamente repensado na fase de finalização da dissertação de mestrado. Interessava-nos menos investigar a recepção de Lukács no Brasil, e pesquisar mais como os lukacsianos apreendiam a realidade brasileira, a partir dos influxos do húngaro. Indubitavelmente a necessidade de compreender a forma como as ideias lukacsianas chegaram aqui e seus desdobramentos constitui-se como passo fundamental para se alcançar a produção de conhecimento em si. Ademais era importante averiguar uma parcela da relação entre a sociologia e o marxismo, tema que esteve sempre presente nos nossos trabalhos na universidade.

Consciência de classe e intelectuais foram, a um só tempo, os grandes interesses que transcorreram as angústias de uma estudante que vislumbrava apreender uma fatia do todo social, forma pela qual a sociologia era interpretada por nós, no meio e final da graduação em Ciências Sociais. Essa postura era absolutamente incompatível com a visão de ciência adotada por Frederico e Antunes, sob forte influência de Lukács. De todo modo, este não é o momento mais adequado para tratarmos do que eles compreendem e do que nós compreendemos hoje sobre o fazer sociológico. Deixaremos isso para o último capítulo. O estatuto das ciências sociais representa outro aspecto central nas nossas investidas de pesquisa. Eles foram o mote da nossa investigação de

mestrado: entender como Lukács percebia a sociologia no seu período mais epistemológico e inicial do autor como marxista (1914-1924). Também fortemente influenciados pela leitura löwyniana, guiamo-nos pela epistemologia lukacsiana de *História e Consciência de Classe,* que ainda é muitíssimo importante para nós.

Ao término do trabalho, retomamos as leituras dos estudiosos lukacsianos, como Celso Frederico. Em um artigo encontrado na internet, escrito por ele para um colóquio sobre Lukács na Argentina em 2004, e num artigo para a coleção *História do Marxismo no Brasil, vol.II*, achamos o mapeamento, feito por ele, muito rico sobre a presença do húngaro no país. Partimos, então, para verificar como essa presença lukacsiana estava configurada.

A primeira providência para perceber sobre a plausibilidade da pesquisa foi elaborar um levantamento do que estava sendo desenvolvido nos programas de pós-graduação do país. A primeira inferência apontava para a existência de um número pequeno de trabalhos sobre Lukács, mas a grande maioria se concentrava nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, lugares onde residem e trabalham nossos intelectuais escolhidos, expostos no capítulo 1: Ricardo Antunes e Celso Frederico, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. As exceções são Michel Löwy, nascido em São Paulo e radicado na França, e José Chasin, que, antes de morrer, ensinava filosofia na UFMG, em Belo Horizonte.

Durante quatro, cinco anos (final da graduação, mestrado e começo do doutorado), ficou mais evidente que havia um crescimento pequeno do número de trabalhos de base lukacsiana. Entre 2006 e 2010, as pesquisas tiveram um aumento em instituições públicas. Inicialmente na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, alguns estudos na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, recentemente na Universidade Federal Fluminense - UFF e na Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Os dados obtidos[41] foram coletados em encontros, congressos e em um colóquio, que ocorreu em agosto de 2009. Dentre os principais encontros nacionais, destacamos a Associação Nacional de Pós-Graduação – ANPOCS, a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), o Encontro do

[41] É fundamental para nós esclarecermos que nosso intuito é tão somente ilustrar essa passagem. Pois achamos relevante apontar para o número de trabalhos de fundo lukacsiano no país. De modo, que nosso esforço aqui corresponde a uma tentativa meramente exploratória. Cremos ser de extrema utilidade uma empreitada que vise à análise da recepção das ideias de Lukács no país, enfocando a fundo os meios de exposição das pesquisas em ciências sociais, como é o caso dos Congressos supracitados.

CEMARX, na UNICAMP, o Encontro sobre o Realismo Crítico, na UFF, e O Simpósio sobre Marx, que contou com as presenças de István Mészáros e Nicolas Tertulian (dois dos maiores estudiosos do pensamento de Lukács no mundo), em agosto de 2009. Por fim, destacamos o segundo Colóquio György Lukács, realizado na Argentina (2004 e 2010), onde Frederico apresentou seu artigo acerca da recepção lukacsiana no Brasil. Tanto na ANPOCS, como na SBS[42], o número de trabalhos de vertente lukacsiana é muito pequeno. No primeiro, existem dois grupos de trabalho coordenados pelo althusseriano e professor de ciência política da UNICAMP, Armando Boito Jr., que organiza o Grupo sobre Marxismo; e Ricardo Antunes, responsável pelo Grupo sobre Trabalho. Nos Grupos de Trabalhos (GTS) de Teoria Sociológica e Pensamento Social, onde poderíamos ter alguma pesquisa de fundo lukacsiano, não foi encontrado trabalho algum. Nos referidos congressos, encontramos trabalhos voltados para a análise do pensamento de Lukács e do pensamento (obras) dos nossos lukacsianos, nas seguintes instituições: UNICAMP, UNESP, UFC, UFBA e UFPE. Como podemos observar nas informações abaixo:

**SBS 2007**

Local do Evento: Recife - PE

Número de Grupos de Trabalho: 30

Número de Grupos examinados: 5

Nomes dos GTs: **GT 08** – Emancipação, Cidadania e Reconhecimento; **GT 15** - Pensamento Social no Brasil; **GT - 25** - Sociologia da Cultura; **GT - 24** - Sociologia da Arte; **GT - 28** - Teoria Sociológica

Número de trabalhos: 2

Instituições: UFPE; UFBA

**SBS 2009**

Local do Evento: Rio de Janeiro - RJ

Número de Grupos de Trabalho: 31

[42] A ANPOCS ocorre anualmente em Caxambu, Minas Gerais. O motivo alegado pelos organizadores é de que o local fica próximo dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e logicamente Minas Gerais. Com isso, o deslocamento de pesquisadores do Norte e do Nordeste é dificultado. Já a SBS, aparentemente mais democrática, faz um rodízio a cada dois anos, quando o Evento acontece. A SBS 2011 será realizada em Curitiba – PR.

Número de Grupos examinados: 5

Nomes dos grupos: **GT 15** - Pensamento Social no Brasil; **GT 24** - Sociologia da Arte; **GT 25** - Sociologia da Cultura; **GT 21** – Sindicato, Trabalho e Ações coletivas **GT 29** - Teoria SociológicaNúmero de trabalhos: 2

Instituições: UNICAMP e UFC

**ANPOCS 2007**

Caxambu - MG

Número de ST: 35

Número de STs pesquisados: 3

Nomes dos STs: Teoria Social; Marxismo e Ciências Sociais; Trabalho e Sindicato na Sociedade Contemporânea

Número de trabalhos sobre Lukács: 2

Instituições: UFPE; UFBA

**ANPOCS 2008**

Caxambu - MG

Número de GTs: 41

Número de GTs pesquisados: 5

Nomes dos GTs: **GT 10** – Cultura, Economia e Política; **GT 24** – Marxismo e Ciências Sociais; **GT 30** – Pensamento Social no Brasil; **GT 27** – Para onde vais a teoria social contemporânea?; **GT 39** – Teoria Política: para além da democracia liberal?

Número de Trabalhos: 0

Instituições: -

**ANPOCS 2009**

Caxambu - MG

Número de STs: 41

Número de STs pesquisados: 6

Nomes dos STS: **ST 10** Cultura, Economia e Política; **ST 24** Marxismo e Ciências Sociais; ; **ST 27** Para onde vai a Teoria Social contemporânea?; **ST 30** Pensamento social no Brasil; **ST 39** Teoria política: para além da democracia liberal; **ST 40** Trabalho e sindicato na sociedade contemporânea.

Número de Trabalhos: 1

Instituição: UNESP – GT 24

**ANPOCS 2010**[43]

Caxambu - MG

Número de STs: 37

Número de STs pesquisados: 4

Nomes dos STs: **ST 1** - As fontes dos marxismos do século XX; **ST 16** - Intelectuais, cultura e democracia; **ST 22** - O Pluralismo na Teoria Contemporânea; **ST 35** Trabalho, sindicatos e identidades sociais

Número de Trabalhos: -

Instituição: -

Na UFF, tem-se um grupo de estudos formado pelo professor João Leonardo Medeiros da área de economia. Lá, em Niterói, foi promovido um encontro internacional sobre o realismo crítico, que contou com a presença de Antunes, Tertulian, Ester Vaisman e Miguel Vedda[44], professor da Universidade de Buenos Aires, atualmente o divulgador mais atuante do pensamento lukacsiano na Argentina.

Na UFRJ, temos pesquisadores no Serviço Social, densamente sob influência de José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho. Na Unicamp, temos pesquisadores influenciados por Ricardo Antunes, no departamento de Ciências Sociais. Na Universidade Federal de Minas Gerais, no departamento de Filosofia, encontra-se o grupo de Ester Vaisman e dos discípulos de José Chasin. Na UFAL, sob a inspiração de Sérgio Lessa e Ivo Tonet, alguns alunos da sociologia ficaram interessados em investigações de fundo lukacsiano. Ressaltamos que o primeiro esteve muito ligado a Chasin.

[43] A ANPOCS não disponibilizou na internet os trabalhos, por isso não examinamos os referidos seminários temáticos. Quanto aos demais Encontros, eles estão dispostos na internet e nos livros da programação e de resumo, presentes nas nossas referências bibliográficas.

[44] Vedda trabalha no Departamento de Letras da UBA. É professor titular da cadeira de Literatura alemã. Além de Lukács, ele se dedica a pesquisas e organiza encontros sobre outros marxistas, como S. Kracauer e Walter Benjamin.

No colóquio realizado na Argentina[45], pudemos constatar o grande número de participantes da UFAL. De 108 trabalhos aprovados, 15 eram de pesquisadores de Alagoas, 7 eram pesquisadores da Universidade Federal Fluminense e 8 da USP, 9 da UNESP (incluindo Araraquara, Assis e Marília), 2 da UNICAMP e 3 da PUC. Da UFMG contamos 6 trabalhos, mesmo número registrado na UECE; 4 da UNB; 5 da UFRJ; 9 da UFSC e 3 da PUC-MG. Como registramos na tabela abaixo:

| **Instituição** | **Nº de trabalhos** |
|---|---|
| UFAL | 15 |
| UFSC | 09 |
| UNESP | 09 |
| USP | 08 |
| UFF | 07 |
| UFMG | 06 |
| UECE | 06 |
| UFRJ | 05 |
| UNB | 04 |

Mesmo sendo um encontro internacional, a escolha da reunião em Buenos Aires é sintomática no que tange à relação de intercâmbio, entre pesquisadores brasileiros, nomeadamente; Ricardo Antunes, Celso Frederico, Michael Löwy e João Leonardo Medeiros, e o argentino Miguel Vedda. Essa relação, além da troca de debates entre intelectuais dos dois países engajados na difusão do pensamento lukacsiano, mostra um esboço dos novos e velhos lukacsianos e nos propicia uma noção do modo como os centros universitários, em que trabalham, estão sendo configurados. O intercâmbio com a Universidade de Buenos Aires - UBA, a Revista marxista argentina Herramienta aponta para mais um lugar em que pesquisadores brasileiros podem expor suas perspectivas. O inverso também ocorre.

Mediante as informações, percebemos que, através dos nossos intelectuais lukacsianos, vinculados às instituições públicas, como a Unicamp e UFRJ, fundaram-se bases no país de divulgação das concepções de Georg Lukács. Há o uso de categorias lukacsianas para se pensar questões atuais, como a globalização, direito trabalhista e

[45] Nos anexos está posto a relação com os participantes e suas respectivas instituições.

ambiental e questões acerca do mundo do trabalho. Desse modo, seria interessante, primeiramente, apreender como essas gerações chegaram até o marxista húngaro e examinar parte da produção de conhecimento delas. Essa produção contribuiu para a divulgação de Lukács ao longo de quarenta anos.

A partir daí, como explanado, retomamos o que havia sido pensado no início da graduação: a análise não só das obras de Ricardo Antunes, como dos autores mais caros e de maior visibilidade na exposição do marxista no Brasil, e que desenvolveram pesquisas em bases lukacsianas.

Questões suscitadas no decorrer da pesquisa foram elaboradas para o entendimento dessa produção. Interessa-nos saber:

- Em que medida categorias lukacsianas, a exemplo da totalidade e do método dialético, são empregadas pelos intelectuais lukacsianos em seus trabalhos?
- Existem duas vertentes geracionais que fazem uso diferenciado de algumas concepções lukacsianas inspirando-se em *HCC* e na Ontologia do Ser Social. Como isso é apreendido na produção de conhecimento dos intelectuais lukacsianos selecionados?
- Como essas assimilações repercutiram na academia?
- De que forma as esquerdas brasileiras estavam, ou estão, atreladas aos intelectuais lukacsianos das gerações delimitadas?
- Existem, entre os intelectuais lukacsianos pertencentes às duas gerações, diferenças acerca das suas relações entre a academia e os partidos de esquerda?
- Se existe, quais são as diferenças entre esses intelectuais lukacsianos frente à academia, e como isso repercute em seus trabalhos?
- Como as concepções de Georg Lukács, vistas pelos intelectuais selecionados, são usadas na atualidade na feitura de pesquisas de cunho marxista? Isso é possível?
- É razoável desenvolver uma crítica à sociologia a partir da produção de conhecimento dos lukacsianos?

## 1.2 O contato com os lukacsianos: a chegada ao campo

Após dois anos cursando as disciplinas no Programa de Pós-Graduação em sociologia - PPGS-UFPE partimos para as entrevistas com os nossos principais interlocutores. No segundo semestre de 2008, chegamos a Campinas e lá fomos apresentados formalmente pelo Prof. Ricardo Antunes aos pesquisadores que, assim como ele, eram nosso objeto de estudo. Ele enviou e-mails para os professores mais próximos e fez a nossa apresentação. A partir desse momento, tratamos de contactá-los e ver a disponibilidade de cada um para as entrevistas.

### 1.2.1 Da elaboração do questionário ao campo em si: as entrevistas e os entrevistados.

Para as entrevistas, foi utilizada uma técnica: a entrevista estruturada, que visa investigar a vida do indivíduo, munido de um roteiro de perguntas. (Cf. Haguette, 2002 e Richardson, 1999).

As perguntas elaboradas visavam abarcar três aspectos fundamentais para a pesquisa:

- A trajetória intelectual de cada um;
- A relação deles com as esquerdas e com a academia
- A relação entre o marxismo de Georg Lukács e a sociologia, em suas perspectivas individuais.

É importante salientar que cada intelectual entrevistado tornou necessárias modificações nas questões previamente elaboradas, pois percebemos a importância de novas perguntas e, à medida que as entrevistas eram realizadas, novos questionamentos surgiam. As entrevistas ocorreram entre agosto e dezembro de 2008. Das sete entrevistas, três foram realizadas via e-mail, cinco pessoalmente, sendo quatro gravadas e uma anotada no momento da sua realização. O Prof. Antunes foi entrevistado em duas ocasiões, já que, da primeira vez, não houve tempo suficiente para fazermos todas as

questões. Com o Prof. Frederico, a entrevista não pôde ser gravada e, a pedido do Prof. Antunes, ele se disponibilizou a responder por e-mail, caso faltasse algo. O que, de fato, ocorreu.

Em 2009, percebemos que seria muito relevante entrevistar a Profª. Ester Vaisman, viúva de José Chasin e grande divulgadora da obra dele e de Lukács. Falamos com ela, na ocasião de um encontro de filosofia na UFPE, e a Profª Vaisman respondeu a todas as perguntas por e-mail.

Pontuamos que as entrevistas realizadas pessoalmente contaram com uma média de 12 questões[46]. E as que aconteceram por e-mail foram compostas por seis questões.

Abaixo os nomes dos intelectuais entrevistados e o da Profª: Vaisman que falou um pouco sobre José Chasin:

Celso Frederico – São Paulo – Pessoalmente e via e-mail
Ricardo Antunes – Campinas – gravada
Leandro Konder – Rio de Janeiro - gravada
José Paulo Netto – Rio de Janeiro - gravada
Carlos Nelson Coutinho – Rio de Janeiro - gravada
Michel Löwy - via e-mail
Ester Vaisman – via e-mail

Em setembro, foi marcada a primeira entrevista com o Prof. Celso Frederico, na cidade de São Paulo, em seu apartamento. Posteriormente, entrevistamos o Prof. Ricardo Antunes. A conversa com ele foi efetivada em dois momentos: em setembro, em sua sala no prédio do IFCH-UNICAMP, e no início de dezembro, num rápido diálogo.

Passadas as duas primeiras entrevistas, foi necessário retomarmos o questionário e acrescentar mais algumas perguntas. Ficava patente a necessidade de pequenas reformulações. Ademais no decorrer das conversas, foi observado que os entrevistados davam 'vida própria' à entrevista, falando do que se considerou muito relevante: a trajetória pessoal desde a juventude, como referências à família e a pessoas que claramente os tinham incentivado e 'facilitado' o acesso à leitura e, sobretudo, da

[46] Os três questionários aplicados encontram-se nos anexos, no final da tese.

*chegada a Lukács*, pelo acaso. Esse termo foi empregado por Leandro Konder, José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho, três dos principais nomes da *primeira geração* de lukacsianos brasileiros e juntamente com José Chasin, os grandes divulgadores do pensamento de Lukács, isso deixa claro a dificuldade de acesso ao material marxista, na época em que eles iniciavam seus estudos. Konder, no seu primoroso trabalho de tese, pontuou, ao tratar da difusão do marxismo no Brasil, que findou por se caracterizar como uma *derrota da dialética*, dado os problemas enormes de compreensão e de interpretação, por parte de marxistas brasileiros, aludidos no capítulo precedente. O acaso nos indica, porém, que a origem familiar dos nossos intelectuais, os três de classe média, seus estímulos no aprendizado de outros idiomas, como francês, inglês, alemão, e o acesso à leitura contribuíram para que o *acaso* fosse concretizado, ou melhor, tivesse mais possibilidades de ocorrer. Como o caso de José Paulo Netto, que pediu a um casal de amigos de viagem à Europa, que trouxesse para ele algum livro de Lukács, marxista que ele havia "conhecido" no bairro operário em que vivia, através de uma revista comunista, indicada por um amigo mais velho e membro do partido comunista. Além disso, seu aprendizado foi realizado em escola de muita qualidade, como a americana, que possibilitou, além da fluência do inglês, um questionamento acerca da presença e do poder norte-americano no país. Semelhantemente foi o acaso para Konder. O pai do Prof. Leandro, comunista atuante, em viagem à Europa, pediu aos amigos também comunistas, a indicação de um autor de envergadura que tratasse de teoria e de estética marxista, pois queria levar livros para o filho, muito inteligente e interessado nos temas. Ou como aconteceu com Coutinho, que cresceu numa casa que respirava política. O pai era deputado e a situação financeira deles foi fundamental para que ele pudesse viajar constantemente ao Rio e comprar livros, em idiomas distintos, o que se processou com os demais. Mesmo Chasin, que tem uma origem mais humilde, mas vem de uma família judia, que, além de tradicionalmente cultivar o hábito da leitura, também transmitia o ensinamento das línguas dos países de origem familiar. A situação difícil, também, foi decisiva para que ele desenvolvesse uma reflexão crítica sobre o capitalismo. Ademais, em seus processos de socialização, o contato com a política foi uma constante, desde a infância. Com isso, queremos mostrar que, se eles não tivessem as condições materiais e ou intelectuais necessárias para acessar o universo marxista, possivelmente, não estaríamos aqui discutindo sobre sua importância para a divulgação de um europeu pouco conhecido no país, sobretudo nos anos 1960, e o teor dos trabalhos dos nossos

intelectuais, pois eles provavelmente inexistiriam. Já Antunes e Frederico foram favorecidos, se é que pertinente tratar assim, pelos encontros dialéticos, as pequenas vitórias, concretizadas por Konder, Coutinho, Chasin, e Netto, em seus esforços de tradução e de exposição do pensamento de Georg Lukács, como verificamos na ida ao Rio de Janeiro.

Esta nos proporcionou entrevistar, além dos professores Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto, o Prof. Leandro Konder, cuja entrevista fora marcada por telefone e confirmada por e-mail.

À tarde, fomos ao encontro do Prof. José Paulo Netto. De todas as entrevistas, a dele foi a mais longa (2h30), foi também uma das mais produtivas. Fizemos muito mais perguntas do que havia no nosso roteiro. Ele proporcionou essa abertura e possibilitou que novas questões fossem encaixadas de imediato, donde a importância da entrevista acontecer pessoalmente e poder ser gravada. O Prof. José Paulo sugeriu os nomes dos seus livros mais importantes para a pesquisa e enviou, posteriormente, uma lista por e-mail. Todavia, antes de entrevistá-lo, havíamos atentado para essa possibilidade, a de ouvir deles quais as suas obras mais significativas. Todavia, uma dúvida surgiu: interessavam mais os trabalhos que tratassem da divulgação de Lukács no país, que fossem significativos para a divulgação, ou trabalhos desenvolvidos por eles que apontassem as diferenças concretizadas no transcorrer dos anos? Percebemos que os dois aspectos eram fundamentais e viabilizáveis, pois, até mesmo durante a difusão das ideias lukacsianas, existia algo em suas produções que estava na gênese delas, que tinham uma imanência, que permanecia no âmago do pensamento de cada lukacsiano, como a *herança cultural* e a visão de mundo marxista, como será explicado no decorrer deste trabalho.

No dia seguinte, retornamos à UFRJ e fomos ao encontro do Prof. Carlos Nelson. A conversa transcorreu sem problemas, havendo a oportunidade de fazer todas as questões que estavam previstas e outras mais.

Após a coleta de parte do material, restava-nos transcrever as entrevistas e organizá-las em categorias.

### 1.3 A análise das entrevistas

O material foi dividido em duas partes.

- A seleção das obras dos lukacsianos entrevistados, como exposto no capítulo 1
- A seleção das entrevistas

Para essa seleção fizeram-se necessários os seguintes passos:

- Fichamento das obras dos intelectuais lukacsianos;
- Transcrição das entrevistas;
- Diário de campo, a ser explicado e exposto na seção seguinte
- Categorização das entrevistas

O objetivo da categorização foi apreender aspectos relativos ao processo de inserção dos intelectuais no ambiente marxista; a forma como eles interpretam a realidade e trabalham categorias lukacsianas; e os saltos dialéticos que os conduziram a mudanças teóricas e práticas no decorrer dos anos.

De modo que, para cada autor, procuramos saber como eles caracterizam a categoria da totalidade e se ela pode ser encontrada em suas trajetórias. Isso além de expor os momentos mais significativos, em que se percebe a presença da ***Aufhebung*** (suprassunsão; negação, superação e preservação) e em que períodos as suas visões eram mais **epistemológicas** e mais **ontológicas**.

Abaixo, encontram-se dispostas, sete tabelas com as informações coletadas na ocasião das entrevistas, que visam responder como foram interpretados os aspectos anteriormente listados. A disposição das tabelas foi elaborada com o intuito de seguir a ordem cronológica em que surgem os trabalhos primeiros dos nossos intelectuais, e as duas gerações:

| | | |
|---|---|---|
| **Leandro Konder** | **Totalidade** | Intervenção na discussão política para entendimento da realidade social. Intervenção, participação que ocorre como intelectual e como comunista. "Não são âmbitos estanques, mas que se encontram de forma orgânica, para usar uma expressão gramsciana". |
| | **Negação** | Questionamento acerca de algumas teorias de Lukács. Por exemplo, o realismo como elemento para qualificação da arte. Arte como um reflexo da totalidade. |
| | **Superação** | A percepção de que, no próprio marxismo, existem coisas mal trabalhadas e insuficientes, quando ele encontra em Benjamin possibilidades de análise que Lukács não disponibiliza. |
| | **Preservação** | Intervenção política; algo que tivesse uma dimensão política clara. Desenvolve críticas visando influir na sociedade. Análises de Lukács sobre história e literatura que são insuperáveis. Acredita na possibilidade de se usarem categorias lukacsianas para entender a realidade brasileira. Ele cita Carlos Nelson Coutinho. |
| | **Principais Categorias** | Totalidade |
| | **Perspectiva** | Ontológica |

**Tabela 1 – Leandro Konder**

| | | |
|---|---|---|
| **José Chasin** | **Totalidade** | A produção de conhecimento deveria objetivar a análise da realidade, numa relação dialética entre teoria e prática, pois o conhecimento se realiza na sua totalidade. |
| | **Negação** | Percepção de que Hegel mesmo sendo fundamental para a dialética, não foi meramente 'aplicado' por Karl Marx. Esse inferiu que, pelo fato de Hegel atrelar a ontologia à lógica, findou por "prender" a realidade em categorias lógicas. |
| | **Superação** | Sempre se manteve atrelado à realidade, ou seja, não efetivou uma ruptura entre teoria e prática. Sua perspectiva é fundamentalmente ontológica. |
| | **Preservação** | Relação orgânica com Hegel, Marx e Lukács. Daí a percepção da importância da historicidade (Hegel) e a crítica de caráter ontológico desenvolvida por Marx e retomada por Lukács. |
| | **Principais Categorias Perspectiva** | Totalidade e o próprio método dialético marxiano. Ontológica |

**Tabela 2 – José Chasin por Ester Vaisman**

| | | |
|---|---|---|
| **Carlos Nelson Coutinho** | **Totalidade** | Cultura como elemento de análise para transformação do mundo. É o ponto de vista da totalidade que faz com que se abordem as questões referentes ao mundo social, à realidade social. Não separa o intelectual do comunista. |
| | **Negação** | Usou muito mais Gramsci para entender o Brasil do que usou Lukács. Afirma que Lukács não forneceu categorias para pensar as especificidades da realidade brasileira, como é o caso de Gramsci. Lukács serviu mais para pensar a literatura brasileira e difundir um marxismo renovado. |
| | **Superação** | Dos anos 60 para os 70 – passa de uma crítica literária (Lukács) para uma crítica política (Gramsci). Isso o conduz a usar categorias gramscianas (Hegemonia, revolução passiva, sociedade civil) parar analisar o país. |
| | **Preservação** | Usa categorias de Lukács para pensar os autores que estudava. Durante o período da crítica literária (anos 60), se diz mais lukacsiano. Ele mantém Lukács, mas, com Gramsci, ele vê a possibilidade de ir além de Lukács. Preocupação com a política sempre permeou seus textos, mesmo no começo quando não eram escritos políticos. Relaciona o seu marxismo de fundo lukacsiano, mesmo que tenha se tornado muito mais gramsciano, a sua posição comunista, ao fato de ser um intelectual de esquerda. |
| | **Principais Categorias** | Categoria do Realismo crítico, categoria do típico, categoria da particularidade, da Razão dialética. Uso de categorias gramscianas, como Revolução passiva, sociedade civil e hegemonia. Categoria da totalidade. |
| | **Perspectiva** | Ontológica |

**Tabela 3 – Carlos Nelson Coutinho**

| | | |
|---|---|---|
| **Michel Löwy** | **Totalidade** | Relação entre objetividade científica e compromisso social com a luta de classes. Solução dialética para isso. Relação intrínseca entre teoria e prática partidária. Aí se encontraria a totalidade. |
| | **Negação** | Ele não considera a última obra de Lukács como significativamente avançada para as análises da realidade social. |
| | **Superação** | Temática. De uma busca por entendimento da consciência de classe para uma análise da cultura. |
| | **Preservação** | Da perspectiva de HCC |
| | **Principais Categorias** | Totalidade e *Aufhebung*, mas isso nas obras de Löwy. Na entrevista, bastante curta, ele não abre espaço algum para investigar mais coisa. |
| | **Perspectiva** | Epistemológica |

**Tabela 4 – Michael Löwy**

| | | |
|---|---|---|
| **José Paulo Netto** | **Totalidade** | Aplicação da perspectiva marxiana e lukacsiana referente à relação entre teoria e prática. Permanência na militância política. Teoria social, onde ele faz relação com os campos da teoria social, da crítica da economia, e da política. |
| | **Negação** | Inicialmente vincula-se a um tipo de marxismo que ele considera ruim. Ligado a Henri Lefebvre. |
| | **Superação** | Da teoria sociológica para a Teoria social, em que ele faz as ligações com os elementos da filosofia. A partir de Lukács desenvolve uma apreensão muito rigorosa de Marx. Superação política que se atrela às suas convicções acerca do PCB. Ele desenvolve uma autocrítica. |
| | **Preservação** | Perspectiva marxista. K. Marx contribui para sua compreensão de teoria social; Lukács fornece elementos para uma reflexão cultural. Sua produção contribui para a sociedade, na medida em que busca articular socialmente o ontem e o depois, num movimento dialético. |
| | **Principais Categorias** | Totalidade. |
| | **Perspectiva** | Da epistemológica nos anos 1960 e 1970, para ontológica nos anos 1980. |

**Tabela 5 – José Paulo Netto**

| | | |
|---|---|---|
| **Celso Frederico** | **Totalidade** | Para entender Marx e Lukács, precisaria entender Hegel. Isso lhe daria uma visão mais aprofundada da realidade. Através da análise da cultura, é viável se apreender a visão do todo social. |
| | **Negação** | Percebe que Lukács não daria conta de ajudá-lo em seu trabalho empírico estudando crítica literária. Limitações acerca das obras de Vanguarda, do Realismo Fantástico |
| | **Superação** | Deixa a visão de HCC, mais epistemológica, e passa para a ontológica. Mudança de foco temático e de objetivos para a análise da realidade social. |
| | **Preservação** | O método de Lukács para ele é uma coisa objetiva. Preserva sua perspectiva lukacsiana mesmo que tenha buscado em Benjamin e em Adorno saídas para o estudo de obras não realistas. |
| | **Principais Categorias** | Totalidade |
| | **Perspectiva** | Epistemológica dos anos 1970 e, logo após, para a ontológica. |

**Tabela 6 – Celso Frederico**

| | | |
|---|---|---|
| **Ricardo Antunes** | **Totalidade** | Relação entre atividade prática e política. |
| | **Negação** | Dos traços epistemologizantes do Lukács da época de 1920. |
| | **Superação** | Lukács da fase de HCC para uma perspectiva ontológica. |
| | **Preservação** | Problemas acerca do mundo do trabalho |
| | **Principais Categorias** | Totalidade |
| | **Perspectiva** | Epistemológica até os anos 1970. Ontológica dos anos 1980 até hoje. |

**Tabela 7 – Ricardo Antunes**

Por meio da esquematização feita, percebemos a ênfase acerca da visão de mundo marxista dos lukacsianos. Por exemplo, a categoria da totalidade encontra-se presente nessa perspectiva, em que as dimensões teórica, metodológica e política não são separáveis, pois vistas dialeticamente. Isso é bem lukacsiano, já que este não separava a vida intelectual da atuação política. Na verdade, Lukács escrevia com a intenção de modificar a realidade social em que vivia e, por isso, nunca deixou a militância. A própria distinção operada aqui soa como positivista demais para uma perspectiva marxista. Todavia, como o trabalho é desenvolvido no âmbito sociológico, optou-se por essa distinção a fim de torná-lo mais inteligível. O posicionamento frente à sociologia está sendo realçado, mas trataremos disso de modo contundente ao término da tese. Até lá, a linguagem compartimentada será empregada, inclusive como estratégia de apresentar a postura aqui urdida.

Essa linguagem encontra, nas falas dos lukacsianos entrevistados, grande desacordo: Celso Frederico, Leandro Konder, José Paulo Netto, Michael Löwy, Ricardo Antunes e de Carlos Nelson Coutinho. O primeiro, na ocasião da nossa conversa, chegou a nos alertar para a questão referente às possíveis mudanças na produção intelectual deles. Frederico atentou para o caráter epistemológico que a pergunta tinha, por demais esquematizada e que findava por compatimentalizar o processo de desenvolvimento laborativo deles. Além de separar as instâncias; teórica, política e metodológica. Como foi perguntado por nós:

> "É notório que muitos intelectuais que tinham uma perspectiva lukacsiana passaram por um processo de reavaliação das propostas teórico-metodológicas e políticas de Lukács e mudaram seu ponto de vista em relação a ele, ou melhor,

alteraram o *modus operandi* da análise da realidade do país. Como o senhor percebe essa mudança?”

Expunha a relevância da visão ontológica e dialética que confere ao objeto de estudo um estatuto de aprofundamento e de inseparabilidade deste da realidade. Essa realidade requer uma análise critica e não meramente aceita, como nos é apresentada. Frederico nos adverte sobre a importância de mostrar a realidade de maneira não-alienada. Exemplifica a postura de Adorno frente à configuração da ciência social, adotada na Alemanha, após a segunda guerra. Lá esta ciência era considerada uma ciência do espírito, o que o levou a uma defesa do empirismo, contra o idealismo, no falseamento da realidade, ou seja, era melhor o empirismo que tratava da realidade como dada, ao idealismo que a concebia num plano bem distante, irracionalista.

> “Vale lembrar aqui a posição de Adorno. Quando exilado nos EUA foi um crítico implacável da sociologia empírica. Depois, quando voltou pra Alemanha, deparou-se com a posição hegemônica nas universidades: a sociologia era considerada uma "ciência do espírito". Adorno, então, fez uma meia defesa do empirismo, dizendo que ele era o espelho de Medusa da sociedade alienada. Por isso, estava mais próximo da verdade do que o idealismo alemão que sustentava a idéia da sociologia como uma "ciência do espírito". (Frederico, 2008).

A primeira visão de Frederico esteve mais presente nos seus escritos nos anos 1970, quando influenciado por *História e Consciência de Classe*, posteriormente, vai estreitando contatos com o Lukács mais maduro, que rematam por propiciar adensamentos dialéticos, em torno de um ponto de vista ontológico. A partir do momento em que Frederico passa as investigações culturais, ele se depara com limitações lukacsianas na distinção operada pelo húngaro acerca de obras literárias realistas. Assim busca, em Walter Benjamin e em Adorno, saídas para entender as obras não realistas, já que Lukács só forneceu um aparato teórico para o entendimento destas. Nesse ponto, há uma similitude com a perspectiva do Prof. Leandro Konder, segundo a qual, algumas obras consideradas como não realistas por Lukács, para ele, o são. Ele cita Fernando Pessoa e sua poesia. Na sua expressão artística, se poderia encontrar um tipo de realismo, não visto e negado por Lukács. Mas que Konder considera como existente. Essa verificação acerca das limitações lukacsianas é recorrente.

Como referido, Frederico mantém-se próximo de *História e Consciência de Classe,* mas encontra, na *Ontologia do Ser Social*, a possibilidade de apreender mais acuradamente os problemas que mitigam os indivíduos e sua cultura. A partir dos anos 1980, ele deixa as pesquisas empíricas e passa às pesquisas teóricas e históricas, pois as investigações primeiras não abarcariam o todo social. A cultura representa a instância que oferece uma percepção do todo[47], o que também foi enfatizado por Konder e Coutinho.

Mas, de acordo com ele, não se processaram mudanças, e sim um retorno constante às ideias iniciais, com maior reflexão e mais amadurecimento. Por isso que "reescrever o texto várias vezes" é um exercício dialético. Não obstante, há, certamente, uma distinção temática e uma modificação dialética de uma perspectiva epistemológica para uma ontológica.

Assim como ocorre a Chasin, Löwy, Konder, Antunes, a Frederico e a Coutinho, para José Paulo, inexiste a separação do intelectual e do partidário comunista. Do mesmo modo, suas mudanças temáticas não interferiram na credibilidade concedida a Lukács. "Virou o marxismo o caminho da minha vida, que é até hoje. Eu não sou reciclado, nem penitente, continuo no mesmo lugar. Lukacsiano até hoje".

Carlos Nelson vê uma mudança temática e de objetivos para a análise da realidade social. Gramsci torna-se o autor mais importante em sua produção literária. Isso pode ser observado nos seus escritos posteriores aos de crítica literária, em que a preocupação com as análises sobre teoria política se tornam manifestas e preponderantes. Ele operou um salto dialético ao perceber os limites que algumas categorias de análise de Lukács, encontradas em sua estética (Razão dialética), eram incipientes para investigar a realidade brasileira. Em sua fase primeira, quando trabalhava mais com a cultura, na verdade com a estética e com a crítica literária Coutinho foi fortemente influenciado por Lukács do período estético (1930 – 1960) e também por aspectos contidos em História e *Consciência de Classe,* e reteve a categoria da totalidade, perene na perspectiva do húngaro. O interesse pela política se fazia presente, na época inicial de seus trabalhos, mas a preocupação com essa instância não se manifestava diretamente com uma reflexão sobre a política.

[47] Do mesmo modo como era para Lukács.

Carlos Nelson Coutinho afirma sua mudança de acordo com a realidade concreta, da contribuição de Lukács para Gramsci. Isso ocorre na medida em que, da crítica literária, ele guia-se por uma análise política, desenvolvida sistematicamente pelo marxista italiano. Todavia é essencial atentar para repercussões do pensamento lukacsiano em Coutinho. A democratização foi um tema muito trabalhado por ele, sob influência de Lukács. O uso da análise sobre a "via-prussiana", advinda de Lênin e de Lukács, juntamente com a ideia de "revolução passiva" gramciana, figuram em fins dos anos 1970 e 1980, como veremos no capítulo de investigação das obras[48]. A cultura e a política são as dimensões centrais para a mudança do *status quo* capitalista.

> "Na minha época mais fortemente lukacsiana, eu analisava a realidade brasileira no terreno da literatura, não me lembro de ter nenhum ensaio naquela época que tentasse pensar os problemas políticos do Brasil, de fazer propostas alternativas de transformação social no Brasil. Então Gramsci, eu diria politizou mais o meu pensamento, não que tenha provocado uma mudança nem teórico-metodológica, nem de dimensão política". (Carlos Nelson Coutinho, 2008).

Essa preocupação com a política se faz presente em todos os seus trabalhos literários e políticos. Daí a relação que Carlos Nelson estabelece entre o trabalho e a política ser entendida como um momento da totalidade.

De forma semelhante, situamos José Paulo Netto. Seus interesses primeiros referiam-se à análise da realidade, através da crítica da cultura. Posteriormente há uma mudança sobre a realidade social, em que o ponto de inflexão é justamente a política. O objetivo dos lukacsianos entrevistados é, sem dúvida alguma, a transformação da sociedade capitalista, que diminui a capacidade dos seres sociais no seu processo de autorealização e os conduz a compartimentalizar a realidade. Como diz Celso Frederico, importa para o ser social, apreender a realidade de modo não alienado.

Indubitavelmente existe uma modificação temática na visão de quase todos os lukacsianos. As exceções ficam a cargo de Ricardo Antunes, que se mantém na área dos estudos sobre o mundo do trabalho, realizando e divulgando uma perspectiva ontológica, conseguida concretamente na última fase de Lukács; e Michael Löwy, que dá continuidade às pesquisas mais teóricas, envolvendo o romantismo, o messianismo e

[48] Lukács, Georg, "*El asalto a La Razón": La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler*. Fondo de Cultura Económica México-Buenos Aires, 1959.

outros movimentos alemães. Uma de suas preocupações mais recentes versa sobre a ecologia, na sociedade capitalista. A ser investigada no capítulo seguinte.

O que foi bastante enfatizado ao longo das conversas com eles foi a preocupação em não permitir que eu interpretasse as viradas dialéticas de Lukács de modo esquemático e simplista, como sugere à primeira vista. Evidenciou-se que a visão ontológica lukacsiana estava presente ao longo do seu amadurecimento intelectual e, para usar a expressão de Antunes, que foram concretizados por "adensamentos ontológicos", e não através de "rupturas epistemológicas", dada a existência de continuidade de uma *Aufhebung*, vista pelas noções sobre consciência de classe, vida autêntica e vida estranha, autenticidade, inautenticidade, proletariado e classe trabalhadora e o tema do trabalho, que constituem preocupações fundamentais à concepção de mundo de Lukács, desde jovem. Há, portanto, permanência e superações concretizadas por ele, desde HCC até "A ontologia do ser social".

Diferentemente infere Löwy sobre as modificações do húngaro. Para ele, a única fase importante de Lukács, a que indica a singularidade do marxista, é justamente a sua primeira etapa. A de sua juventude. Posterior a isso, o que Lukács desenvolveu era insignificante e adotava a linha de continuidade com as ideias apregoadas por Stalin. Posição com a qual discordamos de Michael Löwy. Para nós, Lukács elaborou entre os anos 1930 e 1950, um *modus operandi* para lidar com os rechaçamentos e as arbitrariedades do stalinismo. De maneira alguma, significavam uma adesão, ou coisa parecida às condições impostas pelo governo russo a essa época tão dura.

Findando por se caracterizar através de uma adesão, daquele às ideias políticas deste, como acrítica.

De modo geral, por meio das entrevistas, ficou nuançado que as distinções entre os lukacsianos foram sendo alteradas, mesmo com discordâncias dos próprios, ao longo dos seus trabalhos. Não há rupturas com Lukács, mas a percepção de que autores como Benjamin, Adorno, Gramsci poderiam contribuir mais profundamente para a investigação de alguns acontecimentos, na trama social. A relação entre a inserção das ideias de Lukács com a realidade brasileira configura-se, primeiramente mediante a preocupação com a cultura. É interessante pontuar como o momento histórico facilitava isso. Na década de 1960, como visto no capítulo anterior, o Brasil foi marcado pelo estado ditatorial e pela censura. O que repercutia também dentro do próprio Partido Comunista, por diversas ocasiões, na clandestinidade. Aos jovens intelectuais que, a ele

se filiavam, que no caso presente, são todos, menos Löwy, competia o tratamento de problemas referentes à cultura, sem restrições, como afirmado por eles. Já à política *stricto senso* estava a cargo dos líderes do partido.

Isso é exposto por José Paulo Netto, ao ser inquirido acerca da relação entre o partido comunista e os intelectuais. Para isso, transcreveremos a passagem na íntegra:

> Gláucia: Mas o PCB ele facilitava?
>
> José Paulo: Facilitava.
>
> Gláucia: Não havia nenhum impedimento?
>
> José Paulo: Nenhum impedimento.
>
> Gláucia: Ou assim, em relação à política *stricto sensu*?
>
> José Paulo: Não. O negócio era o seguinte, eu diria pra você de forma muito pragmática. Havia dois departamentos. Um departamento de política e um departamento de política cultural. Ninguém enchia o saco de ninguém.
>
> Gláucia: Mas era uma opção de vocês?
>
> José Paulo: Ah, era. Aí sim.
>
> Gláucia: O partido permitia?
>
> José Paulo: Permitia, pelo contrário, estimulava. Desde que a gente não metesse a mão na política como tal

Se, por um lado, o Partido Comunista consentia em análises culturais da realidade nacional, por outro, é importante atentar para o fato de que a inserção lukacsiana no país não se deu por intermédio direto do Partido Comunista (PCB): "eu diria que intelectuais vinculados ao PCB são aqueles que introduzem Lukács no Brasil. Mas não foi o PCB. *Eu quero deixar isso muito claro*[49]". De forma consensual, José Paulo Netto expressa a opinião dos demais, como Ricardo Antunes, Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, que realçam enfaticamente esse acontecimento deveras relevante para a abrangência da recepção inicial de Lukács aqui.

[49] Grifo nosso.

Como dito acima, de todos os lukacsianos, apenas Michael Löwy não era comunista. Como afirmou Leandro Konder "ele era e continua a ser trotskista". Os demais faziam parte da esquerda do partido comunista e participaram, em épocas distintas, da política cultural, trabalhando sempre na política, tentando intervir na realidade brasileira, ao longo dos anos.

Isso se deve ao fato de eles serem de gerações diferentes e, mesmo tendo passado pela experiência do regime ditatorial implantado aqui entre 1964 – 1986, tiveram oportunidades distintas, tanto acerca das vivências políticas, como de acesso às obras lukacsianas, algumas traduzidas pelos intelectuais da primeira geração. Como já dito, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho e José Chasin, José Paulo Netto, apesar de ser uma década mais jovem que os demais, atuou em momentos muito próximos, com Konder e Coutinho. E contribuiu sobremaneira para a divulgação das ideias lukacsianas no país.

A segunda geração, composta por Antunes e Frederico, começa a trabalhar nos anos 1970, quando publica suas dissertações de mestrado. Diferentemente dos membros da primeira geração, que não entraram na academia, de imediato, os da segunda geração, após concluídos os estudos de mestrado, inseriram-se nas universidades como docentes. Além disso, a primeira geração investe na fase mais ontológica de Lukács, sobretudo Netto e Chasin. Coutinho e Konder, na fase epistemológica lukacsiana, e, em seguida, numa visão ontológica por intermédio de Gramsci. A segunda geração tem contato inicial com os trabalhos mais epistemológicos do húngaro. Posteriormente, por interesse próprio, passam a estudar a ontologia lukacsiana. Grosso modo, essas são algumas distinções entre as gerações. Antes de aprofundarmos essas diferenças e de relacionarmos as gerações, para sopesar contundentemente altercações e aproximações entre as duas, é fundamental tratarmos individualmente das trajetórias pessoais dos lukacsianos, e saber como eram e quais eram as vias de recepção de Georg Lukács no Brasil. É o que será abordado a seguir.

### 1.4 Georg Lukács em torno de dois grupos de recepção: Konder e Chasin

Ao longo da fase de pesquisa para a escrita da tese, era certa a importância exercida por Leandro Konder na divulgação de Lukács no país. Havíamos lido seu

primeiro livro “Marxismo e Alienação” há alguns anos. E, também, já conhecíamos a relevância de Ricardo Antunes e Celso Frederico. O contato com as obras e alguns artigos deles nos era familiar, bem como, os trabalhos de Michael Löwy. Eles eram nossos principais interlocutores, fora Lukács. De modo aproximado, estavam José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho. Todavia, a bibliografia de Chasin, e sua relevância para a difusão das ideias lukacsianas eram, para nós, vagas. O seu livro mais conhecido correspondia a sua tese de doutorado sobre o integralismo de Plínio Salgado e um artigo que havia saído pela Revista Ensaio, numa edição dedicada a Marx. O pessoal da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), também era conhecido, sobretudo Sérgio Lessa, e Ivo Tonet, bem menos.

Na primeira conversa com Ricardo Antunes, ele discorreu, de modo breve, sobre a importância de José Chasin, que nós, pouco conhecíamos. Esse nome foi se tornando mais e mais constante durante a pesquisa. Consequentemente, delineou-se a enorme relevância de Chasin, para a recepção de Lukács, e mais do que isso, configurou-se a divisão das leituras lukacsianas no Brasil, em dois segmentos: um influenciado por Leandro Konder; e outro que conheceu Lukács, através de José Chasin. Isso pode nos orientar no entendimento das produções de conhecimento dos intelectuais selecionados. Para Carlos Nelson, são exatamente essas duas, as vias de entrada das ideias de Lukács aqui.

Para Antunes, a introdução de Lukács no país também se concretizou por duas vias. A distinção frente a Coutinho incide sobre as especificidades que caracterizam pormenorizadamente ambas. A primeira via é formada por intelectuais atrelados ao PCB, nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. A segunda realiza-se por intermédio da academia, na USP. Mas quais os pontos equidistantes entre os dois grupos pecebistas? O grupo carioca centrava-se na figura de Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho, posteriormente é que a contribuição de José Paulo Netto se fará presente. Já o parte paulista, foi constituído por José Chasin, que fazia parte de um pequeno grupo radicalizado do partido comunista, nos anos 1960, 1970. As aproximações entre o segmento paulista e o carioca, além do fato incontestável de unir atividade política e prática junto ao partido, residia na proeminência da divulgação das obras lukacsianas mais maduras. Exatamente da “Ontologia do ser social”.

A segunda via de difusão ocorreu através da Universidade de São Paulo (USP), que, nos anos 1960, divulga, entre os seus alunos, trabalhos do jovem Lukács, até o período de *História e Consciência de Classe*. Entre os uspianos, encontrava-se Michael Löwy, também ligado às esquerdas, não ao PCB, mas sim a tendências trotskistas, como referido. Isso graças à formação, nas ciências humanas, do grupo de estudos intitulado "Para ler o Capital", dentre os nomes de destaque, citamos, além de Löwy, Roberto Schwarz e Paulo Arantes.

Diferentemente dos intelectuais engajados ao partido comunista, os uspianos eram propriamente acadêmicos e fundamentavam suas pesquisas na visão mais epistemológica de Lukács.

O agrupamento paulista, liderado por José Chasin, ministrava cursos sobre a ontologia lukacsiana. Havia forte incentivo, de sua parte, de que as pessoas que assistiam aos cursos traduzissem obras do húngaro. Antunes e Frederico, por exemplo, chegaram a participar de algumas exposições nos cursos. Este se afastou de Chasin e, quando se doutorou passou a fazer parte do quadro docente da USP, no departamento de Letras. Já Antunes teve uma experiência mais intensa com o grupo "Práxis", do qual saiu em 1986, na ocasião em que se desligou da revista Ensaio, idealizada por Chasin. Considerado muito exigente, com larga capacidade crítica e teórica, e bastante polêmico, Chasin ganhou admiradores, ao passo que provocou brigas entre alguns alunos e ele. Influenciou outros, como Lessa, desde a época que retorna do exílio, na África passando pela Paraíba e chegando à UFMG, onde deu aulas no departamento de Filosofia, até sua morte.

Praticamente no mesmo período, Leandro Konder já havia iniciado seus trabalhos de divulgação das obras de Lukács. Na década de 1960, ele se volta para a tradução de livros e o desenvolvimento de pesquisas sobre a relação entre o marxismo e a alienação e o marxismo e os fenômenos artísticos. Nesse período, mantém contatos com o intelectual baiano Carlos Nelson Coutinho, por carta e pessoalmente. Anos depois, em Minas Gerais, José Paulo Netto contacta com ele e recebe dicas e orientações valiosas. Como destacou este muito contundentemente durante a entrevista:

> "O Leandro que me mostrou isso (sobre uma tese que Netto acreditava ser leninista). Isso é pra te dar um pequeno exemplo do papel do Leandro. Ele tava na Alemanha, ele se deu ao trabalho de localizar um artigo para mostrar que essa tese não é leninista, Lênin incorpora Marx. Ele localizou o artigo e mandou o artigo comentado. Sabe o que

> é isso? Eu perdido num fim de mundo, não tenho intelectual, não tenho DNA intelectual, minha família não tem cientista, não tem acadêmico, eu sou o primeiro e único. Então, olha o cuidado do Leandro. O Leandro fez isso pelo mundo. O papel do Leandro é essencial. Agora o Leandro tem a qualidade das grandes figuras, ele é de uma modéstia a toda prova".

Em torno de Konder e Carlos Nelson, há a difusão e divulgação de Lukács, no Rio de Janeiro, nos anos 1960. São eles que publicam em português, em 75 dois capítulos, da "Ontologia do Ser Social": "A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel" e "Os princípios ontológicos de Marx". Em São Paulo, Chasin organiza-se com a editora Senzala e publica "Existencialismo ou Marxismo". Os três caminhavam ativamente para divulgar o autor que lhes era caro e que significava uma contribuição para entender aspectos da realidade brasileira, sobretudo a cultura.

Não obstante, pelo que foi verificado durante a pesquisa, a aproximação entre Konder, Coutinho e Chasin inexistia. Eles sabiam das atuações uns dos outros, eram, pois membros destacados, da vanguarda do partidão. Mas o diálogo, não havia. Os dois primeiros se tornaram grandes amigos e discutiam muito em torno de questões tangenciais, e de autores menos ortodoxos, como Lukács, Gramsci, Sartre, Goldmann. Fica latente a sensação de afastamento que circunda as relações entre os dois grupos, como optamos por chamar, tanto através do material que fora dito em *off*, como nas respostas disponibilizadas. Inegavelmente há a concordância tanto da relevância de Chasin, na divulgação de Lukács no Brasil, como da significância de Konder e Coutinho[50].

> "É uma outra escola lukacsiana. Serginho Lessa, por exemplo, é oriundo, ele brigou com o Chasin, todo mundo brigou com o Chasin! Mas ele vem de lá também. Marco Aurélio Nogueira, que depois ficou gramsciano e depois abandonou o Lukács, mas Marco Aurélio tem trabalhos lukacsianos. Gildo Marçal Brandão. Que dizer, tem uma área de influência do Lukács que é mais via Chasin do que via eu e Leandro." (Coutinho, entrevista:2008).

Nos anos 1970, segundo Konder, Chasin lhe escreveu com o objetivo de fundarem uma revista. Com a gentileza que lhe é característica, o professor Leandro responde ao colega paulista, e afirma a sua discordância em relação à possibilidade de

[50] Para este trabalho, importa mais a apresentação das duas linhas de divulgação de Lukács no país, do que uma análise sobre as similitudes e discordâncias entre ambas.

criação desta. Ele via essa ideia como inócua e sem grandes chances de reverberações, dado o período político e pessoal em que se encontravam.

> "nós vivíamos em momentos diferentes. Teve um momento em que ele me escreveu simpaticíssimamente, sedutoramente querendo fazer uma revista fundada por lei. Aí eu escrevi para ele dizendo que não acreditava nesse projeto, não achava que seria possível fazer uma revista desse tipo, um embaraço político e teórico. Nós estávamos numa pulverização tão grande, despedaçados. (...) E então ele ficou muito decepcionado".

Tanto a recusa de Konder, como a decepção de Chasin são absolutamente legítimas e fazem sentido. O primeiro, possivelmente, por discordar das posturas deste; e Chasin, por pretender, pelo que subjaz, uma frente de divulgação da obra e das ideias lukacsianas no país.

Seus admiradores trabalhavam na feitura de artigos para as revistas, bem como em traduções.

A linha chasiniana é continuada, hoje, por Ester Vaisman, que tem, na UFMG, um grupo de estudos filosóficos sobre marxologia, além de coordenar a ótima Revista On-line *Verinotio.*[51], (Espaço de interlocução em Ciências Humanas) apresentada no capítulo 2. Em Alagoas, como mencionado, Sérgio Lessa trabalha no departamento de Sociologia e Serviço Social as obras de Lukács. Na UFAL, as discussões sobre este são frequentes e, nos congressos e encontros marxistas, a presença de pesquisadores de vertente lukacsiana é maior. Dos dois últimos realizados em fins de 2009 e início da segunda metade de 2010, esboçado na seção anterior, pode-se citar o importante encontro sobre István Mészáros, que percorreu algumas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e teve seu encerramento em Porto Alegre (RS); e o colóquio Lukács em Buenos Aires, na Argentina[52].

Ricardo Antunes formou, na UNICAMP, na sociologia, um grupo de pesquisas sobre o mundo do trabalho. Organiza encontros e artigos acerca do tema, e trabalha na orientação de dissertações de mestrado e teses de doutorado, bem como nas aulas sobre

51. Disponível em: www.verinotio.org

[52] A divulgação de Georg Lukács na Argentina é relativamente forte. Como enfatizado por nós, mediante iniciativa do Prof. Miguel Vedda da – UBA, tem-se publicado diversos artigos e livros que abordam o pensamento lukacsiano, sobretudo de sua fase relativa aos estudos sobre estética. O colóquio de 2010 foi o segundo realizado por Vedda e os membros da *Herramienta*. Anteriormente à difusão do pensamento ontológico de Lukács, na Argentina, a fase de História e Consciência de Classe, fora exposta por, Agosti, Héctor Pablo, Francisco Aricó, Juan José Sebreli e José Sazbón, segundo informou Vedda.

marxismo, dadas na graduação de Ciências Sociais, como exporemos no adendo ao capítulo 1, encontrado no fim desta seção. A relação próxima com a editora Boitempo, que publica atualmente diversas obras marxistas, e através da editora da Unicamp contribuem perenemente com a difusão de pesquisas marxistas, e de obras de autores marxistas de renome e competência, como Mészáros e Nicolas Tertulian, dois dos maiores conhecedores das ideias de Lukács.

O grupo de Konder, Coutinho e José Paulo Netto[53] tem atuação na PUC – Rio, e na UFRJ, especialmente no departamento de Serviço Social, em que os dois últimos são professores.

De modo sumário, alguns aspectos chamam atenção no que tange às linhas de difusão de Lukács aqui, além das distinções referentes às duas gerações de intelectuais. Inicialmente, é válido retomar o fato de que, nos anos 1960, houve uma onda marxista na USP, que favoreceu a formação do grupo "Para ler o Capital". Lá Löwy agrega concepções lukacsianas da época epistemológica de HCC, que era a difundida e estudada entre os uspianos. Distintamente ocorre entre os lukacsianos de São Paulo (José Chasin) e os do Rio de Janeiro (Konder e Coutinho), que divulgam mais fortemente a fase ontológica do húngaro. Os três eram partidários do PCB e muito atuantes. Chegaram à universidade, primeiramente através dos ecos do partido comunista, só alguns anos depois é que chegam como professores a academia. "Eles não eram nomes da universidade, era um grupo de intelectuais do PCB, conhecidos por formarem um grupo preocupado com a qualidade teórica e com a formação do PCB. (...) Só depois que eles voltaram (exílio) é que eles entram na universidade." (Antunes, 2008, entrevista)

Os membros da segunda geração, contrariamente aos da geração anteriormente alistada, tomam conhecimento das ideias lukacsianas no meio universitário e quando passam a atuar nas esquerdas, entram em contato pessoal, como os integrantes da primeira geração. Eles haviam fornecido os contornos iniciais das ideias de Lukács, com traduções e escrita de artigos e de seus trabalhos de conclusão de mestrado. Já, para Antunes e Frederico, integrantes da segunda geração, o processo de inserção como docentes acontece logo após finalizarem a pós-graduação.

[53] A aposentadoria de José Paulo Netto está para sair em agosto de 2010. O Prof. Konder está aposentado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E Carlos Nelson Coutinho trabalha na coordenação do curso de Serviço Social.

Para que se possa apreender mais pormenorizadamente, essas diferenças entre os intelectuais lukacsianos e as gerações, é interessante uma pequena apresentação de cada um.

### 3.4 Sobre as Minibiografias

O ambiente intelectual pode nos revelar muitas nuanças da realidade social, dos indivíduos e de seus pares. Um dos recursos para se acessar esse universo também pode ser destrinchado mediante o uso de biografias. Mas como arrolar uma investigação sobre recepção e produção de conhecimento ao recurso biográfico? Nas ciências sociais, importa o papel da socialização na formação dos seres sociais, o peso que o contexto no qual estavam localizados esses seres exerceu e exerce sobre eles, o ponto de inflexão que propiciou as opções de cada um deles por estudar, a exemplo: aspectos culturais, filosóficos, políticos, etc. Aqui, especificamente, o tratamento sobre a abordagem de duas gerações de intelectuais lukacsianos, e da investigação deles individualmente, através de suas obras pode parecer suficiente, mas não é. Afora os escritos de cada um, existem, sim, elementos que perpassam as obras e nos ajudam, de modo a relacioná-los com o contexto, entender mudanças na produção de conhecimento em si. Os estímulos da família, os contatos com pessoas intelectualizadas, as oportunidades de se debruçar e dedicar a vida a uma *práxis*, as escolhas políticas, a forma ensaística, ou mais científica de produzir, de trabalhar, podem, indubitavelmente, ser apresentadas de forma que se interpenetrem, com rigor e seriedade, sem que se caia num mero enumerar de fatos vazios e sem injunção com a concretude da realidade (a realidade em si). Pois, como ser social, o indivíduo não pode apartar seu trabalho (no caso do nosso exame, da produção de conhecimento) da sua individualidade, ele encontra-se em meio a uma totalidade, que se concretiza cotidianamente.

Donde, entende-se que para a compreensão mais acurada das mudanças, ou como diz Antunes, adensamentos ontológicos, realizadas nos trabalhos de cada intelectual lukacsiano é relevante para o estabelecimento de pequenas biografias. Essas abordam, de forma sucinta, as origens sociais dos autores e a ulterior trajetória intelectual deles. O estudo das biografias se dá de maneira articulada ao contexto histórico-social e político-cultural que favoreceram, como se infere aqui, a ascensão e o

reconhecimento dos intelectuais selecionados, entre os seus, dos trabalhos por eles desenvolvidos, da produção de conhecimento cunhada e alterada por eles. Para a feitura dessas apresentações da trajetória dos lukacsianos, utilizar-se-ão dados fornecidos pelos próprios, por ocasião de entrevistas como exposto, e a referência de uma entrevista encontrada na Internet. No fim da tabela, haverá a referência do lugar em que todos os dados foram obtidos.

É válido frisar que os autores da primeira geração; Leandro Konder, José Chasin, José Paulo Netto, Michael Löwy e Carlos Nelson Coutinho são considerados pelos demais e entre eles mesmos os mais importantes na divulgação de Georg Lukács no país.

Todavia, é de extrema importância pontuar que o tratamento dado às biografias é apenas um esboço que funciona como um elemento a mais para o entendimento das distinções atinentes às duas gerações de lukacsianos e da ulterior análise da produção de conhecimento de cada intelectual[54].

### 3.4.1 De Konder a Antunes: uma apresentação

**Leandro Konder (1936)**

Nasceu no Rio de Janeiro, filho de um médico e veterano comunista. Veio de uma família de classe média e conviveu desde muito jovem, com os amigos do pai. Através de Valério Konder, Leandro recebe seu primeiro livro de Lukács. Numa viagem à Europa, a serviço do Partido Comunista ele pede aos amigos um marxista "bom", para seu filho. Mas precisa ser bom. O filho é exigente. O ambiente familiar foi favorável ao jovem Leandro, que, desde cedo, teve acesso a livros em outros idiomas e contatos com pessoas engajadas no movimento de esquerda brasileiro e mundial.

Ainda muito jovem, em 1951, aos quinze anos filia-se ao partido comunista. Gradua-se em Direito, em 1958, e chega a exercer a profissão por seis, anos. Durante esse período, atuou como advogado criminalista e, posteriormente, como advogado trabalhista em sindicatos. "Eu fui advogado dos sindicatos dos trabalhadores da

[54] Se o dado trabalho fosse se deter, de maneira exegética, ao elemento biográfico, o recorte feito caminharia para outra direção, que não é cabível no trabalho que segue. O direcionamento posto aqui visa à análise da produção de conhecimento dos lukacsianos mediante categorias advindas e ou retomadas pelo húngaro e que tiveram forte peso na feitura da produção bibliográfica dos intelectuais selecionados.

indústria de sapatos e calçados, e fui depois advogado do sindicato dos aeronautas, e durante dois ou três meses eles me bancaram substituindo um colega." Konder permaneceu trabalhando nos sindicatos até, o Golpe de 1964, quando é demitido pelo estado.

> "Eles me pagaram direitos trabalhistas durante um ano. No ano de 64 e 65, pra mim, foi um ano de muito sofrimento e de muita angústia. Foi um período de aperto econômico e financeiro. Eu tinha um dinheiro de reserva, então eu fiz pesquisa por conta própria. Eu queria entender o que tinha passado com as ideias de Marx, o que muda no Brasil, o que que aconteceu com elas ? Quem leu, como leu?"

Em 1965, publica "Marxismo e Alienação", seu primeiro livro, e traduz "Ensaios sobre Literatura", de Lukács, sempre buscando uma atuação política. Konder era membro ativo do Partido Comunista, mas não se via inclinado para a militância, mesmo assim, sentia-se compelido a participar do movimento, como de fato o fez. "Eu não tinha a vocação da militância, mas tinha uma pressão em mim muito grande, ética, de ter alguma atividade política. Eu fazia, achava que fazia nos sindicatos. E esse trabalho sindical foi muito importante para mim." Nos anos 1960, ele descobre casualmente Lukács, como já esboçado, ao ganhar de presente do pai, "Realismo Crítico". Por volta de 1964, é apresentado à leitura de Gramsci, pelo já amigo Carlos Nelson Coutinho.

Quando questionado sobre o fato de ele não trabalhar na academia, ele diz: Eu era um intelectual do partido. Não era um intelectual para a academia. "A academia era muito complicada, existiam relações complicadas." Devido ao seu forte envolvimento com o movimento comunista, é forçado a exilar-se na Alemanha. O que ocorre em 1972. Lá dá aulas na Universidade de Bonn. Também passa um tempo na França, retornando em 1978, ao Brasil.

Ao voltar, trabalha primeiramente no Instituto Gramsci e, em seguida, na Universidade Federal Fluminense, onde permanece por treze anos, de 1984 a 1997. Ulteriormente ele passa a trabalhar na PUC - Rio.

É justamente nos anos 80, especificamente em 1984, que ele trabalha a sua ideia inicial sobre a recepção de Marx no Brasil. Desenvolve sua tese de doutorado em filosofia, intitulada "A Derrota da Dialética" e defendida na UFRJ. No prefácio escrito recentemente por Carlos Nelson Coutinho, por ocasião da reedição do livro, ele dá mostras da relação de Konder com a academia, no caso, com a Universidade Federal do

Rio de Janeiro e seus pares. As dificuldades de aceitação, os interesses divergentes, as "complicações" da academia, que se tornaram mais evidentes na época da pré-banca,

> "a maioria dos seus integrantes – professores do IFCS, que não possuíam nem de longe o peso que tinha Leandro em nossa vida cultural – colocaram objeções à tese, com a mesquinha alegação de que se tratava de um trabalho de história das ideias e não de filosofia. Como se a filosofia se constituísse numa área do saber para além (ou aquém) da história! Graças à coragem do saudoso Gerd Bornheim, que assumiu a responsabilidade pela orientação da tese, Leandro pôde finalmente defendê-la em maio de 1987, e obter assim, para facilitar-lhe a vida acadêmica, o grau de doutor. Ele se tornou professor tardiamente, no início dos anos 1980, depois de voltar do exílio, quando então passou a ser possível a um intelectual comunista ingressar na universidade." (Coutinho, in Konder, 2009:04).

Vale salientar que Leandro Konder já era um estudioso com uma formação intelectual consistente e de autoridade evidenciada pelos vários artigos e livros publicados. Afora as contribuições dadas - em debates, palestras, reuniões - dos seus ensinamentos sobre marxismo e introdução das ideias lukacsianas no país. (Coutinho, 2009). Mas sua postura quanto às nossas instituições universitárias e seus pesquisadores nos revela uma preocupação com os desdobramentos que damos à trajetória também do próprio marxismo. Ao ser perguntado sobre as possibilidades de trabalhar a realidade, por meio de categorias lukacsianas ele diz:

Glaucia: O senhor acha viável fazer uso de algumas categorias lukacsianas
Prof. Leandro Konder: Com certeza!
Glaucia: Para analisar a realidade brasileira?
Prof. Leandro Konder: Acho que sim, acho que tem coisas (...), o Carlos Nelson, por exemplo, utiliza muito a ideia da Via Prussiana. Da ideia de Marx, que passa por Lukács e chega a nós e tem uma certa fecundidade na nossa abordagem da realidade brasileira. Tem algo a ver. Não tenha dúvida. Agora, as condições de trabalho da gente me tornam cético em relação ao excesso de confiança do pesquisador no que fazem ao longo de suas pesquisas. É bom a gente não confiar nem em si mesmo, mas daqui a pouco a gente tem que confiar porque senão não age, não faz, mas é bom a gente fazer com um olho naquilo que a gente está fazendo e outro olho é uma possibilidade de a gente estar se iludindo. É uma possibilidade muito forte que tem prevalecido com frequência.

Publicou cerca de 21 livros, o mais recente em 2008. E, apesar das inúmeras dificuldades que atravessou nas fases políticas mais duras do Brasil, é praticamente uma unanimidade quanto a sua relevância para o amadurecimento do marxismo no país. É

voz relevante também no debate político de agora, como pode ser comprovado em reunião realizada no Rio de Janeiro entre intelectuais comunistas de peso, como Coutinho, Konder e o candidato à presidência pelo PSOL, Plínio de Arruda Sampaio.

**Ricardo Antunes**

Nasceu em São Paulo, numa família de classe média. No início dos anos 1970, presta vestibular para o curso de filosofia na Universidade Estadual de São Paulo – USP. Não dá continuidade ao curso de graduação, devido ao período repressor da ditadura. Assim, entra na Fundação Getúlio Vargas – FGV, onde conclui, em 1975, o curso de administração pública. É na FGV que Antunes passa a estudar as obras de K. Marx. Juntamente com um amigo, em 1973, ele debruça-se a ler sistematicamente o Capital.

Para pagar os estudos, Ricardo Antunes dava aulas de história no ensino médio. Após o término do curso de administração, ele entra no mestrado de Ciência Política, na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, e ao mesmo tempo em que se liga ao sindicato dos professores, começa suas atividades junto ao partido comunista, de quem já era simpatizante. A opção pela Unicamp tinha uma finalidade, que era a busca por uma formação marxista sólida, e mais autônoma, coisa que não encontraria na USP[55], por sua linha de estudos mais conservadora.

É nessa fase que suas leituras sobre o marxismo se intensificam. Seu contato com Lukács também e sua postura crítica maturada delineia-se mais aguçadamente. Assim, impelido pela realidade, Antunes elabora sua principal questão, na fase do curso na Unicamp: Interessava-lhe saber por que o getulismo tinha forte adesão das massas trabalhadoras. Essa indagação o levaria a pistas do entendimento da classe operária no Brasil.

Nesse percurso, ele tem aulas com o professor francês Michel Thiolant sobre o método lukacsiano, exposto em HCC, que questionava enfaticamente o método positivista, largamente empregado nas ciências humanas. Ainda nessa fase, tem acesso às publicações de Leandro Konder e Carlos Nelson, intelectuais conhecidos no partido comunista e que ecoavam também na universidade, trabalhando e divulgando Gramsci e Lukács. Posteriormente, em 1976, por indicação do amigo Maurício Tragtenberg, optou

[55] O doutorado de Antunes é feito na USP.

por fazer um curso na Escola de Sociologia Política, com José Chasin. Seu objetivo era conhecer mais aprofundadamente a fase madura de Lukács, ou seja, a da ontologia.

De fato, a introdução do marxista húngaro chegou até Antunes por duas vias fundamentais: a acadêmica e a política, esta decisiva, bem como os autores marxistas mais caros a ele, desde o início da graduação ao decorrer do mestrado, como Lênin, por sua militância e reflexão teórica; Lukács de HCC; Gramsci e Marx, no seu conjunto. Esse conhecimento ocorreu num processo de longos anos. Como, nesse momento, ele trabalhava como professor, findou por atuar muito mais no movimento sindical, que ele iria pesquisar e do qual fazia parte, do que como membro do movimento estudantil.

Em 1978, já no Partido Comunista e próximo ao grupo Práxis, coordenado por José Chasin, Antunes passa por uma maturação teórica, que o conduz a repensar as políticas aplicadas pelo PCB, que, numa fase de desmantelamento, adotava ainda uma postura política em sintonia com a herança stalinista.

Esse grupo práxis era mais um dos grupos de esquerda a questionarem a política do PCB. Funcionavam como instâncias independentes, que visavam sair do engessamento reacionário implantado no partido. A reflexão teórica, era a via mais indicada para uma mudança política. Por essa perspectiva, Antunes e os integrantes do Práxis são vistos e interpretados negativamente. Acreditava-se que a reflexão teórica não levaria o partido a nada que pudesse impulsioná-lo e melhorar sua política. Não obstante, para Antunes, valioso foi o ensinamento de Chasin, que conduzia os participantes do grupo "a procurar ser rigoroso na teoria".

A proximidade com José Chasin se estreitou nos anos 1980, e Antunes passa a colaborar com a revista idealizada por Chasin: Revista Ensaio. Assim, as experiências no movimento sindical, os estudos sobre o marxismo, especialmente o conhecimento mais profundo da fase ontológica de Lukács, a vivência com o PCB, as discussões entre os intelectuais na universidade e em grupos de estudo, e as pesquisas realizadas, propiciam, entre 1980 e 1989, uma mudança de perspectiva. É um período de transição entre o marxismo, de predominância epistêmica e metodológica, para um trabalho que se inspira no marxismo de matriz ontológica. Os trabalhos, antes pontuados por hipóteses, metodologias para se chegar ao objeto, numa exposição nitidamente epistemológica, são alterados, através dessa maturação teórica, que intenta agora a apreensão do objeto de estudo. Sua tese de doutorado, defendida em 1986 e publicada em 1988, intitulada, *A Rebeldia do Trabalho*, é pensada ontologicamente.

Justamente, em fins dos anos 1980 e início de 1990, Antunes rompe com Chasin e com a Revista Ensaio. Antunes não aceitava posições dogmáticas e, mesmo na época em que existia uma relação estreita entre os dois, ele nunca se colocou como seguidor de Chasin, coisa que ele enfatiza bastante, além da sua autonomia. Não pedia opinião, ou permissão para publicar seus trabalhos. Mostrava estes aos membros da Revista, depois de publicados. O rompimento foi salutar, para Antunes, já que ele passa a escrever com mais liberdade, sem tentar mostrar que as suas pesquisas se encaixavam aos interesses políticos da Ensaio.

Em 1992, sai a nova publicação da tese de Antunes. Mas a edição, antes publicada pela "Ensaio", é trabalhada dessa vez apenas pela Unicamp.

Dos anos 1990 pra cá, Ricardo Antunes publica artigos, livros e participa ativamente da divulgação das ideias de Lukács. É professor do departamento de sociologia da Unicamp, onde orienta trabalhos acadêmicos e organiza grupos de pesquisa sobre o mundo do trabalho, além de ministrar cursos, na graduação e na pós-graduação, sobre marxismo, trabalho na sociedade capitalista e as ideias de Georg Lukács. Isso foi presenciado, por nós, em 2008, na graduação de ciências sociais, na disciplina "Sociologia Contemporânea", a ser falada no término desse capítulo.

**José Chasin**

De modo particular, realçamos a pessoa de José Chasin. Ele surge como um intelectual ativo na divulgação de Lukács, pois, por intermédio da constituição de grupos de estudo, formados por ele, alguns dos intelectuais escolhidos tomaram conhecimento do Lukács da "Ontologia". Chasin, além de ministrar cursos sobre as obras do húngaro, também motivou os participantes desses grupos a traduzir capítulos da *Ontologia do Ser Social*, tornando a leitura dos textos lukacsianos mais acessível para as pessoas que tinham contato com os participantes dos círculos de leitura, e que, mais tarde, se tornaram docentes de instituições em São Paulo e no Rio de Janeiro, sobretudo.

Nasceu em São Paulo, no ano de 1937. Veio de uma família de origem judaica que atravessava dificuldades financeiras. O pai era comerciante e a mãe, dona de casa. Morava num bairro de grande presença judaica. Desde cedo, conviveu e estudou idiomas, devido às origens familiares. Iniciou sua graduação na USP, onde concluiu o curso de Filosofia. Nessa época, foi aluno de Caio Prado Jr. e colaborador da Revista

Brasiliense. Ainda na graduação, conhece Lukács e faz seu trabalho de finalização do curso sobre Karl Manheim, sob influência do húngaro.

> "A monografia foi publicada em forma de artigo em dois números da Revista Brasiliense, da qual Chasin era colaborador. À época, Chasin identificou em Lukács indicações importantes para o estudo daquilo que veio a se constituir o tema de sua tese de doutorado e de outros trabalhos posteriores, a análise dos fenômenos ideológicos. Ao contrário do marxismo vulgar que identificava o fenômeno ideológico como simples epifenômeno da "infra-estrutura", Lukács sempre buscou compreender esta questão na sua real complexidade, se esforçando em não cair em nenhuma forma de economicismo". (Vaisman, entrevista. 2009)

Estudava bastante e dava dicas para alguns colegas, acerca das matérias cursadas. Começava a agregar pessoas com interesses filosóficos. Casou-se com uma estudante de sociologia da mesma universidade. Foi pai jovem, e enfrentou grandes crises financeiras junto à primeira mulher.

Em 1967, publica um dos primeiros livros de Lukács no Brasil, *Existencialismo ou Marxismo,* pela editora Senzala. Editora a qual o paulista havia negociado justamente com o objetivo de publicar obras marxistas de grande qualidade. Sai também a revista Senzala. A partir daí, inicia seu trabalho de introdução do pensamento de Lukács maduro, no Brasil. Com quem trocou correspondência. Objetivava publicar HCC, mas Lukács não achava proveitoso. Em 1972, inicia, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo sua carreira como professor. Além dessas aulas, organizava reuniões em sua casa com alunos e pessoas que se formavam muito influenciadas por suas concepções teóricas e política. Concomitantemente participava ativamente do movimento comunista. Era membro do Partido Comunista de São Paulo, e lá formou o já falado grupo que buscava alternativas, mudanças substantivas para a política de ordem stalinista que alicerçava o PCB: o Práxis. Contou com a presença de Ricardo Antunes, que, por indicação de Maurício Tragtenberg, procurou o curso de Chasin. Ademais, ambos eram membros do partidão. Antunes também integrou o Práxis e esteve em contato com Chasin durante anos.

Em 1977, ele, Gildo Maçal Brandão, Marco Aurélio Nogueira e Nelson Werneck Sodré montaram a revista TEMAS de ciências sociais. No mesmo ano, Chasin conclui seu doutorado, bastante influenciado por Marx, Lênin e Lukács. No seu trabalho

de doutoramento "O Integralismo de Plínio Salgado", é elaborado o conceito de via colonial. Posteriormente o trabalho é publicado.

Com o acirramento da ditadura, e por sua postura crítica e combativa, Chasin vai para Moçambique com a família. Ao retornar ao Brasil, em 1980, José Chasin vai lecionar na Paraíba, onde permanece até metade da década de 80. Nesse período, separa-se da primeira mulher. Posteriormente se casa com Ester Vaisman, de quem tinha sido professor e amigo.

Em 1986, fixa-se em Minas, na UFMG. Permanece combativamente nos debates políticos e na academia. A percepção da importância de publicações, da articulação com editoras e formação de revistas, foi um exercício constante, na trajetória de Chasin. Mas ele publicou pouca coisa sua. De acordo com o Prof. Antunes, foram 10 artigos e alguns livros. Contribuiu imensamente para a divulgação das ideias lukacsianas no Brasil, até sua morte em 1998. Na época, era professor da UFMG, como já mencionado. A linha chasiniana é seguida por Ester Vaisman, também em Belo Horizonte, no departamento de filosofia. Através da Verinotio e da Ad Hominem, divulga trabalhos lukacsianos, textos de Chasin, de pesquisadores e de Lukács. Vaisman segue incentivando traduções, como constatado no último número da revista on-line[56].

**Michael Löwy**

Filho de uma família de origem judaica, Michael Löwy nasceu em São Paulo, em 1938. Na fase adulta, inicia o curso de ciências sociais na USP (1956 -1960) e entra para o movimento trotyskista. Com a intenção de unir teoria e prática, participa ativamente das duas instâncias. Em fins dos 1950, ele se interessa pelo estudo da obra do jovem Marx.

É ainda na faculdade que começa a conhecer as ideias lukacsianas com maior intensidade. Seguindo a perspectiva uspiana, e a do sociólogo francês Lucien Goldmann, de grande influência para ele, desenvolve largo interesse pelas obras do Lukács da juventude, *A alma e as formas*, *Teoria do Romance* e *História e Consciência de Classe.* Integra o importante grupo de estudos, "Para ler o Capital". Seus objetivos primeiros visavam à apreensão da relação conflituosa entre a sociologia "acadêmica" (Durkheim, Weber e Parsons) e o marxismo. Foi através da leitura de *As ciências humanas e a filosofia*, de Lucien Goldmann, que ele acha uma resposta para sua

[56] Na edição de Nº 10, encontramos duas traduções de textos de Lukács.

indagação inicial, mediante "um ponto de vista marxista nãoortodoxo, humanista e historicista." Ademais afirma, "neste contexto me interessava em particular, o problema da relação - tensa - entre objetividade científica e compromisso social, com a luta de classes."

À medida que seu interesse pelo marxismo ia crescendo, e a influência de Goldmann se fazendo mais presente, ele decide, ao término do curso de licenciatura, estudar na França. "Minha leitura de Lukács sempre foi muito marcada pela interpretação de Goldmann. Daí, meu pouco interesse pelos escritos de Lukács posteriores a 1924."

No mesmo período, dedica-se à HCC, publicada em francês. Objetivava pesquisar a questão da consciência de classe entre os sindicalistas metalúrgicos de São Paulo. "Tentei utilizar o conceito de consciência de classe imputada, em meus estudos sobre a consciência de classe." (...). É também motivado pelo trotyskismo, combatido pelos marxistas do Partido comunista, entre os quais estavam Konder e Coutinho, no Rio de janeiro. De acordo com Löwy, a difusão das ideias lukacsianas aqui esteve vinculada aos intelectuais militantes do partido e ao grupo formado na USP. Contundentemente ele afirma que as esquerdas não tiveram papel importante na divulgação de Lukács, no Brasil:

> "O PCB não se interessava por Lukács, mas alguns brilhantes intelectuais cariocas ligados ao Partido, Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho, tiveram um papel importante na introdução das ideias de Lukács no Brasil. Em São Paulo, o pessoal do seminário Marx leu e discutiu Lukács, mas isso nada tinha que ver com algum partido de esquerda."

Sua aproximação com o exame das obras lukacsianas ocorre durante o seu doutorado, em 1974,quando escreve seu antológico trabalho sobre a radicalização de Lukács. Desde sua ida à França em 1969, onde se radicou, vem com frequência ao Brasil, e, todos os anos, participa do Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre. Está atualmente ligado ao movimento trotskysta e ao marxismo.

**Carlos Nelson Coutinho**

Carlos Nelson nasceu na Bahia, em 1943. Em casa, teve seus contatos iniciais com a política, através do pai, que era deputado da UDN. Na casa paterna, encontrava

uma biblioteca diversa, com literatos e autores liberais. Com isso, começou a escrever muito cedo. Publicava seus escritos numa revista baiana chamada, "Mundos". Aos 15 anos, leu o *Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx, por indicação da irmã mais nova. Dois anos depois, se filiou ao partido comunista, com 16, 17 anos. Nessa época, trabalhava como repórter para um jornal baiano. Posteriormente entra na faculdade.
Durante dois anos, cursou Direito, na Bahia e depois optou pela filosofia. Sua formação acadêmica foi precária. No curso de filosofia, o nível das aulas era fraco, e Coutinho desenvolve-se intelectualmente sozinho. Ele ressalta apenas um professor marxista; Paulo Faria, que foi para ele figura importante nessa formação, pois foi quem lhe apresentou Gramsci. E enfatiza que seu conhecimento de Lukács e de Gramsci, foi uma casualidade:

> "Quando saiu a "Razão Dialética" em 1960, eu tinha 17 anos, que foi nesse período que eu comecei a ler esse povo todo, eu também comprei o livro e li. Então, eu diria que foi meio casual. Casual nesse sentido, se o Paulo Faria não tivesse me falado de Gramsci eu não sei se teria conhecido o Gramsci no mesmo período em que conheci o Lukács." (...)

Essa casualidade que o conduz também aparece nas falas de Leandro Konder e José Paulo Netto. Como expomos, foi "favorecida", "estimulada" dentro do ambiente familiar, desde a mais tenra idade, através do acesso à biblioteca de casa, da cultura adquirida em livros e viagens.

> "Eu não sei lhe dizer exatamente por que a gente chega a certas coisas. Tem muito de casual nisso. Agora eu penso assim, no fundo, meu pai era político da UDN, não era um reacionário, não nesse sentido, era um governista, um liberal, com ideias avançadas, e eu resolvi fazer política ao contrário dele. Tem aquele lado do ético que todos nós temos. Então, eu queria fazer o que ele fazia, mas de outra maneira. Então, talvez essa seja uma explicação freudiana do meu interesse por esses autores e tal. Agora, o fato de como eu os encontrei, é casual! Que dizer, se o meu pai não tivesse "O Manifesto Comunista" na estante, eu não sei se eu teria lido com 14, 15 anos. No fundo, o sujeito decide ser intelectual meio por coisas casuais, né?! Eu me lembro disso, eu queria ser intelectual, no sentido que eu queria escrever ensaios e tal. Desde cedo, foi uma opção muito clara em mim".

No primeiro ano da faculdade de direito, escreve uma resenha sobre *História e Consciência de Classe* obra, que havia sido novamente publicada, e em francês, sem a

autorização de Lukács[57]. Nesse tempo, ele ia com frequência ao Rio de Janeiro, e lá comprava livros, foi quando adquiriu também obras de Gramsci. "Eu vinha ao Rio sempre e comprava um monte de livro. Então, nesse período eu procurava muito, autores marxistas não ortodoxos." A partir daí, ele adquire o livro e passa a se interessar fortemente pelo húngaro, que representou o autor mais significativo durante o seu primeiro período intelectual. Foi uma época em que Coutinho se considerava um lukacsiano fanático. Pois tratava da literatura, imaginando como seria a análise de Lukács sobre a obra. Em 1965, fazendo uso de categorias lukacsianas, publica seu primeiro artigo mais denso, que trabalha as obras de Graciliano Ramos.

Desde o início de sua adesão ao comunismo, imaginava uma atividade como intelectual comunista, fazendo uma o prolongamento da outra. Lukács marca muito densamente Carlos Nelson, sobretudo, nos anos 1960, quando trabalhava com crítica literária. Por volta dos anos 1970, quando o interesse por teoria política se intensifica, há uma predominância da influência de Gramsci.

> "Não é que eu tenha abandonado Lukács, eu continuo considerando Lukács o maior filósofo marxista do século XX. Eu considero tanto a teoria estética de Lukács quanto a Ontologia do Ser Social, textos absolutamente fundamentais, mas Lukács falou muito pouco de política".

Quando tratava de crítica literária, no entanto, extraiu da teoria estética de Lukács as categorias do realismo, da particularidade e a categoria do típico; bem como a categoria da Razão dialética, que trabalhou no livro "O estruturalismo e a miséria da razão". O primeiro período intelectual de Coutinho vai até "A democracia como valor universal." É também essa fase primeira de Lukács, a dos anos 1920, que é mais significativa para ele. "História e consciência de classe", que foi mais forte para mim do que a influência do Lukács da maturidade."

Suas leituras, ilustra Coutinho, buscavam uma postura crítica. De tal modo que, desde cedo, tinha muita cautela acerca do marxismo empregado na URSS. Isso o conduzia a uma predileção por autores menos "ortodoxos". A linha de pensamento e de

[57] Lukács passou muito anos sem permitir que História e Consciência de Classe fosse reeditada. Considerava a existência de problemas graves e acreditava que ela havia causado confusões também de interpretação, nos anos 1920, quando foi publicada. Para uma explicação consistente, ver o posfácio escrito pelo autor em 1964. LUKÁCS (2007), História e Consciência de Classe. Martins Fontes. São Paulo.

autores, como Marx, Goldmann (no início), Freud, Gramsci e Lukács, aproximam Coutinho de Konder. O contato inicial se deu por ocasião de um artigo escrito por Coutinho para uma revista baiana de direito, que ele enviou para Konder, através de um amigo casado com a irmã da primeira mulher do autor carioca. Posteriormente, Carlos Nelson foi ao Rio e os dois se conheceram pessoalmente. "Quer dizer, eu conheço o Leandro em 1962, são 40, 46 anos, né?! Eu até brinco sempre porque eu me pego a falar sobre o Leandro e elogiá-lo, eu me sinto até um pouco mal porque parece que estou falando de mim mesmo."

No Partido Comunista, desenvolve, juntamente com Konder e, posteriormente, com José Paulo Netto, que ele veio a conhecer em 1970, uma política cultural que se inspirava em Lukács, Gramsci, enfim, nos autores pouco ortodoxos. Mas e a postura do partido sobre essas leituras? Segundo Coutinho, o partido não estava diretamente ligado à divulgação destas, mas não proibia que os autores citados fossem comentados, analisados, com a finalidade de ser um elemento de estímulo para os jovens integrantes. Não obstante, essa difusão estava circunscrita ao âmbito cultural.

> Eu diria que intelectuais ligados ao Partido como eu, o Leandro, Ferreira Goulart, Zé Paulo, um pouco mais tarde, divulgamos Lukács certamente. A divulgação de Lukács no Brasil é uma obra, sobretudo do Leandro, mas para a qual eu também colaborei. Gramsci, Gramsci, sobretudo eu, mas Leandro também colaborou. Que dizer o Partido não nos impediu de fazer isso. Eu diria que havia uma espécie de Divisão do Trabalho que o Partido permitia que os intelectuais fizessem o que quisessem na área da cultura. Política, a direção política do Partido, era da Direção do partido, e nós não nos metíamos muito.

A divisão entre política *strictu sensu* e a política cultural era posta implicitamente entre seus integrantes. Mas o partidão estimulava e permitia os autores "ocidentais", como atesta Carlos Nelson:

> "Não é que ninguém tenha dito: "Vocês podem falar de cultura, mas não podem falar de política, mas na prática acontecia essa simbiose do Marxismo Ocidental, na cultura, e do Marxismo-leninismo *strictu*, no terreno da política. Mas veja bem, o Partido nunca nos atrapalhou de lermos Lukács, de escrevermos sobre Sartre, nunca se meteu nisso. Isso é uma coisa nova. Antes do Congresso do Partido Soviético quando denunciou Stalin, os intelectuais tinham que submeter as suas obras a direção do Partido. Que podia dizer, "Não publique!", ou,

> "Mude isso, mude aquilo". No meu tempo, já não existia isso de modo algum. Não!"

Nos anos 1980, entra na academia como docente e desenvolve política na universidade. Conduz os alunos à reflexão sobre a política, bem como o marxismo. Essa corrente, até os anos 1960, havia ganho notoriedade entre os cientistas sociais, mas, ao final da década mencionada, perde espaço para o estruturalismo, que adquire mais força e torna-se muito mais presente. "Entra Althusser, que se dizia marxista, ele tinha um marxismo completamente diferente." Da universidade até hoje, Coutinho se desdobra num caminho único, mas com dupla finalidade: ser um intelectual comunista, que divulga formas de aclaramento críticos, como os presentes nos escritos de Lukács e de Gramsci, e o de desempenhar um papel ativo na interpretação e análise dos problemas brasileiros, através de uma perspectiva gramsciana, que representou o ponto de inflexão intelectual para Coutinho, desde que seu interesse se tornou maior pela política e menos pela cultura. Atualmente trabalha na UFRJ, no departamento de Serviço Social, publica livros e artigos, e participa, como debatedor, de simpósios, colóquios e encontros no país e no exterior.

**José Paulo Netto**

O Prof. José Paulo Netto, nasceu, em 1948, em Juiz de Fora, centro têxtil do estado de Minas Gerais. A cidade natal tinha um perfil tipicamente trabalhista, e destacou-se no Movimento Sindical, onde a presença do partido comunista era muito forte.

Vindo de uma família de classe média, foi criado num bairro proletário, sem ser filho de operário e teve sua formação educacional numa escola americana, onde aprendeu fluentemente inglês.

> "Eu não nasci numa família operária, eu nasci numa camada, não sei se pequeno-burguesa, ou camada média, de baixa extração, e por um lado, por um acidente aí da vida, os meus pais quando se casaram compraram uma casa numa região que era muito desvalorizada da cidade, e era desvalorizada porque estava num centro de fábricas, junto de fábricas."

Pela proximidade com o operariado, fora da escola sua socialização ocorria com os trabalhadores das fábricas. Por isso, com 12, 13 anos, já se considerava um comunista. "Não sabia exatamente o que era isso, mas eu achava a ideia ótima." Anos depois, em 1963, filia-se ao partido comunista.

José Paulo vivia desse modo, cercado por um ambiente que era estimulante ao seu desenvolvimento intelectual. O pai era um conservador apreciador de literatura, e a mãe, em sua juventude, havia feito parte do movimento comunista.

> "Meu pai lia muito romance, meu pai devorava romances, não tinha critério de gosto, adorava Machado de Assis, mas também lia Joaquim Manuel de Macedo. Então minha formação nesse aspecto foi caótica, eu lia tudo, até hoje faço isso. Mas eu lia obsessivamente, intensivamente. Eu hoje leio 4 horas por dia, todo dia. Esse hábito que eu trago desde a adolescência."

Além de ler muito, tinha bastante contato com operários. Em 1964, no segundo ano do antigo científico, atual ensino médio, Netto insere-se na UNE, e estabelece contatos com o teatro universitário e com o movimento sindical. Mas, apesar do estímulo familiar, ele foi educado, na verdade, para ser engenheiro, para abraçar uma profissão em alta, na época, como comumente acontecia com as famílias de classe média, interessadas na estabilidade dos filhos. "Eu fui preparado para ser engenheiro. Ao invés de fazer um pecúlio em propriedade, a família investe no filho. Então eu estava prontinho pra entrar na Escola de Engenharia. Só que, no meio do caminho, eu mandei tudo isso ao diabo."

Em 1965, aos 17 anos, começa a escrever para um jornal local. Trabalha com crítica literária. Assim, quando termina o colégio, inicia o curso de Serviço Social, e posteriormente, o de Letras "porque o que a Universidade oferecia, os pedaços que me interessavam eram esses." Seu vinculo com o marxismo já estava fundamentado, mesmo que o marxismo fosse o "que estava disponível", como o de Lefèvre e sem a qualidade que ele viria a encontrar ao se aprofundar nas leituras das obras de Karl Marx, que nos anos 1960, não era muito traduzido. O que lia, muitas vezes, eram obras em francês.

Nesse período, preocupava-se muito com a legalização do Partido Comunista, com a cultura, com a teoria social, com a política, com a economia e com as possibilidades de uma sociedade socialista no Brasil. "Eu sempre gostei muito de literatura. A literatura faz isso comigo até hoje, ela me envolvia muito fortemente. Isso é influência de escola, influência paterna." Ainda na universidade, quando cursava serviço social, começa a ler autores norte-americanos, como Parsons. Teve largo contato

com os clássicos, Weber, Durkheim, sempre com muita "suspeição". Assim, José Paulo se torna um conhecedor de teoria sociológica e amplia seus conhecimentos teóricos.

Em meio à divulgação dos autores norte-americanos, nos anos 1960, também passam a ser difundidos trabalhos de Wright Mills, muito admirado por Lukács. Ele propiciou indicações sobre um marxismo mais crítico. Juntamente com o que era indicado a ler, José Paulo teve como autores mais importantes, no início de sua vida intelectual, Marx, Engels, Lefèbvre e, posteriormente, Lukács. Destes, Marx e Lukács são referências fundamentais para sua entrada no marxismo. Lukács transmitia, através dos seus escritos, uma sensibilidade literária, filosófica e cultural, que contribuiu bastante para que José Paulo Netto passasse pelo período da ditadura. Ao mesmo tempo, por meio das obras de Lukács, Netto orientou-se por uma leitura bastante severa de Karl Marx.

A partir de 1960, ele decide estudar Lukács, que chega até ele, antes mesmo da faculdade. Como ele diz, ao se referir a Lukács, este se esforçou a vida inteira para dizer que o acaso não exclui a necessidade! Foi o acaso que o levou até Lukács. De 1958 a 1964, o PCB publicava a Revista Estudos Sociais, visando ao afastamento do partido da herança stalinista. Um dos seus conselheiros era Leandro Konder. Milton Fernandes, barbeiro, amigo de José Paulo, além de levá-lo ao partido comunista, lhe dá um número da revista, que ele passa a comprar. Num das edições mais antigas, Netto lê um artigo de Lukács sobre Dostoievski e, em seguida, o prefácio da "Destruição da Razão": "Eu li aquele negócio e disse caramba!" Mas o acaso vem em 1963, quando um casal vizinho faz uma viagem até a Europa e pergunta a José Paulo Netto se ele queria algum livro de lá. Ele pede alguma coisa de Lukács. "Eu lembro que anotei o nome de Lukács e disse: olha se vocês encontrarem esse sujeito, você me traz." Eles voltam com "História e Consciência de Classe". Só que eles não buscaram, simplesmente estavam passeando na rua, viram o livro e compraram para José Paulo.

Além da Revista Estudos Sociais, existia a editora Vitória (1946-1964) que também pertencia ao Partido Comunista. Após 64, no entanto, a situação se agrava, mas as revistas de esquerda procuram ainda divulgar artigos marxistas. A fonte brasileira essencial para essa difusão foi representada pela Civilização Brasileira.

Concomitantemente, em Juiz de Fora, a atuação de José Paulo cresce no PCB. Vendeu jornal do partido, atuou no movimento estudantil. Em 1964, com o Golpe, o PCB cai na clandestinidade. Em 1966, o partido é rearticulado em Juiz de Fora. José

Paulo foi um dos que contribuíram para a retomada das atividades junto ao partido. Com o agravamento da ditadura, em 1975, os comunistas mineiros são também afetados. José Paulo exila-se na Europa; primeiro na Itália e, posteriormente, em Portugal. "Voltei em 79. Voltei para cá, me radiquei em São Paulo." Mesmo com as inúmeras crises do PCB, ele permaneceu nele, com o objetivo de contribuir para a sua continuidade. "Achava que era minha obrigação ficar, sobretudo num momento como aquele. Fui membro do comitê central, dos altos escalões do partido. Fui editorialista da *Voz da Unidade*, jornal legal do partido." Somente nos anos 1980, especificamente em 1987, o Prof. José Paulo começa a atuar menos no PCB. "Não foi por razões de natureza teórica, foram razões de natureza política." Deixa de ter vinculação partidária, em 1992. Mas as convicções comunistas são perenes, bem como a sua simpatia por movimentos de esquerda, como o MST, "mas não me vinculei organicamente a nenhum deles".

Durante todo o período em que atuou no PCB, José Paulo manteve uma postura independente, de autonomia frente às resoluções da política cultural. Numa ocasião, a Editora Brasiliense convidou o Prof. José Paulo para escrever um livro que integraria a Coleção Primeiros Passos, e, no texto, ele afirma *ipsis literis* que Trotski havia sido assassinado a mando de Stalin. Ele comunicou ao PCB o que havia escrito e não foi cerceado. Mas, o PCB, distinguia sim, a política cultural da política *strictu sensu*.

> "Havia, digamos assim, um certo acordo tácito. O acordo era o seguinte, na minha política, nós não discutíamos, quanto à cultura, o partido se abriu. Então, eu acho que isso foi um mérito enorme do partido. Eu acho que isso é uma política deliberada. Foi mais ou menos o seguinte: esses moços são importantes, deixa eles fazerem a coisa, deixa eles funcionarem direitinho na política. Eu tenho um caso. Em 78, aquilo que o partido chamou de fraternal ajuda ao pacto de Varsóvia aos tchecos, eu acho que aquilo foi uma invasão. Eu tentei discutir aquilo dentro do partido e não consegui.Fui para fora do partido, escrevi um artigo esculhambando. Fiquei fora do partido quase um ano, depois eu voltei. Por isso, eu não fui expulso. Atenção! Mas fiquei na geladeira. Mas porque isso aí era política, percebe?! Agora, no domínio cultural, não havia restrição. Eu fiz, eu escrevi sempre o que quis."

A divulgação do marxismo, pela via cultural, era significativamente forte e todos os integrantes da primeira geração contribuíram com ela, especificamente, no PCB. Konder e Coutinho são representativamente imprescindíveis para a difusão das ideias lukacsianas. Afirma Netto:

> O meu carinho por Lukács, como você viu, começou lá em Juiz de Fora, por Estudos Sociais e por um casal que me traz História e Consciência de Classe, mas se não fosse o trabalho do Leandro. O meu caminho não é o do Leandro, nós temos apreciações diferentes sobre Lukács hoje. Aliás, não é só sobre hoje não. Mas sem o Leandro, o meu caminho seria muito mais difícil. (...) O Leandro tinha a paciência de me escrever cartas longuíssimas me indicando leituras, fazendo comentários. Eu não diria que ele foi meu mestre, até porque eu não tenho obra pra dizer que tive mestre. Sem o Leandro, o meu caminho pra Lukács seria muito mais acidental."

A exceção era Michael Löwy. Ele teve, de acordo com Netto, um papel importante, mas não chegou a difundir Lukács no país. Nos anos 60, vai para França e se fixa por lá.

Já José Chasin, contemporâneo de Konder e alguns anos mais velho que Coutinho, atuou no partidão, desenvolvendo um grupo crítico para repensar teoricamente e politicamente o partido, fez um trabalho significativo para difundir as ideias lukacsianas na academia. Nos anos 80, fixa-se na Paraíba e, posteriormente, em Minas Gerais. Atualmente, menciona o esforço feito pela viúva dele, Ester Vaisman. Mas "eu acho que essas figuras são destacadas porque são isoladas" De modo geral, para Netto, Lukács nunca entrou de fato na academia.

O que José Paulo percebe, atualmente, é um período de dificuldade em relação ao marxismo. Segundo ele, um dos poucos autores que fornece possibilidades de ser trabalhado de formas distintas é Gramsci. Esse teve uma repercussão na academia brasileira. Já Lukács, o seu distanciamento da universidade é sintomático do que José Paulo chama de *exílio do marxismo*. Para ele, a universidade de hoje vincula uma parte de cultura pós-moderna. Todavia, não se refere a todas as teorias, e sim a algumas delas que merecem análise e são relevantes: "esse caldo pós-moderno que é de um anti-ontologismo absoluto. Isso impede que Lukács chegue à Universidade". Porque, com todas as suas críticas ao capitalismo, ele mostra a inexistência do mundo. Não esse da sociedade capitalista. Consequentemente, ao verificar a herança e difusão de teorias antiontológicas, ele conclui que ela contribui com a invisibilidade adquirida por Lukács, no país. Essa só será mitigada, quando o marxista for tratado com seriedade. "Chegar no sentido de ser objeto de debate sério, atenção, sério!"Mas, José Paulo se mostra muito pessimista quanto ao fato de ideias lukacsianas serem observadas atentamente, como também com a Universidade.

Mesmo com toda dificuldade de difusão, de debates críticos e significativos, sobre Lukács na academia, José Paulo Netto tem um papel substancial para o trato com as concepções lukacsianas. Assim, como todos os membros da primeira geração, a entrada na academia realizou-se tardiamente. Após os anos 1980. E José Paulo, contribuiu sobremaneira para uma análise abalizada e crítica sobre as ideias de Lukács, usando suas categorias para investigar a cultura, a política, ao longo do seu percurso intelectual e militante. É, hoje, um dos nomes mais respeitados entre os marxistas e de enorme destaque no serviço social. Foi docente até a metade de 2010, da UFRJ. E continua seus trabalhos de pesquisa.

**Celso Frederico**

Membro da segunda geração de lukacsianos, Celso Frederico nasceu em São Paulo. Veio de uma família de classe média e entrou na Universidade de São Paulo em 1967. A USP, nesse período vivia sob a égide de Florestan Fernandes, que deu ao departamento de sociologia prestígio nacional. Na USP, predominava a linha que de leitura do Lukács de *História e Consciência de Classe.* Lá imperava a crítica ao fetichismo, nas Letras, isso explica a predominância da divulgação e uso de concepções lukacsianas, da juventude, predominância concretizada, segundo Frederico, pela má fama de Lukács, intensificada por posturas políticas referentes à URSS e livros bastante contundentes como a *Destruição da Razão*.

Nos anos de 1968, 1969, a sociologia empírica afirmava a falta de consciência de classe do operariado brasileiro. Estimulado por essa preocupação e bastante influenciado por *HCC*, de Lukács, que privilegiava uma discussão em torno da consciência de classe, Frederico resolve estudar esse tema. Nesta fase, Frederico tinha uma visão mais epistemológica das ciências sociais e dos seus trabalhos, como pesquisador. Além disso, como membro da USP, havia também recebido influências pela linha das obras de juventude do filósofo húngaro. Ele começa a estudar Lukács e se dedica ao estudo das obras de Hegel. Suas investigações sobre este duraram dez anos já que estava certo de que, para se entender Lukács e Marx, era fundamental apreender a filosofia hegeliana.

Após a sua dissertação, adentra nos estudos de crítica literária, pois tinha percebido a impossibilidade de se executar trabalho empírico estudando crítica literária, já que as pistas estéticas, deixadas por Lukács, não permitia essa amplitude, ou seja, apesar de o húngaro ter um vasto trabalho sobre o assunto, existiam certas limitações na sua concepção acerca das obras de Vanguarda, do Realismo fantástico, que impediriam pesquisadores em ampliar os estudos sobre crítica literária.

A perspectiva ontológica e a mudança dialética sobre a realidade se desenvolvem a partir do seu interesse pela ontologia lukacsiana, que adquire maior respaldo mediante a influência de José Chasin, em fins dos anos 1970. A participação de Celso Frederico, no PCB, e seu conhecimento dos cursos chasinianos na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, propiciam um afastamento do Lukács de HCC. Todavia, ele elucida que, apesar de ter feito um curso com Chasin, ele não foi um de seus inúmeros "discípulos". Este, além de ter tido um grande significado para a divulgação do Lukács da ontologia, foi bastante relevante para a vida cultural de São Paulo. De acordo com Frederico, Chasin era um "aglutinador de jovens", que estimulava traduções, especialmente de capítulos da Ontologia. "Cada um de seus pupilos precisou trabalhar um capítulo da Ontologia e daí ela passou a ser traduzida. Cada aluno escreveu uma tese sobre a Ontologia."

Além de Chasin, Frederico destaca a importância essencial de Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho para a divulgação de Lukács no Brasil. Esses foram dois dos intelectuais que mais o influenciaram. Além desses estudiosos, Frederico pontua o significado que o partido comunista representou. Através do PCB, havia a possibilidade de acesso à cultura, já que este promovia debates sobre arte, cinema e política, que estimulavam os jovens integrantes a alargarem seus horizontes e desenvolverem uma perspectiva mais crítica acerca da realidade social que os circundava. Assim, o partidão, segundo ele, favoreceu o acesso a cultura, na esfera da crítica cultural.

Frederico afirma que sua mudança para área da cultura e reorientação sobre os limites de Lukács se deu, em grande medida, através das assertivas de Mészáros e Alfredo Bossi.

Ressalta, ainda, a existência da delimitação, entre a política *strictu senso* e a política cultural, como elemento característico do partido comunista. Isso sem nenhum tom que denote uma postura de questionamento ao partido e sim uma grande admiração

por ele. Como afirma: “E a via cultural era a via cultural porque eles queriam fazer a política mesmo. Separavam o trabalho dos intelectuais do dos políticos do partido”.

De forma geral, admite, ainda, a importância do PCB para a divulgação de Lukács no país e a dificuldade, na academia, de apreender o marxismo, na USP e em outras instituições. Frederico trabalha atualmente na Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo, onde contribui na área cultural, ao orientar trabalhos sobre o tema, além de se dedicar ao estudo teórico.

Na tabela abaixo, expomos, resumidamente, alguns pontos destacáveis na trajetória de cada intelectual lukacsiano:

| **Intelectuais lukacsianos** | **Leandro Konder** | **José Chasin** | **Michael Löwy** | **Carlos Nelson Coutinho** | **José Paulo Netto** | **Celso Frederico** | **Ricardo Antunes** |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Local e data de nascimento** | Petrópolis (1936) | São Paulo (1937) | São Paulo (1938) | Salvador (1942) | Juiz de Fora (1948) | São Paulo (1949) | São Paulo (1954) |
| **Formação acadêmica** | Direito e Dr. em filosofia (UFRJ) | Filosofia (USP), Msc. em filosofia e Dr. em filosofia (UFMG) | Ciências Sociais (USP) e Dr. na França | Filosofia na Bahia | Letras e Serviço Social | Ciências Sociais na USP | Administração publica na FGV |
| **Autores mais relevantes** | Marx, Lukács e Walter Benjamim | Marx e Lukács | Marx, Lukács, Goldmann, Walter Benjamin | Marx, Lênin, Goldmann, Lukács e Gramsci | Marx, Lukács, Lefevre, Freud,Goldmann e Gramsci | Marx, Lênin, Lukács, Adorno e Benjamin | Marx, Lênin, Lukács e Gramsci |
| **Produção intelectual** | Dos anos 60 até 2008 | Dos anos 60 até sua morte (1998) Desenvolveu o conceito de Via Colonial. | Dos anos 1960 até hoje | Dos anos 1960 até hoje | Dos anos 1960, até hoje. Foi docente em Portugal. Ao retornar ao Brasil passa a ensinar na UFRJ. Aposentou-se recentemente. | Dos anos 1970, até hoje. Leciona na USP, no departamento de Letras | De 1970, até o presente. Professor de Sociologia da UNICAMP |
| **Meios de difusão das idéias de G. Lukács: Contribuições** | Conselheiro da Revista Estudos Sociais (do PCB) Traduz | Articula-se a Revista Brasiliense; Incentiva a tradução do livro “Existenciali | Publicação de seus trabalhos, que tratam do pensame | A Falsa e a verdadeira ontologia de Hegel. Socialismo e Democratização,; O jovem | Traduz os livros: Socialismo e Democratização; O jovem Marx e outros | Desenvolve trabalhos que fazem uma abordagem das idéias lukacsianas | Contribui com a Revista Margem Esquerda; dá palestras |

| | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | "Ensaios sobre Literatura", em 1965. | smo ou Marxismo", pela editora Senzala. Fundador da Revista Temas de Ciências Humanas; Editor da Revista Ensaio | nto de Lukács, até os anos 1924. | Marx e outros escritos de filosofia; Arte e Sociedade: escritos estéticos. Com José Paulo | escritos de filosofia; Arte e Sociedade: escritos estéticos., em parceria com Carlos Nelson. Escreve a introdução de "Lukács", para a coletânia Grandes Cientistas Sociais, organizado por Florestan Fernandes. | . | pelo país (pequenos cursos). Foi responsável pela Coleção Mundo do Trabalho, da Boitempo. |
| **Filiação partidária** | PCB, PT e atualmente PSOL | PCB | Ligado ao trotskismo | PCB, PT e atualmente PSOL | PCB, PPS e hoje está sem partido. | PCB | PCB, PT e atualmente PSOL. |
| **Origem familiar** | Classe média. Filho de um médico sanitarista e comunista | Judaica. Veio das camadas mais pobres, mas por sua origem sabia hebraico, português e depois aprendeu alemão, inglês, francês | Classe média, origem judaica. | Classe média. Filho de político na Bahia. | Classe média. Vivia na área de grande crescimento industrial. | Classe média paulistana | Classe média |

Para finalizar o que pode ser aprendido no campo, é interessante a apresentação de um adendo sobre as aulas ministradas pelo Prof. Antunes na disciplina de Sociologia Contemporânea (IFCH), na Unicamp.

### 3.5 Um olhar sobre o campo

O objetivo desse adendo é nuançar, de modo particular, a perspectiva do Prof. Ricardo Antunes acerca das ideias de Lukács e sua postura acadêmica diante de seus pares. O fato de Antunes receber uma seção à parte deve-se a passagem de nós termos tido a possibilidade de assistir as aulas ministradas por ele, no segundo semestre de 2008, no curso noturno de Ciências Sociais na Unicamp. Como já explicitado, através de Ricardo Antunes, o contato com os intelectuais lukacsianos foi viabilizado. As exceções foram: Michael Löwy e Ester Vaisman. Ambos contactados por nós entre

2007 e 2009, respectivamente. Num primeiro momento, serão expostas algumas observações obtidas no decorrer do curso. Cabe salientar que nem todas as aulas foram registradas. Primeiramente porque foi necessária a ausência da pesquisadora para as entrevista com os intelectuais lukacsianos. Em segundo lugar, buscamos apreender os pontos considerados como mais relevantes: a visão de Antunes sobre a ontologia lukacsiana e a presença do húngaro no país. Por último, pontua-se que algumas aulas foram ministradas por outros professores, como Jesus Ranieri e Maria Orlanda Pinassi, bem como seminários trabalhados pelos alunos para obtenção da nota final da disciplina. Isso nos guiou a fazer pequenas anotações.

Feita essa pequena introdução passemos ao esboço do diário de aulas.

### 3.5.1 O início das aulas: nosso diário de campo

As aulas com o Prof. Ricardo Antunes tiveram início na primeira semana de agosto, todavia só foi possível a nossa presença após a matrícula ter sido efetivada. Explica-se: como a modalidade de doutorado-sanduíche no país é relativamente nova, o departamento de Ciências Sociais e a coordenação da pós-graduação em Sociologia não sabiam seguramente como eu poderia ter acesso às dependências da Unicamp, especialmente ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e às bibliotecas. A sugestão da matrícula como aluna especial ficou a cargo do coordenador e do meu orientador lá, o Prof. Jesus Ranieri. Após a saída da carteira de estudante, iniciamos minhas atividades como aluna de graduação. Matriculamo-nos em duas disciplinas. Uma a cargo de Jesus Ranieri e outra a cargo de Antunes. Duas coisas me chamaram a atenção. Primeiramente o nome da disciplina obrigatória: Sociologia Contemporânea. E a segunda, foi o conhecimento dos alunos sobre o marxismo. A maioria de modo embrionário, mas ficou patente para nós, a força que o marxismo tem no departamento de sociologia da UNICAMP. E de como, infelizmente, ele é desvalorizado no departamento de sociologia da UFPE[58].

[58] Entendemos que a escolha de uma ou de outra vertente do pensamento tem haver com a perspectiva adotada por cada instituição de ensino superior. Mas acreditamos ser relevante registrarmos nossas impressões, mesmo que elas pareçam um tanto quanto cheias de "juízos de valor". Para nós o que importa é o oferecimento de possibilidades de escolha. Para isso, é necessário que as nossas instituições forneçam aos alunos material de qualidade sobre as diversas vertentes que são representativamente significativas para as ciências sociais.

O fato de a disciplina oferecida por Antunes, “Sociologia Contemporânea”, nos surpreender, deveu-se ao fato de o autor abordado ser Georg Lukács. Sim, leituras e mais leituras; não de comentadores, mas do próprio autor. Pude memorizar a minha graduação aqui no Recife e me lembrei que tive aulas sobre o marxismo, no primeiro período “Introdução à Sociologia”; no segundo período, “Metodologia Científica” e no quinto, “Teoria Sociológica”. Só ouvir falar em Lukács numa disciplina eletiva “Sociologia da Arte”, a qual era a que usava mais textos marxistas.

Mas deixemos essa questão para depois. Retomaremos o assunto no término da tese, após analisar a produção de conhecimento dos intelectuais lukacsianos.

O fato é que, em Campinas, existe a possibilidade de opção. Dependendo do professor que ministre a disciplina, ele escolhe por enfatizar um ou outro autor. Segundo me informaram, a turma seguinte teria um professor bem weberiano, que ministraria a disciplina “Sociologia 1”. De todo modo, é de extrema relevância pontuar que Antunes, particularmente, estimula a curiosidade dos alunos em conhecer Lukács, nas aulas de disciplinas obrigatórias e eletivas, fora o trabalho desenvolvido e publicado, na forma de artigos e livros, por ele.

Dessa maneira, ele dispõe de mais um elemento para contribuir com a difusão de Lukács no Brasil. Nas orientações, em seu grupo de estudos acerca do mundo do trabalho, como também, por meio da apresentação ao húngaro, em disciplinas como a que eu tivemos oportunidade de participar. De acordo com ele, com a disciplina da graduação, foram duas as vezes em que ele abordou as ideias lukacsianas. É interessante frisar a riqueza de detalhes com que ele trata Lukács. Foi traçado um roteiro muito bem esquematizado para debater sobre o marxista, da sua inserção no Brasil ao conteúdo de suas obras. O que ocorreu ao longo do curso. Desde o princípio, os textos eram lidos pelos alunos previamente e, em sala de aula, havia um acompanhamento das dúvidas e inferências tiradas. Especificamente, escolhiam-se partes substanciais e centrais dos textos, e Antunes expunha elementos para que os alunos pudessem aprender e lê-los melhor. Donde, se pode afirmar que ele nivela a turma por cima, ou seja, dá credibilidade à capacidade dos jovens (no segundo período) de se embrenhar por questões filosóficas espinhosas, desde cedo. Algo que não presenciei na instituição em que me formei. Não na graduação. O que tínhamos era a leitura de comentadores, o uso de manuais e, como ouvi bastante dos meus colegas de graduação, éramos nivelados por baixo, em algumas disciplinas.

Além disso, Antunes trabalhava o curso com os alunos de modo a suscitar questões e questionamentos sobre o que era tratado. Sem arrogância e sem uma postura distanciada dos estudantes, ele conseguia promover alguns debates e despertar interesse acerca das concepções de Lukács. O conteúdo programático contemplava, fundamentalmente, capítulos da "Ontologia do Ser Social" e contou com a contribuição de outros intelectuais , com maior proximidade com a abordagem de alguns capítulos, como o que trata da Ideologia. Ao todo, foram duas as aulas.

Sumariamente, Antunes deixou bastante claro a importância da ontologia para apreensão da realidade. Pontuou o significado do trabalho, como instância primordial, mais elementar para o ser social. Expôs divergências com autores, a exemplo de Habermas. Detalhou especificações do ser social, tratou dos limites da ontologia hegeliana, da importância da ontologia marxiana, suas contribuições que propiciaram a Lukács delinear sua visão ontológica. E combativa frente ao irracionalismo. Ademais, abordou a reprodução na sociedade capitalista, a alienação, o trabalho e as possibilidades ontológicas do autoreconhecimento do ser.

Passada a apresentação dos lukacsianos e das entrevistas por eles concedidas, trabalharemos, agora, o conteúdo das obras selecionadas dos nossos intelectuais.

# CAPÍTULO 4

# Para uma análise da produção de conhecimento dos intelectuais lukacsianos.

Ao longo dos últimos quarenta anos, as duas gerações de lukacsianos desenvolveram pesquisas conservando e superando suas idéias primeiras. Mas como isso está inscrito na produção intelectual de Chasin, Netto, Konder, Coutinho, Löwy, Antunes e Frederico? Os *adensamentos dialéticos* de uma visão epistemológica para uma ontológica se realizaram? Qual o significado desse processo? Para que se possa responder a essas questões e verificar se elas são relevantes, é fundamental passarmos às obras dos nossos intelectuais e, posteriormente, examinarmos os momentos de inflexão que tiveram, grosso modo e esquematicamente, a *História e Consciência de Classe* (fase epistemológica) e a *Ontologia do Ser Social* (fase ontológica), de Georg Lukács. Também importa-nos entender a aplicação da categoria da totalidade - central para o húngaro durante toda a sua trajetória - nos trabalhos dos lukacsianos.

A realização do presente capítulo efetivar-se-á através dos livros e das entrevistas (2008) concedidas pelos autores. Neste material, cunham-se a importância das instâncias da cultura e da política no exame dos momentos cabais de entrecruzamento dos intelectuais selecionados com a visão dialética de Lukács.

## 4.1 O resenhar das obras (1960 - 2000) e a categoria da totalidade: um balanço analítico dos momentos de influência das perspectivas de *História e Consciência de Classe* e da *Ontologia do Ser Social*.

Das pesquisas delimitadas dos nossos autores, optamos por contemplar as que transitam entre os momentos de mudanças essenciais na política e na cultura brasileiras. Como largamente dito, o estudo vai da fase ditatorial, nos anos 1960, aos dias atuais, pois correspondem aos pontos peremptórios da exposição das ideias de Lukács e das

investidas, dos nossos autores, em tratar, ou lançar luzes para se refletir sobre a realidade social do país, tendo como substrato as concepções do húngaro. A escolha dos livros não foi tarefa simples, como esclarecemos no capítulo 1, pois a produção dos sete lukacsianos é deveras extensa e isso seria inviável, por motivos óbvios, a um trabalho de doutorado[59].

No mais, a bibliografia selecionada foi lida seguindo a ordem de publicação de cada autor, assim como a disposição de seus nomes, que se deu pelos mesmos critérios. Logo, é premente que se explique o teor de cada trabalho e seja desenvolvido o cotejamento entre as obras de Konder, Chasin, Coutinho, Löwy, Netto, Frederico e Antunes respectivamente.

**A Primeira geração: Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, José Chasin, Michael Löwy e José Paulo Netto.**

Os trabalhos eleitos de Leandro Konder referem-se aos primeiros anos de difusão das concepções de Lukács no Brasil, aos desdobramentos efetivados por intermédio da contribuição dessa divulgação. Como aludimos no segundo capítulo, o contexto brasileiro está nas entranhas da produção de conhecimento, que finda por reverberar naquele, continuamente.

Em 1965, Leandro Konder redige seu primeiro trabalho enfocando o pensamento marxista. No livro *Marxismo e Alienação,* ele aborda a preocupação com o tema da alienação e expõe a conceituação do fenômeno e as formas adquiridas nos âmbitos histórico, religioso, científico, político e artístico, na sociedade capitalista, e analisa como a alienação contribui com o subdesenvolvimento e de como é respaldado por ele, gerando e transbordando uma lógica perversa. A alienação reifica, fragmenta as relações entre as pessoas, bem como a apreensão dos homens para com as suas realizações.

Desde o primeiro momento, percebemos quão custoso e importante é para Konder responder para si, e transmitir para o leitor, a força do marxismo, como elemento de mudança social. Seu trabalho inicial estava conectado com a vontade de conferir à literatura brasileira caminhos para uma revisão do marxismo, ou pistas que

[59] Ressaltamos que não há pretensões neste trabalho de elaborarmos uma crítica ao pensamento de cada intelectual influenciado por Lukács. Nosso objetivo é o de entender traços lukacsianos e afastamentos acerca dos mesmos contidos nos trabalhos dos nossos marxistas.

pudessem orientar a construção de um percurso menos acidentado e equivocado, a assuntos fundamentais para o marxismo, também naquele instante de reflexão da teoria, impulsionada pelo processo de desestalinização. O que, por sua vez, nos indica a inquietação de Konder com a realidade concreta, com a agenda do dia, expondo o modo de interpretar essa situação em meio à totalidade, dialeticamente[60].

> "Podíamos, certamente, ter procurado analisar individualmente cada um desses conceitos, com a acepção que lhe era específica, tentando elaborar assim uma espécie de história do conceito de alienação. Preferimos, contudo, um outro caminho, que nos pareceu atender melhor a exigências imediatas do presente: preferimos concentrar o nosso exame no conceito *tal como ele é utilizado hoje*, isto é, preferimos fixar nossa atenção nas questões conexas com a *acepção atual* do conceito". (Konder, 1965; p.15).

Konder assume o conceito de alienação como empregado na época, em seu significado marxista. Ademais, em relação à filiação de pensamento, fica expressa a aproximação com a perspectiva lukacsiana. E, como aludido do interesse do nosso autor por teóricos marxistas, como Lênin, Gramsci, Korsk e Lefebvre, voltados para temas de envergadura ontológica[61], a exemplo das formas de manipulação dos seres humanos, na sociedade capitalista.

A adoção de reflexões lukacsianas desenvolvidas em *História e Consciência de Classe* sugere para Konder o papel do proletariado – que, na época de 1922, representava o sujeito-objeto idêntico, - como força capaz de revelar as amarras alienantes que seguravam os homens nas diferentes esferas da sociabilidade[62]. Inegavelmente, a alienação atinge todas as classes sociais, burguesas e proletárias. Todavia os membros da primeira a tomam para si e são coniventes com ela. Os

---

[60] Nosso autor, não tomou como fundamento analítico o esquema histórico. Sua intenção foi a de delinear o conceito da alienação na acepção marxista, em suas esferas distintas da sociabilidade. Isso limitou, como o próprio nos alertou, a coesão orgânica de sua análise.

[61] Afirmar que assuntos tenham caráter ontológico não significa dizer que eles estejam alicerçados numa perspectiva ontológica. Todavia, queremos indicar a aproximação dos lukacsianos, com uma vertente do marxismo não dogmática, acerca das pautas tratadas, mas também no que tange ao *modus operandi* de investigação da realidade.

[62] Ressaltamos que Konder não aceita o sujeito-objeto idêntico, ele indica a autocrítica feita por Lukács no posfácio para a edição autorizada pelo húngaro de HCC em 1963. Mas reitera a importância da reconstituição lukacsiana do conceito da alienação e da articulação deste com o fenômeno da reificação, apreendido por Konder. Ademais, o húngaro forneceu, para o nosso autor, na sua fase primeira como marxista, o delineamento de temas fundamentais para Marx e para a teoria do marxismo, mostrando que processos, como o da alienação, representaram noção substancial para o entendimento da realidade concreta.

proletários, ao contrário, sofrem mais gravemente as consequências e são destituídos de um poder de reivindicação desalienador. Daí a relevância de munir-se de conhecimentos que atuem como elementos a favor do rompimento das formas de alienação. Ao marxismo, também uma forma ideológica, atribui-se a perspectiva que desaliena.

O recurso à teoria em articulação com a realidade concreta é essencial. O que nos remete a mais uma aproximação com Lukács na fase da HCC, quando trabalha a questão da relação entre teoria e prática em "O que é marxismo ortodoxo". A preocupação de Konder com os equívocos da teoria marxista, das táticas socialistas e da necessidade de correção radical são categóricas, como ele deixa evidente no decorrer do seu texto de 1965. Em referências a Lukács da fase de HCC, Konder tira experiências relevantes. As formas de atuação do Partido Comunista é uma delas. O combate à ortodoxia dos líderes do partido, outra, e as indicações lukacsianas acerca da teoria da consciência de classe levam nosso autor a pensar nas viabilidades de conscientização e a urgência desse processo.

No âmbito político, a alienação e a limitação de uma perspectiva próxima de uma consciência possível estão fortemente presentes. Konder atenta, em seu exame, para o caráter apolítico que muitas pessoas autoatribuem as suas visões. Na verdade, considerar-se apolítico significa uma postura política, indubitavelmente. A crença na possibilidade de isenção do ser social, que é, por excelência, um ser político, é destituí-lo do seu caráter fundante, e é consequência da alienação. De modo geral, o direcionamento do apoliticismo, como frisa Konder, é o de evitar que o povo possa conscientizar-se da força política que tem, e que possa atuar com influência na vida política e social. Assim, "a ilusão contida na ideia de uma atividade apolítica serve para escamotear o exame da inteligência dos governados uma série de problemas de cuja efetiva compreensão podem advir dificuldades para os governantes." (Konder:1967;p.147).

Além disso, o autor carioca volta-se também para a divisão operada na atividade humana. Separada em duas esferas: a pública e a privada, elas adquirem traços de independência, em que a totalidade é escamoteada, mais uma característica da alienação. O surgimento dessa pseudoideia indica que as atividades individuais realizadas na esfera privada possibilitam um distanciamento ou desobrigação do sujeito com suas tarefas como cidadão.

O apartamento da atividade humana se estende também para o trabalho, separado em ramos distintos, especializados. O que, como nos alerta Konder, torna viáveis ideias errôneas de que as realizações dos indivíduos se revolvam esvaziadas de consequências políticas. Essa situação é piorada onde o subdesenvolvimento é violento, e onde há resistências maiores da população; limitada pela percepção inconsistente de suas reais condições, em combater a própria posição.

O trato acerca do subdesenvolvimento serve a Konder para indicar a fraqueza da esquerda brasileira em analisar o processo ideológico do subdesenvolvimento. Por outro lado, e isso é indispensável, até mesmo para se refletir sobre tal processo, é forçoso pensar criticamente o papel desempenhado pela esquerda através da própria.

É interessante verificar como Konder, em 1965, coloca a tarefa de combate às práticas da esquerda, carente de conhecimento teórico, como já referimos. Essa atitude crítica ele persegue durante as décadas de 1970 e de 1980, fornecendo alicerce argumentativo a sua tese de doutorado, publicada em 1984 e intitulada "A Derrota da Dialética", como outrora mencionado por nós ao longo da presente empresa. O escopo do seu exame era o de entender a recepção de Marx no país, para ter possibilidades de averiguar o caráter adquirido pelo marxismo no Brasil. "Eu queria entender o que tinha se passado com as ideias de Marx, o que muda no Brasil. O que aconteceu com elas? Quem leu, como leu?**"** (Konder, 2008).

Ademais, Konder atentava para a necessidade de compreensão da realidade factual. Por via de consequência, teríamos elaborações teóricas capazes de instrumentalizar pesquisas concernentes às especificidades da sociedade brasileira. Era esse o papel fundamental da relação insubstituível entre conhecimento da realidade do país e desenvolvimento teórico. Isso faltava às esquerdas que conduziam os intelectuais ligados a elas, a lançar mão e interpretar nosso contexto a partir de realidades outras, numa importação de exemplos, de experiências teóricas inadequadas a nossa situação.

Por intermédio do exame desenvolvido por K0onder, observamos sua nítida preocupação e receio, no que tange à articulação das instâncias sociais em extensão umas com as outras. A (falta de) interdependência, ideologicamente mitigada na sociedade capitalista, impede a consideração dos seres sociais de vislumbrar e entender o desenho da sociedade em conjunto, em sua totalidade[63]. Ao articular as instâncias

[63] Frisamos que a totalidade, para nós, não é concebida como simples soma de fatos, e tampouco a mera sobreposição das instâncias sociais, mas concebida em sua interdependência orgânica.

política, artística, econômica e histórica, ele evidencia, também, a inexistência do determinismo da economia sobre as demais. Percepção correta, que só poderá se realizar através da interpretação acertada do marxismo de modo que o seu próprio trabalho tem como função prática a divulgação e incremento do marxismo no país. Essa proposta é perseguida nos trabalhos posteriores.

Em *Os Marxistas e a Arte,* de 1967, é explicitada a inquietação de Konder com a cultura e com a necessidade de apresentar traços dessa esfera da sociabilidade. Para isso, ele aborda a perspectiva de autores do marxismo tradicional, como Kautski e Plekhanov, e do'marxismo ocidental', como Lukács e Gramsci, sobre a arte, já que considerar os problemas artísticos envolve refletir sobre a cultura, sobre suas representações e significados, inclusive os políticos. A esfera cultural concebe, também, o *locus* em que se expõe posições políticas resistentes aos grupos hegemônicos da sociedade do capital. Os estratos preocupados com a mudança revolucionária se voltam para as políticas culturais, como é o caso de marxistas brasileiros, como o próprio Konder, que participavam ativamente do partido comunista.

Num primeiro momento, nosso autor esboça a importância do entendimento de Hegel para o marxismo, e sua centralidade no desenvolvimento deste, como urdido por Marx. No trabalho de 1967, Hegel é visto como "ponto pacífico[64]", pois, sendo rechaçado ou tomado como influência cabal para o marxismo, é sempre mencionado – e é dessa forma que Konder o apresenta ao público brasileiro.

Seguindo o conteúdo do livro, nosso marxista carioca traça, propositivamente, a percepção estética de Kautski, Plekhanov, Mehring, Trotski, Lênin, Gramsci, Benjamin, Lukács, Lefebvre, Goldmann, Kosik dentre outros marxistas de tradições distintas. "(...) no interior do marxismo e ao longo do seu desenvolvimento, posições teóricas diversas se têm formado e reivindicado o direito de representar a estética marxista." (Konder, 1967:1). Existe a indicação da relação entre o caráter estatutário do marxismo nos anos 1960 - no cenário mundial em que uma das problemáticas girava em torno da revisão do marxismo no âmbito político e teórico – e da representatividade desta corrente de pensamento e da ação para um futuro aclaramento de questões culturais no cenário brasileiro. A necessidade de apreensão da teoria é ponto indispensável, e recorrente para ele durante toda a década de 1960, como fora exposto no livro de 1965. É com essa

[64] Cf. Konder, 1967:15.

impressão sobre a urgência do conhecimento e divulgação das concepções marxistas, especialmente no que tange às questões estéticas, que ele termina a introdução do escrito de 1967, arrolando os objetivos e os possíveis aportes do seu trabalho que,

> "pode contribuir para o avanço dos estudos estéticos de orientação marxista no Brasil; divulga idéias que são bem pouco conhecidas entre nós; mostra que a estética marxista tem comportado pontos de vista contraditórios, colidentes, e ajuda a tornar claro que os problemas com que a estética marxista se tem defrontado são complicados e se prestam mal a esquematismos sectários e a simplificações imediatistas; as posições cujas características ele [estudo] divulga não são estranhas às discussões que, de alguns anos para cá, vêm sendo travadas por intelectuais e estudantes brasileiros, de modo que ele se liga à realidade cultural brasileira; ele pode contribuir para elevar o nível teórico relativo às discussões sobre estética marxista e à abordagem marxista das questões da arte e da literatura, ajudando a dissipar numerosos equívocos e ajudando a combater numerosos e pertinazes preconceitos." (Konder, 1967; p. 14).

Com isso, temos exemplificado um dos âmbitos pesquisados por Konder que desenvolveu árduo trabalho em cima de conceitos marxistas, como o fenômeno da alienação, em 1965 e da ideologia, condensado em livro em 2002. O objetivo era o de retomar conceitos ora esquecidos, ora menosprezados pelos marxistas em geral e que possuíam e possuem grande relevância para a compreensão da realidade social.

Todavia, se não convêm abordar novamente o princípio do trajeto intelectual de Leandro Konder, ou melhor, suas preocupações iniciais concernentes a difusão do marxismo, é interessante atentar para uma passagem dos *adensamentos dialéticos* que norteiam a visão de mundo do nosso autor, do significado epistemológico de HCC para o desenrolar de sua perspectiva. Que congregava a preocupação com questões relativas ao posicionamento estratégico do socialismo e suas possibilidades de transformação da sociedade capitalista. *História e Consciência de Classe* sinalizou a relevância, como o próprio título diz, com o processo de conscientização dos indivíduos, em meio a história, no capitalismo. As portas para a arte, e a política estavam doravante próximas da explicação de como o conhecimento é construído, da necessidade de se fazer uma análise correta da realidade, de buscar um instrumental capaz de concretizar a efetivação de tal intento. De modo que, as inquietações de Konder, estavam em compasso com a situação da época da redação dos dois livros por hora comentados.

Na entrevista (2008), ele deixou claro que sua investida intelectual primeira, articulada com as necessidades brasileiras, estava direcionada para arrestar a herança marxista e o que havia sido trabalhado aqui em termos analíticos. De tal forma, que nos anos 1960, o que nós entendemos como um projeto mais amplo começa a ser mapeado. Konder procurava cingir temas que apartavam os seres sociais uns dos outros, em nossa sociedade. Com isso, é viável reiterar que o percurso de Leandro Konder indica a continuidade de uma visão de mundo dialética, formada por adensamentos da mesma natureza, ou seja, da problemática sobre a presença de Marx, os usos de categorias advindas de suas concepções passa pela necessidade de apreensão da historicidade dos fatos, da realidade brasileira e das deficiências teóricas por parte da intelectualidade, o que solicita, consequentemente, a explicitação dada pelos marxistas analisados por Konder, em "Os Marxistas e a Arte" (Konder, 1965).

Ainda sobre o livro supracitado, enfatizamos que ele versa sobre a função gnoseológica da arte, vista como lugar particular da práxis humana e capaz de arrestar a realidade social. Afirma como essa instância da vida social é subestimada, mas indica também que, no ponto de vista marxista, a arte adquire uma importância, maior ou menor. Ao longo da obra de 1967, nosso autor apresenta, fortemente, a influência de idéias lukacsianas. A categoria da totalidade, retomada por Lukács, espraia-se na análise de Konder, que constantemente aponta para o imperativo de percepção do papel da arte, em suas instâncias gnoseológicas e humanistas. Na sua concepção acerca da relação estreita que a arte estabelece com a realidade humana, sendo uma expressão dessa mesma realidade, que demonstra, nas entrelinhas, traços alienantes e ideologizantes de uma dada forma artística.

A visão crítica de Konder perpassa toda a obra e fica bem explicitada quando ele atenta para os equívocos cometidos frequentemente por marxistas ao tratarem do fenômeno artístico. Coube a ele indicar os principais motivos que fazem da obra de arte, expressão da nossa autoconsciência, "na criação artística bem sucedida, o marxista Henri Lefebvre enxergou 'aquele trabalho liberto de toda coerção exterior, verdadeira prefiguração do reino da liberdade'." (1967:11), em que a categoria da totalidade é assumida. Para Konder, dialeticamente, a arte precisa ser percebida como um conhecimento particular de assunção do real, e que não pode ser observado por outras dimensões que proporcionam também o estudo da realidade. Não obstante, é imprescindível verificar que a arte, mesmo sendo importante em uma ação política,

atuando como crítica, não pode se deixar perpassar por politicismos em detrimento do valor artístico. Konder se posiciona contra a tendência da perspectiva do esteticismo, que põe o belo acima dos valores humanos. No outro extremo disso, estão as visões que politizam a arte: "ao invés do combate à mistificação do esteticismo ser realizado pelos marxistas, também em nome da arte, ele foi realizado em nome exclusivamente da política". (Konder, 1967:11). A crítica estritamente estética, ao contrário, pode ser efetivada objetivando contribuir para um exame político, como fora desenvolvido por "dois grandes teóricos marxistas, Gramsci e Lukács". Assim, o artista que realiza um trabalho a pedido de uma função partidária, por exemplo, está vendendo sua criatividade, sua arte para um patrão, como afirma Gramsci. Já Lukács alerta para os equívocos cometidos em nome de ideias políticas. Konder recorre ao exemplo dado pelo húngaro quando este critica a arte nazista. Mesmo encontrando muitos adeptos, essa arte sempre foi, para Lukács, um tipo pobre de expressão artística. Destarte, os dois filósofos alertam para a temeridade de se trabalhar artisticamente, de modo unívoco e exclusivo, em prol de concepções políticas.

No mais, é a favor de uma visão de mundo comunista que ele lança esses questionamentos. É forçoso não se equivocar com a certeza de que se pode ter, na arte, demonstrações políticas, mas é fundamental considerar que mesmo sendo ela expressão de uma época, de uma cultura que está articulada com as instâncias da vida social, interdependentes, a utilização artística para fins políticos pode obscurecer sua capacidade de refletir a realidade, e destituir sua força na autorrealização dos seres humanos. Com a certeza da relevância da arte e da política, Konder produziu trabalhos e passou pelos duros anos 1970, quando precisou deixar o Brasil e exilar-se na Europa, retornando ao país munido de uma perspectiva de quem esteve algum tempo fora.

Na primeira metade dos anos 1980, Konder publica "O Marxismo na Batalha das Idéias" (1983), livro constituído por artigos que tratam de temas recorrentes ao longo de sua trajetória interventora, tais como a questão da ideologia e da alienação, a presença do marxismo no Brasil, as crises do socialismo e a exposição de concepções de teóricos do marxismo. Konder nos indica o surgimento de novas nuances, de acordo com o contexto de transformações na sociedade brasileira. Entre elas, o ajustamento das crises do socialismo, que se perde em meio a simplificações, como ele relata no artigo de 1983, "Crises do socialismo", onde é repensada a situação do socialismo em meio à

crise ocorrida pós-desestalinização e que reverberou decisivamente, não só no meio comunista, mas também no meio político genericamente, nos anos que seguiram.

Alicerçados numa crítica dialética, esses temas são atualizados e aparecem em veículos de comunicação, como periódicos e grandes jornais de circulação nacional, como a Folha de São Paulo. Para nós, isso pode ser interpretado como uma tentativa de não se restringir ao público intelectualizado, versado no marxismo, ou de adeptos da esquerda; e de abordar, em linguagem acessível, assuntos aparentemente espinhosos para a média da população. Konder segue as considerações lukacsianas colocadas na época da "Ontologia do Ser Social", que apontava para a necessidade de a juventude perceber que os novos fenômenos de massa, devido a sua novidade e complexidade, teriam que ser pensados sem o "apelo a Marx e a Lênin", e que precisariam ser solucionados em seu contexto inédito, como Konder expõe em 2002, no seu livro, "A Questão da Ideologia" (pág. 67).

Nessa fase, trata do conceito de ideologia abordando como autores, a exemplo de Marx, Lukács, Mannheim, Benjamin, Gramsci, dentre outros a conceituam. Ademais, retoma a sua preocupação frequente, que é a de como o fenômeno é usado no Brasil. A apresentação de autores marxistas, surgidos no século XX, como os supracitados e o esboço de suas considerações teóricas e políticas também são pontos substanciais para o nosso autor. De trabalhos distintos que vão de 1965 a 2008, quando lança seu livro de memórias "Lembranças de um intelectual comunista", surgem possibilidades para os interessados no marxismo de terem uma ideia geral e inicial das concepções dos intelectuais marxistas. A percepção da necessidade de divulgação de teorias marxistas e de suas correções são uma constante na bibliografia desenvolvida por Konder. O debate em torno dessas questões fulcrais na sociedade capitalista, cada vez mais complexificada, exige um manancial com extenso rigor teórico, donde se explica a exposição de pontos de vista marxistas distintos, para que não ocorram equívocos como os concretizados no período introdutório do marxismo no país. Seguindo os cânones marxistas, Konder toma a teoria como peremptória para a conscientização e para o desenvolvimento de ideias revolucionárias. Na sua perspectiva, há a preponderância da fase lukacsiana da ontologia. Para o nosso autor, os seres sociais são fulcrais e, as relações do cotidiano, mais fortemente nos anos 1980, adquirem uma visibilidade mais manifesta com o conjunto de crônicas colocadas no seu livro de 1982. A relação de Konder com as concepções do Lukács mais maduro podem ser sopesadas

durante toda a sua caminhada intelectual, desde o início. Mesmo com as dificuldades relativas ao acesso aos textos do húngaro, Konder conseguiu lê-los e contribuiu com a divulgação de alguns, como apontamos no capítulo precedente, de maneira que ele desenvolveu um balanço de HCC e da OSS, muito acertado.

Konder efetivou uma leitura sempre muito crítica, não se limitando às concepções de Lukács, de Marx. Lia muitos autores considerados marxistas ocidentais, destaque para Gramsci, Benjamin e Brecht. Inclusive, é muito forte entre os membros da primeira geração o contato e a influência de pensadores caracterizados por Perry Anderson, que seguiu as distinções de Merleau-Ponty, de marxistas ocidentais, como os supracitados. Percebemos uma similitude de temas, de preocupações, como a arte e a cultura. Há uma tendência bastante ontológica que concebe, na arte e na ciência, esferas da sociabilidade em que a autoconsciência pode se realizar, estando mais liberta, menos reificada, no entorno da complexidade do real. Revela a forma da consciência do cotidiano, ancorando-se na "Estética" de Lukács e aborda a sua importância no processo de conhecimento, como o húngaro tão bem desenvolveu (Konder, 2002; p.237).

No mais, o marxista carioca segue uma linha de continuidade que vai sendo acrescida dialeticamente, se tornando mais robusta no decorrer dos anos, com acirramento de tensões agravadas pelo capitalismo e suas formas de manipulação nascentes, e da pasteurização da cultura, ao passo em que se vê maior acesso à mesma e a bens de consumo. Não conferindo aí qualidade, mas, sobretudo um processo de quantificação, como reforçado por Lukács, já em HCC. Crescimento da indústria cultural, redemocratização brasileira, movimento comunista, tensões dentro do partido comunista, fim do socialismo na URSS, enfraquecimento do partido comunista, necessidade de novas diretrizes políticas para se reavaliar o espólio comunista e o instrumento da crítica constante para repensar tudo isso, ao longo dos anos 1960-2000. Konder alargou dialeticamente sua visão de mundo, não logrando a margem o recuso da crítica dura e constante, característica que lhe é cara até hoje.

Assim como Leandro Konder, **José Chasin** foi um dos primeiros intelectuais atrelados ao Partido Comunista a conhecer as ideias de Georg Lukács. Como mencionamos no capítulo anterior, foi ainda na graduação em filosofia que ele começou a se interessar e a se debruçar sobre as obras lukacsianas. A sua tese de doutorado, publicada nos pesados anos 1970, foi uma das mais ricas investigações sobre a realidade brasileira, munido de um arsenal teórico e metodológico de cunho lukacsiano. Em "O

integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio.", há um rico tratamento acerca do pensamento conservador, exemplificado pelo integralismo de Plínio Salgado, gerado nos anos 1930. Chasin procede a uma análise do momento que antecedeu a eclosão do movimento integralista, nuançado aos escritos de seu fundador Plínio Salgado, especialmente "Literatura e Política", de 1927, e dos seus manifestos delimitados entre 1926 e 1937, período, que, segundo nosso autor, marca a formação ideológica do movimento.

Inicialmente há a análise do material referente aos manifestos escritos pelo seu mentor, o intento foi o de "determinar o conteúdo nodal explícito da proposta ideológica 'oficial' de Salgado." (Chasin, 1978, p. 93). Para isso, Chasin lançou mão dos textos oficiais e dos que antecedem o período de 1932-1937: a fase de existência do movimento (1932-1937), a carta de 1938, escrita por Plínio Salgado e endereçada a Getúlio Vargas e o manifesto de 1945, ocasião em que se dá a extinção oficial do movimento e o exílio de Salgado.

A abordagem mostra que, diversamente do que a bibliografia brasileira convencionou como oficial, existe outra interpretação no que tange à conectividade entre o integralismo e os movimentos fascistas. Na obra de 1978, o integralismo não é concebido como uma variante do fascismo. De acordo com Chasin, em suas investigações dos escritos de Plínio Salgado, este, em diversas ocasiões, estabeleceu a diferença entre o integralismo e o fascismo. Aquele era "mais abrangente e doutrinariamente mais fundamentado que o fascismo." (1978, p. 668), tendo um objetivo igualmente mais extenso, que visava não apenas ao Estado Forte de direita (como ocorria com os países de linha fascista), mas ao Estado Integral, que significaria um equilíbrio acabado. Ademais, as diferenças entre o fascismo e o integralismo de Plínio Salgado residem no fato de que, no primeiro, há uma expansão econômica atrelada à regressão política. No integralismo, distintamente, busca-se realizar a síntese do pensamento e da política. Neste, há uma regressão econômica, ou melhor, segundo as palavras de Maurício Tragtemberg[65], Plínio Salgado representa "a própria regressão econômica que se encaminha a uma idealização da 'tradição ruralista' brasileira como técnica de contenção do desenvolvimento capitalista." Essa tradição ruralista vem exposta no seu desejo de repor elementos rurais, como expressão de desenvolvimento,

[65] Maurício Tragtenberg escreveu as orelhas do livro publicado em 1978 pela Livraria Editora de Ciências Humanas. O prefácio foi escrito por Antônio Cândido.

notadamente de um anticapitalismo romântico. Acrescido a isso, ele apregoava uma revolução espiritualista de fundo moral (Chasin, 1978, p. 494 – 515). Na epígrafe do livro, Chasin põe em relevo o espírito de Plínio, coadunado em uma frase sua que diz: "O espírito dos sertões está invadindo as cidades." E, em outra citação que expressa seu ideário político nacionalista, encontrada no Manifesto da Legião Revolucionária de São Paulo e também usada como epígrafe na obra de 1978: "Nós, caboclos dos trópicos, proclamamos, em face de uma civilização que nos quer deprimir, os direitos sagrados do homem brasileiro." (Salgado apud Chasin, 1978).

Além disso, o autor do "Integralismo" percebeu que essa generalização que punha o integralismo como um tipo de fascismo equivocava-se, pois, ao analisar este e os movimentos próximos a ele conectados com o sistema capitalista, verificou que, no Brasil, a efetivação de um tipo de fascismo era inviável pelo fato de o capitalismo posto aqui se encontrar em atraso mais agudo do que o existente em países de capitalismo atrasado, como a Alemanha e Itália. Em nosso país, o capitalismo era "hiper-tardio" e, como esse sistema estava atrelado ao fascismo, nossa situação impossibilitava a classe burguesa de se colocar, como sucedia nos países fascistas onde o capitalismo era "tardio". Além disso, fazia-se necessário contextualizar, tomar as especificidades brasileiras e não decorrer como os intérpretes do integralismo costumavam fazer, tratando o Brasil dos anos 1930 como similar em situação à Itália e Alemanha, por exemplo. "Nestas condições, o integralismo é um fascismo e as condições do Brasil de 30 são entendidas como fundamentalmente semelhantes às da Itália, Alemanha e outros países da mesma época." (Chasin, 1978, p. 35).

Apoiado teoricamente em Marx e em Lukács e tendo em Lênin em sua análise do imperialismo na Rússia, Chasin trabalha criticamente o conceito de via-prussiana (assim como Coutinho também realizou) e cunha a noção de *Via Colonial* para designar o tipo particular de desdobramento propiciado pelo capital num país de raiz colonial e de industrialização atrasada e sob chancela imperialista, configurando um capitalismo de tipo hipertardio. Esse aspecto representa uma inovação de Chasin. Ao aplicar a noção de Via colonial, ele ampliou a análise acerca do entendimento do capitalismo brasileiro, a partir da sua particularização que considerou o contexto histórico-social e o desenvolvimento político-econômico do país. Nesse tipo de capitalismo muitíssimo atrasado, a economia é agro-exportadora e a industrialização, tardia. De modo sumário, cabia entender como as entidades sociais se objetificavam concretamente em situações

diferentes. Desse modo, no Brasil, o capitalismo não se desenvolvera exatamente da mesma forma como ocorreu na Alemanha, por exemplo. Daí a precisão de "combinar a dimensão histórico-genética com a legalidade dialética." (Chasin, 1978, p. 629).

Mas, para nós, os aspectos mais essenciais da obra de 1978 residem na referência que seu autor tece com relação ao modo de analisar e de efetivar a pesquisa, o que, logicamente, abarca as inferências concernentes ao fenômeno do integralismo. Fortemente influenciado por Lukács, Chasin se volta para "A Destruição da Razão", donde retira reflexões sobre a via-prussina para urdir a Via Colonial, além dos questionamentos acerca do irracionalismo e pequenos comentários tocantes aos modismos investigativos da época (anos 1970), (segundo nos parece) encontrados na apresentação, na introdução e no capítulo final "Premissa, Conclusões e Futuras Aproximações". E, como bem observa Antônio Cândido no belo prefácio, ao afirmar que Chasin desenvolveu uma análise diferencial em que "antes de avaliar, (ele) preferiu estudar seriamente, como se não tivesse juízos prévios (...)." (1978, p.12). Nessa linha, está desenvolvida uma análise imanente, procedida a partir da investigação das obras plinianas, antes, no decorrer e, depois, da assunção do movimento integralista em que ele aprofunda a verificação do contexto brasileiro, conectado ao que estava se delineando em termos mundiais. Como assevera Chasin, importava a análise imanente da obra e da gênese e da função social do objeto. Para isso, ele nos indica como realizou a sua pesquisa e justifica as possibilidades de aproximações por ela suscitadas. Num opulento caminho teórico-metodológico alicerçado dialeticamente:

> "Em cumprimento à própria especificidade da análise imanente, os capítulos anteriores, à medida que avançavam no rastreamento dos escritos plinianos, natural e obrigatoriamente foram pondo à luz a identificação buscada, de tal forma que a explicação entreteceu a descrição, de maneira que nossa exposição poderia ter tomado o ponto final pela exposição do seu todo. Posto que a prova de interpretação que se construía realizava-se pela própria possibilidade de extração, do material examinado, da interpretação oferecida. Razão pela qual, no caso, para levar a rigor ao limite, buscamos *colar* o método expositivo ao método de investigação, o que se expressou, no mais visível, no esforço de dizer o máximo possível, através da própria palavra do objeto analisado. (...) Consequentemente a conclusão principiou a ser articulada no mesmo instante que se iniciava o rastreamento dos textos, superando assim, a pseudodualidade entre *apresentação de dados* e *processo analítico.* Os dois aparecem na inteireza de sua unicidade originária. Com isso evitou-se o uso, até mesmo involuntário, de *modelos,* e assim, pretende-se ter apalpado o concreto do discurso investigado. Sendo assim, não caberia o que tradicionalmente é entendido por uma conclusão; no caso seria uma

> redundância empobrecida, pois não seria mais do que um simples resumo, enquanto a análise imanente propriamente dita, a seu plano, é conclusiva no seu próprio decurso. De modo, que o que segue é, mais do que qualquer outra coisa, uma extensão que se pratica a partir dos resultados obtidos; extensão, todavia, e soa assim ela, aqui se justifica, que reencontra supostos de toda caminhada. Ou formulado a um nível mais concreto: entendida ou apreendida a natureza real ou a qualidade efetiva do discurso pliniano, põem-se as questões de sua gênese e de sua função social, bem como as questões relativas à análise comparada entre ele e o discurso fascista." (Chasin, 1978, p. 603 – 604).

O procedimento da análise imanente ele insistirá ao longo de toda a sua trajetória e que se apresentará, de modo bastante maduro, no texto de 1995 (2009), intitulado "Marx: estatuto Ontológico e Resolução Metodológica", que iremos esboçar posteriormente.

Nos anos 1980, Chasin lança, pela Editora Ensaio, a revista marxista Cadernos Ensaio, cujo primeiro número é integralmente dedicado a Karl Marx. Com textos do próprio Marx, de Lukács, em seu famoso ensaio "Meu caminho para Marx", de Lênin, de Gramsci, de Mészáros, Florestan Fernandes, de Maurício Tragtenberg, Ricardo Antunes à época muito próximo de Chasin, e deste a revista é um rico documento dos esforços de Chasin em divulgar as ideias marxistas no Brasil, embasando um projeto político amplo: a possibilidade do socialismo. E é ele quem abre a coletânea de textos em homenagem a Marx. No instigante artigo "Da razão do mundo ao mundo sem razão", ele reflete sobre a importância das ideias marxianas no contexto de crise dos sistemas econômicos e do que posições teórico-políticas passaram a classificar como uma crise do marxismo nos anos 80, na necessária tomada e retomada de um entendimento amplo, profundo, teórico-metodológico das concepções de Marx, representativamente as ferramentas que possibilitarão o "recomeço" para a apreensão da posição dos homens no e do processo histórico conflituoso.

Mas, para que se dê o resgate, é certo que houve a perda ou distanciamento de algo. E são prontamente as ideias de Marx, seu espólio, que precisam ser colocadas na agenda do dia, distanciadas e corroídas pela crise mundial do movimento comunista, "da falência do comunismo de acumulação" e pela posição intelectual rasa ("alimentada pela dupla crise do mundo contemporâneo"), que propiciou um empobrecimento das concepções marxianas, e do marxismo, uma pseudo facilitação de acesso a elas e uma colagem teórica de visões incongruentes com sua herança intelectual.

Chasin procede a uma revisão histórica dos efetivos avanços e retrocessos concretizados pelo homem ao longo do centenário de Marx, com a complexificação das formas de sociabilidade desenvolvidas no entremeio do capitalismo e do socialismo.

> "De Paris a Gdansk vai um enredo histórico sem paralelo. Não só enquanto processo exuberante da universalização do capitalismo, e da ruptura de sua hegemonia sob a emergência de um sistema de acumulação pós-capitalista. O itinerário de uma Comuna a outra totaliza uma complexificação da sociabilidade posta em crise radical. No todo, um mundo em crise – pela crise geral de suas partes, eis a universalidade em que se dá o transcurso do Centenário de Marx." (Chasin, 1988, p. 14).

Surge o que ele conceitua de dupla barbárie: a do capitalismo avançado e a do socialismo, que, no início dos anos 1980, ocasião em que Chasin redigiu o artigo, atravessava uma forte crise, donde, a partir de sua análise, atentou para a razoável derrocada:

> "os dois sistemas ultrapassaram os limites de possibilidade para prosseguir velando com credibilidade seus impasses, e tem estreitadas condições para continuar, com resultados estáveis, os jogos de dilação e deslocamento de suas contradições específicas. Postos em crise indisfarçável, exibem com brutalidade os perfis de uma dupla barbárie." (Chasin, 1988, p. 17).

Ao passo que o capitalismo produzia, em larga escala, crescia, na mesma proporção, a miséria, nos países periféricos, sendo essa uma das mazelas representativamente mais agudas do sistema em questão. Além de investigar as formas de reprodução do capitalismo e a reafirmar a força que alicerça sua crise, pontua também a relação que a crise do capitalismo estabelece e reverbera na crise do socialismo de acumulação. (P. 20 -25). E este, por sua vez, promoveu uma outra barbárie, instaurando uma nova "ideologia do poder", que criou uma falsa ditadura do proletariado, burocratizando a vida das pessoas. Esse socialismo real, ancorado no capital, que, como afirma Chasin, ultrapassa o capitalismo e não se restringe a ele, e sob o stalinismo, é um ato de barbárie.

As barbáries, que nascem e são reproduzidas pela "dupla regência do capital", fomentam, ainda, o que Chasin denomina de "duplo estranhamento da consciência contemporânea". E infere a existência de "duas barbáries, duas fetichizações em curso, uma elevação ao quadrado da supressão de sentido." (Chasin, 1988, p. 37). Como conseqüência, uma fetichização do mundo pelo capitalismo e a alienação da consciência no socialismo real. Chasin procede a partir da herança marxiana, em que aplica o

materialismo histórico e dialético, e analisa profundamente as crises dos sistemas em curso nos anos 1980. E afirma a importância, largamente propagada por Lukács, de observar as soluções fomentadas pelas correntes irracionalistas e neopositivistas, que imprimem uma razão que solapa as correções ontológicas as de fato capazes de apreender a realidade em sua concretude, entender as novas configurações do capital.

A ênfase no resgate das acepções marxianas, que, para Chasin, na contemporaneidade, havia sido urdida de modo denso por Lukács, correspondia ao ponto peremptório e premente, não só no exame e compreensão do que estava se processando, mas para a "tematização de novas realidades". E recorre a Marx para evidenciar a conceituação de ciência e filosofia e alertar para o equívoco do apartamento das duas formas de conhecimento. Tal atitude significa uma mitigação da consciência marxista, gerando graves consequências para "o corpo teórico e prático", de influência marxiana, surgindo sob a predominância de combates epistemológicos. Novamente, Chasin atenta para o erro de se proceder desse modo. O substrato ontológico é o que delineia verdadeiramente o marxismo.

> "Histórica e logicamente, este (o saber marxiano) se arma e articula como uma *ontologia. E só nesta e a partir dela é que ganham perfil e resolução as questões epistemológicas, gnosiológicas, metodológicas, científicas e práticas em geral.*" (1983, p. 43). (Grifo nosso).

De modo que, nesta assertiva, ele expõe a essencialidade da filosofia para o pensamento e práticas que se pretendam marxianas. E continua afirmando que a clivagem basilar para a ciência é justamente na assunção ou não da ontologia e de suas relações com ela. Isso é reiterado na bela passagem:

> "Ao inverso do pauperismo intelectual que cava abismos entre ciência e filosofia, presencia-se na elaboração marxiana a reemergência da forma rica do saber: unitário, sintético e direcionado à totalização. Constata-se em verdade, o espírito originário do termo filosofia, na medida em que *Sofia* é o conhecimento teórico e prático e *amor* se desvela como carência, necessidade vital de algo não possuído. Filosofia, pois, como carência de saber do mundo e mundo carente de transformação." (Chasin, 1988, p. 45).

Logo, a filosofia marxiana caracteriza-se pela apreensão radical do mundo (ontologia), concretizada no mundo através de uma prática igualmente radical e que tem como objetivo a revolução. A epistemologia, deixa claro Chasin, é por esse aspecto, indispensável e sua eliminação do arcabouço marxiano significa o desaparecimento "do

padrão ontológico do saber e do padrão revolucionário da prática." (Chasin, 1988, p. 45).

Além de fixar a relação fundamental entre filosofia e ciência, mostrar que a eliminação da primeira é um ato político e nada ingênuo, colocar a relevância da ontologia para a perspectiva marxiana, Chasin atenta para a importância de Hegel e da dialética para a constituição arcabouço marxiano ("ontologia e dialética são inseparáveis"). A percepção da retomada das ideias de Marx, como bem realizou Lukács em sua sistematização da ontologia de Marx, é finalmente a tarefa proposta por Chasin para o reencontro com a razão e com o sentido da vida emancipada.

Esse tema e essa ênfase se mostraram perenes no decorrer da trajetória de Chasin, como podemos constatar em outro trabalho de peso urdido por ele em 1994. "Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica" (2009), que surgiu, como esclarecem Vaisman e Alves, como um posfácio a um livro de Francisco Soares Teixeira, que procedia na intenção de uma leitura imanente das últimas obras marxianas. (2009, p.7). Ocorre que o texto de Chasin adquiriu uma amplitude muito maior do que ele próprio objetivava, na medida em que, atentando para pontos do livro de Teixeira, ele pôde desenvolver, com profundidade, questões tangentes à exposição e análise das linhas condutoras do pensamento marxiano: as categorias da vida social, a forma de se chegar ao ser social e entender a sua reprodução no processo histórico, ou, de modo mais geral, analisar o estatuto ontológico marxiano, estatuto que Vaisman e Alves conceituam como sendo a

> "ordem do reconhecimento ou reprodução teórica, da identidade, natureza e constituição das coisas em si (seres ou entes) por seus complexos categoriais mais gerais e decisivos, independentemente, em qualquer plano, de se tornarem objetos de prática ou reflexão. Nesse sentido, é a teoria do reconhecimento da objetividade histórico-imanente em suas distintas formas e apresentações (natureza e sociedade)."

Sua perspectiva, pois, segue nessa direção de pôr em relevo a fundamentação ontológica marxiana, que, graças a Lukács, adquiriu uma sistematização.

O livro possui cinco tópicos, que abordam a origem da apropriação do pensamento marxiano e sua crítica, o questionamento ontológico fundamentado nas concepções de Marx, a percepção da inexistência de uma metodologia em si, condicionada a determinações lógicas, e sim envolta por processos ontológicos.

Em linhas gerais, Chasin direciona sua preocupação para a necessidade de reprodução das ideias desenvolvidas por Marx, considerando o modo como ele as urdiu e as expôs. Sublinha que, para a efetivação dessa reprodução é requerido um "respeito à estrutura lógica" intrínseca ao texto investigado. A "analítica matrizada" (como ele trata essa forma de exame) possui a positividade "a sustentação de que, antes de interpretar ou criticar, é incondicionalmente necessário compreender e fazer prova de haver compreendido." (Chasin, 2009, p. 25). Isso tudo considerando sobremaneira a objetividade do discurso expresso nos textos. O seguimento dessas diretrizes que articulam o discurso conduzem ao que Chasin denomina de "análise imanente ou estrutural".

Nela há um questionamento sobre a análise epistemológica, já que a análise imanente solicita o esboço da posição que Marx colocou, e o assunto que a funda e que precisa de explicação está posto na obra do próprio Marx. Disto Chasin passa a refletir sobre a questão da epistemologia, que dominou as interpretações concernentes ao pensamento marxiano e esclarece:

> "Desde os anos 1950, com os antecedentes bem mais remotos, sem se indagarem pela adequação do caráter de suas abordagens ao objeto pesquisado, **o que mais fizeram os intérpretes de Marx foi disputar sobre o "estatuto científico" de seu discurso**. Em suas querelas, mais ou menos agudas, primaram por conferir talhes analíticos ao pensamento marxiano que o infletiam ao sabor das conflitantes equações formuladas pela tematização convencional da problemática do conhecimento, isto é, **cada um deles descobriu ou emprestou ao pensamento de Marx o fundamento de um perfil teórico cognitivo e metódico *diverso*,** porém, laborando todos eles na *certeza unívoca* de que a **base da reflexão marxiana ou a resolução de suas 'dificuldades' estava em algum canteiro do subsolo lógico-cognitivo**." (Chasin, 2009, p. 26 -27). (Os grifos em negrito são nossos).

Assim sendo, fica evidenciado que o erro central dos intérpretes e comentadores de Marx foi o de ter desprezado a origem do seu pensamento situado com o contexto histórico, articulando-o a formas de conhecimento cujos objetos históricos são diferentes. Nesse entremeio, buscaram encontrar a cientificidade do pensamento marxiano, caindo na opção equivocada de dar substrato lógico-cognitivo. Para nosso autor, Lukács incorreu nesse erro em "História e Consciência de Classe", no ensaio sobre o método marxiano.

Ainda segundo Chasin, na tentativa de elucidar as idéias de Marx, deu-se uma explicação como um "amálgama de origem tríplice". Como não compreendidas, pois

mal investigadas (como está posto no decorrer da obra de 2009) as concepções marxianas ganharam exposições tolas, fragmentadas do seu contexto e do seu sentido original.

O que Chasin chama de "amálgama de origem tríplice" encontrou, nas distintas fases e períodos do marxismo, seu ponto de destaque, seja na ocasião em que se achou que, nos textos de economia de Marx, estava a chave para a elucidação de seu ideário global; seja no momento em que se passou a revisitar os clássicos, como Hegel, e tender, de um lado, para uma aproximação exagerada de Marx com ele, e de outro, a pender para um largo afastamento. São erros realizados por Lukács, Kautsky, Lênin ("As três fontes e as três partes constituintes do marxismo"), Althusser e Della Volpe. Sobre os dois últimos, Chasin afirma que eles dispensam comentários ociosos "dada a evidência que proporcionam e porque historicamente destituídos, o que não dispensa análise minuciosa de suas obras." (Chasin, 2009, p. 31). Logo, a ideia de que Marx efetivou uma síntese do pensamento - (econômico, alemão e francês) em que se destaca o método - pura e simples parece aos olhos de Chasin como um erro absurdamente grosseiro e simplificador do pensamento marxiano e que especialmente Kautsky o fez com maestria. (2009, p. 25 – 37).

Logo, coube a ele demonstrar a centralidade da ontologia no arcabouço marxiano, de modo que, nas assertivas de Lukács (a quem confere uma crítica sobre a aproximação demasiada de Marx com Hegel), ele toma o percurso traçado pela preocupação ontológica no ideário do alemão. E investiga passagens de obras iniciais e finais de Marx, bem como as críticas ontológicas, que fundam o pensamento marxiano. Devidamente sopesadas, Chasin retoma o "programa de investigações de Marx", que tem, na crítica da economia política, seu terceiro questionamento. Com ele, a concretização de um novo patamar de inteligibilidade, "proporcionado pela síntese filosófico-científica" (2009, p. 74), que tem na filosofia, o início que orienta essa cientificidade inovadora, apontada por Lukács na "Ontologia do Ser social".

Ademais, frisa Chasin, coube ao húngaro também ter enfatizado que foi no pensamento marxiano que se inauguraram, na história filosófica, as categorias econômicas como categorias de produção e reprodução da vida humana, o que viabilizou "uma descrição ontológica do ser social em bases materialistas", o que ocorreu nos Manuscritos econômicos-filosóficos. (Chasin, 2009, p. 75). É justamente na articulação das críticas

ontológicas que Marx compreende e faz compreensível o lado da negatividade do trabalho, que leva a

> "descobrir o caráter social da verdadeira resolução em potência desse complexo problemático último, o que induz à elevação humana e racional da prática, ou seja, a impulsiona ao solo radical da *metapolítica*, vislumbrada como possibilidade real da lógica onímoda do trabalho em resposta ao imperativo de sua emancipação." (Chasin, 2009, p. 85).

A partir da *análise imanente* das obras marxianas, Chasin nos indica, de modo inovador, que o que ele chamou de *amálgama originário* se desfaz, ou seja, o reconhecimento investigativo dos textos de Marx contém, ele mesmo, a recusa desse amálgama. Cabe ao pesquisador atentar para isso e proceder, de modo rigoroso e sem artificialismos, de maneira próxima, e reiterando o que afirmou na década de 1980 (Da Razão ao mundo ao mundo sem razão). Dessa vez, com recursos filosóficos mais desenvolvidos e mais complexos, nosso autor acentua que a metodologia marxiana cabe apenas e tão somente fundamentada numa visão de mundo ontológica, mesmo que ele diga inexistir uma "questão de método" no pensamento de Marx. "Essa afirmação acompanha o espírito de certa observação lukacsiana pela qual todo problema gnosiológico importante encontra solução no campo ontológico, mas pretende ir bem além dele." (Chasin, 2009, p. 89).

Esse aspecto é interessante, vale pontuarmos, pois também vemos demarcada uma distinção do Lukács de HCC e da "Ontologia do ser social", como fica latente no capítulo em que Chasin trata da "Resolução metodológica" (p. 89 – 137). Nele há uma rica apresentação e explicação de quatro instantes mormentes, não sistematizados por Marx, no ideário deste sobre suas concepções. Assim, a fundamentação ontoprática do conhecimento, a determinação social do pensamento e a presença histórica do objeto, a teoria das abstrações e a lógica da concreção condensam as balizas do seu pensamento.

É prontamente na teoria das abstrações (problemática do conhecimento) que, segundo nosso autor, é possível observar os "procedimentos cognitivos marxianos, que, a rigor, está colada à base do que pode ser chamado de seu *método* científico." (2009, p. 137). Por sua vez, Chasin recorre a Lukács a quem dedica um capítulo de "Estatuto ontológico e resolução metodológica" e ressalva: "atento a esse aspecto e devidamente enfático, Lukács sintetiza, com felicidade, a questão (das abstrações)", e o cita:

> "o ponto essencial do novo método se revela novamente: o tipo e o sentido das abstrações [...] são determinadas não a partir de pontos de vista gnosiológicos ou metodológicos – e menos ainda lógicos, mas a partir da própria coisa, ou seja, da essência ontológica da matéria tratada." (Lukács apud Chasin, 2009, p. 123).

No referido capítulo, Chasin trata das observações lukacsianas sobre as abstrações, postas na "ontologia do ser social" por ele sistematizada, abordando seu "caminho até Marx", repleto de contradições. Da fase de HCC, quando padece de um idealismo agudo (como afirma o próprio Lukács no posfácio da edição de 1967), tangente a relação entre sujeito e objeto. E por não ter efetivado, assim como tantos outros filósofos marxistas, arguição acerca da natureza e da legitimidade das bases científicas e das disciplinas da filosofia, findou caindo no âmbito da epistemologia. Até mesmo na "Ontologia do ser social", Chasin afirma que a teoria das abstrações (o método marxiano) não foi indicada pelo húngaro, "o que dimensiona bem a incompletude da transição lukacsiana ao marxismo ontológico." (Chasin, 2009, p. 221). Todavia, essa lacuna não invalida ou diminui a relevância de Lukács para o marxismo, especialmente para a interpretação do ideário marxiano, em que não há um padrão de cientificidade.

Como dizem Vaisman e Alves (2009, p. 16), de acordo com Chasin para Marx, o objeto é prioritário e se afirma em todo o percurso marxiano. Neste não existe um processo de ruptura, mas adensamentos dialéticos. Além disso, o modo como as ideias são produzidas está em relação com outros modos de apropriação do real, não encontrando, na natureza epistêmico-metodológica e sim ontológica, o compêndio de métodos que os articulam.

O livro, incontestavelmente inovador, e que, pelas nossas limitações e as limitações da nossa proposta, não cabem tratar, são amplamente ricas revelando e polemizando (isso se o autor fosse mais discutido) com questões sobre a política e a individualidade em Marx (a relação dialética entre subjetividade e objetividade), afora a reiteração da ontologia como fundamentadora de todo discurso marxiano e também de sua essência. Destacamos ainda a análise procedida por Chasin em relação a Lukács, de que retém aspectos importantes, como a visão ontológica e a prioridade da totalidade para compreensão da realidade concreta, o que não o impede de criticamente examinar suas lacunas e equívocos. Assim como ocorreu nos anos 1970, com o "Integralismo de Plínio Salgado", a inovação e o rigor teóricos marcam a trajetória chasiniana e

delineiam uma mudança importante: a passagem de uma inovação metodológica, a uma inovação profundamente ontológica. Mesmo que a ontologia entremeasse sua visão de mundo inicial, é nos anos 1990 que ela se espraia e se enraíza decisivamente em seu ideário, apontando para a fundamentação ontológica na base marxiana, mas também na análise de que o método inexiste na perspectiva de Marx. Isso não é observado por Lukács na "Ontologia do ser social", (como ele aponta no livro de 1995), mas pode gerar trabalhos largamente fecundos, como escreveu Chasin em seu trabalho sobre o integralismo pliniano, e propiciar futuras aproximações.

**Carlos Nelson Coutinho**

Em 1967, Carlos Nelson Coutinho publica, pela editora Paz e Terra, um dos seus primeiros trabalhos de grande envergadura marxista: "Literatura e Humanismo", que reúne ensaios diversos. O tema, tratado pelo marxista baiano, tinha como alicerce a esfera cultural e tencionava fortemente para uma visão lukacsiana. Como o próprio Coutinho faz questão de evidenciar, logo na primeira página do prefácio da obra: "Desde o início, eles [os ensaios] pretendem ser uma aplicação do método marxista – em sua formulação lukacsiana". (Coutinho, 1967, p. 1). E continua afirmando a preocupação que norteava a obra em seu caráter orgânico, que correspondia justamente a um dos problemas da época a pairar sobre as ciências humanas e sobre a filosofia ocidental: o impulsionamento das correntes irracionalistas, que fincavam suas raízes no pensamento filosófico e na cultura ocidentais, em detrimento do humanismo. É interessante frisar que Lukács afligiu-se largamente com essa tendência irracionalista no seio do pensamento do século XX. Essa tensão é exposta ricamente em duas ocasiões: na "Destruição da Razão", livro redigido durante a Segunda Guerra Mundial e finalizado em 1952; e na "Ontologia do Ser Social", de 1970, como esboçaremos muito brevemente no capítulo em seguida.

Diz Coutinho que essas tendências irracionalistas figuram "(...) como a contradição básica da cultura de nossos dias (...)." É, pois, objetivando analisar a influência dessas orientações que ele desenvolve os ensaios e estrutura sua obra, disposta de modo a congregar o percurso trilhado pelo irracionalismo em seus impulsos gradativos, de maneira sistemática. Assim, divide o trabalho em duas interessantes partes interconexas. A primeira aborda as questões voltadas para a filosofia e para a

estética; e a segunda coaduna a aplicação do método lukacsiano[66], ao aventar investigações acerca do romance realista brasileiro, mediante a obra de Graciliano Ramos, literato caro a Coutinho[67], pois visto como um autêntico representante da grande literatura, caracterizada pela capacidade de refletir a realidade concreta e pelo aspecto universalizante subjacentes em seu trabalho. No âmbito mundial, trata da obra de Dostoievski, portentoso emissário do humanismo e da arte realista. Ambos os literatos, o europeu e o brasileiro, configuram exemplos do que de mais importante existe para a arte realista, que é, como assinalamos acima, a capacidade de refletir a realidade concreta, em sua totalidade e expor o que de global há nos tipos humanos. (Coutinho, 1967, p. 95-123).

Na parte inicial, Coutinho aborda a presença do humanismo e do irracionalismo na nossa cultura e, posteriormente, exemplifica o irracionalismo existencialista verificado, num primeiro instante na trajetória de Sartre, que, segundo nosso marxista, desenvolve, no decorrer de seu percurso intelectual, uma perspectiva humanística (Coutinho, 1967, p. 2). O escopo desse exame é justificado por Coutinho mediante o entendimento de que Sartre - tomado como um dos mais expressivos filósofos do seu tempo - aglutina empecilhos do homem contemporâneo na sociedade capitalista. Isso nos parece seguir a mesma linha de raciocínio adotada por Michael Löwy em 1976[68], no seu trabalho de doutoramento, que investigou a radicalização de Lukács, e que veremos posteriormente. Ademais, Coutinho aborda os problemas que perpassavam a literatura da então União Soviética, estilhaçada pela influência nefasta da política cultural stalinista e permeada também por uma visão irracionalista.

Desse modo, ele atenta para a necessidade de apreensão e exame dos rasgos irracionalistas que permeiam o pensamento contemporâneo. Através de procedimentos críticos, de fundamentação dialética materialista e histórica é que se poderá revelar o caráter humanista basilar para o afloramento das potencialidades humanas. Um dos primeiros indícios do irracionalismo está presente na atitude romântica dos aristocratas, que contestava o capitalismo nascente no século XIX. A burguesia em ascensão

[66] Podemos perceber essa estrutura metodológica (note o teor epistemológico), grosso modo, e com a finalidade de uma observação meramente superficial, ao pegarmos, para fins comparativos, o sumário de alguns livros de Lukács dos anos 1940 e 1950, quando ele analisa a literatura contemporânea, por exemplo; e também no "Asalto a la Razón" (1959; p. 706 - 707), quando investiga o irracionalismo na sociedade capitalista.

[67] "(...) maior dos escritores brasileiros à luz do marxismo (...)" (Idem, 1967; p. 3).

[68] Livro originalmente publicado com o título, "Por uma sociologia dos intelectuais revolucionários" e depois modificado para "A Evolução Política de Lukács (1909 – 1929)".

revelava a importância do pleno desenvolvimento humano, que, não obstante, fora rechaçado com a solidificação do sistema capitalista. (Coutinho, 1967; p. 10). Continuando a reconstrução de Coutinho acerca das raízes do irracionalismo, temos a indicação de um ponto de relevo: a percepção dele atinente ao espólio burguês, tomado como peremptório para a compreensão dos nossos problemas concretos, numa evidente proximidade com humanistas como Marx e Lukács. Esse traço leva à retenção de elementos progressistas, que podem ser achados no pensamento burguês, como o racionalismo e o humanismo, num nível mais geral; e a riqueza da dialética hegeliana e do materialismo de Feurbach, numa feição particularmente mais contígua do marxismo. A interpretação da presença da *Aufhebung* nos parece apropriada para tratar e caracterizar o pensamento de Coutinho, pois, subjacente a ele, que opera questionando, preservando e indo além de elementos caros ao desenvolvimento da reflexão dos seres sociais dialeticamente. Tal como podemos examinar quando nosso marxista se refere, por exemplo, à importância de traços provenientes da tradição filosófica alemã, como o uso da própria *Aufhebung*, recurso dialético hegeliano amplamente usado por ele[69], aplicado no trato analítico sobre a cultura brasileira. De acordo com Coutinho, o nosso débito para com a cultura européia é precioso. Ela é nosso referencial do que existe de mais acabado e de mais universal em termos de estreitamento do desenrolar das potencialidades humanas, e, sabendo apreender o que de mais valioso ela pode nos ofertar, seremos capazes de dar passos largos numa direção de maior robustez, tal como fez Marx em relação à estética hegeliana. Desse modo, "(...) a assimilação da arte e da cultura européias, assim, representa para a cultura brasileira a superação do provincianismo, a elevação dela a um nível superior, a um nível 'concretamente universal'." (Coutinho, 1967; p. 4).

É interessante pontuar que, em sua incursão pela história do desenvolvimento do irracionalismo e da mitigação dos ideais humanistas, que preconizavam a realização dos indivíduos, Coutinho apresenta os problemas causados pelo capitalismo, tão bem labutados por Konder (1965, 1967, 1984 e 2002). O fenômeno da alienação, da reificação e do fetichismo da mercadoria, atrelados aos problemas ideológicos são

[69] Coutinho ressalta esse aspecto ao abordar a inflexão de Lukács a Gramsci. Na entrevista, fizemos menção à importância do uso de seus trabalhos mais gramscianos, em proveito do exame desta tese: "Os livros sobre Gramsci são importantes porque poderei perceber a mudança na produção intelectual." Coutinho atenta: "Sim, sim. Mas essas mudanças... Veja bem, a *Aufhebung*! Porque ela mantém Lukács, mas abre uma problemática que vai além de Lukács". (Coutinho, entrevista, 2008).

cabais nos duros anos 1960. A premência de um desenho mais bem efetivado pelos lukacsianos brasileiros da primeira geração nos mostra isso. Era preciso apreender a teoria marxista para que fosse viabilizado um exame crítico e substancial sobre a realidade brasileira, como Coutinho estava empreendendo, na fase ditatorial. Além disso, e retornando aos aspectos do irracionalismo, nosso marxista baiano observa o desvendamento desse fenômeno e dessa corrente de pensamento que esteve atrelada ao fortalecimento do capitalismo, e seus desdobramentos mais perniciosos, como a atomização dos indivíduos e a reificação das relações entre eles. Nesse contexto, o indivíduo é relegado a um plano econômico, a um componente dessa instância e possui utilidade na medida em que pode propiciar lucros. Os homens, envolvidos numa lógica racional, são impelidos a crer no determinismo e no fatalismo e aceitam o fato equivocado de que a realidade é efetivada a partir de leis objetivas, imutáveis que os impedem de alterá-la. (Coutinho, 1967). Por via de consequência, os indivíduos que vivem num mundo compartimentado, separado entre a esfera privada e a esfera pública entendem a história como decorrência de ânimos irracionais. Paralelo a isso, temos a racionalidade, que impera nessas lógicas irracionais, ou seja, enquanto o sistema do capital aparece como um ambiente de caos, os mundos particulares, cindidos pela divisão do trabalho, são ordenados por lógicas racionais. Coutinho entende, assim, que as instabilidades do sistema promovem uma sensação de desapego, de solidão e de insegurança, gerando uma perspectiva irracionalizada, que deságua em expressões culturais, tais como as vanguardas (bastante criticadas por Lukács e também por Coutinho), representadas filosoficamente pelo existencialismo (mas não só por ele) e cientificamente pelo estruturalismo, por exemplo, nomes como Nietzsche, Heidegger, são expressões filosóficas desse irracionalismo, que se alicerça no individualismo, na análise fixada num patamar raso dos problemas do homem contemporâneo.

Todavia, é interessante frisar que Coutinho nos conduz a perceber a existência de uma relação muito estreita entre o irracionalismo e a crítica que os filósofos supracitados fazem ao capitalismo, revelando as distorções e obscuridades que estão por trás da ideologia capitalista. Coutinho evidencia que, mesmo procedendo com reflexões importantes ao sistema em questão, essas filosofias buscam os aspectos externos do capitalismo e não uma visão em que a totalidade faz-se presente. O desdobramento que isso propicia é o de se incorrer em generalizações cabíveis apenas a camadas sociais específicas, e não à humanidade de modo genérico.

> "A justa crítica que eles [os filósofos irracionalistas] movem a certos aspectos do capitalismo mistura-se com uma falsa generalização que transforma em **ontológicas e eternas**[70] realidades humanas históricas, ligadas apenas a uma fase transitória da evolução da humanidade e, - dentro dessa fase - relativas somente a certas camadas sociais." (Coutinho, 1967, p. 12).

A ontologia, nesse momento, é percebida por Coutinho negativamente, pois, alistada ao irracionalismo, a ideia turva e metafísica que se coloca a impossibilidade de uma efetiva transformação do estado de coisas, por seu caráter imutável e fatalista no que tange à realidade concreta. Essa postura é adotada por Lukács durante grande parte de seu percurso interventor e reflexivo. E se entende até fins dos anos 1960, aproximadamente[71] quando o húngaro dá sinais positivos sobre a essencialidade da ontologia na grandiosa "Estética" e adquire substancial e derradeira fundamentação na "Ontologia do Ser Social". Voltando a Coutinho, ele segue sua crítica à ontologia ao postular, em linhas antagônicas, a totalidade, elemento fundamental para uma análise dialética materialista, e os desdobramentos problemáticos atribuídos por ele, nesse momento, à visão ontológica da realidade em sua capacidade de fragmentar os seres sociais em subjetividades. Essas subjetividades são "fetichizadas e incomunicáveis, [além de um] 'perspectivismo' relativista, que nega a verdade objetiva." (Coutinho, 1967, p. 12).

Nessa ocasião, nosso autor, fortemente respaldado em Lukács, demonstra enorme lucidez e largo conhecimento filosófico. É curioso ver que, nos anos 1960, tanto ele como Leandro Konder fazem uso, em suas pesquisas, de quase toda a obra lukacsiana produzida até o período em questão. Ao folhearmos os livros por ora comentados, vemos referências e a aplicação de concepções e da metodologia dialética, como a categoria do realismo e a categoria da totalidade. Dentre os livros de Lukács, que figuram seguramente nas referências bibliográficas de Coutinho e que causaram impactos significativos em seu pensamento, estão: "História e Consciência de Classe", a "Destruição da Razão", "O Significado Presente do Realismo Crítico", a "Estética", "Marxismo ou Existencialismo", "O Jovem Hegel", "Ensaios sobre Literatura", "O Romance Histórico", "Prolegômenos a uma estética marxista" e "Contribuição à História da Estética", todos em língua estrangeira, sobretudo italiano e francês. Essa

[70] Grifo nosso.

[71] Não é viável tratar aqui dos motivos que levaram Lukács a uma perspectiva positiva da ontologia. Colocamos muito brevemente alguns indícios desse adensamento dialético no capítulo 1 do dado trabalho.

leitura da bibliografia de Lukács indica a preocupação e interação dos nossos estudiosos com o desenvolvimento do marxismo lukacsiano, com o próprio desenvolvimento dos seus trabalhos e com o marxismo humanista de modo geral. Concebido por eles como a forma mais acabada e próxima de entendimento da realidade concreta, indubitavelmente houve o favorecimento ao público brasileiro com a exposição dos estudos realizados por Coutinho, autor neste instante examinado, no que tange ao esclarecimento e à divulgação de ideias lukacsianas, sobretudo estéticas no período dos anos 1960, além das traduções das obras do húngaro, que começavam a ser operacionalizadas no Brasil, por ele e por Leandro Konder.

A inquietação com a agenda do dia, com a nossa realidade é o motor das investidas analíticas de Coutinho. Seguindo o exame do livro de 1967, temos enfatizado o estilhaçamento do mundo capitalista e o reflexo que essa problemática adquire na arte e na ciência ocidentais, que geram desdobramentos sociais e políticos[72]. A totalidade, como mencionamos anteriormente, é mitigada pela ciência, também no âmbito das humanidades. Sua repercussão afeta, dentre outros, os intelectuais marxistas e humanistas, resultando numa produção de conhecimento bastante limitada. Especificamente entre os marxistas soviéticos, ele percebe uma situação preocupante, já que a política stalinista tratou de contribuir não só com o solapamento de uma arte e cultura realistas, mas ainda com a dogmatização e o escurecimento do que havia sido trabalhado por Lênin teoricamente. Para Coutinho, era premente repensar essa problemática e trazer de volta ao debate marxista Marx e Lênin. É justamente nas ideias de Georg Lukács que ele vislumbra a possibilidade de efetivar um "reencontro" com o método marxista.

> "Lukács foi o único, após Lênin, a compreender toda a fecundidade do método marxista, fecundidade que reside numa integração permanente e orgânica do materialismo dialético e do materialismo histórico, numa consideração histórico-sistemática da realidade humana. (Coutinho, 1967, p. 96).

Coutinho relata o problema da falta de integração orgânica entre o materialismo histórico e dialético, apresentando a gênese e as consequências geradas por essa ausência de conexão na produção de conhecimento marxista, artística ou científica, bem

[72] Coutinho, num estreitamento com as opiniões lukacsianas, alude para o fascismo tomado como um dos equívocos mais dramáticos dos tempos atuais, e identifica traços irracionalistas nele. De modo algum, nosso autor afirma que o irracionalismo e autores como Nietzsche tenham impulsionado ou sejam responsáveis pelas práticas políticas e socais do fascismo.

como na interpretação, por parte de marxistas, acerca da arte. A separação entre a dialética e a história tem, como consequências, a perda de interesse por assuntos ligados ao materialismo dialético, como a teoria do reflexo e a dialética do conhecimento; e a redução do marxismo à sociologia "'dialética' vulgar" (p.97), por exemplo. O sociologismo (estreitamento do marxismo ao materialismo histórico) é bastante criticado por Coutinho (como também procedeu Konder, em "Os marxistas e a arte"). Ele exemplifica que essa tendência ao sociologismo conduz a restrição da obra literária à sua origem social. Cita e analisa trabalhos realizados por Plekhanov e Lucien Goldmann. Quanto a este último, autor que também o influenciou, Coutinho processa o exame de seu pensamento, negando o sociologismo, mas retendo os traços teóricos relevantes, urdidos a partir da investigação de Goldmann, "um 'sociologista' muito mais dialético e muito menos vulgar" (Coutinho, 1967, p. 99). Nesse momento, Coutinho tece sua a posição sobre a HCC, que influenciou, sobremaneira, o sociólogo francês, ao afirmar a riqueza do livro, mas a assumir (mostrando sua influência lukacsiana, pós "História e Consciência de Classe") a teoria do reflexo como fundamental para o entendimento da arte. Na teoria do reflexo, a arte é entendida como reflexo da realidade, e não como demonstração de uma classe social. Coutinho continua corroborando um conhecimento profundo, já nos anos 1960, do Lukács da maturidade. Assim, coroa a originalidade e vigor teórico do seu livro "Literatura e Humanismo", passando pela exposição e posicionamento acerca da categoria do realismo, como central da crítica marxista para o entendimento da qualidade de uma obra de arte, percebida a partir do ponto em que ela efetiva ou não "um reflexo estético do real" (p. 106). Mediante essas considerações, ele tece o delineamento do método realista, como usado por Lukács, afirmando a imprescindibilidade da arte realista tratar da gênese e das consequências sociais e humanas da problemática dos personagens expostos nas obras literárias. As estruturas formais estão alicerçadas numa visão de mundo "supra-individuais" e "historicamente universais", o que explana a fixação de determinadas obras de arte durante a história. O caráter universal é, portanto, central.

Em 1972, Coutinho publica o importante livro "O Estruturalismo e a Miséria da Razão" sob influência da crítica lukacsiana ao irracionalismo, exposta na "Destruição da Razão". E segue investigando os desdobramentos desses influxos, que reverberavam com intensidade nas ciências humanas.

No Brasil, especificamente, nosso marxista baiano observava, com preocupação, a inserção realizada pela corrente filosófica em questão no nosso pensamento intelectual, que vivenciava os anos mais difíceis da ditadura militar, onde a perda das liberdades individuais havia sido efetivada. O irracionalismo tinha aqui um local favorável para se estabelecer. A preponderância, nos anos 1970, do estruturalismo, vertente agregadora dessa filosofia metafísica, se fazia sentir nas análises científicas verificadas nas nossas universidades. Imbuído da inquietação de expor os problemas urdidos com isso, ele redige seu instigante livro.

A partir de uma análise já ancorada na perspectiva ontológica lukacsiana, Carlos Nelson Coutinho, delineia num primeiro momento, a gênese do irracionalismo e suas consequências no âmbito do pensamento ocidental. Ele mostra como a razão foi mitigada pela burguesia, que alterou o papel outrora dado pela própria, após assentar-se como classe dominante. Seus objetivos visavam à perpetuação do estado de coisas. É, segundo as inferências de Coutinho, juntamente com a categoria da razão, que as categorias do humanismo e do historicismo perdem seu caráter de fundamentação para a humanidade. O irracionalismo, em detrimento da razão no seu aspecto progressista, desenvolveu-se, galgando terreno no pensamento contemporâneo, precisamente a partir dessa 'destruição da razão' novas formas de conhecimento, como o estruturalismo se fixa culturalmente e politicamente.

É, pois, o rompimento com o que Coutinho chama de "tradição progressista" o fundamento das disjunções operadas pela ideologia burguesa. Os momentos progressistas[73] referidos por nosso autor figuram exemplarmente ao se observar a filosofia de Hegel e as apropriações operadas em relação a ela. O que é retido do seu pensamento pela ciência burguesa é precisamente seus traços mais "direitistas", mais conservadores. A riqueza dialética, por exemplo, compreendida brilhantemente por Marx, é desprezada e rechaçada. Além disso, apropriações e articulações entre filosofias caracterizadamente distintas ou opostas são arroladas, propondo um sentido coerente. É o caso da relação entre a visão de Kant e os usos feitos pelo existencialismo, a partir de suas concepções.

> "Enquanto o *cogito* cartesiano é um instrumento desantropomorfizador, a preparação da subjetividade para um contato despido de preconceitos com a realidade objetiva, o *cogito*

[73] Coutinho caracteriza genericamente a tradição progressista e o momento político-econômico que favorecerem seu surgimento. (2010, p. 25 – 31).

> existencialista ou fenomenológico é, ao contrário, um fechamento diante dessa realidade, o ponto de partida para uma radical confusão antropomorfizadora e irracionalista entre subjetividade e objetividade." (Coutinho, 2010, p. 24).

O itinerário do abandono da razão e do afastamento dos princípios essenciais do pensamento progressista (historicismo, razão dialética e humanismo) nas sociedades contemporâneas conduz esse pensamento a um processo de mitigação. Todavia a luta do marxismo contíguo a Marx encontra, nos elementos progressistas, as possibilidades de autorreprodução. O pensamento lukacsiano é um reflexo dessa luta. E Coutinho, de forma muito vigorosa, numa fase de maturação dialética (adensamentos dialéticos) e no que entendemos como um procedimento de *Aufhebung* (negação, preservação e superação) "aceita" a essencialidade da ontologia. É interessante pontuar como no "Estruturalismo e a Miséria da Razão", escrito em fins dos anos 60 e início dos 70, apresenta uma visão distinta acerca da ontologia se comparada ao seu trabalho anterior, "Literatura e humanismo", em que o discurso de Coutinho é revestido por uma negação, e ela é tida como metafísica. Nessa fase, Lukács estava escrevendo "Para uma Ontologia do Ser Social", finalizada em 1971, e Coutinho, que já havia lido "Prolegômenos a uma ontologia marxista", foi decisivamente influenciado. O resultado é a preponderância ontológica em sua pesquisa sobre o estruturalismo, sendo uma aplicação da mesma. Todavia, frisamos que a preocupação, notadamente de caráter ôntico, subjaz à obra de Coutinho inicial. Vemos, na raiz de suas inquietações, assim como identificamos em Konder e no próprio Lukács, esse traço.

Voltando ao seu trabalho de 1972, Coutinho atenta para o desdobramento solapador da razão e observa a intensificação ideologizante nos âmbitos científico e filosófico. A compartimentalização científica em saberes estanques dificulta a percepção da ética e da ontologia, tomadas como insuficientes e pertencentes ao domínio filosófico, cada vez mais afastado da ciência.

> "Os momentos de um saber verdadeiro, quando continuam a se manifestar, limitam-se, cada vez mais, às ciências particulares; no domínio filosófico, apenas os setores menos explosivos, como a lógica formal, podem apresentar um desenvolvimento efetivo. Ademais, mediante um intenso processo de especialização, consegue-se neutralizar as descobertas parciais e impedir que tenham repercussão na ética e na ontologia. Essas duas disciplinas filosóficas básicas são, em geral, afastadas do âmbito da ciência e declaradas irracionais." (Coutinho, 2010, p. 30).

A herança de HCC, acerca do tratamento da categoria da totalidade, se faz fundamental também nessa passagem de Coutinho, que nos leva a pensar sobre o fenômeno da alienação no capitalismo e da compartimentalização do saber. A visão apartada dos indivíduos sobre as esferas científica e filosófica sinalizam a perda da totalidade e o crescimento do processo de especialização, refletido nas formas de conhecimento da realidade.

O irracionalismo é sintomático no que respeita às inúmeras antinomias geradas no sistema capitalista e por ele. O irracionalismo racional, que reveste o conhecimento perpetrado na sociedade contemporânea, adquire seus desdobramentos e influenciam as ciências. A "miséria da razão", tomada por Coutinho como forma de pensamento fetichizado, se insere nas formas de sociabilidade, como a política e a cultura. A crítica de Coutinho em muito se assemelha à de Lukács, trabalhada na "Destruição da Razão", como já mencionamos, e em HCC, sobre a percepção da importância da herança burguesa e capitalista, criadora de elementos progressistas para o desenvolvimento da humanidade, como a racionalidade, o humanismo e a dialética. Ademais, ao traçar o itinerário político-social e econômico do sistema capitalista, revelando antinomias, atenta para a criação de objetividades urdidas pelo sistema e que tornaram possíveis a conceitualização do que existia na "virtualidade". De maneira estreitamente marxiana, em nossa opinião, ele mostra, sumariamente, a mudança do capitalismo em seus aspectos revolucionários para os conservadores. Concomitantemente delineia o que chama da "filosofia da decadência", do pensamento burguês que se tornou conservador. E, por via de consequência, impossibilitado, por suas limitações, de acessar a realidade concreta:

> "O que determina essa incapacidade do pensamento burguês decadente de penetrar na essência da realidade não é, tão somente uma direta intencionalidade de classe. Nas condições do capitalismo evoluído, os traços regressivos da formação econômica burguesa começam progressivamente a assumir o primeiro plano. Em tais condições, a práxis humana tende a se objetivar contra os próprios homens, tende a se tornar uma objetividade alienada. (...) mas é inegável que o movimento de fetichização (alienação) estende-se a todas as esferas da vida humana." (Coutinho, 2010, p. 36 – 37)

Atrelado a esse fenômeno da insuficiência de se chegar à essência do real, Coutinho, em mais uma aproximação forte com Lukács, faz uso da categoria da imediaticidade. Esta concebe esse movimento observando o grau da recepção *do conteúdo do ambiente*

*externo*, em que as formas de pensamento (correntes filosóficas), por serem fetichizadas, não vão além das informações imediatas e de, como afirma Coutinho, "nenhuma delas (formas de pensamento filiadas à "filosofia da decadência", racionalistas ou irracionalistas, positivistas ou existencialistas) transcende a mera descrição da imediaticidade". (Coutinho, 2010, p. 39).

Destarte, infere a complementaridade existente entre o irracionalismo e a "miséria da razão", desdobramentos do pensamento decadente e fetichizado que, inapto a apreender a totalidade, divide-se nessas duas correntes, "que correspondem precisamente às falsas antinomias as que ele não consegue superar" (p. 44). O imediatismo caracteriza ambas. A partir dessa constatação, Coutinho atenta para duas formas de percepção do capitalismo, surgidas após a Revolução Francesa, e que reverberam nas concepções irracionalistas e da "miséria da razão": o anticapitalismo romântico, que rechaçava o capitalismo e suas configurações econômicas, vistas como solapadoras das subjetividades; e a apologética burguesa, que, contrariamente, via, na objetividade econômica, um fundamento homogêneo e não contraditório, além de ressaltar a disposição ao progresso. No desenho dos interstícios do capitalismo e da gênese das configurações de pensamento, Coutinho chega ao surgimento do positivismo. A resolução das contradições que se intensificaram à medida que o capitalismo ia se expandindo e se complexificando, a apologética burguesa aproxima-se de um formalismo (o conteúdo se sacrifica à forma) e se transforma em positivismo, limitando a apreensão da realidade (Coutinho, 2010, p. 44-46). Quanto ao estruturalismo, (desdobramento "agnóstico-formalista", segundo Coutinho) o delineamento de sua constituição se põe alistado ao movimento da burocratização capitalista.

Sumariamente, Coutinho nos mostra, em 1967, os incrementos de ascensão e ressurgimento de algumas correntes de pensamento (romantismo romântico, existencialismo, irracionalismo) em conexão com as necessidades (novas, como o consumismo desenfreado) e transformações do sistema capitalista.

Na parte de finalização do seu trabalho, ele procede a uma análise dessas configurações renovadas da filosofia existencialista de Sartre, "do primeiro Sartre". A ele, Coutinho havia dedicado um capítulo no seu primeiro livro a fim de tratar da postura humanista, tencionada para o marxismo na fase mais madura do francês, segundo seu exame. E passa também por Kierkegaard (e seu niilismo) atribuindo a eles,

assim como fez Lukács, expressões de um anticapitalismo romântico, também conservador e "destruidor da razão".

Essas formas problemáticas de expressão ideológica constituem o ser social, também reprodutor dessa visão de mundo deformada. É na produção e reprodução de orientações irracionalistas que Coutinho pontua a existência de um cenário favorável à presença de novas formas destruidoras da razão. O estruturalismo, que representava a força mais significativa nos anos 1970 - como ele infere ao proceder na análise histórico-social do pensamento irracionalista e das condições históricas do estruturalismo - é largamente investigado por Coutinho na sua obra de 1972. O pensamento do seu fundador e dos principais representantes estruturalistas foram esmiuçados e combatidos: Lévi-Strauss, Roland Barthes e Michel Foucault, além da presença dessa forma irracionalista também no marxismo de Louis Althussser (que recusa a ontologia, a razão dialética hegeliana e a categoria da totalidade). Não obstante, o exame operado por nosso autor atingiu as obras dos estruturalistas citados até a fase de redação do seu livro. De modo que, Coutinho não pôde ver as mudanças pelas quais passaram o pensamento dos estruturalistas por ele analisados em "O Estruturalismo e a Miséria da Razão". Genericamente, essa obra representa a fase em que ele assume, de modo definitivo, as indicações da visão ontológica que Lukács retomou e sistematizou, a partir da ontologia marxiana. Esta também é a segunda obra em que a influência teórico-metodológica do húngaro é preponderante.

Ainda nos anos 1970, a preocupação de Coutinho incide, como em seus primeiros trabalhos, sobre a relação entre a cultura e a política, bem como a crítica sobre as bases filosóficas do pensamento ocidental, fundamental na sua visão unitária da realidade. Entrementes, a inquietação motivada pelo contexto histórico-social no Brasil subdesenvolvido e que guardava traços da antinomia do capitalismo volta-se, de forma manifesta, para os problemas políticos. O escopo de suas reflexões era o exame da realidade brasileira, ainda sob regime ditatorial. Na segunda metade da década de 70, redige artigos reunidos na coletânea intitulada "A Democracia como Valor Universal, e outros ensaios". Notemos que, assim como ocorreu com os seus dois primeiros livros, aspectos fundamentais para o marxismo, como o humanismo, a razão e a democracia apresentam-se subjacentes em seus escritos. Particularmente em 1979, ele trata da relação entre democracia e socialismo, e investiga aquela, tendo como foco dois aspectos centrais: o primeiro corresponde a um debate teórico acerca dessa relação; e o

segundo aborda a percepção do peso da democracia no processo de renovação política, cultural e econômica da sociedade brasileira[74]. Seu objetivo, na ocasião, era o de propiciar um debate de idéias no meio das esquerdas, sobre o socialismo em conexão com as nossas necessidades políticas.

A inspiração gramsciana norteia e alicerça sua argumentação durante todos os ensaios. Em um deles, intitulado: "Gramsci e nós", a herança das concepções políticas do italiano servem de substrato para a reflexão do socialismo no ocidente. Durante o longo período em que ficou preso, na Itália fascista de Mussolini, Gramsci elucubrou sobre a constituição das estruturas político-econômicas, que distinguem o "ocidente" e o "oriente". É justamente por meio dessa investigação que Coutinho trabalha o primeiro artigo que dá nome ao seu livro. Em "A Democracia como Valor Universal", o ponto inicial versa sobre a apresentação da democracia como parte integrante e essencial do marxismo, e que está no âmago das pretensões do sistema socialista. Sua justificativa em abordar o assunto deveu-se ao fato de que a democracia fora tomada erroneamente por alguns, como atrelada à conformação da burguesia no poder. Ademais, pensava convictamente sobre a necessidade de formação de pressupostos políticos, econômicos e ideológicos como decisivos na viabilização do socialismo no Brasil. Para que esses pressupostos sejam formados, é indispensável o movimento de *renovação da democracia*. Contudo a luta pelo socialismo "não pode ser encarada como um objetivo tático imediato, mas aparece "como conteúdo estratégico da etapa atual da revolução brasileira" (1984, p. 20).

Primeiramente, Coutinho esclarece que os erros de se conceber a democracia como incompatível ao socialismo advêm de interpretações sobre a teoria do Estado. O retorno teórico às concepções leninianas é, por isso, substancial. Nosso autor afirma que a recusa efetivada por Lênin da *democracia pura* se referia a sua percepção de que os regimes estatais eram, sim, impregnados por um teor classista, de modo que a democracia seria burguesa ou proletária. Todavia Coutinho afirma que Lênin não estava negando a democracia como valor universal, mas a idéia democrática liberal de um regime político alicerçado na neutralidade.

Dando continuidade a sua argumentação, respaldada num esclarecimento teórico primeiro, nosso marxista procede buscando destrinchar conceitualmente as categorias

[74] Como ele afirma no prefácio à segunda edição. (Coutinho, 1984, p.11).

tangentes à democracia em sua relação com o marxismo. De tal modo, ele faz questão de explicitar a caracterização do valor na acepção marxista. Antes frisa a distinção da concepção kantiana, em que o valor é uma norma abstrata e intemporal, que é independente da história e que finda por favorecer uma lógica perene anteriormente posta. Para tratar do valor no sentido marxista, Coutinho recorre à conceituação de Lukács, encontrada na "Ontologia do Ser Social". Para ele, o valor (objetivações) é valor na medida em que amplia e complexifica o conhecimento e as necessidades dos seres sociais. Logo, a universalidade dos valores ocorre quando a eles é possível gerar as explicitações das composições que fundamentam o ser social em sistemas sócio-econômicos distintos, como o capitalismo e o socialismo.

> "A pluralidade de sujeitos políticos, a autonomia dos movimentos de massa e dos organismos da sociedade civil em relação ao Estado, a liberdade de organização, a legitimação da hegemonia através da obtenção permanente do consenso majoritário: todas essas conquistas democráticas, tanto as que nasceram das lutas populares no interior do capitalismo, continuam a ter pleno valor numa sociedade socialista." (Coutinho, 1984, p. 24 – 25).

Assim, ele faz questão de alertar aqueles que entendem a democracia como estratégia tão somente tática. Ao contrário, por seu caráter universal, ela representa um valor copioso, pois "um valor tanto para a conquista quanto para a consolidação dessa nova sociedade (socialista)". Isso não significa que a democracia no socialismo seja uma continuação da democracia no capitalismo. Coutinho entende esse processo de relação entre as duas formas de democracia como uma *Aufhebung* (superação dialética), ou seja, as conquistas progressistas presentes na democracia liberal são mantidas, as que não contribuem ou que solapam a reprodução do *ser genérico do homem* são negadas e superadas, ou melhor, "elevadas a um nível superior às conquistas da segunda (democracia socialista)". (Coutinho, 1967, p. 35).

Dessa verificação, ele passa à análise da situação brasileira. E percebe que as transformações políticas e o processo de modernização social, político e econômico realizaram-se por meio da "via-prussiana". Como conceituaram Lênin e, ulteriormente, Lukács (que ampliou o conceito leniniano, restrito ao contexto russo, à época em que analisou a situação da sociedade alemã, na "Destruição da Razão") e da "revolução passiva", como compreendida por Gramsci. De acordo com Coutinho, essas transformações e modernizações se realizaram no país sempre de "cima para baixo",

através de acordos concretizados por estratos da camada dominante, que conservaram elementos do antigo sistema econômico e dilataram, desenvolveram uma relação de dependência do capital estrangeiro. Propiciaram, assim, "grande debilidade histórica da democracia no Brasil." (Coutinho, 1984, p.38). Os desdobramentos desse movimento ganham um sentido de exclusão no que respeita ao acesso das camadas populares.

> "[Foram criadas] condições políticas para implantação em nosso país de uma modalidade dependente (e conciliada com o latifúndio) de capitalismo monopolista de Estado, radicalizando ao extremo a velha tendência a excluir tantos dos frutos do progresso quanto das decisões políticas as grandes massas da população nacional." (Coutinho, 1967, p. 37).

Para Coutinho, foi exatamente com a implantação do regime ditatorial, nos anos 1960, que essa "via-prussiana" atingiu o ápice de exclusão. A tarefa do povo é a de pôr fim a essa tendência. No contexto em que escrevia e analisava a situação de exigência de uma "renovação democrática", nosso autor percebia também o momento propício de organização para tal intento.

A partir do exame realizado por Gramsci sobre as condições de mudança de um sistema econômico capitalista, num país desenvolvido para um sistema socialista, Coutinho vislumbra a possibilidade de aplicação à realidade brasileira, a partir das *mediações*. O marxista italiano objetivava saber como a transição ao socialismo fora efetivada num país atrasado como a Rússia, e havia dado errado no ocidente. As inferências a que ele chega apontam para o caráter mais complexo existente nas sociedades ocidentais. Elas apresentavam uma diversidade e um desenvolvimento maior, socialmente, economicamente, por exemplo. Logo, as estratégias adotadas pelos socialistas deveriam ser distintas das dos bolcheviques. Essa complexidade faz-se presente na série de organizações políticas, de massa, formadoras da *sociedade civil*, elemento fundamental para que se chegue a um *consenso* da maioria. Para isso, a chamada *guerra de posições* é vista como a estratégia apropriada. Nela se procura a adesão do maior número possível de posições na *sociedade civil*. É justamente na visão política de via democrática gramsciana, que Coutinho encontra a adequada fundamentação para a mudança de um sistema político a outro.

De Gramsci, ele retém as indicações de teorizações políticas tomadas como fundamentais para apreensão, investigação e combate das articulações políticas atuais. É

no desenvolvimento da Teoria do Estado e da Revolução trabalhada pelo italiano a partir do fracasso da revolução socialista na Hungria, na Alemanha, e na Itália, que Coutinho encontra, precisamente, substrato para suas reflexões acerca da realidade brasileira. Como há pouco aludido por nós, coube a Gramsci se questionar sobre as diferenças que impediram a efetivação revolucionária em países do ocidente e entender como ela havia se concretizado na Rússia, na época, uma nação agrária, atrasada e pobre. O acesso ao pensamento político de Marx, Engels e Lênin permitiu que Gramsci desenvolvesse consideravelmente alguns conceitos dos três marxistas citados, ampliando a teoria do Estado. Grosso modo, trabalhou conceitualmente a noção de *sociedade civil,* mencionada há pouco por nós, e de sociedade política. A primeira diferia da concepção de Marx e de Engels, que a caracterizaram como responsável por um momento da infra-estrutura, ao passo que Gramsci viu, na sociedade civil, um momento das superestruturas. Juntamente com a sociedade política, a sociedade civil forma o Estado. *Coerção* e *hegemonia,* respectivamente, alicerçam ambas e promovem interesses de classes específicos de cada campo da sociedade. A inferência sobre a transição ao socialismo, e as distinções entre as nações "ocidentais" e "orientais", mostram a necessidade de que a classe revolucionária seja dirigente como pré-requisito para que se possa dominar. (Coutinho, 1984, p.82 – 84). Partindo dessa conceitualização política, Coutinho insiste na sua relevância para a reflexão contextual do país.

Essa reflexão é retomada em 1987[75], no ensaio "A dualidade de poderes: Estado e Revolução no pensamento marxista", em que investiga a teoria do Estado na acepção marxista, a partir de perspectivas distintas e de contextos diferentes. O conceito vai adquirindo colaborações e se alargando. De Marx, Lênin, passando por Gramsci, importou ao nosso marxista baiano relacionar o conceito de estado ao de revolução, e, mais do que isso, importou corroborar a centralidade do método marxiano, do materialismo histórico e dialético, da necessidade de verificar, na realidade concreta, o aparecimento de novas objetividades, de novas complexidades, que requerem novas teorias. Assim, pensa sobre a importância das autocríticas constantes no seio do marxismo.

> "Como toda manifestação da criatividade humana, também o marxismo é uma obra em aberto, algo me permanente construção; o revisionismo longe de ser um 'desvio' (como pensam os 'marxistas-

[75] In, Marxismo e Política: A dualidade de poderes e outros ensaios. (1994). São Paulo, Cortez editora.

> leninistas'), é o momento constitutivo essencial do método marxista, que tem como princípio básico o empenho em reproduzir conceitualmente o próprio movimento do real, em toda a sua complexidade dinâmica e contraditória." (Coutinho, 1994, p. 12).

Sumariamente, percebemos, que na fase de transição dos anos 1970 para os anos 1980, Coutinho volta suas preocupações político-intelectuais para o âmbito das análises políticas. As indagações sobre a estética marxista aparecem por meio da análise sobre a realidade brasileira e a aplicação da "via prussiana", de origem leniniana e lukacsiana. As digressões, explicações e caracterizações acerca dos problemas estéticos contribuem para a ampliação do ponto de vista da totalidade, caro à perspectiva marxiana (de Marx e de marxistas próximos a seu rigor teórico-metodológico) e lukacsiana, adotado por Coutinho. Seu rigor para com o método histórico-dialético possui influências advindas de Lukács, já em "História e Consciência de Classe", que, como assinalamos no capítulo 1, deteve-se em um dos ensaios da obra, "O que é Marxismo ortodoxo¿" a expor a relevância do método marxista como instrumento essencial para análise da realidade e intervenção revolucionária.

Indubitavelmente há uma preponderância gramsciana acerca dos problemas tratados por Coutinho a partir do período de "A democracia como valor universal e outros ensaios", que passa a investigar, como outrora mencionamos, os problemas propriamente políticos (destacamos, contudo, que esses problemas perpassam seus trabalhos na medida em que observamos os tangenciamentos, interrelações nos âmbitos da realidade concreta; econômico, político, cultural. Obviamente, a preponderância e tratamento diretos da política ocorrem nessa fase), encontrando em Gramsci uma teorização sitematizada sobre a política muito rica. Em Lukács, esse aspecto não foi contemplado, nem mesmo na "Ontologia do Ser Social", onde encontramos poucas páginas acerca da política. Frisamos, entrementes, que Lukács, no início de sua trajetória marxista, tratou de aspectos políticos, mas não procedeu a uma *superação dialética*, como com Gramsci. Todavia, a ontologia sistematizada pelo húngaro foi e é bastante relevante para Coutinho, que, como veremos, buscou, através da *Aufhebung*, (amplamente usada por Coutinho no decorrer dos seus trabalhos, 1984, 2000), relacionar Gramsci e Lukács. Por ora, notemos essa sugestão de alistar os dois marxistas quando observamos o significado do conceito de "cartase", percebido por Coutinho quando procedia a uma análise sobre a universalidade da democracia no marxismo. O sentido da *cartase* fora forjado com o objetivo de explicar a relação entre o

determinismo econômico e a liberdade política (Gramsci) e estética (Lukács) respectivamente. Em nota de rodapé no ensaio intitulado "Gramsci e nós", nosso autor observa e justifica,

> "Seria do maior interesse uma análise comparativa do uso do conceito de 'cartase' em Gramsci e em Lukács. Para este último a "cartase" – enquanto 'categoria geral da estética' – é o momento no qual a obra de arte provoca no receptor uma evolução que o faz superar dialeticamente sua mera particularidade individual e situa-se no nível da universalidade humana, no nível de sua integração consciente no gênero humano. Para Gramsci, a 'cartase' indica um momento análogo na esfera da práxis política, com a passagem da consciência corporativa (ou particularista) para a consciência nacional-popular (universalizante) de classe. Poder-se-ia assim afirmar que a 'catarse' é uma categoria não apenas da estética ou da política, mas da práxis social em geral. **Nesse caso, o conceito gramsciano poderia ser integrado na ontologia do ser social de Lukács, preenchendo uma de suas lacunas básicas: a ausência de um tratamento específico da práxis política enquanto mediação entre a reprodução material da vida social e as esferas mais individualizadas (criação artística, comportamento ético) da superestrutura**[76]." (Coutinho, 1984, p. 74).

Ademais, podemos destacar que Coutinho manteve, assim como Konder, a inquietação constante com a realidade brasileira, não só em seus aspectos especificamente políticos, mas também culturais. Na etapa em que as preocupações se voltavam para as questões estéticas, ele empreendeu trabalhos muito densos, onde aplica a perspectiva lukacsiana e o método histórico-sistemático[77] no tratamento analítico das obras de Graciliano Ramos (1965) e de Lima Barreto (1972). Por conseguinte, os reflexos da constituição literária apontam para a apreensão de aspectos culturais do Brasil, trabalhados no ensaio "Cultura e Sociedade no Brasil", escrito entre 1977 e 1979.

Neste, as especificidades são verificadas mediante uma breve reconstituição da estrutura econômica e social do país. Coutinho nos alerta sobre o caráter ontológico necessário para sua investigação. Nela importa menos o exame das fontes e das influências e mais o entendimento da questão *histórico-genética,* que perpassa a cultura do Brasil: "de que modo se articulou a evolução das formações econômico-sociais

[76] Grifo nosso.

[77] O método histórico-sistemático compreende "a arte como representação mimético-evocativa da realidade" (Coutinho, 2005, p. 42). Coutinho, no primeiro ensaio da coletânea "Lukács, Proust e Kafka" explica o método histórico-sistemático lukacsiano e contrasta com o método usado pelo húngaro em "Realismo Crítico Hoje", em que a arte era concebida como expressão de uma visão de mundo. Coutinho procedeu a um exame sobre as posições equivocadas de Lukács na sua avaliação da arte de Proust e Kafka.

brasileiras, de cuja reprodução e transformação a nossa cultura é momento determinado e determinante, com o desenvolvimento do capitalismo em nível mundial¿" (Coutinho, 2000, p.41).

Fundamentalmente cabe entender a ligadura existente entre a cultura brasileira e a cultura mundial. O objetivo é o de refletir sobre a assunção procedida aqui em relação à herança europeia. Fica claro, por meio dessa reconstrução histórica que a formação cultural brasileira constituiu-se em seu arrolamento com a Europa. Antes de o país passar do modo de produção escravista para o capitalista, as pessoas das camadas dominantes seguiam os padrões ideológicos e culturais europeus. Como conceitua Coutinho, na fase da *dependência forma,* o sistema interno não era o capitalista. Desse modo, não foi uma imposição da cultura universal para com a nossa, a sua presença e influência.

> "A cultura universal, assim, não era algo externo, imposto pela força à nossa formação social, mas algo potencialmente interno, que ia se tornando efetivamente interno à medida que (ou nos casos em que) era recolhido e assimilado por uma classe ou um bloco de classes ligados ao modo de produção brasileiro." (Coutinho, 2000, p. 45).

Surgido como nação durante o período da história mundial de desenvolvimento e expansão do mercado mundial, o Brasil é, para Coutinho, herdeiro da cultura europeia. E sua história cultural pode assim ser definida como a história dessas apropriações da cultura universal. O que muda é a forma como elas se processaram. Se foram assimiladas criticamente, passivamente, de maneira transformadora ou mecânica. Assim,

> "(...) quando o pensamento brasileiro importa uma ideologia universal, isso é prova de que determinada classe ou camada social de nosso país encontrou (ou julgou encontrar) nessa ideologia a expressão de seus próprios interesses *brasileiros* de classe." (Coutinho, 2000, p. 46).

Ele assevera ainda, que essa relação com a cultura universal não significa que uma dependência, ou um aspecto alienador tenha sido imposto à cultura brasileira. E observa que os diferentes estratos de classe, ao se aproximarem de uma ideologia e de traços culturais determinados, não realizam necessariamente adoção de elementos culturais de modo mecânico.

> "Comportando a possibilidade de 'erros' e 'desvios': mas me parece justo dizer que, quando 'transplantada' para o Brasil por uma classe progressista e anticolonial, uma corrente cultural avançada contribui para formar em nosso país uma consciência social efetivamente

> nacional-popular, contrária ao espírito da dependência, àquilo que Nelson Werneck Sodré chamou de 'ideologia do colonialismo'. (Coutinho, 2000, p.46 -47).

Para Coutinho, portanto, a situação de dependência passa a se reproduzir, quando e no momento em que o capitalismo passa, de fato, a ser o modo de produção interno, subordinado ao capital industrial e financeiro. A dependência formal passa a dependência real. É na fase da dependência formal que ocorre o que Roberto Schwarz denominou de "ideias fora do lugar" e que, com a assunção do capitalismo em sua força ampliada, desaparece. Assim, a tessitura estrutural brasileira vai se transformando e as "ideias fora do lugar" (importadas) vão se estabelecendo e se adequando à realidade do país. A nossa estrutura de classes se torna mais próxima da configuração de classes dos países capitalistas.

Com o exame feito sobre a estrutura sóciocultural brasileira da fase colonial, à etapa capitalista, Coutinho observa a relação das classes e do poder político, que delineia o nosso desenvolvimento histórico. Ele percebe que as transformações e o processo de modernização aqui ocorreram pela "via-prussiana". Logo atenta para as reverberações processadas, graças a uma cultura política que operou mudanças de "cima para baixo". O exame, especialmente dos anos em que o país viveu sob domínio militar, aponta para as contradições ideológicas e as investidas de cooptação dos líderes ideológicos. Essa cooptação também ocorreu com a intelectualidade. Assumindo posições conscientes ou inconscientes, fruto de uma associação que usou várias formas de pressão, os intelectuais agregados podiam proceder por formulações neutras, sem efeitos sociais expressivos. A esse tipo de caracterização,Coutinho, a partir da influência de Lukács, chama de "intimismo à sombra do poder". O compromisso do intelectual no campo intimista para com a classe que o cooptou é o de ficar neutro. Todavia, Lukács atentou para o fato de que inexiste ideologia inocente e, portanto, as obras intimistas são uma "apologia indireta".

Ele observa ainda a disposição entre muito intelectuais a realizarem tranformações pelo "alto". Dentre alguns intelectuais, estão Gilberto Freyre e Oliveira Vianna. E observa que a tendência à conciliação também se realizou no terreno cultural. Vista na forma moderada e conservadora, são expressões contidas no pensamento social brasileiro, em que o ecletismo era traço forte, sendo percebido nos trabalhos de

intelectuais liberais e progressistas, como Euclides da Cunha e Leônidas de Rezende, que trabalharam com posições marxistas e positivistas.

Após essa reflexão sobre a cultura "intimista" ou "ornamental", Coutinho, mediante inspiração gramsciana, aplica a noção de cultura nacional-popular e a vê como alternativa (faz-se presente ao longo de nossa história) à cultura intimista.

De modo geral, é por meio da investigação do contexto do país em fins dos anos 1970 e início da década de 1980, que Coutinho indica as possibilidades e a imprescindibilidade de democratizar a cultura, aspecto basilar para o desenvolvimento das potencialidades do ser social e da criação de objetivações. A intenção de Coutinho era a de oferecer possibilidades, criadas apenas numa sociedade democrática, para uma passagem ao socialismo. Esse momento, contudo, não ocorreria de imediato. Daí ele alertava os socialistas brasileiros: num país que vivia ainda sob regime militar, era premente a democratização e, no momento de sua obtenção, caberia a luta perene por ela. Notemos que Coutinho escreve os artigos que compõem grande parte dos trabalhos apresentados aqui entre o período anterior à ditadura (alguns artigos são pré 1964), após o AI5 (1968), próximos a fase de redemocratização, nos anos 1980 e posterior a ela, nos anos 1990.

Ainda sobre os temas tratados por Coutinho, cabe-nos observar a sua enorme insistência para com a percepção da força adquirida pelas correntes "destruidoras da razão", irracionalistas, existencialistas e as correntes estruturalistas, no seio do pensamento ocidental. Os efeitos produzidos cindiam o pensamento, que, compartimentado, não conseguia ver a realidade como totalidade. Aspectos formalistas, imediatistas norteiam algumas expressões filosóficas de feição observada por ele como destruidores da razão. As reverberações entre a intelectualidade brasileira, com a ascensão do estruturalismo (anos 1970), servem às críticas de Coutinho, que delineia a formação histórico-econômica do desdobramento dessas formas de pensamento.

Coutinho assume o método histórico-sistemático como elemento essencial em suas investigações. A crítica a formas fragmentadoras de concepção da realidade adquirem nova intervenção dele nos anos 1990, ao tratar da importância de Gramsci para as ciências sociais e de corroborar a fundamentação do resgate da ontologia marxiana por Lukács, como exporemos no capítulo final. A herança marxista retida no pensamento de Coutinho é, assim como para Konder, formada por quatro principais

pensadores da práxis[78]: Marx, Lênin, Gramsci e Lukács. E, assim como ocorreu com as ideias lukacsianas, difundidas por ambos os marxistas brasileiros, foi Coutinho quem se encarregou de divulgar e traduzir trabalhos portentosos do comunista italiano. Esse fato possui um significado indelével para o pensamento social marxista e não marxista no Brasil.

**Michael Löwy**

Assim como Konder, Coutinho e Chasin, Michael Löwy deu início aos seus trabalhos de pesquisa nos anos 1960. Estudava Ciências Sociais na USP e fazia parte do renomado grupo de estudos "Para Ler O Capital". Entretanto, foi na França que ele produziu pesquisas de fôlego e sob forte influência das ideias de Lucien Goldmann e do Lukács da juventude até especialmente "História e Consciência de Classe". Lá escreveu seu livro mais conhecido, publicado naquele país em 1976 e, no Brasil, em 1979. Recebeu o título de "Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários", modificado nos anos 1990 para "A evolução política de Lukács: 1909 – 1929", por se tratar de um exame tangente à trajetória de Lukács e não à de intelectuais marxistas, como fazia parecer o título da tese. "A atual reedição é uma versão quase idêntica à anterior. Se modificamos o título, é porque se trata, na verdade, de um livro sobre Lukács e não de uma sociologia geral dos intelectuais revolucionários." (Löwy, 1998, p. 11).

No livro de 1976, Löwy apresenta uma perspectiva em bases epistemológicas, herança de Goldmann e da direção uspiana, concernente à análise do pensamento de Lukács. A pesquisa volta-se para o entendimento de como se dá a radicalização de intelectuais. Georg Lukács é tomado como caso a ser estudado. Indiscutivelmente a complexidade da obra lukacsiana, acrescida do interesse de Löwy por sua fase inicial, que congrega as críticas estéticas do início do século XX e a crítica política e filosófica do momento primeiro do húngaro como marxista levam nosso autor a delimitar sua investigação à gênese do pensamento lukacsiano.

> "Esta escolha foi, sem dúvida, influenciada por minha formação intelectual: como discípulo de Lucien Goldmann, sempre considerei – e ainda considero – os escritos de Lukács até 1924 como os mais interessantes e significativos do ponto de vista da história do marxismo no século XX." (Löwy, 1998, p. 15).

[78] Lucien Goldmann, Walter Benjamin (sobretudo para Konder), a filosofia do segundo Sartre correspondem a outras figuras de relevo para o pensamento marxista de Coutinho.

Não obstante, mesmo sem aproximação com as obras lukacsianas ulteriores a 1920, Löwy aplica o conceito de anticapitalismo romântico, "que aparece precisamente nestes escritos (escritos literários), a partir dos anos 30." (P. 15). No seu exame, concretizado posteriormente à "Evolução política de Lukács", nosso autor toma Lukács e Bloch como os pensadores representantes da nova corrente do que ele considera como marxismo romântico, a ser observado no decorrer deste capítulo.

Acerca do trabalho de 1976, pontuamos que Löwy inicialmente aborda a intelectualidade e investiga o ambiente cultural que impulsionou o surgimento do intelectual como categoria social. Ademais observa a relação estabelecida entre o anticapitalismo, o romantismo e os intelectuais alemães e húngaros. Já que Lukács advém das tradições desses dois países e, segundo a tese do seu autor, conformou um exemplo teórico de um anticapitalismo romântico, que perpassou as obras lukacsianas desde o começo dos anos 1909. O objetivo é apreender os condicionantes que orientam o intelectual a se tornar revolucionário. Especificamente, no caso de Lukács, além do ambiente cultural, são pontuadas a eclosão da Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa. Nesse período, a visão trágica de mundo é bastante forte no húngaro. Löwy verifica, ainda, a passagem de Lukács ao comunismo, a assunção do esquerdismo e como esse surge no âmbito da ética e da política. Ulteriormente, Löwy trata da análise do pensamento lukacsiano, em "História e consciência de Classe", e do atrelamento do húngaro com o stalinismo, numa passagem bastante polêmica entre os comentadores de Lukács, como Netto, Coutinho, Mészáros.

O exame do livro de Löwy, assim como os dos outros intelectuais aqui abordados, foge do nosso escopo. O que importa para nós é apreender em que medida nossos lukacsianos se aproximam da fase epistemológica e ontológica de Lukács e verificar a aplicação de categorias caras a este, como a da totalidade. Não obstante, em alguns tópicos dos livros, nos parece cabível um detalhamento maior. Mesmo ciente das polêmicas propiciadas por Löwy com sua identificação do romantismo lukacsiano pós assunção do comunismo, é fundamental atentarmos para o capítulo da "Evolução Política de Lukács", que, diga-se de passagem, é uma obra deveras valiosa, concernente à obra mais famosa do húngaro e a mais relevante para Löwy, que para nós, é representativamente o grande conhecedor do Lukács mais jovem.

Löwy sai em defesa da riqueza do compêndio de ensaios de 1923 quando arrola os debates gerados e as influências que, a contragosto do próprio Lukács, a obra

suscitou. De Mannheim, Horkheim, Adorno, Marcuse, Goldmann, Merleau-Ponty, Althusser, dentre outros. Ele nos alerta para o fato de que as polêmicas geradas gravitam em torno do materialismo vulgar caracterizador de alguns pensadores. "Repousam sobre a base comum de materialismo vulgar, cientificismo positivista e ortodoxia dogmática; constituem uma prova em contrário do caráter dialético da obra de Lukács." (Löwy, 1998, p. 205).

Nosso autor, ao contrário dos demais lukacsianos examinados, volta muito fortemente os olhos para HCC. Para ele, a obra de 1923 é fundamentalmente política, atuando em prol da revolução proletária e contra as formas reificantes do sistema capitalista. Ela consegue concretizar a *Aufhebung*, que Löwy conceitua como "síntese dialética" - que *nega-supera-conserva* - entre o ser e o dever ser, "valores e realidade, ética e política, tendências profundas e fatos empíricos, vontade e condições materiais" (p. 206), compondo uma unidade conexa representativa de uma "superação dos contrários", embasando toda a obra de 1923. Ainda para Löwy, é prontamente por essa característica dialética que HCC é o trabalho mais portentoso de Lukács, que possui outro aspecto de relevo: há a passagem em relação às obras anteriores ao realismo revolucionário. "*História e Consciência da Classe* é, nesse sentido, a etapa final do itinerário ideológico, que conduz Lukács de uma visão trágica de mundo ao leninismo." (p. 207).

No decorrer do capítulo sobre HCC, Löwy observa alguns aspectos interessantes sobre a posição e a evolução do pensamento lukacsiano expresso nos textos. Eles não representam uma continuação entre si, com os escritos datados em 1919 e 1920 (boa parte do período em que a obra foi redigida). Há alterações de posições de Lukács sobre colocações luxemburguistas e leninistas. O que importa para Löwy é, fundamentalmente, apreender as inflexões realizadas nos anos correspondentes à fase primeira marxista, que teve consequências essenciais no decorrer da trajetória do húngaro. Ele pontua:

> "A presença destes dois artigos (*Legalidade e Ilegalidade* e *Rosa Luxemburgo como marxista*) em *História e Consciência de Classe* mostra que existe certa continuidade entre o Lukács de 1922-1923 e o de 1919-1920; o divisor de águas situa-se em meados de 1920: a publicação de *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*, de Lênin em 1920." (1994, p. 209).

Além desses dois artigos, Löwy observa a modificação profunda com o ensaio "O que é marxismo ortodoxo?". Segundo sua análise, existem, em 1919, aspetos fortes de esquerdismo ético, mudadas por ocasião de seu encontro com o leninismo. Procedendo a um exame rigoroso e não efetivado anteriormente, Löwy trabalha amiúde com a *Aufhebung*, que aparece novamente quando ele trata do exame da teoria da consciência de classe ancorada na possibilidade objetiva. Esta permite a Lukács a saída do empirismo e do subjetivismo idealista, como pontuado pelo nosso lukacsiano. Critica as interpretações equivocadas do teor da teoria referida , mostrando aproximação teórica com Goldmann, ressaltando a inovação desenvolvida por esse autor caro a Löwy, como expusemos, e que também sofreu influência de Lukács.

> "Um dos raros autores que não só compreendeu como também utilizou e desenvolveu de maneira criativa o conceito de 'consciência possível' por Lucien Goldmann, que acentuou a importância, para a ciência social, de distinguir, na consciência de uma classe, os elementos ligados a uma conjuntura concreta e os elementos que correspondem à própria natureza da classe social, à sua existência enquanto tal (o máximo de consciência possível)." (1994, p. 214).

Löwy continua a argumentação, lança e expõe sua perspectiva contestadora tangente à sociologia empírica burguesa, distinguindo e promovendo os indícios de sua sociologia marxista, como trabalharemos no capítulo final do presente texto, pondo em relevo sua aproximação com Lukács e Goldmann. "O conceito lukacsiano torna-se assim, um instrumento de crítica e superação da sociologia empírica burguesa com suas 'pesquisas' descritivas e superficiais." (p. 214). Notemos as aspas postas na palavra pesquisa, numa evidente falta de crédito às investigações realizadas pela sociologia referida.

A análise dos ensaios segue no capítulo referente à HCC, e Löwy consubstancia sua colocação estudando as considerações suscitadas no meio intelectual, sobretudo as presentes no ensaio "A reificação e a consciência do proletariado". Nele a reificação é examinada por Lukács através da visão de mundo marxista, e não como "destino trágico da cultura". O tratamento conferido ao fenômeno é esmiuçado, e críticas não procedentes, rebatidas. Assim, o Humanismo revolucionário, atribuído ao livro por Althusser, as críticas de Colletti, que tangem à idéia de uma crítica romântica, o uso de teses de Simmel, de Tönnies exemplificam a atitude contrária de Löwy a essas

considerações. Ademais, ele ressalta, sim, a aproximação de Lukács com Marx, especialmente com o fetichismo da mercadoria operada em "O Capital".

A herança cultural ressaltada por Netto e Coutinho surge, para nós, na feitura da "Evolução Política de Lukács", a partir da aplicação da *Aufhebung* (largamente usada por ele), que embasa seu argumento rechaçador dos questionamentos da essência de HCC. Ocorre na crítica a Colletti: "Lukács não é um seguidor de Tönnies ou Simmel, mas realiza uma *Aufhebung* de suas concepções no seio de uma problemática que é essencialmente marxista." (1994, p. 217). Quando trata da *preservação* e *superação dialética*,concretizada ainda no ensaio sobre a reificação, em que a influência marxiana é bastante forte, "o mérito de Lukács é estender esta análise (utilizando criticamente alguns clássicos da sociologia burguesa: Weber, Simmel etc., ao conjunto das formas da vida social (...)" (1994, p. 219), posição com a qual somos partidários.

Outra idéia assumida por Löwy refere-se ao leninismo presente em HCC, prontamente nas táticas propícias ao partido comunista. Löwy afirma, em nota de rodapé (p. 222, nota 50), a provável tentativa de síntese entre o leninismo e o luxemburguismo e aplica a categoria da possibilidade objetiva (como caracterizada por Goldmann sob influência de Lukács). Além disso, Löwy assevera, em nota de rodapé (p. 222, nota 50), a provável tentativa de síntese do leninismo e do luxemburguismo, observada no ensaio sobre organização do partido. (Löwy, 1994). E pontua a incoerência de se atrelarem as táticas organizativas ao futuro stalinismo. Para ele, "História e Consciência de Classe" ao contrário, representa o questionamento mais profundo à burocratização do partido, que, posteriormente, fora intensificada por Stalin. (Löwy, 1994, p. 225 -226).

Aspecto interessante e relevante acerca das inferências de Löwy incide justamente num primeiro momento na percepção do pioneirismo crítico lukacsiano ao partido burocratizado, dos malefícios dessa burocratização postos na sua obra de 1923 (ano da publicação). Um segundo aspecto, proveniente das assertivas do nosso autor, refere-se à inflexão operada por Lukács, ulterior a 1926, quando este rechaça HCC e aceita o stalinismo. Isso é bastante controverso e repercute intensamente entre comentadores de Lukács no mundo (Mészáros, Tertulian) e no país (Netto, Coutinho, Konder, Chasin), para citarmos alguns.

No mais, é fundamental observarmos para a frequente preocupação de Löwy em dispor a atualidade política e metodológica da fase do Lukács mais jovem, sobretudo a

importância de "História e Consciência de Classe" atualmente. Já ao término do capítulo sobre esta obra presente em seu livro "A Evolução Política de Lukács", seu autor põe em relevo o contexto em que a obra lukacsiana foi desenvolvida (período de greves, revoltas, vontade revolucionária, etc.), afirmando que, ao contrário do que se pode pensar sobre ela ter se tornado obsoleta, a partir dos anos 1960, uma nova geração buscou retomar as origens históricas do "*primeiro comunismo* (1917-1923), considerado como exemplar." Quanto à atualidade metodológica, Löwy a encontra na dialética do sujeito e do objeto, que, para ele, supera o marxismo contemporâneo, separado em subjetivistas e estruturalistas. O primeiro grupo é, segundo nosso autor, representado por Sartre, e o segundo, que também se reveste de um neopositivismo, é achado nas concepções de Althusser.

A relevância dos escritos lukacsianos dos anos 1920, o contexto cultural, político e social do mundo alemão motivam indelevelmente Löwy a entender como o conhecimento é produzido, por quem ele é produzido e quais os condicionantes materiais e ideológicos que conduzem os intelectuais a efetivarem suas análises e a passarem para uma atitude radicalizada (como ocorreu no livro sobre a evolução política de Lukács), por nosso autor examinadas. Lukács e seu marxismo são investigados não só no livro de 1970, mas em outros trabalhos que abordam, fundamentalmente, os fenômenos do romantismo, do messianismo em correlação com a política na Alemanha. O objetivo de Löwy, assim como ficou evidenciado no seu tratamento com a importância da metodologia lukacsiana (em outros aspectos, arrolados por ele em ocasiões diversas) é fornecer uma visão de mundo marxista, influenciada por Lukács e marxistas como Goldmann, que proceda a um entendimento da realidade concreta, donde a indispensabilidade da totalidade.

Foi motivado pela apreensão do fenômeno do romantismo que nosso autor redigiu, juntamente com Robert Sayre, entre 1983-1984, "Romantismo e Política", publicado no Brasil em 1993. Nessa mesma década, ele lança ainda "Romantismo e Messianismo". O primeiro trabalho é composto por dois ensaios, que tratam da caracterização do romantismo anticapitalista em seus distintos segmentos, com vistas a considerar a contraditoriedade e vastidão que coadunam o fenômeno e tornam equivocada qualquer tentativa de englobá-lo em uma única vertente. A preocupação de Löwy com o fenômeno do romantismo está em consonância com suas atribuições a traços presentes no pensamento marxista e, fundamentalmente, a consideração do

insurgimento de uma reação ao sistema capitalista, o romantismo é visto como uma "visão de mundo". Das análises operadas por marxistas, ele sublinha um traço comum, que é a constatação da oposição dos pensadores românticos às formas pré-capitalistas. Lukács foi um dos autores marxistas que pensou sobre o fenômeno, em suas análises sobre Balzac (anos 1930), e atribuiu a ele um caráter reacionário e direitista, conceituando-o como "romantismo anticapitalista", que é o "conjunto de formas de pensamento em que a crítica da sociedade burguesa se inspira em uma referência ao passado pré-capitalista." (Löwy e Sayre, 1993, p. 13).

É através dessa conceituação que Löwy procede a sua investigação. Atrelado ao "romantismo anticapitalista", ele põe a idéia de "visão de mundo" *Weltanschauung*, que recebe sua acepção moderna de Goldmann,"(ele) desenvolve e eleva a um nível superior uma longa tradição no pensamento alemão (notadamente W. Dilthey)." Assim, embasado teoricamente em duas das suas principais influências, Löwy entende o romantismo anticapitalista como uma visão de mundo correlata a uma:

> "estrutura mental coletiva específica a certos grupos sociais. Tal estrutura mental pode concretizar-se, expressar-se em domínios culturais diversos: na literatura e nas outras artes, na filosofia e na teologia, no pensamento político, econômico e jurídico, na sociologia e na literatura." (Löwy e Sayre, 1993, p. 17).

Assim, ele acentua a abrangência do fenômeno para campos distintos. E arresta que, afora o pensamento dialético e o racionalista expresso também pelo positivismo, sobretudo no século XIX, existe outra visão de mundo importante e que foi pouco observada, que é o romantismo anticapitalista. Além disso, Löwy estendeu também o período histórico da presença do romantismo. Comumente, segundo o próprio, estabeleceu-se que o romantismo é posterior à Revolução Francesa (e teria surgido como reação às promessas não cumpridas por ela, ou ainda motivado por questionamentos dirigidos à sociedade pós-revolucionária) e representaria uma transformação política. Para Löwy e Sayre, o romantismo é anterior à Revolução de 1789 e tem um teor sócioeconômico, "para nós, ao contrário, o fenômeno romântico deve ser compreendido como resposta a essa transformação mais lenta e mais profunda – de ordem econômica e social – que é o advento do capitalismo." (1993, p. 18). Mesmo que as manifestações mais fortemente românticas tenham ocorrido no século XVIII, autores como Richardson, na Inglaterra (onde o capitalismo era mais desenvolvido),

Rousseau, na França, e Goethe, na Alemanha, são representativamente significativos quanto ao romantismo de que trata nosso autor.

Ele lança algumas inferências obtidas a partir da contextualização (século XVIII) sóciocultural e política. Inicialmente, acentua a revolta contra o presente e recorre à pesquisa lukacsiana[79] sobre o romance para elucidar esse elemento da revolta que abalava a Europa: "Segundo a fórmula de Lukács na Teoria do Romance, o 'romantismo da desilusão' se caracteriza por uma inadequação da alma à realidade, uma vez que 'a alma é mais larga e mais vasta do que todos os destinos que a vida pode lhe oferecer'". (Löwy e Sayre, 1993, p. 21). Atrelado à influência lukacsiana, Löwy encontra, nas assertivas de Max Weber, em sua análise sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo, a ideia desse sistema como marcadamente de um desencantamento do mundo. Em Tieck, Löwy utilizou a ideia positiva de uma "noite encantada com o luar" e percebeu a possibilidade do "reencantamento do mundo pela imaginação", como característica do fenômeno do romantismo.

Na visão romântica, há a crítica ao capitalismo e, com ela, o fenômeno da reificação, que marca as obras e pesquisas, a vida e a filosofia das sociedades europeias no período anterior e posterior ao século XVIII. Tentando mostrar como esse fenômeno foi fundamental para a apreensão da realidade social da fase assinalada, e como ele marcou trabalhos de correntes de pensamento como o próprio marxismo, de Marx, Marcuse, Benjamin e Lukács, Löwy desenvolve ainda uma tipologia do romantismo anticapitalista. Ele recorre a Weber para a formulação de tipos ideais que inexistem na realidade concreta, mas que auxiliam o pesquisador no momento em que a investigação se desenvolve. Ele acentua, então, a necessidade de uma delimitação do objeto (o romantismo) e elenca como critério para a sua criação tipológica, definida como uma "reação contra o capitalismo e a sociedade burguesa", a sua função acerca do capitalismo.

Dentre os tipos-ideais de romantismo estão: o romantismo "restitucionista", que intenta recolocar normas culturais pertencentes a sociedades pré-capitalistas; o romantismo conservador, que visa à permanência do estado de coisas francês de 1738; o romantismo "desencantado"; o romantismo liberal; e o romantismo revolucionário e

[79] Lukács, G. "A Teoria do Romance", Editora Duas Cidades, São Paulo, 2004. Livro escrito durante a Primeira Guerra Mundial e de forte teor romântico.

utópico, que engloba o romantismo marxista e nele situa autores como Marx e Lukács, ponto bastante controverso. Ele afirma:

> "Pode-se encontrar na obra de Marx uma dimensão romântica anticapitalista, mas ela está longe de ser dominante. Entretanto, pode vir a sê-lo no pensamento de certos autores que se valem do marxismo, nos quais a nostalgia da *Gemeinschatt* pré-capitalista (ou de seus valores, sua cultura etc.) desempenha um papel essencial, tanto como motivação da crítica do capitalismo industrial, quanto como elemento central da utopia socialista do futuro." (Löwy e Sayre, 1993, p. 33).

O arrolamento dos pontos positivos do fenômeno é também assinalado. Os valores qualitativos éticos, sociais, culturais se fixam de modo questionador "ao cálculo racional". Löwy percebe o caráter de superação que articula esses valores, verificados em pólos opostos. Assim, a sensação de perda, como diz nosso autor (p.25), "representa, de fato, ao contrário, uma nova aquisição, ou, no mínimo, um valor que só pode expandir-se plenamente em um contexto moderno", o da *subjetividade individual*, a *totalidade* (momento transindividual com a coletividade humana).

Ainda no livro de 1993, Löwy e Sayre escreveram o ensaio "Utopia Romântica e Revolução Francesa", em que analisam a perspectiva dos românticos utópicos, contrários a alguns pontos da Revolução Francesa, (como o terror jacobino, a guilhotina, o autoritarismo) e inferem, grosso modo, as ambiguidades que perpassavam a visão de mundo dos utopistas. Pois, se existia uma reticência política a aspectos do processo revolucionário e, atrelado a eles, uma tentativa de volta ao passado, existia também uma característica de avanço no âmbito social, representada por um igualitarismo radical, que visava à divisão de terras. Daí, Löwy e Sayre encontram, na negação, na tentativa de preservação e na superação, a contradição que os leva a inferir que essa corrente utopista (nas figuras de Bonneville, Bernardin, Coleridge) estava na vanguarda da época histórica no século XVIII e "representava, em certos aspectos, uma das tendências mais 'avançadas' da Revolução." (Löwy e Sayre, 1993, p. 97).

Ainda sobre o romantismo, Löwy retoma o tema na década de 1990 em "Romantismo e Messianismo". Nele há uma delimitação e aprofundamentos do romantismo revolucionário e sua relação com o marxismo. Ele busca estabelecer a aproximação entre ambos, por meio da investigação das obras de Lukács e Benjamin. Como realizou no trabalho anterior (1993), procede historicizando o contexto em que o

fenômeno surge, suas variações do romantismo alemão clássico (Idade Média) e o romantismo anticapitalista (sociedades pré-capitalistas).

Novamente, Löwy retoma de Lukács o conceito de romantismo anticapitalista e trata de expor, no livro por ora trabalhado, o exame da presença desse romantismo nas obras lukacsianas, na fase dos anos de juventude entre 1910 – 1919, que coaduna um messianismo mítico, e quando assume o marxismo, especialmente em "História e Consciência de Classe", quando analisa a reificação na sociedade capitalista. "A dimensão romântica é mais atenuada, mas permanece como uma das articulações fundamentais do universo teórico de Lukács. É aproximadamente no final dos anos 20 que o pensamento de Lukács toma um sentido hostil ao romantismo, o que não acontece sem contradições e reviravoltas." (Löwy, 1990, p. 28 -29).

Essas mudanças são mais fortemente verificadas, segundo Löwy no polêmico "A Destruição da Razão", quando "apresenta toda a história do pensamento alemão, de Schelling a Tönnies e de Dilthey a Simmel como um imenso confronto entre a 'reação' e a 'razão', e todas as correntes românticas como conduzindo, necessariamente, a uma 'irracionalização geral da história' e, mais tarde, à ideologia fascista." (Löwy, 1990, p. 32). Ainda segundo Löwy, é em fins dos anos 1960, precisamente no prefácio à nova edição de HCC que Lukács trata do romantismo de modo menos negativo, afirmando os elementos importantes existentes no fenômeno em questão, em que ele fala num reencontro com a dimensão romântico-revolucionária, como modo de contribuir para uma reflexão e um enriquecimento da visão socialista. (1990, p. 33), ponto em que Löwy, entusiasta do romantismo anticapitalista, concorda.

Esse tema perpassa suas obras ao longo dos anos 1970, 1980 e 1990, denotando a preocupação com o fenômeno romântico caro a ele, e visto como movimento de crítica às bases socialistas. A nosso ver, o que Löwy propõe está próximo e, ao mesmo tempo, distante da "herança cultural", já que, mesmo incidindo criticamente sobre a sociedade capitalista, o romantismo é de todo modo uma volta ao passado, o que, por si só, nos parece reacionário, mas que pode, sim, indicar, nas análises do que fora produzido em termos filosóficos e artísticos, pontos progressistas e de superação.

Outros temas trabalhados por nosso autor concernem à relação entre o marxismo e a sociologia e,mais especificamente, a possibilidade de uma sociologia marxista, como trataremos no capítulo final. Além disso, a vasta bibliografia de Löwy contribuiu com a divulgação das idéias lukacsianas, como já nos referimos, pensando sempre na

articulação do espólio romântico e dos fenômenos culturais originados nas sociedades capitalistas, como o próprio, e que, conectados também ao pensamento religioso, reverberaram na visão de mundo marxista de Lukács, por exemplo. (Cf. Löwy, 1990, 1998). A aproximação com a perspectiva epistemológica é esboçada ainda nos anos 1960 em "Método Dialético e Teoria Política", nos anos 1990, em "Ideologia e Ciência Social" (), "As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen e em "Figuras do Marxismo Weberiano" (1995), além dos livros aqui esboçados. A aplicação da *Aufhebung* é frequente, bem como a visão alicerçada na totalidade, notadamente trabalhada no importante livro "A Evolução Política de Lukács" (1998).

**José Paulo Netto**

As principais obras de José Paulo Netto a serem esboçadas aqui se localizam nos anos 1970, 1980 e, sobretudo nos anos 1990, quando então publica seu trabalho mais conhecido, fruto do seu doutorado realizado em 1990, no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). "Ditadura e Serviço Social: uma análise do serviço social no Brasil pós-64". Trata-se de uma densa pesquisa que, como o próprio título diz, debruça-se sobre a relação pontuada entre a ditadura militar brasileira e seu alistamento com o serviço social. Busca entender o processo de renovação do Serviço Social em suas teorizações praticadas por intelectuais numa aproximação com a ideologia dominante. Esse esforço também realizado por Netto no decorrer dos anos 1990 e se traduz com o livro introdutório sobre Economia Política (2006), como trataremos mais adiante.

O trabalho de 1990 constitui-se em dois capítulos, que dão conta do entrecruzamento do processo das demandas socioinstitucionais colocadas ao Serviço Social e o processo interno à realidade profissional. Ambos são tomados como pertencentes a uma ação única. Urdido no decorrer "do regime autocrático burguês" (Netto, 1990 (2010), p. 8), importa assim, apreender o papel deste no desdobrar do desenvolvimento do Serviço Social no país. É preciso saber como se dá a produção de conhecimento na área, as relações teóricas e as propostas investigativas, a análise da própria investigação e como isso repercute na prática do assistente social.

O capítulo primeiro procede a uma historização do regime autocrático burguês e a relação posta com a cultura. Fala da influência ideológica burguesa, adquirida no âmbito universitário, e que reverbera na orientação teórico-metodológica e,

consequentemente, nos exames e propostas sobre a realidade social brasileira. Anteriormente, porém, há de se considerar o percurso trilhado nos anos ditatoriais em prol de uma política cultural, que perpassasse as orientações reguladoras e atreladas ao domínio - necessário para a continuidade e reprodução - da hegemonia burguesa, que se valeu das forças militares para isso. (Cf. Netto, 2010, p. 16 – 44).

Netto expõe a relevância da política cultural como instrumento caro à intervenção ideológica: "A política cultural, enquanto política social determinada, demarca um terreno de intervenção em que as especificidades próprias ao 'mundo da cultura', a produção e a difusão dos seus produtos (obras, elaborações), se entremesclam com os fenômenos e os processos macroscópicos da reprodução da vida social." (Netto, 2010, p. 45). Netto refere-se a Astrojildo Pereira, e nos indica a política cultural do PCB. Para o seu fundador, era indispensável ao Brasil a erradicação da pobreza, a facilitação do acesso a educação, o fim da miséria e da exploração, o acesso aos meios de comunicação sem a censura da ditadura.

> "Ou seja: na definição e implementação de uma política cultural qualquer comparecem necessariamente problemas que dizem respeito à reprodução social como processo macroscópico e abrangente. É somente com o simultâneo equacionamento destes problemas (alfabetização, escolarização, garantia de alimentação e moradia, direito ao trabalho, assistência médico-hospitalar, participação social, etc) que se podem encaminhar as questões culturais específicas." (2010, p. 45).

Referências a Gramsci e Lukács estão presentes, como podemos verificar expressamente na nota de rodapé de número 61. No mais, as especificidades da política cultural estão, no contexto investigado por Netto, em articulação com as políticas sociais implantadas e organizadas pelo Estado. Cabe observar, seguindo suas análises, a mediação entre as efetivações e os mecanismos da política cultural e o sistema educacional, usado como forma de legitimar e reforçar a política cultural da burguesia. Segundo pontua Netto, foi objetivo dessa política cultural consolidar determinadas características culturais vistas na formação brasileira, como o elitismo presente na ideia de transplantação cultural. O que nosso autor ressalta é que o sistema educacional não é o responsável único por essa cultura, mas deve-se atentar para a disposição da estrutura classista brasileira. Ademais, para reproduzir-se e atender ao objetivo expansionista da autocracia burguesa, era mister investir numa "modernização conservadora". Donde,

> "a política cultural da ditadura teria de laborar em duas frentes: a)reprimir as vertentes que, no mundo da cultura, apontassem para a ultrapassagem da tara elitista, estimulando aquelas que contribuíam para a sua cristalização e b) induzir e promover a emergência de tendências culturais funcionais ao projeto modernizador." (2010, p. 51).

Além disso, o regime autocrático burguês, de acordo com a investigação de Netto, atuou fortemente com vistas a reforçar o traço de dependência cultural e a incentivar correntes intelectuais "assépticas". Todavia, mesmo com o impulso das tendências repressivas e conservadoras, Netto pontua a existência de composições resistentes, a exemplo do Centro Popular de Cultura (CPC-UNE) e do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e diz:

> "Às vésperas de 1964, aquelas tendências – correlatas também a experiências em andamento no campo educacional – polarizavam o que havia de mais dinâmico nos centros decisivos da cultura brasileira, imantando as chamadas ciências sociais, a poesia, o teatro, o cinema, a ficção, o ensaísmo." (2010, p.73).

Na Universidade, houve um acentuado esvaziamento e um aumento da racionalidade burocrática, que envolveu significativamente o pensamento intelectual dos que a compunham. Nas ciências humanas, houve, além do mais, um processo de mitigação e de uma política que favorecia a criação de faculdades na rede privada. Biblioteca deficiente, poucos gastos de infra-estrutura e investimento baixo eram importantes para a criação de faculdades de ciências sociais, pedagogia, letras, dentre outras que cresceram, mas o nível do ensino era largamente insuficiente. Isso vinha bem a calhar à autocracia burguesa. Concomitantemente se realizava, nas universidades e entre formas de expressão artística, uma reinterpretação da herança cultural, que diminuía a relevância das concretizações do nacional-popular (para usar uma expressão gramsciana, conforme Netto procede) com o escopo de promover uma visão contrária ao realismo crítico (de que ele faz uso mediante a herança lukacsiana), legitimando o viés irracionalista, que desaguará na feitura das análises operadas pelas ciências humanas (como é do nosso interesse). Nelas a presença da herança positivista é ativada, mas também diversificada com outras filosofias que adquirem adeptos.

> "Operando especialmente entre pensadores vinculados à filosofia e, não incidentalmente, afeitos a uma relação simpática para com as

> posturas religiosas, o pensamento heideggeriano amplia significativamente o seu raio de influência na universidade brasileira – já não se trata, obviamente, de um qualquer existencialismo de combate, mas de uma perspectiva que, no limite, conjuga-se com o desesperado capitulacionismo que, em nível chão, a contracultura expressa. Sem colidir com pressupostos idealistas e, ao mesmo tempo, oferecendo sugestivas alternativas ao positivismo grosseiro, o engenhoso irracionalismo de Heidegger propiciava a seus adeptos um olímpico distanciamento da dura realidade brasileira, que contemplavam, as vezes, com ares de uma grande recusa." (Netto, 2010, p. 86).

Do crescimento de correntes irracionalistas, como a supracitada, houve, ainda, o fortalecimento de correntes racionalistas, mas sem o apego próximo ao positivismo. Segundo a inferência de Netto, trata-se mesmo de uma corrente inédita no país. Como ele explica:

> "Incorporada principalmente por um segmento intelectual que, conseguindo sobreviver no interior da universidade, recusava os impasses da contracultura e buscava um trabalho cultural intencionalmente contra-restando a pressão autocrática e sintonizado com o que de contemporâneo se produzia em centros avançados do exterior (nomeadamente a França).

Essa corrente estruturalista embasava-se e embasa-se largamente nas assertivas de Lévi-Strauss ao marxismo de Althusser, favorecendo as estruturas linguísticas e privilegiando quase somente a forma. O estruturalismo se intensificou a partir de 1964, não achando resistências, que não foram realizadas por questões intelectuais, mas porque não existia possibilidade para uma discussão aberta. Não obstante, Netto, seguindo a tradição marxiana, não procede a uma crítica desqualificadora no que tange aos elementos progressistas ou, como é o caso, de elementos a serem ressaltados. Dentre esses rudimentos, estão a valorização dada pelo estruturalismo ao rigor analítico e a atenção para áreas não assistidas, a exemplo dos estudos linguísticos. De todo modo, o estruturalismo se caracterizou mais fortemente por difundir aspectos anti-historicistas, pelo epistemologismo e pelo formalismo. "E dadas as condições sócio-históricas em que hegemonizou os segmentos intelectuais progressistas, basicamente no interior da universidade, o estruturalismo contribuiu eficazmente no Brasil para neutralizar os vetores críticos (e críticos-dialéticos) do 'mundo da cultura'". (2010, p.88).

Além disso, o estruturalismo contribui com a autocracia burguesa, fornecendo pressupostos teórico-metodológicos para o chamado "marxismo acadêmico", que se delineou politicamente por uma postura inócua e processou uma leitura frouxa das obras

marxianas. “Ele (o marxismo acadêmico) respondeu por uma cultura de esquerda inteiramente asséptica – descontada, naturalmente, uma ‘leitura científica’ de Marx, que o tornava palatável a uma infinita gama de gostos.” (2010, p. 88), daí sua ampla aceitação na fase ditatorial.

Há, posteriormente, uma análise rigorosa empreendida por Netto acerca do modo como a autocracia burguesa se conformou com o ‘mundo’ do serviço social brasileiro, em que as investidas do marxismo acadêmico também foi significativo. Obviamente que são relevados os pontos positivos fornecidos por esse estruturalismo, como pontuado anteriormente, e o sentido combativo que se desenvolvia durante os anos 1960 e 1970 por parte dos assistentes sociais e pesquisadores da área. Outra corrente que também escreve sua participação junto à produção de conhecimento destes é a fenomenologia. Como anota Netto, o surgimento ou ressurgimento de tendências reformistas conservadoras e transformadoras, em posição oposta, coadunaram o Serviço Social, e as ciências humanas de maneira geral. Nesse ínterim, o Serviço Social passou por uma mudança em suas bases operativas. De um lado, uma revisão modernizadora ligada ao neopositivismo e ao estruturalismo; e, do outro, uma que reatualizava o conservadorismo, com uma nova cara, mas vinculada ao catolicismo, que deu fundamentos ao Serviço Social. Nessa vertente, havia uma oposição forte ao positivismo (elemento caro às Ciências Sociais) e ao pensamento “crítico-dialético”. Coube tomar-se como nova uma aquisição teórico-metodológica, que estava ancorada na fenomenologia[80]. Todavia, a renovação do Serviço Social ganha contornos transformadores - sem relegar os aspectos positivos das duas tendências citadas - com a intenção de ruptura[81]. Isso trouxe à baila temas do ambiente cultural (abordados de maneira mais avançada pelas ciência sociais[82]) e repôs a herança marxiana como importante para proceder criticamente sobre o desenvolvimento do Serviço Social e

[80] O exame de Netto é extremamente rico no que tange as relações estabelecidas entre a autocracia burguesa e o Serviço Social. Há uma abordagem acerca das mudanças na área, em detalhes, e os momentos fulcrais para essas transformações e adensamentos enriquecedores, por um lado, e problemáticos por outro. O trato da modernização e do conservadorismo e os desdobramentos da profissão fornecem um panorama e um exemplo que poderiam servir como substrato e como “modelo” de pesquisa a ser efetivado nas ciências sociais com vistas ao exame da própria. Até onde sabemos, pesquisa semelhante e crítica não foram realizadas na nossa área no Brasil. Isso nos dá indícios do necessário debate (inicialmente) do estatuto das ciências sociais, e da cultura mesma instalada no país e que se reproduz intensamente acoplada às novas tendências de caráter irracionalista e pós-moderno, sobretudo.

[81] Para o entendimento adequado, vide Netto, 2010, p. 249 -276.

[82] Importa ressaltar a *Aufhebung* operada por Netto no exercício da crítica aos elementos e realizações de caráter progressista, detectados nas áreas consideradas por ele como problemáticas, como é o caso das ciências sociais.

sobre a atuação do profissional da área, contribuindo para reflexões tangentes à intervenção na sociedade.

Assim, Netto expõe que a renovação e a ruptura propiciam um aclaramento e enriquecimento do debate profissional (p.303), acarretado pelo desenvolvimento teórico da perspectiva da intenção de ruptura. Além do mais, vemos sua preocupação com a economia política (tomada como fundamental para a reprodução do ser social e das esferas da sociabilidade), que irá desaguar na sua proposta de uma coleção introdutória para os estudantes do serviço social. Sem antes, porém, esquecer a ênfase na perspectiva teórico-metodológica marxiana, alicerçada num entendimento ontológico sob a influência do último Lukács. Esse combate foi operado (1970) em sua análise sobre a relação entre sociologia e o marxismo lukacsianos, nessa fase dos anos 1970, numa acepção epistemológica como exporemos no capítulo final, e que será operado em ocasiões outras (1994, 2002) no que respeita à crítica contundente as visões filosóficas e científicas pós-modernas. Além disso, pontuamos a centralidade da "herança cultural", tão cara a Marx e a Lukács, como já verificadas em Coutinho (1965; 1970) e como poderemos perceber nas considerações de Netto (2010; 1994).

Posteriormente, mas ainda naquela década, ele discorre acerca da lacuna existente no pensamento contemporâneo da presença das ideias de Lukács da fase da "Ontologia do Ser Social". Num pequeno artigo escrito a propósito de uma coletânea sobre Lukács, editado pela Boitempo em 2002, Netto traz a reflexão sobre a causa da pouca importância conferida ao pensador húngaro no âmbito das ciências humanas, desnudando a perspectiva fragmentada que as ambienta e as caracteriza nos dias de hoje. "G. Lukács: um exílio na pós-modernidade" constata, primeiramente a ausência do marxismo de modo geral, nas pautas da atualidade, ou melhor, a preterição conferida a essa corrente de pensamento. Todavia, temos destacado que nem todos os autores da tradição marxista estão nessa situação, como é o caso de Gramsci, mas Lukács mantem-se ignorado. Segundo Netto, a cultura atual, caracterizada pelo teor contra-revolucionário, delineado na transição dos anos 70 para os 80, não comporta a forma com a qual o húngaro trata os temas de hoje. Todavia, esse fenômeno de recusa ao trabalho lukacsiano é correspondente, especialmente, aos seus trabalhos iniciados nos anos 1930. "É esta obra, que Lukács elabora a partir de meados dos anos 30 e que culmina com as suas Estética e Ontologia do ser social, que colide frontalmente com o atual 'espírito do tempo'". (Netto, 2004:142). A produção lukacsiana dos anos 1910, "A

alma e as formas" e a "Teoria do Romance" e, nos anos 1920, "História e Consciência de Classe" gozam de certo prestígio, sobretudo as duas primeiras.

As causas desse "exílio" de Lukács não se ligam, como afirma Netto, ao traçado aproximativo do húngaro com a dogmática stalinista, como interpretado por muitos, nem a sua estética, que, por seus aspectos, tidos como conservadores desvelaram muitas críticas às vanguardas estéticas. Além dessas duas possibilidades, outra também parece não representar uma causa plausível: a teoria da arte elaborada por Lukács, atrelada ao século XIX, seria inapropriada para examinar os trabalhos do século XX. Isso "equivale a desconhecer a riqueza e potencialidade das categorias estéticas." (Netto, 2004, p.143). Para Netto, o exílio das idéias lukacsianas na cultura considerada libertária, se deve ao caráter ontológico que alicerça seu pensamento.

> "Penso que a razão dessa baixa compatibilidade entre a obra madura de Lukács e a cultura atualmente dominante autocaracterizada como de oposição ou libertária deve ser procurada em outro âmbito – mais precisamente **na impostação ontológica que passa a articular seu pensamento**[83] a partir de meados dos anos 1930, que ele reivindica expressamente depois da publicação da sua inconclusa Estética (1963) e cuja explicitação, fundamentação e desenvolvimento dedicaria a sua Ontologia do ser social – obra que, não por acaso, goza de diminuto prestígio na atualidade." (Netto, 2004, p. 144).

A visão lukacsiana passa a se guiar pela efetividade, pela gênese e pela historicidade do ser social, o que, seguindo as inferências de Netto, teve como consequência uma oposição entre a gnosiologia e a ontologia. "A direção ontológica determinou o deslocamento do trato epistemológico (...)." (Netto, 2004, p. 146).

Netto delineia então o processo de inflexão da passagem da preponderância epistemológica à ontológica, ressaltando como decisiva a fase em que Lukács entra em contato com os Manuscritos de Paris, na Rússia, nos anos 30, passando a conceber a sua teoria do conhecimento como uma teoria do reflexo que perpassa a arte e a ciência. Ademais, a dialética da natureza de Engels, rechaçada por ele na fase de "História e Consciência de Classe", é acolhida. Para Netto, essa reavaliação possibilitou a "aceitação da impostação ontológica do pensamento lukacsiano", que nos anos 60, adquire um sentido mais profundo ainda, quando a ontologia passa a ser o assentamento que devolverá a direção original da obra de Marx. "Agora, mais que uma teoria com ineliminável direção ontológica no tratamento do ser social, tal como concebera desde

[83] Grifo nosso.

meados dos anos 30, Lukács pensa a teoria marxiana como uma ontologia do ser social." (Netto, 2004, p. 148).

Continua Netto,

> "ora, com a determinação explícita e intensiva da teoria marxiana como ontologia do ser social, Lukács repõe um novo âmbito interpretativo não só a obra de Marx, mas ao conjunto da tradição marxista. A recuperação da riqueza categorial da teoria marxiana desenvolve-se *pari passu* a uma crítica ontológica da esclerose e da degenerescência do marxismo pós-Lênin (isto é, do fenômeno stalinista), concomitantemente à demanda de uma crítica ontológica do capitalismo contemporâneo – no qual remarca sobretudo o caráter *manipulatório.*" (2004, p.148 -149).

Indubitavelmente, respeita a essa visão alicerçada sobre a centralidade da ontologia como correção para os interstícios da realidade concreta, que constitui a recusa e estabelecem o exílio de Lukács no pensamento filosófico e científico hoje. Assim, a lacuna de estudos que usem ideias suas concebidas a partir dos anos 30, culminadas na colocação ontológica nos anos 60, é larga.

O ambiente cultural configurado é incompatível com preocupações ontológicas. É através das idéias de Habermas (mas não apenas ele, como frisa nosso autor) que Netto explica a estrutura dessa ambiência atual. Para ele, na "Teoria da Ação Comunicativa", livro mais famoso de Habermas, está expressa a oposição não marxista, mas humanista e racionalista, à perspectiva ontológica, em que ele analisa o último Lukács. Todavia, alerta Netto, "as referências de Habermas a Lukács, nessa obra, remetem aos textos lukacsianos anteriores aos anos 30." (2004, p.152, nota 47). Por Habermas se opor à visão ontológica, usar idéias weberianas "de modo muito particular" e vislumbrar desdobramentos a serem realizados pela Modernidade é considerado como exemplificação dessa "ambiência cultural". Nela, o irracionalismo, numa roupagem nova, é importante.

Esse irracionalismo, distintamente do tradicional, opera também em cima de aspirações progressistas, que cessam quando atingem suas limitações expressas na mitigação da totalidade, ou, especificamente, na proliferação e descaracterização da perspectiva da totalidade, além da problematização da crise dos paradigmas. Quanto à primeira, é fácil perceber o que Netto aponta ao observarmos a prática largamente difundida de qualificar uma visão embasada na totalidade, como uma visão holística, "de óbvias conotações místico-irracionalistas". Tanto essa polissemia da totalidade

quanto a apropriação de elementos das ciências exatas e da natureza, estão fortalecidas na academia e são qualificadas por Netto como "novo irracionalismo". "É na consideração do cerne mesmo dessa cultura – ela própria distinta do novo *irracionalismo* e muito mais significativa que este – que se encontram os núcleos de colisão com os elementos estruturais constitutivos da *Estética* e da *Ontologia*" (Netto, 2004, p. 154). Tais núcleos alistados por ele são: a realidade objetiva, fundamental para Lukács e secundária na cultura irracionalista; a categoria do trabalho, tomada como problemática e chegando a estar em vias de desaparecimento para esta cultura, e a perspectiva da história como um processo que recebe um tratamento igualmente confuso. (Cf. Netto, 2004, p. 155 – 157).

Todas as formas de conhecimento que articulem essas idéias arroladas acima não percebem, nas concepções lukacsianas, um modo de explicar a realidade social.

> "Quaisquer diálogos e-ou interlocuções entre intelectuais que compartilhem essa constelação ideal e a obra madura lukacsiana ou estão interditados, ou se reduzem a meros contatos perfunctórios. Dada a substantividade da colisão entre ambas, trata-se, de fato, de universos teóricos excludentes. Para uma cultura estruturada sobre tais supostos – e, mesmo, constituída por eles -, as elaborações maduras de Lukács carecem de significado contemporâneo e, pois, é compreensível a inteira desconsideração com que a brindam. Eis aqui um exílio intelectual perfeitamente explicável. (Netto, 2004, p. 157).

Apesar da força da cultura dita pós-moderna, Netto coloca a relevância de se voltar às concepções de Lukács. E estabelece os antecedentes dessa nova cultura, encontrados justamente no pensamento estruturalista (como analisado por Coutinho, em "O Estruturalismo e a Miséria da Razão"),que se colocava a favor do antiologismo, mas associado a uma visão rasa de teor idealista do mundo social. Nela a razão moderna é tomada como a responsável pelos equívocos da Modernidade[84].

O retorno às idéias solapadoras da "falsa consciência" é debatido por Netto ainda em 1994. No artigo, "Razão, Ontologia e Práxis", ele aborda o tema da centralidade de uma visão ontológica para a assunção da realidade concreta. Aponta, pois, uma perspectiva alicerçada ontologicamente no entendimento da realidade, como esboça no decorrer da sua exposição. Assim como se processou no texto sobre o exílio de Lukács, ele delineia as origens da apropriação da razão como instrumento caro à

[84] Ver o texto de Netto e confrontar com seu artigo de 1994, "Razão, Ontologia e Práxis" *in* Serviço Social e Sociedade, São Paulo, Cortez Editora.

ordem burguesa. Inicialmente trata de repor a gênese da razão moderna no Renascimento, chegando ao iluminismo e os desdobramentos que se sucederam.

Da relação intrínseca com a razão dialética, o humanismo e o historicismo, elementos essenciais para a perspectiva marxista - debatidas por Netto (2004) e exemplares no que tange à *herança cultural* propagada por Lukács e assumida por Coutinho (1967; 1972), Konder (1967) e Netto nos trabalhos por ora esboçados – a mitigação desses elementos pela razão analítica, essas três categorias atuam como auxiliadoras para a constituição de uma visão de mundo ontológica, do mesmo modo que sua ausência ou requisição equivocada urde uma perspectiva opositiva.

É com esse parâmetro que Netto indica a relevância do humanismo, do historicismo e da razão dialética, a dívida desta para com Hegel em sua colocação idealista, que incorre numa ontologia dupla. Essa ontologia coloca-se falsa (idealismo do sujeito-objeto idêntico, assumido por Lukács em HCC) e verdadeira, como atentou o marxista húngaro na "Ontologia do Ser Social". O objetivo é, pois, trilhar o caminho das bases da ontologia marxiana, alicerçada na razão, como correção para a visão de mundo que reteve aspectos reacionários desta e que, em algumas ocasiões, acarretou formas de conhecimento que influenciam o pensamento contemporâneo, a exemplo das correntes ligadas à pós-modernidade.

A reconstrução da razão moderna e sua articulação com o historicismo, humanismo e razão dialética, é assim indispensável para se apreender o processo que nos leva hoje a cometer distorções no instante de analisar a realidade concreta. Os complexos das esferas econômica, política e cultural abalizam esse entendimento. Temos claramente nesse e no texto de Netto, anteriormente trabalhado, a aplicação do método histórico-sistemático, outrora mencionado por nós.

Sumariamente, ele aborda os tangenciamentos da razão moderna e sua contraditoriedade com o desenvolvimento capitalista, que fomenta processos específicos atrelados à urbanização e à industrialização. O que nosso autor afirma é que, com isso, surge o imperativo (numa expressa aproximação com Marx e Lukács de quem retira os argumentos) de saberes destinados a controlar a natureza. Efetiva-se "o patamar histórico-social, no qual é possível apreender a especificidade do ser social." (Netto, 1994, p. 31). No capitalismo, surge a possibilidade de produção e reprodução do ser social, bem como a razão moderna e, posteriormente, a razão analítica. O processo

explicado por Netto a partir considerações lukacsianas presentes na "Ontologia do ser social":

> "A lógica do envolver do capitalismo demanda um conhecimento desantropomorfizador da natureza – não é acidente histórico que o desenvolvimento da intelecção corresponda a emersão dos *padrões de conhecimento científico* da natureza. A mesma massa crítica indica que a esse "desencantamento do mundo" (Weber) é imperativo um *comportamento instrumental*: a lógica do desenvolvimento capitalista implica uma atitude manipuladora em face da natureza, que reclama precisamente o conjunto de procedimentos próprios à intelecção – a ação (social) exigida por aquela lógica demanda a quantificação, a calculabilidade, a formalização. A razão analítica é, pois, o *organon* privilegiado da relação entre sujeito e objeto: é o cálculo racional que parametra a intervenção do primeiro sobre o segundo." (Netto, 1994, p. 31).

Essa razão analítica, a racionalização do mundo objetivo representa o aparecimento de um novo ser social reificado. Nesse cenário, o capitalismo, alicerçado na universalização da mercadoria, desenvolve a racionalidade analítica, que perpassa todos os âmbitos da sociabilidade e, como conseqüência, tende a solidificar uma idéia equivocada que restringe a racionalidade à intelecção e identifica razão com a razão analítica.

Em oposição a essa fragmentação do ser e do pensamento, no meio do processo histórico, surgem, no século XIX, condições (crises histórico-social, como a de 1848; teórico-cultural, como a dissolução do hegelianismo) que resultam num novo sujeito histórico, o proletariado; bem como duas matrizes teóricas, que são a obra de Marx e o racionalismo-formal–irracionalismo moderno, "constituindo estes últimos aquela 'polaridade antitética que configura o campo em que se movem, há 150 anos, as mais diversas tendências do pensamento refratário à razão dialética." (Netto, 1994, p. 33).Com esse novo sujeito histórico, há uma nova ontologia, que foi desenvolvida por Marx. Netto trata, pois, de delinear as especificidades da ontologia que perpassa a obra marxiana e que foi sistematizada por Lukács.

Inicialmente Netto ressalta o caráter social da ontologia de Marx. Esse aspecto é justificado na medida em que, para se desenvolver uma teoria da ordem burguesa, para que se possa ver a reprodução do ser social nessa ordem, é fundamental entender os problemas centrais da ontologia. "A elaboração teórico-metodológica de Marx imbrica-se na sua elaboração ontológica – esta, de fato, subordinando aquela." (1994, p. 34).

E prossegue explicitando a práxis como categoria fundante do ser social, sendo, pois, particular aos homens. O ser social existe a partir de um salto na dinâmica da natureza. No instante desse salto, ocorre uma transformação substantivo-estrutural, que é realizada pelo processo do trabalho, caracterizado por sua capacidade teleológica. O trabalho corresponde à forma primeira do ser social. Além do trabalho, as bases que o fundam são a práxis e a objetivação. "A práxis é reconstruída por Marx como a atividade objetivo-criadora do ser social – e o trabalho é sua forma, repita-se, ontológico-primária. É a práxis que expressa a especificidade do ser social." (Netto, 1994, p. 36 -37).

Posteriormente Netto expõe a essencialidade de se perceber a relação intrínseca entre o ser social e a totalidade, na ontologia de Marx, já que esta apreende a constituição do ser, como a constituição de totalidades concretas de complexidade menor do que o ser social. A estrutura do ser social é ela própria uma totalidade, e atenta: "não é um todo ou um organismo, que integra funcionalmente partes que se complementam, mas um sistema histórico-concreto de relações entre totalidade que se estrutura segundo o seu grau de complexidade." Todos os componentes da realidade concreta (unidade da totalidade) são complexos. A realidade concreta não pode ser entendida seguindo as relações entre todo e parte, ela só pode ser apreendida de modo correto se levadas em conta, dentro do processo histórico, os complexos ontológicos indispensáveis para a sua reprodução. (Netto, 1994, p. 38). O que Marx visava era à apreensão o modo de ser e de se reproduzir do ser social num determinado momento histórico. "Trata-se de examinar, na totalidade sócio-histórica, que é a ordem burguesa, as totalidades ontologicamente mais complexas – e, depois da verificação fática da sua gravitação, as mais determinantes do movimento (produção e reprodução) do ser social." (p. 38).

A posição quanto ao método investigativo adequado é, nesse sentido, caracterizado: "O método de investigação não é um conjunto de regras formais de análise, externas às peculiaridades do objeto, mas uma relação que permite ao sujeito apanhar a dinâmica própria do objeto." (P. 39).

É quanto a essa perspectiva que Netto considera, com correção, o afastamento e a recusa à ontologia pelo pensamento contemporâneo. Essa base analítica rompe e fornece possibilidades de apreensão do sistema capitalista. O que impera é justamente o

epistemologismo, como enfatiza nosso autor, e o metodologismo, vias em que a racionalidade analítica se torna preponderante, ou única frente à racionalidade.

Ainda nos anos 1990, Netto, fazendo uso do método histórico-sistemático, investiga dois grandes problemas que afligiam a sociedade, sobretudo naqueles anos, a crise do socialismo e a ofensiva do neoliberalismo. Publicado em 1993 e redigido entre 1991 e o ano em que saiu coligado pela Editora Cortez, "Crise do socialismo e Ofensiva Neoliberal" aborda contundentemente as origens e especificidades das crises e caminhos possíveis para reflexão. Em linhas gerais, os textos mostram que a crise socialista, de fato, representa e é consequência de uma crise mais ampla, que é a crise da sociedade contemporânea, traduzida nas crises do modo de produção capitalista e na falência do socialismo real.

O exame infere que o processo histórico dilatado se desenvolve por meio de mediações e inflexões constantes, não havendo possibilidades de se tomarem como finalizadas as crises e a investida do neoliberalismo mundial. Distintamente, Netto percebe que, em meio a todos os problemas enfrentados na sociedade capitalista, o clima problemático de disputas entre classes sociais revela que há lutas contestatórias ao sistema vigente, que buscam uma alternativa que desaliene os seres sociais. Já a ofensiva do neoliberalismo representa, para Netto, um retrocesso à existência da democracia e precisa ser analisado em suas especificidades. Daí se verificou a relação entre a crise do Welfare State e o fracasso do socialismo real. A preocupação com as mediações e com a totalidade em seus complexos diversos é novamente observada. Diz Netto,

> "No estágio atual das pesquisas, todavia, creio que é necessário aprofundar a especificidade dessas crises, apontando privilegiadamente para a processualidade endógena de cada uma delas, sem pagar, porém, o preço da perda do seu entrelaçamento." (2001, p. 68).

Assim, ao examinar as duas problemáticas, ele observa que a crise do Estado de bem–estar social é uma crise do capitalismo democrático, processada pela falta de possibilidades de crescimento econômico-social, de abrangência e necessidades colocadas e prometidas pelo próprio sistema. Como consequência, este, para se reproduzir, precisa da diminuição e-ou eliminação dos direitos sociais. Nas palavras de Netto,

> "significa que o patamar de desenvolvimento atingido pela ordem do capital incompatibiliza cada vez mais o seu movimento com as instituições sócio-políticas que, por um decurso temporal limitado, tornaram-no aceitável para grandes contingentes humanos. Sinaliza que o arranjo sócio-político do Welfare State constituiu uma possibilidade da ordem do capital que, pela lógica intrínseca desta última, converte-se agora num limite que ela deve franquear para reproduzir-se enquanto tal." (2001, p. 70).

Quanto à crise do dito socialismo real, Netto observa que se deve observar seu colapso no entremeio da crise global, e na origem da sua própria crise. Coloca enfaticamente, o esgotamento do socialismo processado, atentando para o fato indelével de que ele não foi capaz de efetivar a socialização econômica e política, centralizando o poder na autocracia stalinista e na estatização da economia. O que ele verifica é que, em ambas as formas de sistema, houve esgotamentos de modos distintos. No socialismo real, o crescimento econômico extensivo, que requisitava uma estrutura sociopolítica excludente, os problemas gerados não tiveram repercussão, todavia, no instante em que foi preciso realizar um crescimento intensivo, a dissincronia prejudicou o sistema. Sumariamente para Netto, dois foram os problemas mais graves do socialismo real: a burocratização e a restrita participação política. A crise do socialismo real centralizou-se na política, e reverberou nas limitações do desenvolvimento econômico. (Netto, 2001, p. 70 – 73).

Atento justamente às transformações e à análise destas na contemporaneidade é que Netto, ainda nos anos 1990, propõe que se produzam livros introdutórios na área de Serviço Social a fim de expor para os profissionais da área as inflexões mais relevantes atreladas aos progressos presentes nos projetos da profissão. "A coleção foi pensada a partir de um projeto original, apresentado à Cortez Editora no final dos anos 1990, pelo Professor José Paulo Netto, intitulado *Manuais Críticos de Serviço Social* (...)." (Borgianni, 2006, p. I). Não obstante, apenas em 2006, esse projeto é lançado. "Economia Política: uma introdução crítica" integra a coleção Biblioteca Básica de Serviço Social, que alicerçava a sua preocupação acerca da acessibilidade dos jovens profissionais (sobretudo estudantes dois primeiros anos do curso) em apreender os avanços "ético-políticos". A compilação foi pensada, inicialmente, por Netto, visando a contemplar a realidade tratada mediante linguagem corrente entre os alunos. Temas como Teoria Social, Economia capitalista no Brasil, Classes e movimentos sociais, Introdução ao Serviço Social, História do Serviço Social no país, pesquisa e produção

de conhecimento no Serviço Social e formação do profissional da área são tratados na coletânea. Na apresentação do citado livro, a coordenadora da coleção Biblioteca Básica de Serviço Social esclarece:

> "Para corresponder a essas expectativas é que o projeto dos *Manuais* do Professor José Paulo Netto já delineava lúcida e acertadamente o que seriam os livros com as características que marcam os volumes da presente coleção: textos cuja leitura e compreensão são facilitadas por uma exposição didática das idéias, com o uso de termos acessíveis ao universo vocabular médio dos estudantes de graduação, e compostos em diagramação que possibilite leitura confortável e arejada." (Borgianni, 2006, p. II).

Toda essa exposição nos indica alguns aspectos importantes no que tange à produção de Netto: inicialmente vemos configurada a sua influência no Serviço Social, expressa na envergadura da coleção por ele idealizada; o embasamento de sua perspectiva ontológica, observada nas palavras de Borgianni,

> "com esses temas, a Biblioteca Básica deverá cobrir os conteúdos fundamentais para o Serviço Social e para as ciências sociais e humanas na atualidade, valorizando desde aqueles que dizem respeito à constituição do ser social no mundo burguês, até que os que tratam das várias expressões do exercício profissional hoje." (2006, p. III)

Sua preocupação era articular a realidade social com concepções teórico-metodológicas que permitissem o fortalecimento de uma visão analítica crítica por parte dos futuros profissionais do Serviço Social, no caro imbricamento entre teoria e prática; o combate a uma produção de conhecimento fragmentada, daí ele recuperar e apresentar a totalidade como correção para um exame correto da realidade; e a preocupação em si com a formação do assistente social brasileiro.

Netto afirma que a intenção de publicar livros voltados para uma apresentação introdutória na área surgiu de acordo com as exigências colocadas ao longo dos anos 1980 por estudantes e profissionais, e expostos nas *Diretrizes curriculares* do curso *d*e Serviço Social. A Economia Política ganhou respaldo nesse documento em que ela é posta como "matéria básica do núcleo de conhecimento relativo aos fundamentos da vida social." (Netto e Braz, 2006, p. 13). Ela está articulada ao que nosso autor toma como os dois núcleos caros à formação do profissional: os fundamentos da formação sócio-histórica da sociedade brasileira e os fundamentos do trabalho profissional. A imprescindibilidade de se observar a Economia política em compasso com a realidade

brasileira é ressaltada por Netto, “formulada em plena sintonia com o que atualmente se denomina projeto ético-político do Serviço Social no Brasil.” (2006, p. 13). Ademais a bibliografia sugerida - como ele enfatiza criticando a literatura pós-moderna - é formada por livros que têm “história” e um potencial explicativo para dar conta da realidade atual.

É importante colocar que, para o nosso autor, a Economia Política representa uma forma de análise das leis sociais da atividade econômica. Elas são postas pelas pessoas no processo produtivo para garantir a reprodução da vida social no desenvolvimento histórico. As categorias obtidas mediante o exame do seu objeto fornecem o entendimento de que estas possuem dois sentidos, que são o ontológico e o reflexivo.

De modo que, como as categorias são ontológicas, elas possuem uma existência histórico-concreta, representando formas de existência do ser social, funcionando na vida social. Existem independentemente da consciência das pessoas acerca de sua concretude. Todavia, quando se processa sua existência, através da reflexão, da investigação teórica e se torna possível o seu conhecimento de modo imediato (aparência), a reprodução das categorias ontológicas surge no pensamento como categorias reflexivas.

“Economia Política: uma introdução crítica” trata da origem da Economia Política, da crítica desenvolvida por Marx, das categorias essenciais que a fundamentam, da reprodução no modo de produção capitalista e os fenômenos realizados neste. Posteriormente às crises no capitalismo são investigadas, bem como o desenvolvimento do sistema, na fase imperialista, culminando no capitalismo contemporâneo. Netto e Braz atentam para as possibilidades de superação do capitalismo, por meio de uma perspectiva embasada teoricamente e metodologicamente (daí o uso óbvio da bibliografia marxiana e de autores da mesma filiação político-filosófica) na dialética materialista e no materialismo histórico, com vistas à configuração do sistema societário. Neste o ser social poderá, assim como Marx examinou e Lukács delineou sistematicamente a partir daquele, se autorrealizar.

Sumariamente, o exame de Netto e Braz afirmam que o sistema capitalista, assentado na sociedade burguesa, processou as possibilidades progressistas e entrou em vias de finalização. Em suas palavras, ele assiste ao “pleno esgotamento das suas potencialidades progressistas.” (2006, p. 243), que ao longo do seu processo, geraram

benefícios, mas que possuíam um custo elevado para a classe proletária, mitigando, em momentos históricos distintos, a capacidade dos seres sociais de se emanciparem. A exploração do trabalho, e suas várias formas, como o trabalho infantil, das mulheres, etc, o fortalecimento dos empregos temporários e dos sub-empregos sinalizam um dos problemas delineadores do capitalismo atual. Para os autores, o quadro do capitalismo não tem saída, não comporta reformas (e nem é essa a ideia dos autores) e apresenta a formação de uma barbárie atualizada. A centralização econômica, o acesso real dos indivíduos aos meios de produção acentuam e reproduzem essa situação. A solução encontra-se no processo de socialização da economia, criado pelo próprio capitalismo, como inferiu Marx e como examinam Netto e Braz, "o socialismo é uma possibilidade, uma alternativa concreta aberta à humanidade." (p. 246).

De modo geral, o autor de "Ditadura e serviço social" segue uma linha temática voltada para a colocação da imprescindibilidade teórica, da herança marxiana e dos intelectuais que mais se aproximaram e puderam fornecer contribuições ao pensamento progressista e revolucionário, como Lukács, especialmente em sua sistematização da ontologia marxiana. Havia a postura contrária às formas de pensamento revisionistas e rasas, perpetradas pelas concepções dispostas a fragmentar o ser social, e a solapar a visão baseada na totalidade, como as "novas" e atuais formas de conhecimento ditas pós-modernas. Ademais, ele focaliza e enfatiza a essencialidade da economia política para o entendimento da reprodução social, por isso a preocupação em tratar e expor suas origens e desdobramentos de modo acessível para os profissionais da área de serviço social. No delineamento e resgate de sua gênese, por meio da crítica marxiana, interconectada ao método materialista histórico e dialético às inferências obtidas, temos em relevo a importância de que a apreensão desse aspecto da vida social é fundamental para uma transformação e entendimento para o fato inconteste de que as esferas político-culturais estão dispostas de modo intrínseco, a economia nos propiciando uma visão da totalidade social, indispensável para o autodesenvolvimento e autorreconhecimento dos seres sociais.

Em 1994, saíu pela revista de Serviço Social, "Serviço Social e Sociedade" (ano 15, n. 44), um artigo de Netto, intitulado "Razão, Ontologia e Práxis". Na nota editorial, temos situadas preocupações ampliadas acerca da complexificação capitalista na sociedade contemporânea, o que coloca perguntas (re) formuladas no decorrer dos anos 1990 e solicita reflexões por parte dos indivíduos.

A reflexão de Netto versa sobre três aspectos basilares para o marxismo, especialmente para o marxismo lukacsiano: a razão dialética, a práxis e a ontologia.
Ele historia o desenvolvimento da razão. Inicialmente a razão moderna, depois a razão hegeliana (razão dialética) e seus componentes: razão, intelecto e ontologia, posteriormente Netto aborda a razão analítica e sua relação imanente com a ordem burguesa e trata da razão dialética marxiana. Esta tem, na sua base, uma ontologia do ser social que, por sua vez, se funda numa práxis. A razão marxiana é distinta da hegeliana, mas largamente influenciada por ela (fala sobre o método de investigação e as especificidades da ontologia de Marx). Observa como nas ciências humanas, na filosofia há uma tendência burguesa a desprezar a visão ontológica em detrimento de uma epistemologizante, já que, na ontológica, é possível acessar a realidade concreta.
O ensaio que visa esclarecer a falta do pensamento do Lukács maduro atualmente. Uma dessas causas trata de Habermas como autor fundamental a operar uma crítica embasada ao pensamento lukacsiano da "Ontologia do Ser Social".

> "Agora mais do que uma teoria com ineliminável direção ontológica no tratamento do ser social, tal como a concebera desde os meados dos anos 30, Lukács pensa a teoria marxiana como uma ontologia do ser social. E é sobre esta concepção de Marx que Lukács considera viável "o renascimento do marxismo" – talvez seja mais adequado pontuar: **esse "renascimento" é função da restituição da teoria marxiana à sua condição de ontologia[85].**" (Netto, 2004, p. 148).

Seria uma tentativa de seguir o caminho indicado por Lukács, à época da redação da Ontologia, acerca da importância e necessidade de se elaborar O Capital do século XX, que Netto tenha desenvolvido "Economia Política, uma introdução crítica", especialmente o capítulo final "O capitalismo contemporâneo" (Netto, 2006). Observamos que os lukacsianos aqui analisados envolvem-se e refletem sobre temas, preocupações sinalizadas e algumas estudadas por Lukács, como a democratização da cultura, a crítica ao irracionalismo, crítica ao marxismo, à sua base teórico-metodológica, ênfase da herança cultural, o renascimento do marxismo. O que, como inferimos aqui, nos faz acreditar na permanência dos influxos provenientes de Lukács no pensamento dos nossos intelectuais. Todavia, isso não significa uma aceitação perene das teorias lukacsianas. Os temas permanecem, mas a resposta a eles são

[85] Grifo nosso.

vislumbradas a partir de contribuições outras, que superam a visão do húngaro. O uso de reflexões e teorias gramscianas, sobretudo as políticas como hegemonia, exemplificam essa "superação" a elementos do pensamento de Lukács.

**A segunda geração: Celso Frederico e Ricardo Antunes**

No final dos anos 70 e início dos anos 80, quando ocorria o retorno de Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho, José Paulo Netto e José Chasin ao Brasil, começavam a ser publicadas as dissertações de Celso Frederico e Ricardo Antunes. A primeira delas, datada de 1976, corresponde ao trabalho de Frederico, um interessante e importante exame sobre a consciência do operariado brasileiro.

O livro, prefaciado por Otto Maria Carpeaux, um dos intelectuais radicados no Brasil a divulgar as idéias lukacsianas, é composto por cinco capítulos. Inicialmente seu autor busca alistar os limites que os estudos na área encontraram sobre a consciência operária, dentre os quais, o fato de o nosso país ser uma sociedade agrária em modernização, o que conduzia o operariado a um conflito entre os direcionamentos do seu meio rural e a orientação moderna das cidades. A consciência de classe desse proletariado ficaria atrelada e dependendo da modernização completa da sociedade para poder ascender. Somada a isso, a situação de dependência do país, agravada pelo subdesenvolvimento, que impedia, segundo as interpretações convencionais, o desenvolvimento da consciência do proletariado industrial. De acordo com Frederico (1978, p. 14), "essas diferentes abordagens traduzem, no fundo, uma postura idêntica perante a classe operária: ela seria apenas o objeto ao qual se aplicam e confirmam as teorias sociológicas acadêmicas ou, em alguns casos, o objeto com o qual se faz política." Para Frederico, importava observar a classe operária como sujeito da sua história, atrelada aos condicionamentos urdidos dentro da luta de classes. Diz-nos ele:

> "Se, contrariamente, considerarmos a classe operária como o *sujeito* de sua própria história, essas generalizações apressadas devem desaparecer para dar lugar ao campo desconhecido, original e imprevisível dos caminhos que unem a prática operária ao processo histórico em que ela é o agente de transformação, isto é, dos caminhos que poderão transformar a 'falsa consciência' em 'consciência de classe'". (Frederico, 1978, p. 14).

Notemos, primeiramente, a crítica dirigida por Frederico às teorias sociológicas, a lacuna deixada pela sociologia frente aos estudos voltados para a consciência de classe, tomados de modo circunscrito ao objeto e, por isso, receptores da classe operária como mero *locus* de aplicação de conceitos e teorias, sem a ação efetiva dos trabalhadores. E, mais adiante, o recorte cuidadoso dado por ele quanto à seleção dos sentidos da consciência de classe de um grupo de trabalhadores de uma indústria de porte médio, localizada em Santo André. "O nosso objetivo foi sondar diferentes aspectos e momentos da consciência operária através da apreensão da prática de um grupo de trabalhadores de uma fábrica mecânica. Além disso, levantamos a 'história de vida' de 13 dos operários para aprofundar melhor algumas questões surgidas nas entrevistas." (Frederico, 1978, p. 15). À medida que Frederico questionava a sua área profissional, ele também encontrou espaço para a efetivação de uma pesquisa que, ao mesmo, tempo fugia das convenções acadêmicas e pautava-se dentro dela, na intenção de pontuar a relevância do tema por ele pesquisado para pensar a realidade brasileira, alertando-nos para o período duro dos anos 1970, em que ele realizou seu estudo.

> "Nessa época, o interesse em se continuar pensando sobre tais temas era olhado, nos meios acadêmicos, com uma desconfiança que se ocultava quer sob a forma de má vontade, quer sob a forma mais sofisticada, de 'rigor científico'. Como sociólogo, tenho a obrigação de procurar entender esse fenômeno de identificação ou, simplesmente, de interiorização de um clima opressivo. Como estudante de pós-graduação, entretanto, tive que passar, no momento mais difícil de minha vida profissional, por uma dura provação que, se não fosse acompanhada de uma persistente teimosia, teria tornado impraticável a realização desta pesquisa." (Frederico, 1978, p. 19).

A pesquisa foi desenvolvida através do método dialético, "em que a consciência de classe é vista como um longo processo". (Frederico, 1978, p. 18). Nela, Frederico buscou, inicialmente, trabalhar a consciência de classe como concebida por Lukács e Lênin, apreendendo a teoria da consciência de classe lukacsiana e apresentando os operários da fábrica escolhida para a investigação, considerando sobremaneira os níveis de qualificação deles a fim de construir suas categorias. É interessante ressaltar o caráter empírico do trabalho de Frederico, que possui um vasto material analisado.

Posteriormente, nosso autor tratou de examinar a relação entre os operários e os sindicatos, com vistas a entender a consciência que eles tinham de sua situação no momento em que as greves eclodiam. Para isso, ele procurou identificar, através de suas

memórias, os sentidos que as greves representavam para os trabalhadores. Frederico verificou que a falta de organização do movimento operário fazia com que as reivindicações ocorressem apenas em momentos específicos e que os trabalhadores não vislumbrassem perspectivas de uma organização. Paralelamente, os enfrentamentos existiam e eram motivados pela situação em que se encontravam os operários, significando um momento da "*falsa consciência*: eles fazem sem saber..." (Frederico, 1978, p. 92).

O livro é finalizado com a apresentação dos períodos do Golpe Militar, em que Frederico investiga as conjunturas mais decisivas para a conformação do "comportamento operário", fornecendo a sociologia uma pesquisa que, mais do que trabalhar teoricamente o tema da consciência de classe, procura entender, de fato o sentido dos "níveis" de consciência apresentado pelo operariado brasileiro nos pesados anos 1970.

Distintamente do que Frederico solicitava na introdução do seu livro de 1978, as pesquisas sobre consciência operária não se desdobraram. Os temas mais caros a ele, e que seguem nos anos seguintes são fundamentalmente ligados a cultura e a arte. Sob influência lukacsiana, que ele mantém sob severa crítica, desenvolve trabalhos de interpretação acerca do pensamento marxiano e lukacsiano, como veremos a seguir.

"O jovem Marx: as origens da Ontologia do ser social" é considerado por Frederico (2008) seu livro mais importante. Escrito a propósito da tese de Livre-Docência para Escola de Comunicação e Artes da USP, em 1992, retoma e objetiva elucidar, com passos corretos, o percurso do jovem Marx nos seus anos mais decisivos rumo à inflexão ontológica, especialmente 1843 e 1844, correspondente ao que ele chama de "fio vermelho" da teoria revolucionária marxiana. Para isso, Frederico intentou apreender as relações entre Marx, Hegel e Feuerbach.

Composta por cinco seções, a obra inicia-se com a discussão sobre a centralidade de Hegel e de Feurbach para o jovem Marx. Trata das críticas direcionadas por este àqueles, apresentando a dissolução marxiana com o hegelianismo. Posteriormente Frederico aborda as disputas travadas em torno dos problemas que incidiam sobre o pensamento hegeliano e que dividiram a filosofia alemã, após a morte de Hegel. De um lado, os hegelianos de direita, que concebiam seu sistema filosófico como acabado e que, por conseguinte, percebiam, no sistema político monárquico, um elemento a ser defendido e continuado. Opostamente estava a esquerda hegeliana que

criticava o sistema de Hegel e voltava-se para a relevância da dialética. Desse método, do seu aspecto de negação, procuravam indicar que o presente poderia ser ultrapassado pelo pensamento e pela práxis e, com isso, rechaçava o Estado Prussiano. (Frederico, 1995, p. 21). De ambos, Hegel e Feuerbach, Marx extrai elementos fundamentais, como a própria dialética, a teoria da alienação, o materialismo, a relação entre homem e natureza, o conceito de gênero humano, a relação entre sujeito e objeto. (Frederico, 1995, p. 21 -47).

Posteriormente Frederico trata de delinear as críticas dirigidas por Marx a Hegel, sobretudo as presentes na "Crítica do Direito de Hegel", e atenta para a proximidade estabelecida por Marx em relação a Feuerbach. Aborda a concepção de Estado em Hegel, o questionamento marxiano concernente às mediações, o tratamento quanto à emancipação humana, a crítica à razão, à economia política, para, no capítulo final, investigar o reencontro de Marx com Hegel e a centralidade da ontologia no pensamento marxiano, como observado nos "Manuscritos Econômicos-Filosóficos". "De fato, Marx anuncia, pela primeira vez, um conjunto de idéias, que servirá de fio condutor de suas pesquisas". (Frederico, 1995, p. 165).

A teoria social marxiana está alicerçada na ontologia e, segundo Frederico, rompe com a antropologia empirista de Feuerbach e com o logicismo de Hegel. Sua ontologia enfoca as categorias que são formas de ser, determinações de existência.

Há o destaque de Frederico à importância de Hegel, sobretudo a "Fenomenologia do Espírito", nos momentos decisivos de configuração da ontologia no pensamento de Marx. Justamente nos "Manuscritos", este procede à análise da mais importante obra hegeliana. Para nosso autor, seguindo as assertivas de Lukács, a escolha de Marx em examinar "A Fenomenologia do espírito" se deve à "veneração" que os neo-hegelianos tinham pela obra.

> "Marx, assim, estaria iniciando o acerto de contas com a ala esquerda dos jovens-hegelianos a ser completado em *A sagrada Família* e em *A Ideologia Alemã*. Indo a fonte de seus adversários, Marx buscava demarcar a distância entre o grande filósofo e seus ruidosos epígonos, render homenagem à grandeza do pensamento hegeliano e, ao mesmo tempo, repensar a dialética numa perspectiva materialista." (Frederico, 1996, p. 168).

Posteriormente Frederico questiona Lukács quanto a sua interpretação mais geral acerca das obras do jovem Marx, apontando para as limitações desta. Segundo seu

questionamento, o húngaro equivoca-se ao perceber, na categoria da totalidade, o elo entre Hegel e Marx, crendo que o afastamento entre Marx e Feuerbach se deu logo cedo pelo fato deste não conceber a totalidade como central. Pergunta Frederico:

> "Mas quando se dá esse afastamento? Quando começa o começo? Não é ainda em 1844, em que o vislumbre de uma mal percebida totalidade material coexistia com o empirismo feuerbachiano, e muito menos em 1843, quando a totalidade era rechaçada." (Frederico, 1995, p. 196).

De acordo com Frederico, o problema interpretativo encontra-se na dimensão realizada em 1844, quando se dá a descoberta de Marx com a economia política e com o movimento operário francês, que o conduzem a refletir sobre a herança de Hegel e Feuerbach e a perceber a realidade social mediante a perspectiva ontológica. "O *fio vermelho* da teoria revolucionária atravessou a filosofia daqueles dois autores, alinhavando ideias díspares, deslocando-as do contexto originário, conferindo-lhes novos significados." (Frederico, 1995, p. 196).

Com isso, o trabalho adquire um sentido universal na filosofia marxiana, bem como a práxis, que recebe um significado provisório de "atividade empírica" ou "atividade sensível" e, como mostra Frederico, relacionando influências de Hegel e de Feuerbach. O termo ganha seu contorno sintético, de "atividade real e concreta" a partir de 1844, quando a maturação do pensamento marxiano começa a se urdir.

As interpretações desses momentos de desenvolvimento do pensamento marxiano continuaram gerando erros por parte de seus intérpretes e de marxistas influenciados por Marx. De Labriolla, ao jovem Lukács, passando por Gramsci, Marcuse e Kosik, elucida Frederico, a busca deles visa a enfatizar o aspecto dialético do arcabouço de Marx, e com isso, desconsideraram o materialismo. Com o intuito de combater o determinismo, esses autores (filósofos da práxis) deixaram de lado a natureza e trouxeram o voluntarismo, que homeogeneizava a ação das pessoas, e concretizava a inexistência das mediações materiais, gerando a volta da identificação do sujeito com o objeto, como fez Lukács em "História e Consciência de Classe". (Frederico, 1995, p. 199).

Prossegue Frederico atentando para a importância de Hegel e de Feuerbach para a edificação do discurso marxiano, o amadurecimento de suas concepções e o significativo alistamento ocorrido a partir do espólio filosófico dos dois autores. Sumariamente, o que Frederico nos mostra é a centralidade de se guardar, com atenção,

e se voltar ao estudo do jovem Marx, para uma apreensão correta da centralidade da categoria da totalidade e da visão ontológica, como projeto emancipador marxiano.

De modo semelhante, mas com o recorte dado sobre a arte, Frederico (2005) trata desta na perspectiva ontológica marxiana e lukacsiana. Retomando o significado dos "Manuscritos Econômicos-Filosóficos de 1844", e da relação estabelecida entre Hegel e Feuerbach para Marx nessa obra seminal, ele nos oferece um rico percurso do desenvolvimento do pensamento de Marx, focalizando a arte como práxis do ser social em sua emancipação. O seu objetivo é indicar o trajeto seguido por Lukács, desde a sua juventude em sua primeira obra de caráter marxiano até a interpretação do pensamento marxiano na "Ontologia do ser social". Frederico trabalha a ideia de que o caminho lukacsiano intentava firmar bases que afastassem sua visão de um materialismo vulgar e logicista.

Frederico procede a uma análise do pensamento de Lukács, desde "História e Consciência de Classe", onde ele tomou a categoria da totalidade como fundamental, passando pelas mudanças ocorridas nos anos 1930, quando encontra os "Manuscritos" de Marx no seu exílio na Rússia, a dogmática stalinista dos mesmos anos 1930, a redação da sua "Estética", quando a ontologia torna-se mais latente. "A *Estética* significou uma inflexão definitiva rumo à ontologia" (Frederico, 2005, p. 147) - ao momento derradeiro, quando a ontologia, nos anos 1960 e 1970, se torna manifesta e central no pensamento lukacsiano.

De acordo com nosso autor, essa mudança de perspectiva epistemológica, da fase de HCC para a ontológica dos anos 1970, se processa alterando o significado da categoria da totalidade. Distintamente dos anos 1920, quando ela era concebida como um sujeito-objeto idêntico, numa evidente aproximação com o idealismo hegeliano, representando a chave epistemológica para o questionamento das ciências particulares, o seu sentido último é ontológico. Não se limita "à unidade essência-aparência restaurada pela obra de arte. As diversas variações epistêmicas cedem lugar à identificação da totalidade como o autodesenvolvimento do ser social, o longo percurso de hominização e 'recuo das barreiras naturais'". (Frederico, 2005, p. 148). Ademais, complementa Frederico, a totalidade "é complexo resultante do autodesenvolvimento do ser social, do mundo criado pelo conjunto de objetivações materiais e não materiais do gênero humano." (2005, p. 150).

Assim como ocorreu em 1995, com Marx, Frederico trata das interpretações sobre o pensamento de Lukács e aponta para a relação não consensual entre os comentadores lukacsianos acerca da passagem da sua visão epistemológica à ontológica, esclarecendo esse ponto bastante relevante para nós. Diz-nos Frederico que, dentre os melhores interpretes de Lukács, estão Nicolas Tertulian, Agnes Heller, István Mészáros e José Chasin. Segundo sua interpretação, Tertualian entende que a ontologia esteve presente em toda a trajetória lukacsiana, "que teria se realizado de maneira exemplar na *Estética* e na *Ontologia do ser social.*" (Frederico, 2005, p. 146), posição compartilhada por Antunes (2008) e com a qual concordamos. Diversamente para Chasin, "Lukács só conseguiu romper, ainda que de forma incompleta, com o epistemologismo de cariz hegeliano na *Ontologia*", ponto não prosseguido por Frederico, que, como vimos há pouco, acredita que a Estética foi, representativamente, o ponto de inflexão definitivo para a virada ontológica de Lukács.

Nesse entremeio, a arte é vista como o momento de reprodução do ser social, cuja tarefa é a de desfetichizar, sendo a expressão mais elevada da autoconsciência da humanidade. Pois, como atenta Frederico sobre Lukács, a arte é criada em função do homem, pelo homem. No objeto artístico, os seres sociais podem se reconhecer de modo inteiro. Além disso, nosso autor enfatiza que, na visão lukacsiana da "Estética", "a arte era uma objetivação primária, no decorrer do processo histórico ela se torna – bem no espírito idealista alemão – uma forma de autoconsciência mais elaborada do que a ciência e a filosofia." (Frederico, 2005, p. 151). Já na "Ontologia", a arte é adotada dentro do processo ideológico. Ela sai do foco prioritário na análise de Lukács e dá espaço para o trabalho (que retoma o arrolamento entre sujeito e objeto) e sumariamente para sua preocupação "com a natureza biológica do homem". "Por isso, a dialética entre liberdade (o movimento afirmativo da consciência) e a necessidade (a luta pela sobrevivência) acompanham, em permanente tensão, a evolução do ser social". (Frederico, 2005, p. 152).

Das análises de Frederico, inferimos alguns pontos principais: a passagem de uma visão epistemológica, como nós registramos na sua dissertação de mestrado de 1978, para a perspectiva ontológica, como as presentes nas suas duas investigações aqui esboçadas. O tratamento cuidadoso com a categoria da totalidade conectada a esses momentos de propensão a chaves interpretativas e às chaves de apreensão das realizações dos seres, e a percepção da centralidade de volta às fontes filosóficas

fundamentais do pensamento marxiano, cabíveis a Hegel e a Feuerbach foram retomadas por nosso autor, nos anos 1990, quando a importância de compreender o pensamento para observar os desdobramentos da realidade concreta (a ele interconectada) é ressaltada.

Exatamente em 1982, é lançada uma análise sobre a consciência de classe do operariado paulista, tema de repercussão entre poucos marxistas da época, a exemplo dos nossos lukacsianos Ricardo Antunes, 1982 e Celso Frederico, 1976. Nas primeiras páginas de "Classe operária, sindicatos e partido no Brasil", Antunes afirma a pequena quantidade de pesquisas realizadas no país que abordavam o assunto, com raras exceções, a exemplo de Celso Frederico que havia empreendido o estudo de tal tema seis anos antes.

O livro é resultado de um trabalho bem desenvolvido, de cunho teórico e historiográfico, que evidencia uma forma de fazer pesquisa ancorada em bases epistemológicas, ou seja, a investigação de Antunes seguiu passo a passo os requisitos comumente solicitados na área sociológica em que a preocupação com um modelo científico, epistemológico é contemplado. Composta por cinco capítulos, a dissertação de Antunes inicia-se com um recorte teórico, que expõe com propriedade as discussões acerca da conceituação da consciência de classe. Ele mostra como o tema é tratado por Vladmir Lênin, Georg Lukács e Antônio Gramsci, em um ponto consensual entre os nossos autores da vertente lukacsiana: as influências teóricas possuem o mesmo flanco conceitual. Neste capítulo teórico, Antunes assume a teoria da consciência de classe lukacsiana, bem como a categoria da totalidade articulada à concepção de ontologia de Lukács. Como explica Antunes em nota de rodapé, ao tratar da consciência analisada pela ótica ontológica, diz-nos ele, "Ontológico na formulação lukacsiana, é a busca dialética do ser social, historicamente existente. É a consideração do todo, na sua forma de ser, como processo histórico que se transforma." (Antunes, 1990, p. 17).

Nesse ponto, a categoria trabalho adquire grande relevância e nos abre caminhos para o entendimento da centralidade que ele terá nas pesquisas futuras de Antunes, mesmo que o trabalho seja aspecto fundamental para o tratamento da consciência de classe do operariado paulista nos anos 30 na acepção lukacsiana que ele adotou:

> "A consciência, ontologicamente vista, é a faculdade de reflexão e de modificação do real, a partir da determinação deste mesmo real. A consciência, tal como aparece formulada por Marx, é um produto social, nasce do processo social na medida em que os homens atuam teleologicamente. O trabalho será o elemento determinante na constituição da consciência, a chave da história, o complexo gerador do pensamento e da consciência humana." (Antunes, 1990, p. 17).

O segundo tópico trata da conceituação de classe operária e sua relação com o capitalismo no Brasil. Para isso, Antunes baseia-se na idéia chasiniana de capitalismo hipertardio urdido em 1978, na pesquisa sobre o integralismo pliniano, expoente do pensamento conservador brasileiro. Na segunda seção, é trabalhado o conceito de Via Prussiana, conforme analisaram Lênin e Lukács, e, no Brasil, Carlos Nelson Coutinho e assumida a concepção de José Chasin que, como ressaltamos, expõe os limites da Via Prussiana (como o capitalismo se compôs na Alemanha) e amplia a teoria (retendo as indicações relevantes para o caso do Brasil, como as similaridades acerca da grande propriedade, hipertrofia e fortalecimento do Estado, e o reformismo pelo alto) a partir da sua concepção de Via Colonial, em que observa as especificidades nacionais, como a herança colonial. "A designação *via colonial* supera a *via prussiana*, exatamente por mostrar-se como uma forma concreta e específica – um particular que se põe como mediação entre o universal e o singular – de constituição do capitalismo pleno no Brasil." (Antunes, 1990, p. 48).

Há notadamente uma forte influencia da perspectiva chasiniana na efetivação da pesquisa. Começando pela suas indicações iniciais de apresentação do segundo capítulo: "penso que o real entendimento da forma de ser da classe operária – e de sua consciência – implica, num primeiro momento, estudar a particularidade dessa classe dentro do processo de constituição e consolidação do capital industrial no Brasil." (Antunes, 1990, p. 39), em que se observa, mais à frente, a preocupação com a dimensão ontológica, também bastante discutida por Chasin[86] que, já à época, estava entre os lukacsianos aqui alistados como o grande divulgador da ontologia lukacsiana[87]. Para Antunes, a apreensão da consciência de classe exigia o entendimento da particularidade da classe operária dentro do movimento de consolidação do "capital

[86] Ao passo que Chasin foi referência cara a Antunes, com quem passa a ter contato em fins dos anos 1970, Netto foi influenciado por Konder e, sobretudo, por Coutinho.

[87] O que não significa que Konder e Coutinho não tivessem conhecimento e tampouco tivessem sido influenciados pela ontologia reposta por Lukács. Eles utilizaram criticamente, em seus trabalhos, na década de 1970, praticamente todas as obras lukacsianas.

industrial do Brasil.” Diz nosso autor, (1990, p. 39), “a busca da verdadeira dimensão ontológica deste capitalismo (brasileiro) tem esbarrado em duas vertentes deformadas de apreensão da sua particularidade. A primeira delas buscou a apreensão do caso brasileiro a partir do seu enquadramento nos casos clássicos”. Nesse caso, deixaram-se de lado os aspectos singulares da classe. Já no segundo caso, “a busca da singularidade empreendeu descaminho ainda maior e, ao não se articular as relações e mediações de apreensão do real que não superou a imediaticidade e o empírico, negligenciando o universal ao se buscar excessivamente o singular.” (Antunes, 1990, p. 39 -40). Neste segundo caso, a universalidade foi deixada de lado.

Nesse contexto, dá-se a objetivação da classe operária, que, segundo Antunes, é marcada pela contradição que distingue o processo de industrialização brasileira. Nele, as limitações de crescimento foram colocadas pelo valor elevado pago ao latifúndio e à economia agro-exportadora e pelas suas condições que a fixaram subordinada ao capital. Por esse motivo, vê-se a dificuldade de trânsito da classe operária de uma consciência “do em si ao para si.” (Antunes, 1990, p. 58).

No terceiro capítulo, aborda o movimento operário da república velha, inferindo a predominância de uma visão economicista nele e as conectividades com anarquistas e anarco-sindicalistas. Posteriormente, Antunes trata de examinar a Revolução de 1930 aplicando a tese do reformismo pelo alto, discutidas por Coutinho e Chasin sob influência de Lênin. E explicita as consequências representadas por ela para classe proletária. Nesse contexto da Revolução de 30, ocorre o fortalecimento do Estado varguista, que teve, na burguesia industrial, sua grande incentivadora política. Sob a chancela de conciliação entre interesses de estratos sociais distintos, sem a presença das classes subalternas e, como assinalado, por meio de um controle estatal forte o movimento operário perde poder mobilizador. É, pois, com o Estado centralizador que tem início o controle sindical no Brasil. Nesse período, Antunes estuda a atuação das principais categorias de trabalhadores no país a apresentarem resistência quanto à política controladora varguista, dentre os quais, trabalhadores gráficos, metalúrgicos, da indústria hoteleira, bancários, ferroviários etc, apontando também para a heterogeneidade política que predominava no meio sindical (anarco-sindicalistas, comunistas, trotskystas, católicos).

Ulteriormente temos apresentado a relação entre o movimento grevista e a consciência de classe, como esta é alcançada, numa evidente aproximação lukacsiana.

Interessa a Antunes saber se houve um avanço qualitativo da consciência de classe, se foi buscada consciência "verdadeira" ou se ficou restrita a reivindicações superficiais, atrelada a uma "falsa consciência". (Antunes, 1990, p. 117). Para isso, ele analisa manifestações grevistas durante os anos 1930, percebendo que, ao contrário do que a historiografia comumente proclama, houve, em alguns momentos, um sentido intenso. Trata, pormenorizadamente, dos anos de 1930-1931, o ano de 1932, 1933, 1934 e 1935 quando o movimento grevista atinge um número mais expressivo de categorias de trabalhadores. Todavia, mesmo com esse crescimento da atuação e da combatividade da classe operária, Antunes infere que ela não foi capaz de apreender a totalidade, de percebê-la.

> "Por não conseguir superar a espontaneidade, sua percepção da realidade foi parcial, incompleta, o que lhe impediu o alcance da sua possibilidade objetiva. A ausência de um condutor político que lhe permitisse a apreensão da totalidade manteve a classe operária nos limites da consciência contingente, da falsa consciência." (Antunes, 1990, p. 136).

Daí vemos o expressivo emprego da teoria da consciência de classe de Lukács, como desenvolvida em *História e Consciência de Class,* empregada no livro por ora esboçado e finalizado com a investigação do papel da vanguarda no movimento operário.

No quinto capítulo, nosso autor investiga a relação entre a vanguarda operária, o contexto brasileiro dos anos 30 e sua efetiva atuação como elemento substancial para elaborar uma teoria revolucionária capaz de impulsionar a classe proletária e fazê-la passar de classe "em si" a "para si". (Antunes, 1990, p. 137). Descreve a importância do Partido comunista brasileiro, que, apesar dos problemas enfrentados, foi a expressão mais significativa de oposição política de esquerda e dirigente da classe operária. Dentre esses problemas que tomavam nossas esquerdas, a tão amplamente pronunciada falta de "tradição teórica e cultural".

> "(...) a classe operária, ante a inexistência de uma sólida cultura burguesa a superar, por um lado, e por outro, ante a ausência absoluta de uma tradição marxista no Brasil, partiu praticamente do nada. E isso, acredito, refletiu-se diretamente na atuação do PCB." (Antunes, 1990, p. 138).

Essa ausência cultural burguesa, acrescida da falta de tradição marxista e a origem anarco-sindicalista ("herdeira de conhecidas limitações políticas[88]") do movimento

[88] Antunes, 1990, p. 161.

operário impediram que este pudesse desenvolver uma sugestão de revolução que tomasse a realidade concreta brasileira, segundo inferiu Antunes (1990, p. 138 – 160). Não obstante, em 1935, com a proposta para a formulação da Aliança Nacional Libertadora, foi possibilitado um programa ("embora brevíssimo",) para o progresso do movimento proletário, conforme expôs nosso autor. Mas, quando a ANL se preparava para dar um sentido à vanguarda proletária, o governo varguista baixou um ato que impedia sua atuação. Assim, sumariamente, Antunes nos mostra com sua pesquisa, que, frente à incapacidade de apreensão do todo social, a consciência operária não foi além da "falsa consciência" e da espontaneidade. Isso se deveu, fortemente, à ausência de uma teoria revolucionária, como ele tão bem coloca na conclusão de sua dissertação que em muito nos remete a forma expressa por Chasin, em sua tão mencionada tese de 1978.

Ainda nos anos 1980, especificamente em 1986, Antunes conclui seu doutorado com a pesquisa intitulada "A Rebeldia do Trabalho", dando prosseguimento ao trabalho realizado no mestrado. A diferença estava, inicialmente, na amplitude do tema, que se voltava para a apreensão das greves ocorridas no ABC paulista entre 1978 e 1980. Como nos explica ele:

> "Enquanto refletia sobre o passado – a pesquisa atinha-se aos anos 1930 – contemplava o reemergir vigorosos e pujante do movimento operário, numa ação desencadeada a partir das greves metalúrgicas do ABC paulista. Foi dentro dessas contextualização e com esta motivação que nasceu, de maneira intensa, a idéia de refletir sobre a atuação recente do proletariado brasileiro." (Antunes, 1992, p. 7).

E, no sentido da questão norteadora da investigação, cabia entender o processo de consciência de classe, mas, nesse momento, importava apreender se na ocasião das greves, poderia ou não se manifestar um progresso no âmbito da subjetividade do trabalho, no âmbito da sua consciência de classe. (Antunes, 1992, p. 9). No mais, interessava, fundamentalmente, a ele entender a concretização das greves, as causalidades e os componentes teleológicos, bem como os seus resultados. Nesse sentido, há um distanciamento importante quanto ao procedimento investigativo adotado por Antunes no trabalho anterior. Neste, o objeto ganha uma força maior e a perspectiva epistemológica atrelada à visão acadêmica de fazer pesquisa é enfraquecida. Ele inicia sua investigação com o tratamento das greves e não com o desenvolvimento

teórico outrora privilegiado e compartimentado num modelo composto pelas partes teórica e de análise.

> "Na primeira parte procuramos apreender a greve em si, em sua efetividade, processualidade e concretude. (...) Procedendo deste modo, isto é assumindo o primado do objeto, ensaiamos um contraponto à forte tradição gnosiológica, que privilegia os procedimentos do sujeito como momento fundante da relação cognitiva, que privilegia a dimensão *epistêmica* em detrimento da *ontológica.* Por isso, nosso estudo começa pela análise direta das próprias greves." (Antunes, 1992, p. 8).

Com o objeto em relevo, coube a Antunes investigar o sentido imanente das greves. Vê-se ainda uma proximidade com a perspectiva chasianiana, que se debruçava sobre o exame rico da análise imanente do objeto, exposto na pesquisa de 1978.

Assim, Antunes realiza a investigação acurada do discurso das manifestações grevistas observadas a partir da resistência operária dos anos 1978, quando a espontaneidade ascende e começa a direcionar a atitude do operariado. "Essa resistência era marcadamente defensiva, caracterizada pelas freagens e o 'amarrar' da produção que refletiam, de um lado, a criatividade no plano da espontaneidade operária, e de outro, os limites imanentes a essa forma de luta." (Antunes, 1992, p. 14). Com as paralisações (dentro das fábricas) em prol de aumento salarial dos operários das indústrias automobilísticas e, posteriormente, com a efetivação das greves, marcava-se um tempo de luta reivindicatória mais intensa. Distintamente ocorre em 1980. Nessa fase, o que ascende é uma política espontaneísta, que passa a conduzir a consciência de classe do operariado. O espontaneísmo, como nos alerta Antunes, é um método que defende o elemento espontâneo como modo mais adiantado da consciência de classe. Nesse método de orientação política, o papel da direção consciente é rebatido. (Antunes, 1990, p. 210).

A greve geral dos metalúrgicos em 1980 não alcançou o atendimento das reivindicações, e teve como consequência mais aviltante o enfraquecimento político do movimento operário. O autor da "Rebeldia do Trabalho" conclui que houve um retrocesso da consciência de classe, já que a adoção de práticas espontaneístas empregadas nas greves de 1980 contribuiu para que não se processasse um aumento qualitativo da consciência. Nas palavras de Antunes:

> "Desta greve depreende-se que os nexos entre a Greve metalúrgica de 1980 e o desenvolvimento da consciência operária constratam

> significativamente com aqueles verificados ao longo das greves anteriores (1978 e 1979). Se no plano da consciência espontânea, contingente, do proletariado não se pode dizer que houve, durante a processualidade da greve, novos ganhos substanciais – uma vez que vários elementos positivos já haviam aflorado no curso das greves metalúrgicas de 1978 e 1979 – houve, entretanto desdobramentos extremamente significativos no plano da consciência operária. (...) Em síntese, sendo a Greve geral metalúrgica de São Bernardo, em 1980, entendida como expressão de um movimento vitorioso, tem-se neste caso, uma avaliação que introduz elementos que favorecem não o processo de conscientização, *mas o seu contrário*." (Antunes, 1992, p. 97).

A segunda parte da tese aborda a contextualização em que foram concretizadas as greves de 1978, 1979 e 1980, bem como a caracterização do operariado das indústrias automobilísticas. Antunes delineia o processo de industrialização dos anos 1970 e o papel do Estado ditatorial. Por fim, ele apresenta, em suas conclusões, o percurso teórico acerca do trabalho, numa importante apresentação das concepções lukacsianas acerca do ser social e da categoria referida. E nos esclarece:

> "É a partir do trabalho, em sua cotidianeidade, que o homem, tornar-se ser social, distinguindo-se de todas as formas não humanas. (...) Se na formulação marxiana o trabalho é o ponto de partida do processo de humanização do ser social, também é verdade que, tal como se objetiva na sociedade capitalista, o trabalho é degradado e aviltado. Torna-se estranhado. O que deveria se constituir na finalidade básica do ser social – a sua realização no e pelo trabalho – é pervertido e despauperizado. A força de trabalho torna-se, como tudo, uma mercadoria." (Antunes, 1992, p. 177 e 180).

Ulteriormente são arroladas as principais concepções de greve e da consciência numa volta ao seu referencial teórico-metodológico lukacsiano da fase da "Ontologia do ser social" com elementos presentes em "História e Consciência de Classe", como a teoria da consciência de classe, atrelados aos ensinamentos de Lênin e de Rosa Luxemburgo acerca das greves e do papel destas em momentos de eclosão das crises reivindicatórias.

É a partir dos anos 1990 que Antunes passa decisivamente de uma perspectiva epistemológica a uma ontológica, como podemos verificar em seu conhecido livro "Adeus ao Trabalho ?", de 1994, escrito à ocasião do concurso de Livre-Docência em Sociologia do Trabalho da UNICAMP. Nele o trabalho (a protoforma do ser social) - categoria essencial para a ontologia do ser social sistematizada por Lukács - concretiza categoricamente sua centralidade para o nosso autor, que desenvolve uma argumentação

fundamentada no questionamento da idéia, então largamente corrente, da inviabilidade do trabalho como categoria fundamental no mundo capitalista. É contra as teses que estabeleciam a finitude do trabalho e, consequentemente, da relevância da classe trabalhadora que Antunes reflete e constrói seus elementos para evidenciar a importância analítica e empírica do trabalho na contemporaneidade.

Inicialmente ele revolve aos anos 1980 para contextualizar os momentos de maior gravidade e mudanças no mundo do trabalho, que vivenciou a ascensão da robótica, da informatização nos mais diversos âmbitos da produção. E afirma que essas transformações atingiram não só a classe trabalhadora em sua materialidade, mas também em sua subjetividade e em sua forma de ser. Nesse novo cenário, os modelos produtivos fordista e taylorista, que dominaram a indústria capitalista durante o século XX, perdem espaço para uma nova forma produtiva, baseada na "especialização flexível" que conecta o desenvolvimento tecnológico com a desconcentração produtiva, alicerçada em empresas pequenas e médias. Esse modelo, experimentado em regiões da Itália, rechaça a produção em massa, que mitiga o trabalho criativo. Antunes traz ao debate dessa "especialização flexível" autores que pensam novos processos e os que não encontram grandes distinções neles e acrescenta à discussão o modelo japonês do toyotismo. Para ele, o Toyotismo, indiscutivelmente, é o modelo de produção mais impactante desde o fordismo e taylorismo. Com extensões mundiais, ele baseia-se numa produção voltada diretamente para a demanda, sendo a produção variada e apta a abastecer o consumo. Ela é produzida de acordo com as necessidades do mercado, em que o estoque é mínimo e não em larga escala, como no fordismo. No toyotismo, do trabalhador é exigida flexibilidade para operar distintas máquinas, em conformidade com a necessidade de reposição de mercadoria. Há, além disso, a flexibilização em equipe e a horizontalização que fica a cargo de empresas terceirizadas.

Para Antunes, isso significa uma forma a mais de exploração do trabalho e a ocidentalização do toyotismo seria o investimento do capital contra o trabalho. No mais, ele ressalta que é,

> "de todo relevante enfatizar que essas singularidades não suprimem o estranhamento da era toyotista. A desidentidade entre indivíduo e gênero humano, constatada por Marx nos *Manuscritos*, encontra-se presente e até mesmo intensificada em muitos segmentos da classe trabalhadora japonesa." (Antunes, 2006, p. 41).

Atrelado aos novos modos de produtividade, encontram-se os que mais são atingidos em suas atividades, os trabalhadores e, com eles, os seus sindicatos. Distintamente dos propagados nos anos 1960 e 1970, os dos anos 1990 encontravam-se mais defensivos e afastados do sindicalismo e dos movimentos classistas, que injetavam visões outras na luta pela emancipação do trabalho. Antunes percebe esse afastamento conectado ao enfraquecimento de expressões da esquerda. Como a queda do leste europeu, do neostalinismo e da esquerda tradicional, houve uma repercussão nos organismos que representam os trabalhadores. (Antunes, 2006, p.43). Assim, nos esclarece Antunes,

> "A esquerda tem sido incapaz, até o presente, de mostrar para amplos contingentes sociais, que o desmoronamento do Leste europeu não significou o fim do socialismo, mas sim o esgotamento de uma tentativa (cabalmente derrotada) de construção de uma sociedade que não conseguiu ir *além do capital* e que por isso não pôde constituir-se nem mesmo enquanto sociedade socialista." (2006, p. 43).

Desse modo, ele observa um crescente distanciamento dos movimentos de classe e uma aproximação com a institucionalização dos sindicatos.

Posteriormente, no capítulo intitulado "As metamorfoses no mundo do trabalho", Antunes expende as configurações gestadas na contemporaneidade acerca do mundo do trabalho, como o aumento do trabalho assalariado, heterogeneização do trabalho, a partir da participação feminina, subproletarização através do trabalho temporário, terceirizado, trabalho imigrante para o primeiro mundo e o desemprego estrutural em escala mundial. Essas transformações trazem consigo a contraditoriedade do sistema do capital, que se expressa nos exemplos dados pelo nosso autor. A modificação ocorrida no processo do trabalho, a partir do desenvolvimento científico e tecnológico, apresenta-se mais qualificada pela intelectualização de uma parcela dos trabalhadores, e, como aponta Antunes, não deixou de existir trabalho, mas sim um processo que intelectualizou trabalhadores. Nesse mesmo movimento de mudança do trabalho, uns setores foram intelectualizados e qualificados e outros, como o mineiro, o metalúrgico e o da construção naval foram desqualificados. Quando isso não ocorreu, outros mais, praticamente, desapareceram pela crescente informatização, como é o caso dos trabalhadores do setor gráfico.

Mas, para se ter uma idéia aprofundada dos impactos que esse processo contraditório do capitalismo urdiu no seio da classe trabalhadora, Antunes se interessou

na forma como os sindicatos se posicionam ante esses desafios e essas novas configurações do trabalho social, que indubitavelmente, afetam a subjetividade, a consciência social do ser que produz, que labuta.

Interessou ao nosso autor entender primeiramente a crise anteriormente mencionada, que afetou o sindicalismo de modo geral, como fatores do momento crítico dos sindicatos destaques para a dessindicalização, diferenças entre trabalhadores estáveis e trabalhadores que compõem o trabalho precarizado, instituindo um abismo no seio da classe trabalhadora, que acarreta a queda do sindicalismo vertical e dá lugar ao sindicalismo mais horizontal. Há o crescimento da tendência neocorporativa. Esse compêndio de fatores contribui para que haja um afastamento entre trabalhadores e dificuldades de fomento de uma consciência de classe, "fundada em um sentimento de pertencimento de classe, aumentando, consequentemente, os riscos de expansão de movimentos xenofóbicos, corporativistas, racistas, paternalistas, no interior do próprio mundo do trabalho." (Antunes, 2006, p. 72). De acordo com Antunes, esse cenário atingiu o movimento sindical, instaurando a crise mais aguda de sua história, nos anos 1980, nos países mais desenvolvidos e industrializados, e, nos anos 1990, nos países em desenvolvimento, como o Brasil.

Ainda segundo o autor de "Adeus ao Trabalho", é viável estabelecer tendências da crise sindical. Dentre elas, ele destaca a individualização do trabalho que deslocou o eixo das relações entre capital e trabalho do âmbito nacional para os ramos da atividade econômica e posteriormente para o ambiente de trabalho e para casa (sindicato-casa pensado pela Toyota). Tamém existe o esgotamento dos modelos sindicais, a tendência à burocratização e institucionalização das entidades sociais que se colocam longe dos movimentos autônomos, a adversidade e repulsa à esquerda.

Por fim, há um delineamento crítico sobre temas que postulam a perda de centralidade do trabalho nas sociedades capitalistas atuais, rechaçando essa ideia e recolocando-a, por meio do entendimento das suas configurações atuais. Numa sociedade produtora de mercadorias, o trabalho, inevitavelmente, é fundamental para sua existência, seja em seu aspecto concreto (que cria valores socialmente úteis) ou abstrato (alienado), em que ele se apresenta sob o entendimento da redução do trabalho vivo e do aumento trabalho morto, é fundamental apresentar as dimensões do fenômeno trabalho. (Antunes, 2006, p. 87). E nos diz Antunes, "a desconsideração dessa dupla dimensão presente no trabalho possibilita que a crise da sociedade do trabalho *abstrato*

seja entendida equivocadamente como a crise do trabalho concreto". (p. 88). Consequentemente, se desconsiderado esse duplo modo do trabalho, incorre-se na segunda tese a ser criticada por nosso autor. Se o trabalho cria utilidades, valores importantes, que constituem a forma de trocas entre natureza e ser social, não é aceitável a extinção do trabalho social. O trabalho, por ser a forma fundante do ser social que marca uma contínua concretização de posições teleológicas, o torna indissociável dos homens.

> "É importante afirmar que o trabalho, entendido como protoforma da atividade humana, não poderá jamais ser confundido como o momento único ou totalizante; ao contrário, o que aqui estamos procurando reter é que a esfera do trabalho concreto é o ponto de partida sob o qual se poderá instaurar uma nova sociedade. O momento da omnilateralidade humana (que tem como formas mais elevadas a arte, a ética, a filosofia, a ciência, etc.) transcende evidentemente em muito a esfera do trabalho (a realização das necessidades), mas deve encontrar neste plano a sua base de sustentação."

Para Antunes, é importante considerar que os processos de desenvolvimento tecnológico (automação, robótica, etc.) possuem um significado emancipador, mas ele precisa ser dirigido pela sociedade, que usa o tempo disponibilizado por ele para produção de bens socialmente úteis e não para a produção de mercadorias. Além do mais Antunes pontua para as limitações da perspectiva que proclama o fim do trabalho exemplificado em análises empíricas, e vê as possibilidades da emancipação humana por meio das revoltas geradas no mundo do trabalho. O entendimento das particularidades e das singularidades existentes nos enfrentamentos entre classes sociais é, por isso, cabal. Conclui Antunes (2006, p. 101), afirmando que esse é o escopo de uma pesquisa de longa duração, e que o trabalho que resultou em "Adeus ao Trabalho" é apenas o fruto inicial. De fato, desde os anos 1990, ele se firmou como um dos grandes estudiosos na área de sociologia do trabalho, dando prosseguimento à pesquisa sobre as metamorfoses do mundo do trabalho, ancorado em estruturas marxianas e lukacsianas.

Sumariamente podemos verificar, através da análise das obras dos nossos autores, a existência de uma similitude no que tange à trajetória filosófica de Lukács e deles: a continuidade de uma visão de mundo marxista. De modo específico, não há rupturas político-filosóficas estanques, mas sim *agregações dialéticas* no processo de amadurecimento intelectual do húngaro e de Konder, Coutinho, Chasin, Netto, Antunes e Frederico, ou seja, a perspectiva ontológica, inicialmente rechaçada por Lukács, de

alguma maneira, está latente no seu pensamento, e se faz perceptível na medida em que ele sempre expôs preocupações com temas que perpassam a ontologia, como a importância do sujeito na sociabilidade. Isso reverberava em seus escritos primeiros, num nível mais epistemológico, porém com tintas indicativas da chave filosófica de uma perenidade colocada através de motes voltados para o entendimento da consciência de classe, das problemáticas da ideologia - em seus âmbitos diferenciados, como as correntes científicas[89] -, e do fenômeno da alienação, sempre caros ao húngaro. O questionamento com as desventuras e aventuras do socialismo e do marxismo caracterizou o ponto crítico da perspectiva lukacsiana, que representa o espólio para os autores anteriormente citados.

Notemos, nas explicações de Coutinho e Konder, as diferenças sutis de objetivo que caracterizam suas pesquisas e que apontam as especificidades em suas produções de conhecimento. Konder trabalha nos anos 1960 em cima da reflexão da herança marxista, os problemas que impedem sua compreensão e os desafios para a sua difusão no Brasil. Ademais, os temas tratados, além de fundamentais para o marxismo e, consequentemente, para o desvendamento da realidade social, têm um caráter didático, contribuindo com o acesso dos leitores a temas espinhosos, em que ele se posiciona à medida que apresenta concepções de diferentes marxistas. Nosso autor carioca pesquisou ainda o aspecto filosófico nas diferentes esferas da sociabilidade, como na arte, na história, na política, e na economia do capitalismo, sempre conectando o contexto mundial à realidade brasileira. Desdobrou ricamente o início de suas reflexões sobre a recepção do marxismo no país nos anos 1980. E deu continuidade analítica sobre os aspectos essenciais do marxismo: ideologia e alienação, bem como, sua influência sobre a arte de Walter Benjamim, filósofo que Konder ajudou a divulgar no Brasil. Preservou a categoria da totalidade, valorizou a centralidade da teoria do reflexo e manteve a preocupação acerca do método marxista em sua ortodoxia, como Lukács enfatizou em HCC.

Carlos Nelson Coutinho, de modo bastante contundente, argumentou suas assertivas em torno de um objetivo geral: a reflexão sobre a teoria marxista, e o posicionamento dessa corrente filosófica no pensamento humanista. Nos anos 1960, sua

[89] O questionamento no campo da ciência, do modo como entendemos o pensamento de Georg Lukács integra, além do caráter epistemológico que grosso modo investiga a construção do conhecimento, especifica-se, imbuído na visão ontológica, pela preocupação, que o peso da ciência poderá ter no processo de construção do saber do ser na sociedade.

perspectiva volta-se para a cultura e para os problemas estéticos. Já nos anos 1980, há uma intensificação sobre questões políticas em que a reflexão da realidade brasileira permanece vigorosamente. A aproximação com a perspectiva lukacsiana é profunda. A aplicação da categoria da totalidade (sempre mister para o húngaro) e do método do realismo, em que adota a teoria do reflexo, são exemplares quanto a essa relação de contiguidade presente nos anos 1960. O tratamento rigoroso na investigação das obras de Graciliano Ramos efetiva, com robustez, a aplicação do método lukacsiano do realismo na avaliação do romance realista trabalhado no Brasil. O ponto de inflexão que sinaliza a passagem de Lukács a Gramsci é compreendido a partir do interesse de Coutinho por questões manifestamente políticas, nos anos 1970 e 1980, época em que nosso país vivenciava o acirramento da dureza ditatorial (na década de 1970) e a fase de redemocratização (década de 1980). No contexto mundial, os problemas do socialismo se complexificavam desde o processo de desestalinização (anos 1950) passando pelo agravamento da guerra fria. A parca bibliografia trabalhada por Lukács - que, esteticamente, foi genial, como afirma o próprio Coutinho – sobre teorização política, o conduziu à busca por outras perspectivas marxistas que lhe possibilitassem o embasamento de natureza política. Gramsci, já bastante conhecido por Coutinho, que também foi um dos grandes, senão o maior divulgador brasileiro de suas ideias, respondia substancialmente às lacunas deixadas pelo húngaro com uma ontologia política tão grandiosa quanto a ontologia estética de Lukács. O estreitamento de Coutinho com as questões epistemológicas foram mais marcantes nos anos 1960 e 1970, adquirindo a ontologia uma propensão capital no desenrolar dos anos 1980, a partir da influência lukacsiana.

Os intelectuais da primeira geração mostram que tiveram contato com obras mais maduras de Lukács, que gravitam em torno da estética. Konder e Coutinho traduzem livros lukacsianos sobre o assunto, nos anos 1960, e Chasin se articula na fundação da editora Senzala. Esses intelectuais sempre foram motivados pela agenda da época, em que se fazia premente a observação de questões estéticas.

Já os da segunda geração (Antunes e Frederico) tiveram seus contatos iniciais com as idéias lukacsianas, a partir de HCC, e suas pesquisas primeiras se caracterizam por uma perspectiva epistemológica. A explicação para isso tem relação mais direta

com dois elementos[90]: o fato de os intelectuais da primeira geração terem lido praticamente concomitantemente as publicações da Estética e dos "Prolegômenos a uma ontologia marxista", terem mantido, por alguns períodos, contato com Lukács (Konder e Coutinho) e de terem sido os grandes divulgadores e tradutores do húngaro no Brasil. Apesar das dificuldades de acesso aos textos, eles eram versados em outros idiomas (já muito cedo sabiam ler francês, inglês, italiano e Konder, alemão) o que nos indica a origem social dos primeiros lukacsianos (família de políticos, de médico, de advogado). O único de origem modesta, Chasin, era de uma família judaica, em que o interesse cultural é transmitido fortemente em sua origem. Outro ponto diz respeito a uma proximidade menor dos intelectuais da primeira geração com a academia. Suas pesquisas dos anos 1960 e 1970 foram desenvolvidas de modo independente, sem uma relação direta com os trabalhos feitos para a obtenção de títulos (mestre, doutor). O que ocorreu no Brasil com Chasin, nos anos 1970, que teve sua tese publicada, e Konder, que publicou seu trabalho de doutoramento ao concluí-lo somente nos anos 1980 quando já era um intelectual marxista renomado e de larga influência. Antunes e Coutinho chegaram a Lukács através das esquerdas, mas a presença da universidade moldou mais intensamente a visão deles. Isso é observado não só nas falas, mas também na forma de desenvolvimento das pesquisas. O peso da instituição de origem (como a USP, tida como mais tradicionalista e que considerava a fase lukacsiana de HCC, de fato, significativa), o peso do *modus operandi* sociológico mais forte, sobretudo em Antunes. Como expomos, seus dois primeiros trabalhos são bem sintomáticos a esse respeito. Mesmo que a visão epistemológica de Lukács o tenha influenciado, e isso seja um traço bastante presente na fase dos anos 1970 e início dos anos 1980, a caracterização das exigências colocadas pela sociologia e pelas ciências sociais (justificativa, objetivos gerais e específicos, hipótese) demonstram um ranço positivista, apreendido aqui como indiscutível. Todavia, isso não significa uma negação da importância e da fundamentação lukacsiana nos trabalhos de Antunes e Frederico, sobretudo naqueles urdidos após a segunda metade dos anos 1980. Sinalizam um

[90] Enfatizamos que a nossa intenção aqui é tão somente a de abrir uma discussão para que trabalhos sobre essa questão específica possam ser pesquisados. Nossas inferências não estão acabadas, mas acreditamos que esse é o caminho correto para entendermos as distinções mais profundas entre as duas gerações. Todavia, tal empreitada requer uma análise acurada, que contemple radicalmente a instância universitária, a cultura preponderante, em suas distinções específicas: investigar os meandros articulatórios dos centros de filosofia e ciências humanas da USP e da UFRJ, bem como os programas de pós-graduação dos quais fizeram parte nossos lukacsianos aqui analisados.

elemento essencial de diferenciação entre as duas gerações de lukacsianos, elucidam e corroboram a assertiva, essa sim, de negação à sociologia, tomada por Lukács e pelos intelectuais da primeira geração como fragmentada, limitada e ideologicamente estreita, na qual o ponto de vista da totalidade é impossível. É o que arrolaremos agora.

# CAPÍTULO 5

# SOCIOLOGIA E MARXISMO: UMA RELAÇÃO DIALÉTICA É POSSÍVEL?

O questionamento acerca da sociologia foi uma constante na trajetória de Georg Lukács. Consequentemente suas concepções tiveram um peso significativo sobre o pensamento dos intelectuais influenciados por ele, de modo que nos cabe, neste momento, entender primeiramente a crítica direcionada por Lukács à sociologia e, posteriormente, importa esboçarmos como essas críticas se encontram constituídas na visão de Konder, Coutinho, Chasin, Löwy, Netto, Frederico e Antunes.

Inicialmente serão delineados os questionamentos mais sumários sobre as ciências sociais, a partir de uma perspectiva lukacsiana ancorada na ontologia. Por fim, abordaremos o ponto de vista dos nossos intelectuais, verificados na ocasião das entrevistas, bem como em algumas de suas obras. Com isso, será viável respondermos à pergunta concernente ao alistamento entre sociologia e marxismo.

## 5.1 A Sociologia sob o ponto de vista lukacsiano

A sociologia como disciplina autônoma surgiu atrelada aos resquícios dos dados fomentados pela história e por meio dos empenhos de generalização da filosofia e pesquisas dos antropólogos, administradores públicos e reformadores sociais. Tem, por isso, suas origens em disciplinas variadas, dependendo das camadas liberais da sociedade, que voltavam seus objetivos para o desenvolvimento do bem-estar social, mas fincando interesses na tradição. (Collins, 2009, p. 41). Podemos verificar isso ao atentarmos para August Comte, que se concentrou na política e intentou fundar uma igreja positivista, que vislumbrava criar um movimento fundamentado na reforma social.

A institucionalização da sociologia ocorreu no final do século XIX, quando se torna matéria acadêmica, em reciprocidade com as ideias liberais e conectadas com a expansão universitária do período[91]. Na Alemanha, o absolutismo era a força política preponderante, mas a social-democracia, questionadora do absolutismo, adquiriu força nos anos 1880 e 1890, não obstante a sociologia, como disciplina atrelada aos ideais liberais, entra em conflito com a política alemã de ambas as vertentes, sendo, por isso, rechaçada. "A sociologia era excluída porque descendia de uma ideologia estranha à política predominante na Alemanha." (Collins, 2009, p. 45).

Foi durante a República de Weimar que a sociologia ganhou algum prestígio e pôde atrair pensadores como Lukács para dar continuidade aos seus estudos na Alemanha. Como esboçamos brevemente no início do capítulo 1 deste trabalho, nos anos 1910, o filósofo húngaro fixou-se em Heidelberg e estreitou contato com Georg Simmel e Max Weber, voltando seus interesses para a sociologia. Não obstante, a partir dos anos 1920, quando adere ao comunismo e passa a estudar as obras de Karl Marx cuidadosamente, a sociologia começa ser rechaçada por ele.

Pontuamos que, assim como Marx, Lukács vivenciou o ambiente político-cultural e intelectual alemão (e húngaro) e, mesmo o contato com Weber, fez voltar sua perspectiva para o alicerce da sociologia, ancorada numa visão liberal que herdou largos ensinamentos da tradição positivista francesa e do evolucionismo. A configuração lukacsiana mais fortemente condensada surgiu nos anos 1950, após a II Guerra Mundial.

*A Destruição da Razão*[92] (1959) trata do fenômeno do irracionalismo e da decadência do pensamento com maior ênfase no capitalismo contemporâneo. Lukács costura sua argumentação passando pela origem do irracionalismo no período imperialista e da crise do pensamento alemão, que irrompe na sociologia e culmina no darwinismo social, no racismo e no fascismo, tratando, de modo específico, as raízes da sociologia, ele repõe e localiza seu escopo e esclarece sua posição contrária a ela.

Para Lukács, a sociologia surge como disciplina independente na França e na Inglaterra após a dissolução da economia política clássica e do socialismo utópico, que

[91] A difusão da sociologia encontrou terrenos distintos nos países em que se fixou inicialmente, como é o caso da Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos.

[92] Lukács desenvolve uma crítica específica a Max Weber e aos primeiros sociólogos do período de desenvolvimento da sociologia na Alemanha, como Schmoller, Wagner, Tönnies, e os autores da fase imperialista, como Alfred Weber e Mannheim. Para a apreciação completa, vide Lukács (1959).

tratavam do estudo da sociedade em geral e de suas relações com questões econômicas. A sociologia visava ao estudo da vida social, mas sem alistá-la à economia.

> "Al crearse la sociología como disciplina aparte, se afronta em ella el estúdio de los problemas de la sociedad prescindiendo de su base econômica; la supuesta independência de los probelmas sociales com respecto a los econômicos es, en efecto, el punto de partida metodológico de la sociologia." (Lukács, 1959, p. 471).

Ainda segundo o pensador húngaro, ela tem suas raízes na crise da economia burguesa e no socialismo. No primeiro, através da descoberta da teoria do valor-trabalho, que alicerça as bases socialistas. Do segundo, essas bases são verificadas quando se começa a procurar os caminhos para o socialismo. Ambas as escolas são desfeitas em substituição ao pensamento burguês, desenvolvendo uma economia limitada, que, contrariamente à economia burguesa clássica, separa a economia da vida social. Nessa configuração, a sociologia tem função semelhante, que é a de estudar as relações sociais sem pensar as implicações com e no âmbito da economia política. Assim, para nosso húngaro, tanto a sociologia como o marxismo surgem na mesma época, mas com propósitos distintos, retendo heranças das duas escolas de pensamento (socialismo e economia). Para o pensamento marxista, importava o lastro revolucionário, já para o pensamento burguês, valia o caráter retrógrado que elas podiam oferecer. Isso tudo ocorreu no processo de desenvolvimento da sociologia, que, primeiramente, se propunha a apontar para o caráter progressivo da sociedade burguesa.

> "Al fundar la sociologia como ciência universal sobre las ciencias naturales, se trata precisamente de eliminar de ella, con la economia, el caráter contradictorio del ser social, es decir, la crítica a fondo del sistema capitalista. Es verdad que, al comienzo, principalmente entre sus fundadores, la sociologia abraza el partido del progreso social, y el demonstrar científicamente éste es cabalmente uno de sus fundamentales propósitos. Pero se trata de un progreso a tono con la burguesia que comenza a deslizarse por la pendiente del declive ideológico: de un progreso que conduce a uma sociedad capitalista idealizada, en la que se vê la cúspide del desarrollo de la humanidad." (Lukács, 1959, p. 472).

Assim, a sociologia estava fundamentada na perspectiva de uma investigação "científico-natural", e, sobretudo biológica, que entrou em acordo com o percurso político-econômico da burguesia. Desse modo, sua perspectiva recobriu-se de uma

ideologia e uma metodologia "inimigas do progresso e, em muitos aspectos, francamente reacionárias." (Lukács, 1959, p. 472). Nesse momento, a sociologia se configura como uma forma de conhecimento especializado, que, para defender o capitalismo do socialismo, se apoia na metodologia da burguesia.

Essa argumentação nos parece ser desdobrada por Mészáros (2010), quando, no seu livro "O poder da ideologia", ele trata da relação entre metodologia e ideologia. Nas ciências sociais, existe a noção largamente difundida e adotada da necessidade da neutralidade ideológica *Wertfreiheit,* ou neutralidade axiológica. A partir do seu emprego, o pesquisador teria uma maior segurança, na medida em que se afastaria dos valores e chegaria à objetividade da investigação, sempre ocorrendo com o recurso metodológico. Para Mészáros, essa abordagem metodológica possui um caráter substancialmente ideológico, porque fixa condições para um exame superficial, que envolve questões controversas da realidade e não se importa em mediar as possibilidades referentes à neutralidade existente no âmbito da metodologia. Nesse sentido, "(...) acredita-se que a mera insistência no caráter puramente metodológico dos critérios estabelecidos legitima a afirmação de que a abordagem em questão é neutra porque todos podem adotá-la como o quadro comum de referência do 'discurso racional'." (Mészáros, 2010, p. 301).

Contrariamente, para Mészáros, deve-se considerar a feição racional, mas essa não se configura por uma abordagem atemporal, socialmente inespecífica, mas sim no reconhecimento da legitimidade,

> "de contestar a própria substância da ordem social vigente. Isso implicaria a articulação dos problemas relevantes, não no plano da teoria autoreferencial e da metodologia, mas como questões inerentemente práticas cujas condições de solução apontam para a necessidade de mudanças estruturais radicais." (Mészáros, 2010, p. 303).

Ademais, segundo nosso autor, para a reprodução de uma teoria e a autorenovação da metodologia, é fundamental que se observe, não por meio de intelectuais iluminados, mas da própria capacidade de se reproduzir da teoria, da sua importância teórica e prática, de ser útil para o estudo dar realidade concreta. Buscando "reestruturar a sociedade na sua totalidade" e recorrendo ao recurso do método dialético, do método marxista, desta ideologia que, em compasso com a realidade atual

das circunstâncias históricas, nos faz perceber que as mudanças dessa realidade são viabilizadas pela análise da mesma, procedendo, para isso, a partir de um atrelamento fundamental ao método dialético. Como pontua Mészáros, ao tratar da herança lukacsiana, especialmente da ênfase que Lukács deu sobre a sua definição metodológica posta no prefácio de 1967 de *História e Consciência de classe*: Falando da 'ortodoxia no marxismo', ele diz: "agora considero não apenas objetivamente correta, mas também capaz de exercer ainda hoje uma considerável influência, quando estamos às vésperas de um renascimento marxista." (Lukács apud Mészáros, 2010, p. 323). É nisso que pensamos quando criticamos as bases que regulam a sociologia como posta atualmente. Forjada na desconsideração pelos elementos práticos (a realidade concreta), subvalorizados em função da teoria, ou quando esses são contemplados, paralelamente, assistimos a uma junção descabida de teorias da moda, que não se coadunam a uma análise coerente da nossa realidade social.

## 5.2 Os lukacsianos e as Ciências Sociais: notas para um aporte crítico

É devido fortemente à herança marxista, advinda, sobretudo, de Lukács que Konder, Chasin, Coutinho e Netto se posicionam questionadoramente frente à sociologia. Os dois últimos, em algumas ocasiões, trabalharam o tema em artigos datados nos anos 1970, 1980 e 2000. "Lukács e a sociologia", de 1978; Lukács: Sociologia (1994); 1980, Coutinho: "Contra a corrente" e Netto, em 2004, "G. Lukács: um exílio na pós-modernidade". Antes de examinarmos esses textos, veremos a posição de Michael Löwy acerca da sociologia.

Em "Ideologias e Ciência Social", Löwy expende, em 1985, uma preocupação de extrema relevância para as ciências sociais: saber, em torno das discussões sobre metodologia e epistemologia, se é possível extrair o componente ideológico do processo científico. Para isso, retoma as posições do positivismo, do historicismo e do marxismo, com vistas a selecionar, no discurso dessas tradições de pensamento, os pontos substanciais para o debate acerca da objetividade científica, tratando de colocar a ideologia e sua conceitualização como elemento indispensável a esse debate.

É justamente nesse entorno que ele aborda o método marxista do conhecimento, pontuando a transitoriedade da história e a inexistência de verdades absolutas, alicerces

desse método, que corresponde ao "primeiro elemento de análise dialética". (Löwy, 2000, p. 14). A categoria da totalidade corresponde ao segundo elemento essencial da dialética, como percebido por Lukács, em HCC. Segundo Löwy, representa o princípio revolucionário nas ciências sociais, sendo a totalidade concebida por nosso autor como um recurso metodológico, que visa à percepção das interrelações entre as esferas da realidade social. Como ele enfatiza:

> "O princípio da totalidade como categoria metodológica obviamente não significa um estudo da totalidade da realidade, o que seria impossível, uma vez que a totalidade da realidade é sempre infinita, inesgotável. A categoria metodológica da totalidade significa a percepção da realidade social como um todo orgânico, estruturado, no qual não se pode entender um elemento, um aspecto, uma dimensão, sem perder a sua relação com o conjunto. Concretamente, no caso das ideologias, não se pode entender uma ideologia, uma utopia, uma visão social de mundo, uma doutrina social, uma concepção da prática e da teoria social, sem ver como ela se relaciona com o conjunto da vida social, com o conjunto histórico do momento, isto é com os aspectos sociais, econômicos, políticos, religiosos de classes sociais, etc." (Löwy, 2000, p. 16).

Ademais, outro elemento fundamental à dialética é o categoria da contradição que reveste o todo social. A investigação dialética é, prontamente, nas palavras de Löwy, um exame das contradições entre as classes sociais. Distintamente ocorre na sociologia funcionalista, que pensa o consenso social como algo concreto. No método dialético, importa a transformação da realidade social, nesse sentido, o marxismo é, para nosso autor, não uma teoria científica "como as outras", a ela não cabe simplesmente descrever e explicar, "mas visa transformar a realidade, visa à transformação revolucionária. Trata-se, portanto, de compreender a realidade para transformá-la revolucionariamente a partir de um ponto de vista de classe, do ponto de vista das classes dominadas." (Löwy, 2000, p. 18).

É questionando e revelando os aspectos positivos tangentes ao positivismo, ao historicismo e ao marxismo que Löwy se posiciona e caracteriza sua ideia acerca da ciência social, especialmente acerca de uma metodologia adequada ao entendimento da realidade social. Em sua perspectiva de ciência, alguns pontos são substanciais: o método dialético mencionado anteriormente, a noção da possibilidade de interconexões entre as três formas de análise da realidade social. Nesse sentido, um autor pode ter traços positivistas, historicistas e marxistas, como Max Weber, que pretendia uma

ciência afastada de juízos de valor, elemento caro aos positivistas, como Durkheim e Comte. No mais, Löwy critica um método único para as ciências sociais e as ciências naturais, o chamado por ele "naturalismo positivista". Além dessa crítica, ele contesta a neutralidade, o apartamento dos juízos de valor, próprios do positivismo (Löwy, 2000, p. 35 – 337).

Acrescido a isso, Löwy busca, no historicismo, assim como os demais intelectuais lukacsianos por nós abordados, relacioná-lo ao marxismo. Segundo nosso autor, a ciência social deve atentar para a importância da história, do processo histórico, que é o alicerce dessa forma de apreensão da realidade, além de se observar a distinção entre fatos históricos e fatos naturais, que solicitam, por consequência, ciências igualmente distintas, Löwy, concordando com os princípios historicistas, volta-se para a percepção de que tanto o objeto como o investigador emergem desse processo histórico. "Esta é a matriz comum do historicismo, e algumas destas premissas são também do marxismo (...)". (Löwy, 2000, p. 70), que é, indiscutivelmente a forma de conhecimento mais próxima da visão de mundo de Löwy. Com isso, ele delineia a noção, baseada nas assertivas historicistas, weberianas (como veremos a seguir), marxianas e lukacsianas, da inevitabilidade de se relacionar o conhecimento com perspectivas de classe, que, atreladas à dialética, fornecem uma análise da realidade que considera a essencialidade da totalidade para se chegar ao conhecimento, elementos fulcrais para a sua sociologia.

É por uma definição adequada acerca da apreensão da realidade que nosso autor procede a uma aproximação entre Weber e o marxismo, especialmente o marxismo lukacsiano, e propõe uma forma de conhecimento fundamentada em um "marxismo weberiano", como ele tratou em "Figuras do Marxismo weberiano", de 1995[93]. No artigo, Löwy retoma a ideia de Merleau-Ponty, exposta no conhecido "As aventuras da dialética", que trata de relacionar as concepções lukacsianas desenvolvidas em HCC, com concepções weberianas. De acordo com Löwy, há, assim como percebeu o pensador francês, usos, por parte de Lukács, de ideias de Weber, na sua obra de 1923. "Pode-se considerar o capítulo central de *História e Consciência de Classe*, fundado na análise da coisificação' (Verdinglichung), como uma síntese potente e original da teoria do fetichismo da mercadoria de Marx, e da teoria da racionalização de Weber. (...) Lukács reformulou a temática do sociólogo alemão na linguagem teórica marxista."

[93] Löwy abordou mais densamente a questão do marxismo weberiano no seu livro "Dialética e Revolução", dos anos 1970, como ele mesmo indica em nota de rodapé no artigo por nós esboçado.

(Löwy, 1995, p. 2). Os pontos de aproximação entre o alemão e o húngaro seriam a aceitação lukacsiana do processo de racionalização, aventado por Weber, e o uso de tipos-ideais, para formular sua teoria da consciência adjudicada[94]. Mas o que nos interessa na abordagem de Löwy é a percepção que ele tem acerca da relação entre sociologia e marxismo. Para ele, o pensador de Budapeste empreendeu um arrolamento positivo com a sociologia weberiana e possibilitou uma extensão que foi seguida por outros autores, como o próprio Löwy.

Distintamente de Löwy, é a posição de José Paulo Netto acerca da relação entre sociologia e marxismo. Nos anos 1970, quando sua perspectiva girava em torno da epistemologia lukacsiana, ele tomava a sociologia de modo crítico, mas não excludente. Para ele, numa aproximação com Lukács[95] de HCC, autor que enfrentava "o rigor da ortodoxia metodológica marxista" (Netto, 1976, p. 62), o problema da sociologia residia também, mas não somente, na questão metodológica. Como podemos verificar no ensaio intitulado "Lukács e a Sociologia", ao observar a relação e as particularizações entre o marxismo e a sociologia, ele vê um processo de crise, que vai além da tematização teórica e atinge um sentido sóciopolítico, de modo que as relações entre as duas formas de conhecimento "(...) propõem o debate na instância da metodologia e da perspectiva da eficácia histórica, envolvendo, necessariamente, o estatuto de cientificidade das operações analíticas." (Netto, 1976, p. 61). Para Netto, cabia apontar para o complexo sociocultural de que advinham a sociologia e o marxismo, as duas instâncias do conhecimento que surgiram em resposta aos problemas da sociedade capitalista.

Nesse caminho, Netto traça a crítica desenvolvida por Lukács a partir de sua fase marxista, que vai de HCC e passa pela "Destruição da Razão". Nesse trajeto, Netto sopesa o tratamento dado por Lukács à questão metodológica das ciências sociais. Segundo ele, é compreensível que o pensador húngaro tenha voltado suas críticas a esse nível, pois "esta é a instância essencial do estatuto da ciência social, e é dela que derivam todas as outras questões significativas." (Netto, 1978, p. 75), como observou Netto ao examinar que a obra lukacsiana volta-se para a atuação do sujeito social na

[94] Esse aspecto foi trabalhado por nós em, "Georg Lukács e a crítica à ciência sociológica alemã: da escola de Heidelberg à *História e Consciência de Classe*." (2003).

[95] O pensador húngaro via na questão metodológica o problema fundamental da sociologia. Essa postura não era a de Netto que como nos referimos refletia não só o método, mas ainda o problema da práxis, do posicionamento teórico e prático do sujeito. (Netto, 1978, p. 75).

realidade. “Já observei que toda a obra lukacsiana está vocacionada para levantar a possibilidade de intervenção efetiva do agente humano no processo sócio-histórico, numa práxis cuja teleologia seja elevada ao nível da consciência.” (Netto, 1978, p. 75). Ademais, ele examina que essa assertiva lukacsiana pode ser problemática se vista como a única relevante. É preciso não limitar a análise à metodologia com o risco de qualificar o seu “âmbito restrito”. Lukács critica, bem ou mal, os principais modelos metodológicos da sociologia, como o neoempirismo. E afirma a importância do projeto marxista de uma ciência da história, única e unitária. Sobre isso, nosso autor pontua que, nas duas principais críticas lukacsianas, realizadas em HCC e na “Destruição da Razão”, a sociologia serviu como elemento ideológico favorável à burguesia e em conformidade com os equívocos do marxismo, que tende a impingir um economicismo a este.

> “Ora, precisamente a sociologia oferecia-se como objeto privilegiado, nos dois casos: primeiramente porque constituía uma resposta burguesa a candentes problemas sócio-históricos; secundariamente porque os ecos da crítica retornavam ao interior do movimento socialista.” (Netto, 1978, p. 76).

A partir das indicações e críticas lukacsianas, Netto concorda com a ideia atinente ao enfrentamento da sociologia como uma ciência particular, e aponta para a necessidade da ciência histórica capaz de viabilizar a apreensão da realidade fundamentada na totalidade. Essa totalidade não está alicerçada num escopo “intelectivo”, mas é “resultante de uma ontologia do ser social”. Desse modo, a ciência social poderá reencontrar “a sua matrização originária, de gnose unitária da história, gnose que viabiliza um alto conhecimento humano, gnose que se instrumentaliza como componente fundamental na práxis mediante a qual o homem se instaura como autor de sua livre sociabilidade.” (Lukács, 1978, p. 77).

Ainda nos anos 1970, Netto, em mais uma momento de reflexão acerca da sociologia e mais do que isso, voltando-se para a divulgação do pensamento lukacsiano, redige a introdução do volume referente a Lukács para a coleção Grandes cientistas sociais. Nessa introdução, ele aborda novamente a trajetória do pensador húngaro e os momentos de inflexão de sua fase marxista, e trata, *en passant,* das críticas lukacsianas direcionadas à sociologia. Sumariamente podemos perceber a existência de uma ampliação acerca do entendimento das críticas de Lukács. Primeiramente, Netto aponta para o caráter não apenas metodológico contido em HCC, mas também para a percepção

do húngaro quanto ao fato de a ciência social particular voltar-se para a oposição à dialética, de modo a excluí-la. O detalhe é que a sociologia é fruto do pensamento burguês, daí a conceituação lukacsiana ao chamá-la de ciência burguesa.

Nesse mesmo lastro crítico, encontra-se Leandro Konder. A sociologia é vista negativamente, do mesmo modo que os sociólogos, considerados por ele como "intelectuais burgueses". Konder nos explica que, nesse tipo de ciência social particular, os indivíduos não estão interessados na mudança do *status quo* capitalista, eles visam, contrariamente, à manutenção de determinadas instituições como o Estado: "os sociólogos, os intelectuais burgueses têm um compromisso com a preservação de algumas instituições importantes. E aí eles se tornam pouco confiáveis aos olhos das pessoas que têm um ímpeto revolucionário." (Konder, 2008, entrevista). Esse interesse na mudança radical é justamente o elemento fundamental na visão de mundo de Lukács, como saída à condição compartimentada em que vive o homem na sociedade do capital. O projeto lukacsiano critica profundamente o capitalismo e indica o socialismo, como alternativa a esse sistema político-econômico. Konder, seguindo a visão de Lukács sobre a ciência, questiona, com veemência, a sociologia e indica a ciência da história como aquela que contempla a totalidade social. Em suas palavras: "O homem é um ser que trai a si mesmo, na sua história, com os seus ideais. Então, para mim, isso aí é fundamental. A sociologia, os sociólogos não têm a paixão de discutir essa invenção do que é o homem (...)". Discordamos dessa postura, já que é imprescindível averiguar o tipo de sociologia, de ciência social que está sendo desenvolvida. É fundamental perceber quais os objetivos propostos e como a investigação foi realizada. Sem isso, corre-se o risco de cair numa posição limitada e limitante da ciência.

Seguindo uma visão distinta, mas significativamente questionadora, coloca-se Celso Frederico. Para ele, sociólogo de formação, importa o direcionamento dado ao objeto, a percepção ontológica maior ou menor sobre ele. "A questão de fundo é o maior ou menor distanciamento em relação à prioridade ontológica do objeto. É isso que permite a aproximação ou não entre marxismo e sociologia". (Frederico, 2008, entrevista). Além disso, ele entende e concorda com Lukács quando esse ressaltou, na "Destruição da Razão", a ausência do valor-trabalho nas investigações sobre a realidade social, realidade cuja proposta havia sido colocada como objetivo da sociologia. Nesse sentido, Frederico, a partir da crítica lukacsiana, nos aponta para a lacuna aberta pela nossa ciência social particular, ao desprezar a economia das suas investigações.

Todavia, isso não invalida toda e qualquer investigação sociológica. Ele nos esclarece muito lucidamente que o ponto de relevo, na verdade, o instante fulcral da pesquisa é saber se ela consegue reproduzir ou não o real, como nos ensinou o filósofo de Budapeste. Frederico exemplifica sua argumentação ao retomar do pensamento de Florestan Fernandes duas passagens. Uma correlata a um dos seus livros mais conhecidos, "A natureza sociológica da sociologia", com cujo título nosso autor afirma não concordar, e outra que se refere à "Revolução Burguesa no Brasil". Essa obra, segundo Frederico, consegue, de modo importante, reproduzir a realidade. "Quando se pega a Revolução Brasileira, o "ecletismo bem temperado" de Florestan nos oferece uma reprodução viva da realidade." Assim, para o nosso autor, a relação entre sociologia e marxismo pode ser estabelecida a contento se o exame proceder a uma reprodução da realidade. "Portanto, resumindo, o que interessa é saber se a sociologia colabora ou não para a reprodução do real". (Frederico, 2008).

Para José Chasin, a sociologia, assim como era para Lukács, é problemática, na medida em que se pretende autônoma, desvinculada da totalidade. Desse modo, seu ponto de vista encontra, igualmente como o de Konder, na concepção científica desenvolvida por Marx e continuada pelo pensador húngaro, a busca por uma ciência histórica, que leve em conta as contradições e conexões da realidade social. Observa para isso, a instância econômica, política, cultural, enfim os diversos aspectos que compõem a realidade concreta. Como nos alerta Vaisman (2009):

> "Não é possível separar em compartimentos estanques o econômico, o social, o político, o cultural, o jurídico, etc. A própria individualidade não pode ser devidamente compreendida se não reconhecermos que ela também na sua especificidade é um produto histórico. Por outro lado a "esfera econômica" não é a base que alinha automaticamente as demais esferas da sociabilidade. Lembremos de Marx dos "Grundrisse" e do próprio Lukács do capítulo da "Ontologia" intitulado "Ontologia do Momento ideal e da Ideologia": o econômico é o 'momento preponderante'."

De modo semelhante é a configuração científica para Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Tecendo críticas severas à sociologia, o primeiro vê, nessa forma de conhecimento, um modo ideológico, que se distancia justamente da realidade social que ela se propõe a examinar. Além disso, segue, assim como os demais lukacsianos, a ideia, marxiana de uma ciência histórica, única e unitária da concepção da realidade. Atrelada a essa concepção e, ao mesmo tempo, fundamental para a mesma, ele elege a

categoria da totalidade para o procedimento que se queira verdadeiramente próximo da apreensão da realidade concreta.

> "para o marxista só tem uma ciência, que a ciência da história, que foi o que Marx se referiu na "Ideologia Alemã", Marx e Engels (...). Agora o que é Sociologia? Aquela coisa que foi elaborada num primeiro momento por Comte, passou por Durkheim, por Weber, com concepções completamente diferentes, mas ambas excluindo da análise social, a economia e a história, portanto a sociologia é uma coisa que surge depois da decadência da Filosofia Clássica Alemã e quando desaparece o ponto de vista da Totalidade das Ciências Sociais. Então eu estou numa posição com Lukács e com Gramsci, como eles diriam é uma ideologia burguesa, a sociologia. O que não quer dizer que não existam pesquisas feitas por sociólogos de extrema importância para nós marxistas. Por exemplo, Wright Mills, ele era um sociólogo. (essas pesquisas, como a de Mills) chamam a atenção para aspectos da realidade, que a nós marxistas interessa. Weber, por exemplo, Weber tem algumas observações sobre formas de dominação legítima, que são extremamente interessantes e absorvíveis pelo marxismo. *Mas eu acho que nós trabalhamos num outro registro, que é o registro da totalidade*. (Grifo nosso).

Nessa mesma direção, José Paulo Netto deixa evidenciada que a sociologia é uma ciência compartimentada e carente da categoria da totalidade. E que, ademais, se funda numa divisão intelectual e acadêmica que incide sobre o pressuposto básico de exclusão da esfera econômica. Como ele afirma ao questionar sobre a possibilidade de apreensão das relações sociais: "É possível compreender a sociedade, as relações sociais e a interação social prescindido do seu substrato econômico. Esse é o principio da sociologia. Isso invalida qualquer pretensão de cientificidade da sociologia. Mas isso é na sua gênese." (Netto, 2008). É fornecendo exemplos acerca do que foi desenvolvido após os anos iniciais de exames sociológicos que Netto, assim como Coutinho, recorre a Florestan Fernandes para explanar que a produção dele ulterior a 1968 não corresponde a uma análise sociológica, e sim a uma investigação que, fundamentada em bases marxianas contemplando a economia política, representa uma "teoria social", que é o que Netto considera como fruto de seus trabalhos. Prossegue ele:

> "Quando você pega, por exemplo, a última obra do Florestan, o que é que eu chamo de última? É Florestan posterior a 68, 69. Ele chama aquilo de macro-sociologia. Você pega a produção do Ianni depois de 65. O Ianni chama aquilo de sociologia crítica, isso pra ficar aqui no Brasil. Eu acho que já não é mais sociologia. É outra coisa. Então, eu estou convencido de que a sociologia enquanto sociologia, ou seja, atenção! Vamos definir isso, enquanto um tipo de abordagem, de

> análise, de elaboração intelectiva sobre a sociedade, prescindindo da crítica da economia política, pode produzir algumas observações brilhantes que devem ser incorporadas por nós, mas é outra coisa. O que eu faço é teoria social, eu não faço sociologia, faço teoria social, que é o que? É uma tentativa de compreender a sociedade tendo por ciência piloto a crítica da economia política. Marx. Agora, essa resposta é ultra contestada. (...) Quando o Ianni publicou A ditadura do grande capital em 81, eu fiz até uma resenha assinada pra [02:13:07.21] que já não é mais sociologia, ainda que o seu autor insista.(...) Eu acho que a sociologia como tal tem ensaios brilhantíssimos. Agora, ela de principio é incapaz de tomar a dinâmica efetiva da vida social, de princípio. Por que? Porque ela prescinde daquilo que é essencial".

Desse modo, a sociologia, além de não conseguir atentar para uma análise do todo, ela insiste em abstrair o elemento econômico das suas investigações, o que, tanto para Netto, como para Coutinho e Chasin, representa uma limitação extrema, que tolhe a possibilidade de apreensão da realidade. Mesmo que existam trabalhos valiosos e relevantes concretizados pela sociologia, como os de Florestan, de Ianni, de Wrigt Mills, etc. isso não faz dela uma forma de conhecimento capacitada em interpretar profundamente e intervir na realidade.

Já para Löwy, essa perspectiva precisa ser mediada. De acordo com suas assertivas, a sociologia pode se relacionar intimamente com o marxismo e constituir um tipo de marxismo weberiano, que, como vimos, nada mais é do que o arrolamento entre concepções marxistas, especialmente lukacsianas, com concepções de Max Weber. Segundo suas palavras:

> "Trato de integrar em minha obra de sociólogo elementos e intuições oriundas da sociologia "burguesa" - em particular da obra de Max Weber – sem por isso renunciar a meu ponto de vista, e à minha visão do mundo (marxista). De certa maneira definiria minha sociologia como "marxismo weberiano" (a expressão foi inventada por Merleau-Ponty para designar a obra de Lukács).

De acordo com ele, podem existir disciplinas de influência marxista como a sociologia. Para isso, contudo, é preciso que seja aplicado o método dialético "interdisciplinar"**.**

> "Neste sentido, eu diria que meu trabalho corresponde a uma *sociologia da cultura* de corte marxista heterodoxo, que integra, na analise sociológica, dimensões históricas, filosóficas e literárias. Meu trabalho como sociólogo é inseparável de meu compromisso político

> anti-capitalista, embora a pesquisa sociológica tenha uma autonomia relativa face à minha opção sócio-política.

Para Antunes, a relação entre sociologia e marxismo existe. Mas ele faz algumas ressalvas quanto a isso. Primeiramente, um tipo de sociologia de influxo lukacsiano não pode ser tomado no sentido estrito da palavra. De acordo com Antunes, é central observar a crítica lukacsiana à sociologia e perceber em que ela estava alicerçada. Um ponto seria o fato de que a sociologia desconsiderou a economia política das suas análises, e a análise da realidade concreta necessita da apreensão da totalidade. Ora, se a sociologia deixou de lado a economia política, ela cancelou as chances de um exame da totalidade social. Pois, como atenta Antunes para questão, a economia não poderia ser vista de modo estanque da política, de modo que Lukács não se referia apenas à economia, mas à "economia política":

> "(...) Lukács como marxista dizia que você tinha que entender o mundo na sua totalidade, e nessa totalidade o eixo analítico central era dado pela esfera da economia política. Atenção. Não era pela esfera da economia, era da economia política, quer dizer, articulação do mundo da materialidade com o mundo das instâncias políticas e na articulação complexa que há entre elas. E a sociologia que o Lukács vai dizer, vai nascer pra ser uma ciência antieconomia, política. A ciência do social, a ciência do político separado da economia política".

Ainda segundo nosso autor, os cientistas sociais de inspiração lukacsiana efetivam não uma sociologia, mas uma investigação que corresponde a uma "teoria social", termo igualmente usado por José Paulo Netto. Essa teoria social pretende uma averiguação das instâncias distintas, mas interconectadas da realidade concreta, logo buscam a totalidade social. Acrescido a isso, a teoria social defendida por Netto e Antunes está fundamentada na economia política.

> "Nesse sentido, evidentemente, os sociólogos que são influenciados pelo Lukács como o Carlos Nelson Coutinho, ou os cientistas sociais como o Carlos Nelson Coutinho, o Leandro, Celso Frederico etc, eles fazem muito mais uma teoria social do que uma sociologia. Não são sociólogos *stricto sensu*. Eu também me entendo, embora minha formação seja na sociologia, o tipo de sociologia, entre aspas, que eu faço, é muito mais uma reflexão da teoria social respaldada na economia política. É assim que eu imagino que o pensamento do

> Lukács tenha fortes, boas possibilidades de se expandir nesse pensamento crítico. Ou uma sociologia nesse sentido amplo, marxista, que, portanto, é inevitável que ela tenha uma profunda interface com a economia política. Ou numa teoria social que já por si própria é mais ampla do que o recorte da sociologia. Uma sociologia stricto sensu ela seria de certo modo, incompatível com uma formulação da totalidade que é desde História e consciência de classes até Ontologia social, um ponto central da obra do Lukács".

Nessa concepção científica, compete o entendimento do objeto estudado em sua totalidade, que abrange as particularidades e mediações do objeto de estudo. Como realça Antunes, existe sim a possibilidade de uma relação conexa entre marxismo e sociologia, mas novamente as mediações são fundamentais.O tipo de sociologia como empreendido por seus fundadores é precário pois, exclui a economia política e afasta das investigações a totalidade. Por outro lado, como ficou patente na fala de Coutinho, o tipo proposto por Antunes e por nós de sociologia é considerado por ele como um modo de exame da realidade, que vai além da sociologia. E aí voltamos ao argumento de Antunes, que afirma essa sociologia como uma "teoria social".

> "Se eu entendo a sociologia como uma teoria social, e entendo uma teoria social, ela tem que primeiro compreender a totalidade, digamos assim, do objeto que se está estudando. Quer dizer, o objeto nunca é restrito em si mesmo, a sua especificidade, a sua singularidade, mas a busca dos elementos particulares e universais que caracterizam aquele objeto de estudo. E dois, tendo uma relação muito íntima com a economia política. Se a sociologia não tem uma relação muito íntima com a economia política, ela não será nunca capaz de desenvolver uma, digamos, reflexão inspirada no marxismo. Se eu me considero um sociólogo ou não, eu diria que me considero um sociólogo marxista que faz teoria social. E eu não me considero um sociólogo no sentido daquela ciência restrita e parcial, como em certo modo ela foi marcada na sua fundação. Então, quer dizer, quando eu digo, eu me considero um sociólogo, porque na verdade na nossa atividade há uma dupla inserção. Uma é a sua formação profissional propriamente. Eu fiz mestrado em ciência política, doutorado em sociologia, então, eu não me considero um filósofo, eu não me considero um economista, eu não fiz filosofia e fiz um curso de graduação de administração pública com muita carga de economia, mas eu não sou economista. Agora, eu me considero mais que um sociólogo, alguém que tenha a preocupação de fazer teoria social. E ao falar em teoria social eu to pensando na verdade que esta é imprescindível pra fazer teoria social é imprescindível a remissão à economia política e esta busca mais abrangente da totalidade. Nesse sentido eu me considero mais que um sociólogo stricto sensu. Por fim, sociologia marxista é possível fazer, mas ela enfeixa uma contradição. Para que se faça uma sociologia

> marxista é preciso que a sociologia, nesse caso, tenha uma concepção muito mais ampla do que, pelo menos quando do seu nascimento, mas ao mesmo tempo se você entender que Durkheim, Weber e Marx são teóricos sociais fundantes do pensamento social, o Weber também fazia uma análise muito abrangente, o Weber não fazia uma análise restrita e limitada. E o Marx também. Então, embora o Marx não tenha sido nunca um sociólogo, o Marx tem uma contribuição decisiva para as ciências sociais no século XIX, no século XX e no século XXI. Então é mais ou menos nessa direção que eu diria que se dá a interface entre sociologia e marxismo".

Sumariamente, o que podemos vislumbrar através das assertivas colocadas por nossos intelectuais lukacsianos é que, indiscutivelmente, Lukács, só para citar o pensador tratado aqui, contribuiu significativamente para a reflexão das ciências sociais, seja no sentido de criticar a fragmentação dos saberes, seja para alertar sobre as lacunas investigativas que perdem a totalidade e muitas vezes, se atrelam e confirmam o estado de coisas da sociedade do capital. Ela se deixa levar pelas argumentações de caráter irracionalista, pós-moderno, ambos restritivos na medida em que revolvem a fragmentação e o apartamento do todo social, apontando para uma visão de mundo e do mundo pessimista, sem ser realista, e caótica sem a percepção da existência de uma venda manipuladora , ideológica, que tende a fortalecer a ideia de impossibilidade do entendimento do mundo em sua complexificação.

Desse modo, entendemos que alguns elementos ligam todos os lukacsianos. Primeiramente temos a tentativa e credulidade no caráter interventor que suas ações podem ter, não apenas por meio de suas produções de conhecimento, mas, sobretudo através de uma atividade política, como as iniciadas no início de seus trabalhos como "teóricos sociais" e que se estende ao longo dos anos. Outro aspecto de aproximação corresponde à ideia de uma ciência histórica, que vise abranger o todo social, considerando a importância da economia política para a apreensão da realidade. As distinções dizem mais respeito à postura assumida acerca da visão de mundo lukacsiana epistemológica ou ontológica, para sermos esquemáticos. Assim, Löwy e os lukacsianos, quando iniciavam suas empreitadas de pesquisa, enveredaram pelo caminho de cunho mais epistemológico, como Antunes, Netto e Frederico. Posteriormente, à medida que as ideias iam sendo maturadas e a aproximação com Marx, Lukács, sobretudo suas obras posteriores aos anos 1930 e Gramsci, por exemplo, iam sendo reforçadas, deu-se a aproximação e assunção de uma perspectiva ontológica. A totalidade é outro aspecto que coaduna a forma de conhecimento fulcral para os

nossos intelectuais lukacsianos, como foi para o filósofo de Budapeste, ela também é essencial para a ciência realizada por eles.

Por fim, importa muito mais efetivar uma análise que congregue uma visão de mundo fundamentada na totalidade e na historicidade e que reivindique uma postura ampla, no sentido de se opor à compartimentalização do saber e do objeto de estudo, do que uma disputa com a nomeação do tipo de forma de conhecimento desenvolvido. De todo modo, os lukacsianos, quando criticam a sociologia, e as ciências particulares em geral, nos dão indicações da necessidade de refletirmos o estatuto da sociologia, como pretensa ciência autônoma e que invistamos numa produção de conhecimento que busque refletir a nossa realidade concreta, em suas interfaces, da maneira como nos ensinou o filósofo de Budapeste.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo foi o de expor a produção de conhecimento de sete intelectuais brasileiros de inspiração lukacsiana, bem como averiguar suas posições referentes à sociologia. Todavia, não faremos aqui o percurso de resgate dos meandros analíticos do presente trabalho, nem argüiremos, de maneira esquemática, o delineamento da pesquisa. Importa-nos tão somente fazer algumas considerações.

Primeiramente, percebemos, no trânsito do trabalho, que a nossa argumentação acerca da divisão em gerações dos intelectuais lukacsianos escolhidos, é menos relevante do que o sentido fornecido por Konder, Coutinho, Chasin, Netto, Löwy, Antunes e Frederico, atinente à preponderância de uma perspectiva ontológica e de outra epistemológica. Elas são processadas à medida que os referidos autores iam se aprofundando nas análises da realidade e embasando-se teoricamente. Além disso, entendemos que há outro aspecto mais relevante do que as gerações. Ele versa sobre o alistamento das correntes de divulgação das ideias de Lukács no Brasil. Prontamente, a via Konder e Coutinho, que tem como principal intelectual por eles influenciado, José Paulo Netto. Este agrega noções temáticas adjacentes à economia política, mas, desde cedo, se mostra bastante articulado as suas próprias ideias e interesses por objetos mais próximos da política e do questionamento dos alicerces do Serviço Social, instância acadêmica na qual ele é hoje o marxista mais influente.

A segunda via de difusão de Lukács no nosso país fica a cargo de José Chasin, que tem, em Ricardo Antunes, o nome de maior peso, entre os intelectuais por ele influenciados e, aqui, discutidos. Sergio Lessa e Ester Vaisman são, indubitavelmente, os lukacsianos mais próximos da via chasiniana, e apresentam trabalhos de envergadura muitíssimo importante, mas, como justificamos ao longo do nosso trabalho, esse não foi o momento de investigar suas produções de conhecimento. Quanto a Ricardo Antunes, sua relação mais estreita para com Chasin se deu no início de seus trabalhos, notadamente nos anos 1970 e 1980, ulteriormente ocorreu o seu distanciamento da linha chasiniana. Ele desdobrou suas análises, dando continuidade ao objeto discutido desde cedo, localizado no mundo do trabalho. Nesse entremeio, as posturas, ontológica e epistemológica, alicerçam as duas linhas de pensamento lukacsiano.

Finalmente observamos a vertente uspiana, que teve como representantes principais Michael Löwy e Celso Frederico. O primeiro enveredou pela influência de Lucien Goldmann e o segundo se afastou da linha uspiana ainda nos anos 1980, na época da elaboração de sua tese, assumindo uma perspectiva ontológica, não trabalhada na USP.

Essa ontologia é entendida dentro de uma visão que pode ampliar e aproximar os exames da totalidade. Nela apreende-se o ser na sua própria constituição, evidenciando as nuances da cotidianidade e da relação entre indivíduos e conhecimento. Este que é desenvolvido pelos seres no alicerce da sociedade, e que só existe devido à atuação do ser social. Assim, a ontologia é o momento por excelência, mais próximo de uma investigação dialética. E, desse modo, é a perspectiva mais relevante para nossos lukacsianos. Genericamente, todos compactuam com a ideia de uma ciência alicerçada na totalidade e na historicidade, e por isso lançam críticas severas à sociologia. Nas suas perspectivas, o elemento de apreensão da realidade em suas nuances diversas é cabalmente central e indispensável. Sem essa visão, a realidade não pode ser analisada de modo que seja viável a reprodução do real. Com essa configuração de ciência que perceba as contradições e o processo histórico que por si só é transitório e mutável, não teleológico, cabe a imprescindibilidade de entendimento de que a realidade posta não pode e nem deve ser analisada de modo estanque. Mas sim em articulação com as instâncias que constituem essa mesma realidade. Nesse sentido, a proposta oferecida pela sociologia é frágil e problemática, pois ela parece reforçar esses apartamentos, caindo em esquemas investigativos reificados, que não contemplam os problemas sociais em sua gênese e desdobramentos. Isso não significa que as contribuições dadas pelas ciências sociais particulares não sejam de larga importância, como nossos lukacsianos reforçaram em várias passagens expostas na nossa tese.

No mais, observamos que o atrelamento dos intelectuais às instituições universitárias, em alguns momentos, fez com que eles reproduzissem as diretrizes sociológicas dos seus respectivos centros de estudo. Ricardo Antunes e Celso Frederico na UNICAMP e na USP, apresentaram em seus trabalhos, iniciais, uma aproximação maior com a visão epistemológica de Lukács e reforçaram seus vínculos institucionais quando retrataram, em suas dissertações de mestrado, o caráter de uma pesquisa que atendia às solicitações dos programas de pós-graduação aos quais pertenciam. Percebemos isso, como um ponto distinto no que tange aos intelectuais, como Konder,

Coutinho, Chasin e Netto, que produziram antes de Antunes e Frederico, mas por terem uma postura de distanciamento maior com a academia, aparentemente gozavam de uma independência criativa mais forte. O que não quer dizer que os dois intelectuais supracitados não apresentassem liberdade criativa e tampouco que lhes faltasse isso. Queremos mostrar, tão somente, que a academia brasileira, mesmo que tenha, até os anos 1960, aberto espaço significativo para o pensamento marxista fundamentava-se por uma ideologia própria da sociologia, delimitando os saberes e dificultando análises que saíssem do esquema no ato investigativo, representado, grosso modo, pelo momento teórico, momento de desenvolvimento e momento empírico (como observados numa dissertação e tese, ou seja, numa pesquisa de fundo sociológico), de forma compartimentada. Para nós, grandes trabalhos foram efetivados nas ciências sociais particulares, como Florestan Fernandes fez, e esses exames são deveras importantes para lançar luzes à forma de exercer nossa atividade sociológica. O espólio científico é rico e precisa ser sopesado em seus momentos progressistas.

Quanto à academia, percebemos também que, a partir dos anos 1970 e 1980, começaram a pesar as concepções estruturalistas, e mais recentemente, pós-modernas, ao passo que a visão de mundo marxista decaiu e hoje é tratada muito fortemente como precursora de novas correntes advindas das duas citadas e que fatiam as concepções marxianas (de Marx) com o intuito de comportar um caldo largamente misturado e, muitas vezes, sem conexão e sem sentido. Esse caldo misto pretende dar conta da realidade social e, ao mesmo tempo, promover uma profusão de pensadores da moda, como Bourdieu, Laclau, Giddens (hoje menos), sem respeitar as ideias desses autores, que servem para ilustrar as referências bibliográficas de quem urde as investigações. Essa pesquisa nos indicou também a importância de se perceber o ponto acima tratado, assinalando para a crescente compartimentalização do saber nas instituições, que finda refletido nos trabalhos dos nossos pesquisadores das ciências particulares, de modo genérico.

Dito isso, pensamos que nosso estudo contribui para apresentação, não apenas dos intelectuais lukacsianos e das análises efetivadas sobre a produção de conhecimento deles, mas, também, serve como contraponto à reflexão do estatuto das ciências sociais, especialmente da sociologia. Assim como nossos intelectuais voltam-se ideologicamente para a renovação do projeto marxista, vislumbramos indicar a premência de uma renovação no modo de efetivar uma pesquisa tangente à nossa

realidade social e, por conseguinte, percebemos a necessidade de dar continuidade à divulgação do pensamento de Lukács, que muito ainda tem a nos oferecer.

# REFERÊNCIAS


ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental**. Trad. de Marcelo Levy. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. 167 p.

_____. **A crise do marxismo:** introdução a um debate contemporâneo. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Brasiliense, 1986. 123 p.

ANTUNES, Ricardo. **Greves operárias, sindicatos e partidos no Brasil:** (um estudo sobre a consciência de classe: da revolução de 30 até a Aliança Nacional Libertadora). 3ª ed. São Paulo: Editora Cortez: Autores associados, 1990, 187 p.

_____. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006. 200 p.

_____. **O caracol e a sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005. 135 p. (Mundo do trabalho).

_____. **A rebeldia do trabalho:** o confronto operário no ABC paulista: as greves de 1978/80. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. 220 p.

ANTUNES, Ricardo; RÊGO, Walquíria Domingues Leão (Org.). **Lukács**: um Galileu no século XX. São Paulo: Boitempo, 1996. 131 p.

ARANTES, Paulo Eduardo. Origens do marxismo filosófico no Brasil: José Arthur nos anos 60. In: MORAES, João Quartim de (Org.). **História do marxismo no Brasil:** os influxos teóricos. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995. v. 2, p. 125-181.

BARBOSA, Gláucia Tinoco. **Georg Lukács e a crítica à ciência sociológica alemã:** da escola de Heidelberg à história e consciência de classe. 2006. 125 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Departamento de Ciências Sociais, CFCH, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

BATALHA, Cláudio H. M. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. In: MORAES, João Quartim de (Org.). **História do marxismo no Brasil:** os influxos teóricos. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995. v. 2, p. 11-44.

BOTTMORE, Tom (Ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001. 454 p.

BOTTMORE, Tom; NISBET, Robert (Org.). **Dicionário do pensamento marxista.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1988.

_____. **História da análise sociológica.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1980.

BOTTMORE, Tom; OUTHWAITE, William. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

CARONE, Edgard. **O marxismo no Brasil:** das origens a 1964. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. 78 p.

CARVALHO, Edmilson. A totalidade como categoria central na dialética marxista. **Outubro:** Revista do Instituto de Estudos Socialistas, São Paulo, n. 15, p. 177-193, 2007.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williamas**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 299p.

CHASIN, J. **O integralismo de Plínio Salgado:** forma de regressividade no capitalismo híper-tardio. São Paulo: Ciências Humanas, 1978. 663 p. (Brasil ontem e hoje, 4).

_____. Marx: da razão do mundo ao mundo sem razão. In:CHASIN, J. (Org.). **Marx hoje.** 2. ed. São Paulo: Ensaio, 1988. v.1, p. 13-52. (Cadernos ensaio. Série Grande formato, 1)

_____. **Marx:** estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Bontempo, 2009. 253 p.

CHIARINI, Paola. **Brecht, Lukács e il realismo.** Roma: Laterza, 1983. 185 p.

COHN, Gabriel. **Crítica e resignação:** Max Weber e a teoria social. São Paulo: M. Fontes, 2003. 256 p.

COLLINS, Randall. **Quatro tradições sociológicas.** Trad. de Raquel Weiss, Petrópolis: Vozes, 2009. 277 p. (Sociologia).

CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., 2007, Recife. **Desigualdade, diferença, reconhecimento:** programação geral. [S. l.]: Sociedade Brasileira de Sociologia, [2007?]. 186 p.

CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Grupos de trabalhos.** São Paulo: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2009. Disponível em: <http//www.sbs2009.sbsociologia.com.br>. Acesso em: 17 nov. 2010.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Contra a corrente:** ensaios sobre democracia e socialismo. São Paulo: Cortez, 2000. 176 p.

_____. **Cultura e sociedade no Brasil:** ensaios sobre idéias e formas. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 265 p.

_____. **A democracia como valor universal e outros ensaios.** 2. ed. ampl. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984. 203 p.

_____. **O estruturalismo e a miséria da razão.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 286 p.

_____. O Gramsci no Brasil: recepção e usos. In: MORAES, João Quartim de (Org.). **História do marxismo no Brasil:** teorias, interpretações. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007. v. 3, p. 151-193.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e humanismo:** ensaio de crítica marxista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 258 p. (Rumos da cultura moderna, v.2).

_____. **Lukács, Proust e Kafka:** literatura e sociedade no século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 254 p.

_____. **Marxismo e política:** a dualidade de poderes e outros ensaios. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996. 160 p.

DEL ROIO, Marcos. Os comunistas, a luta social e o marxismo: 1920 – 1940. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (Org.). **História do marxismo no Brasil:** partidos e movimentos após os anos 1960. Campinas: ED. da UNICAMP, 2007. v. 6, p. 11-72.

_____. O impacto da evolução russa e da internacional comunista no Brasil. In: MORAES, João Quartim de; REIS, Daniel Aarão (Org.). **História do marxismo no Brasil:** o impacto das revoluções. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003. v. 1, p. 51- 107.

DOMINGUES, José Maurício. **Teorias sociológicas no século XX.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 201. 110 p.

EAGLEATON, Terry. **Ideologia.** São Paulo: Bontempo: UNESP, 1997.

ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31., 2007, Caxambu, MG. **Programa e resumos.** [São Paulo]: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, [2007?]. 295 p.

ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 32., 2008, Caxambu, MG. **Programa e resumos.** [São Paulo]: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, [2008?]. 331 p.

ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33., 2009, Caxambu, MG. **Grupos de trabalhos.** São Paulo: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2009. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/2009>. Acesso em: 20 nov. 2009.

ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 34., 2010, Caxambu, MG. **Grupos de trabalhos.** São Paulo: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2010. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/2010. Acesso em 17 nov. 2010.

ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 35., 2011, Caxambu, MG. **Grupos de trabalhos.**

São Paulo: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2010. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal. Acesso em 17 nov. 2010

FEO, Nicola de. **Weber y Lukács.** Barcelona: A. Redondo, 1972.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil:** contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977. 270 p. (Sociologia brasileira, v.7).

FORACCHI, Marialice Mencarini (Org.) **Kall Manheim.** São Paulo: Ática, 1982. 215p. (Grandes cientistas sociais, 25).

FREDERICO, Celso. **Consciência operária no Brasil:** estudo com um grupo de trabalhadores. São Paulo: Ática, 1978. 140 p. (Ensaios; 39).

_____. **Crise do socialismo e movimento operário.** São Paulo: Cortez, 1994. 104 p. (Questões da nossa época; 33).

_____. **O jovem Marx:** 1843-44: as origens da ontologia do ser social. São Paulo: Cortez, 1995. 212 p.

_____. **Lukács:** um clássico do século XX. São Paulo: Moderna, 1997. 112 p. (Logos).

_____. **Marx, Lukács:** a arte na perspectiva ontológica. Natal: Ed. da UFRN, 2005. 152 p.

_____. A política cultura dos comunistas. In: MORAES, João Quartim de (Org.). **História do marxismo no Brasil:** teorias, interpretações. 2. ed. Campinas: Ed. de UNICAMP, 2007. v. 3, p. 337-372.

_____. A presença de Lukács na política cultural do PCB e na universidade. In: MORAES, João Quartim de (Org.). **História do marxismo no Brasil:** os influxos teóricos. Campinas: ED. da UNICAMP, 1995. v. 2, p. 183 – 221.

_____. **Sociologia da cultura:** Lucien Goldmann e os debates do século XX. São Paulo: Cortez, 2006. 151 p.

GARAUDY, Roger. **Marxismo do século XX.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOLDMANN, Lucien. **Ciências humanas e filosofia: o que é sociologia?** Trad. de Lupe Cotrim Garaude e José Arthur Giannotti. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

_____. **Dialética e ciências humanas.** Trad de Margarida Garrido e José Vasconcelos Esteves. Lisboa: Presença, 1973. 2 v.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética:** a idéia e o ideal; estética: o belo artístico ou o ideal. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 464 p. (Os pensadores).

IANNI, Octavio. **O colapso do populismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 236 p.

_____ (Org.). **Marx:** sociologia. São Paulo: Ática, 1984.

KOFLER, Leo; ABENDROTH, Wolfgang; HOLZ, Hans Heinz. **Conversando com Lukács.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1962. 218 p. (Rumos da cultura moderna, 32).

KONDER, Leandro. **A derrota da dialética:** a recepção das idéias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 264 p.

_____. **O futuro da filosofia de Práxis:** o pensamento de Marx no século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 141 p.

_____. **História das idéias socialistas no Brasil.** São Paulo: Expressão Popular, 2003. 95 p.

_____. **Lukács.** Porto Alegre: L&PM, 1980. 207 p.

_____. **Marxismo e alienação:** contribuição para um estudo do concerto marxista de alienação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. 208 p.

_____. **O marxismo na batalha das idéias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 212 p.

_____. **Os marxistas e a arte:** breve estudo histórico crítico de algumas tendências da estética marxista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. 343 p. (Perspectivas do homem, v. 25).

_____. **A questão da ideologia.** São Paulo: Companhia das letras, 2002. 279 p.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Trad. de Célia Neves e Alderico Toríbio. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 250 p.

LENIN, Vladimir Ilitch. **Materialismo e empiriocriticismo:** novas críticas sobre uma filosofia reacionária. Trad. de Maria Paula Duarte. 2.ed. Lisboa: Estampa, 1975. 350 p. (Teoria, 5)

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács.** 3. ed. rev. e ampl. Iuí: Ed. Unijuí, 2007. 240 p. (Filosofia; 19).

LICHTEIM, G. **As idéias de Lukács.** Trad. de Jamir Martins. São Paulo: Cultrix, 1970.

LOWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen:** marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. Trad. de Juarez Guimarães e Suzanne Felice. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 220 p.

_____. **Ecologia e socialismo.** São Paulo: Cortez, 2005. 94 p. (Questões da nossa época, v. 125).

_____. **A evolução política de Lukács:** 1909-1929. Trad de Heloísa Helena A. Mello e Agostinho Ferreira Martins. Anexos traduzidos por Gildo Marçal Brandão. São Paulo: Cortez, 1998. 326 p.

_____. **Figuras do marxismo weberiano.** Disponível em: <http://antivalor2.vilabol.uol.com.br/textos/outras/lomy-o1.html>. Acesso em: 24 jan. 2002.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 112 p.

_____. **Romantismo e messianismo:** ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin. Trad. de Myrian Veras Baptista e Magdalena Pizante Baptista. São Paulo: Perspectiva: Ed. da USP, 1990. 213 p.

_____. **Romantismo e política.** Trad. de Heloísa Helena A. Mello. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 98 p.

LUKÁCS, Georg. **Arte e sociedade:** escritos estéticos: 1932. 1967. Org. , introd. e trad. de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2009. 275 p. (Pensamento crítico, 13).

_____. **El asalto a la razón:** la trayectoria del irracionalismo desde Shelling hasta Hitler. México: Fondo de Cultura Económica, 1959. 707 p.

_____. **Existencialismo ou marxismo.** Trad. de José Carlos Bruni. São Paulo: Senzala, 1967. 252 p.

_____. **História e consciência de classe.** Trad. de Telma Costa. Lisboa: Escorpião, 1974.

_____. **História e consciência de classe:** estudos sobre a dialética marxista. Trad. de Rodnei Nascimento. São Paulo: M. Fontes, 2003. 598 p.

_____. **Introdução a uma estética marxista:** sobre a particularidade como categoria da estética. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. 276 p. (Perspectivas do homem. Série estética, v 33).

_____. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia.** Org., apres. e trad. de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007. 255 p. (Pensamento crítico, 9).

_____. **Ontologia del ser social:** el trabajo. Trad. de Miguel Vedda. Buenos Aires: Herramienta, 2004. 206 p.

_____. **Ontologia do ser social:** a falsa e verdadeira ontologia de Hegel. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciências humanas, 1979. 114 p.

_____. **Ontologia do ser social:** os princípios ontológicos fundamentais de Marx. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciências Humanas [197-].173 p.

_____. **Pensamento vivido:** autobiografia em diálogo: entrevista a István Eörsi e Erzsébet Vezér. Trad. Cristina Alberta Franco. São Paulo: AD Hominem, 1999. 187 p.

_____. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social:** questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. Trad. de Lya Luft e Rodnei Nascimento. Prefácio e notas, Ester Vaisman e Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2010. 414 p.

LUKÁCS, Georg. **Realismo crítico hoje.** Trad. de Erminio Rodrigues. Introd. de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Brasília, DF: Thesaurus, 1991. (Idéias, v 1).

_____. Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper. Trad. de Mário Luiz Frungillo**. Revista UFG,** ano 10, n. 4, jun. 2008. p. 104-121.

_____. **Socialismo e democratização:** escritos políticos 1956-1971. Org. , introd. e trab. de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008. 258 p. (Pensamento crítico, 2).

_____. **A teoria do romance:** um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. de Marco Mariani de Macedo. São Paulo: Dualidades: Ed. 34, 2000. 236 p. (Espírito crítico).

_____. O trabalho. In: _____. **Ontologia do ser social.** São Paulo: Ciências Humanas, 1979. cap. 1, p. 1- 98.

MAIOR, Heraldo Pessoa Souto. A sociologia no Brasil. In: BRYM, Robert J. et al. **Sociologia:** uma bússola para um novo mundo. São Paulo: Thomson Learning, 2006. cap. 1, p. 22-24.

MANNHEIM, Karl. Panorama de uma política científica: a relação entre teoria social e a prática política. Trad. de Sérgio Magalhães Santeiro. In: **IDEOLOGIA e utopia.** 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. O problema da "intelligentsia": um estudo de seu papel no passado e no presente. Trab. de Roberto Gansbini. In: **SOCIOLOGIA da Cultura.** São Paulo: Perspectiva: Ed. da USP, 1974.

MANTEGA, Guido. Marxismo na economia brasileira. In: MORAES, João Quartim de. (Org.) **História do marxismo no Brasil**: os influxos teóricos. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995. v. 2. p. 101-123.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad, apres. e notas de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004. 175 p.

_____. **Para a crítica da economia política.** Trad. de Edgard Malagodi. São Paulo: Abril, 1996. (Os pensadores).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** Trad. de Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: M. Fontes, 2002.

_____. **Obras escolhidas.** São Paulo: Alfa-Omega, [19--].v. 3

MARTINEZ, Paulo Henrique. O partido dos trabalhadores e a conquista do estado: 1980-2005 In: RIDENTI, Macelo; REIS, Daniel Aarão (Org.). **História do marxismo no Brasil:** partidos e movimentos após os anos de 1960. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007. v. 6, p.-239-288.

Mc DONOUGH, Roisín. A ideologia como falsa consciência: Luckács. In: CENTRE FOR CONTEMPORANY CULTURA STUDIES DA UNIVERSIDADE DE BRIMINGHAM (Org.). **Da ideologia.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1980. p. 45-49.

MELO, Manuel Palácios da Cunha e. **Quem explica o Brasil.** Juiz de Fora: Ed. UFJF, 999. 264 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **As aventuras da dialética.** Trad. de Claudia Berliner. São Paulo: M. Fontes, 2006. 307 p. (Trópicos)

MERQUIOR, José Guilherme. **Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin:** ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969. 311 p. (Biblioteca tempo universitário, 15).

_____. **O marxismo ocidental.** Trad. de Raul Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. 322 p.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital.** Trad. de Sérgio Lessa e Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo: Ed. da UNICAMP, 2002.

_____. **O poder da ideologia.** Trad. de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2004, 566 p.

_____. (Org.). **Aspectos de la historia y la consciência de clase.** México: Universidad Nacional Autônoma de México, 1973.

MEUCCI, Simone. **A institucionalização da sociologia no Brasil:** os primeiros manuais e cursos. 2000. 98 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, IFCH, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

MICELI, Sérgio**. Intelectuais à brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 435 p.

MORAES, João Quartim de. Concepções comunistas do Brasil democrático; esperanças e crispações: 1944-1954. In: _____. (Org.). **História do marxismo no Brasil**: teorias, interpretações. 2. ed. Campinas: ED. da UNICAMP, 2007. v. 3, p. 197-244.

_____. A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros. In: _____. **História do marxismo no Brasil**: os influxos teóricos. Campinas: ED. da UNICAMP, 1996. v. 2, p. 45-100.

MORAES FILHO, Evaristo de. A proto-história do marxismo no Brasil. In: MORAES, João Quartim de; REIS, Daniel Aarão (Org**.). História do marxismo no Brasil:** o impacto das revoluções. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003. v. 1, p. 11-49.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira:** 1933-1974: pontos de partida para uma revisão histórica. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1977. 303 p. (Ensaios, 30)

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo. Brasiliense, 2001.

PAULO NETTO, José. **Crise do socialismo e ofensiva neoliberal.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 93 p. (Questões da nossa épica, v. 20).

_____. **Ditadura e serviço social:** uma análise do serviço social no Brasil pós-64. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 334 p.

_____. Lukács e a sociologia. **Contexto,** São Paulo, n-1, p. 61-77, nov.1976.

_____. **Marxismo impenitente:** contribuição à história das idéias marxistas. São Paulo: Cortez, 2004. 256 p.

_____. Razão, ontologia e práxis. **Serviço social & sociedade,** São Paulo, ano 15, n. 44, p.26-42, abr. 1994.

_____. (Org.). **Georg Lukács.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. 208 p. (Grades cientistas sociais, 20).

PAULO NETTO, José; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 258 p. (Biblioteca básica de serviço social, v.1).

PINASSI, Maria Orlanda (Org.). **Leandro Konder:** a revanche da dialética. São Paulo: Boitempo: ED. UNESP, 2002. 169 p.

PINASSI, Maria Orlanda; LESSA, Sérgio (Org.). **Lukács:** e a atualidade do marxismo. São Paulo: Boitempo 2002. 189 p.

RANIERI, Jesus (Tradução, apresentação e notas). "Sobre os chamados Manuscritos econômico-filosófico de Karl Marx." *in* **Manuscritos econômicos-filosóficos,** São Paulo, Editora Boitempo, 2008. P. 11 – 17.

REIS, Daniel Aarão. Marxismo, sociedade e partidos políticos hoje. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (Org.). **História do marxismo no Brasil:** partidos e movimentos após os anos 1960. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007. v. 6, p. 439 - 461.

REIS, Daniel Aarão; MORAES, João Quartim de. Apresentação à 2. edição. In: MORAES, João de; REIS, Daniel Aarão (Org.). **História do marxismo no Brasil:** o impacto das revoluções. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003. v.1 p. 7 – 9.

RIDENTI, Marcelo. Esquerdas armadas urbanas: 1964-1974. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (Org.). **História do marxismo no Brasil:** partidos e movimentos após os anos 1960. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007. v. 6, p. 105- 151.

RIOS, José Arthur. Caminhos e descaminhos de uma ideologia: o marxismo na universidade. **Ciência & trópico**, Recife, v. 27, n. 2, p. 285-361, jul./dez. 1999.

ROCHA, Euda Kaliani Gomes Teixeira. **Impacto da precarização do trabalho na saúde de Camareiras**: um estudo de caso. 2010. 218 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, CFCH, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

ROVIGHI, Sofia Vanni. **História da filosofia contemporânea:** do século XIX à neoescolástica. Trad. de Ana Paranabi Capovilla. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2004. 662 p.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Quartim de (Org.). **História do marxismo no Brasil:** teorias, interpretações. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007. V.3, p. 373 – 469.

SALDANHA, Nelson. **História das idéias políticas no Brasil.** Recife: Imprensa Universitária, 1968. 342 p.

SALES, Jean Rodrigues. Partido comunista do Brasil: definições ideológicas e trajetória política. In: RINDENTI, Macelo; REIS, Daniel Aarão (Org.). **História do marxismo no Brasil.** Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003. v-6, p. 63-103.

SANTANA, Marco Aurélio; ANTUNES, Ricardo. O PCB, os trabalhadores e o sindicalismo. In: RINDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (Org.). **História do marxismo no Brasil:** partidos e movimentos após os anos 1960. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007. v. 6, p. 375-410.

SANTOS, Raimundo. Crise e pensamento moderno no PCB dos anos 50. In: MORAES, João Quartim de; REIS, Daniel Aarão (Org.). **História do marxismo no Brasil:** o impacto das revoluções. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003. v.1, p. 199-228.

SCHAFF, Adam. **Consciência de uma classe e consciência de classe.** Porto: Escorpião, 1973.

SCHWARZ, Roberto. **Cultura e política.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SILVA, Antônio Ozaí da. **História das tendências no Brasil:** origens, cisões e propostas. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Proposta Editorial, [19--]. 238 p.

SILVA FILHO, João Paulo Lima e. **Graciliano Ramos:** estudos de sociologias implícitas: 1925-1953. 2010. 219 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, CFCH, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

TERTULIAN, Nicolas. **Georg Lukács:** etapas de seu pensamento estético. Trad. de Renira Lisboa de Moura Lima. São Paulo: Ed. UNESP, 2008. 301 p.

TOLEDO, Caio Navarro de. Intelectuais do ISEB, esquerda e marxismo. In: MORAES, João Quartim de. (Org.). **História do marxismo no Brasil:** teorias, interpretações. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007. v. 3, p. 299-336.

_____. **ISEB:** fábrica de ideologias. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997. 218 p. (Pesquisas).

VAISMAN, E. ; PATRIOTA, R. "Apresentação", *In*, **Georg Lukács:** Etapas do seu pensamento estético. São Paulo, Ed. UNESP, 2008. 17 p.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Maria Angélica. **Leituras brasileiras:** itinerários no pensamento social na literatura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 212 p.

VIEIRA, Margarida Luiza de Matos. O partido socialista brasileiro e o marxismo: 1947 – 1965. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (Org.). **História do marxismo no Brasil:** partidos e movimentos após os anos de 1960. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007. v. 6, p. 167-196.

ZAIDAN FILHO, Michel. **PCB:** 1922-1929; na busca das origens de um marxismo nacional. São Paulo: Global, 1985. 143 p. (Global universitária)

# ANEXOS

# ANEXOS[96]

## ANEXO 1

## COLÓQUIO GYÖRGY LUKÁCS – ARGENTINA

**Mesa 1: Lukács y la filosofía**
(André Guimarães Augusto (UFF/Brasil): "El materialismo de Lukács y la crítica al determinismo"
Marcela Carnaúba Pimentel (UFAL/Brasil): "Medios de comunicación de masas como vehículos de alienación: carácter ideológico de la alienación en Lukács"
Artur Bispo Dos Santos Neto(UFAL/Brasil): "Teleología e historia en Lukács"
Héricka Karla Alencar de Medeiros Wellen (USP/ Brasil) / Henrique André Ramos Wellen(UFRJ/Brasil): "Georg Lukács y la crítica a la neutralidad científica"

**Mesa 2: Lukács y lo político**
Maria Norma Alcântara B. de Holanda (UFAL/Brasil): "Política y alienación"
Liana França Dourado Barradas (UFAL/Brasil): "Los fundamentos ontológicos de la emancipación política y la emancipación humana"
Rogério Fernandes Macedo (UFVJM): "La contrarrevolución mundial y la decadencia ideológica"
Marcelo Silva Lira(UNESP Marília/Brasil): "El estatuto de la política en Lukács: crítica a las múltiples formas de determinación ideo-reflexivas de la razón política"

**Mesa 3: Marxismo, historia y movimientos sociales en Brasil**
Anderson Deo (UNESP/Marília): "El carácter particular del proceso de objetivación del capitalismo en Brasil
Elaine Nunes Silva Fernandes (UFAL/Brasil): "Marx y el socialismo del Movimiento de Trabajadores Rurales sin Tierra"
Carla Villamaina Centeno (Univ. Estad. del Mato Grosso do Sul/Brasil). "La compañía Matte Larangeira: una interpretación del monopolio del mate en Mato Grosso, a la luz de la teoría de Lenin (1892-1947)"
Sóstenes Ericson Vicente Da Silva (UFAL/Brasil): "Las transformaciones de la agricultura familiar brasileña en el inicio del siglo XXI"

**Mesa 4: Lukács en relación con otros pensadores**
Marlon Garcia da Silva(UFSC/Brasil): "Lukács crítico de Feuerbach"
Diego Cano (UBA/USAL): "Comentarios a la lectura de la Fenomenología de Hegel realizada por Lukács"

[96] Os anexos aqui colocados, especificamente os referentes às entrevistas, não correspondem à íntegra do que foi conversado. Algumas passagens foram suprimidas em respeito aos nossos entrevistados.

Carlos Henrique Pissardo(USP): “La forma-mercancía para Lukács y Sohn-Rethel”
Mariana Oliveira do Nascimento Teixeira(UNICAMP/Brasil): “El concepto de totalidad en la obra de transición de Lukács hacia el marxismo: distanciamiento respecto de Max Weber”

**Mesa 5: Sobre la Ontología del ser social**
Elaine Cristina dos Santos Lima (UFAL/Brasil): “Capitalismo y alienación en Para una ontología del ser social
Giandréa Reuss Strenzel (UFSC/Brasil): “Prohibición y reafirmación de la ontología”
Gilmaisa Macedo da Costa (UFAL/Brasil): “La teoría de la subjetividad en la Ontologíade Lukács”
Samuel França Alves (UFMG/Brasil): “La crítica ontológica de Marx a Hegel, según los Prolegómenos a una ontología de ser social”
Jamille Ma. Rodrigues Carvalho / Pamella Beserra de Melo (UECE/Brasil): “La génesis de las funciones psicológicas superiores: un estudio en la perspectiva de la ontología marxiano-lukácsiana”

**Mesa 6: Lukács y la literatura**
Hermenegildo Bastos (UNB/Brasil): “El comercio con lo imprevisible: el arte en contra el fetichismo en Esaú e Jacó, de Machado de Assis”
Rosilene Pimentel Santos Rangel (FaSe/Brasil): “La constitución de la personalidad de Luís da Silva en la novela Angústia (1936), de Graciliano Ramos”
Luciano Cortez(PUC Minas Gerais/Brasil), “Lukács y la crítica dialéctica de Roberto Schwarz”
Julieta Longo(Univ. Nac. de La Plata ): “La ciencia como actividad práctica. Trabajo y ciencia en la obra tardía de György Lukács”
Susana Narvaja (UNLaM): “La teoría lukácsiana de la sátira y el Peter Schlemihl de Chamisso”
Mesa 7: Trabajo, política y sociabilidad(es) (11.30 a 13.30 hs., salón Cascadas anexo)
Paulo Henrique Furtado de Araujo (UFF/Brasil): “Posibilidad de una política pública marxista”
Claudio Marcelo Garcia de Araujo: “Un análisis onto-metodológico de la explotación de la fuerza de trabajo infantil”
Adryanice de Sousa (UNB/Brasil): “Cosificación y sociabilidad capitalista: un debate necesario”
Adéle Cristina Braga Araújo / Ruth Maria de Paula Gonçalves (UECE/Brasil): “Trabajo y conciencia más allá de la sociabilidad del capital”
Daniela Neves (UNB): “El pensamiento de Lukács para la crítica de la postmodernidad”

**Mesa 8: Estética y literatura**
Fábio Mascaro Querido (UNESP/Araraquara): “Do “realismo revolucionário” de História e Consciência de Classeao “realismo estreito” dos textos de maturidade: a crítica de Michael Löwy ao “velho” Lukács”
Natasha Alves Correia Lima/ Adéle Cristina Braga Araújo (Universidade Estadual do Ceará/Brasil): “El ‘Prólogo’ de la Estética de Lukács: primeras aproximaciones a sus bases filosóficas y categorías centrales”
Ana Aparecida Arguelho de Souza (Univ. Estad. de Mato Grosso do Sul/Brasil): “La compleja relación entre literatura y sociedad en la representación del héroe problemático”

Wellington Migliari (USP/Brasil): “La sátira, la ironía realista y la cuestión de la totalidad”
Leile Teixeira / Ranieri Carli (UFF/Brasil), “La estética marxista desde la interpretación de Lukács”

**Mesa 9: Lukács y la educación**
Samara Almeida Chaves Braga/Susana Vasconcelos Jimenez (Universidade Estadual do Ceará/Brasil): “Notas introductorias sobre trabajo, educación y reproducción social, en el contexto de la crisis estructural del capital”
Elisandra Peres(UFSC/Brasil): “Educación y emancipación humana: un análisis sobre la producción de conocimiento a partir de la perspectiva ontológica de Lukács”
Ramiro Marinho (UFSC/Brasil): “Configuraciones de la política de integración de la educación profesional con la educación básica en la modalidad de educación de jóvenes y adultos en Santa Catarina”
Márcia Regina Goulart Da Silva Stemmer / Patricia Laura Torriglia / Margareth Feiten Cisne (UFSC/Brasil): “¿Por qué Lukács para pensar el campo educacional?”

**Mesa 10: Lukács: estética y literatura**
Guadalupe Marando (UBA/Conicet): “La conformación de la subjetividad estética en La peculiaridad de lo estético”
Emiliano Orlante (UBA): “Discusiones en torno a la relación sujeto-objeto en el viejo Lukács y en el último Adorno”
Juan Manuel Rodríguez Lorenzini(UBA): “Momentos de la recepción argentina del pensamiento y la obra de Lukács”
Nicolás Olszevicki(UBA): “Lukács y Thomas Mann en busca del citoyen”
Martín Salinas(UBA): “Estética y ética en la teoría literaria de Görgy Lukács”

**Mesa 11: Lukács: estética y literatura**
Juarez Torres Duayer(UFF/Brasil): “Lukács y la arquitectura”
Silvia Labado (UBA/UNGS): “Una ceremonia del adiós: Pensamiento vivido, de Lukács”
Carlos Eduardo Jordao Machado (UNESP/Assis): “La significación de los Años de aprendizaje de Wilhelm Meisterpara Lukács”
Miguel Vedda(UBA/Conicet): “Ontología e historia en las obras tardías de Lukács y Kracauer”
Carlos Fos (C.C. Gral. San Martín): “Pensar a Lukács desde el teatro obrero. Las experiencias del centro La luz”

**Mesa 12: Lukács: problemas de la estética**
Susana Cella (UBA): “Lev Tólstoi en La novela histórica”
Ilona C. Aczel(UBA/Área Queer): “La lección olvidada de Lukács”
Ana Cotrim(USP/Brasil): “Efectos estéticos del giro marxista de Lukács: objetividad, objetivación y realismo artístico”
Martín Koval(UBA): “La teoría de la novela: de Lukács a Agosti”
Esteban Ruiz (UBA): “Lukács, Kracauer y la crítica de la ‘novela reportaje’”

**Mesa 13: Problemas actuales del marxismo**
Eduardo Sartelli (UBA/RyR): “Del anti-stalinismo como obstáculo epistemológico”

Mario Duayer (UFF/Brasil): “Mercancía y trabajo alienado: Marx y la crítica del trabajo en el capitalismo”
Virgínia Fontes (Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz, Brasil): “Expropiaciones contemporáneas – debates teóricos”
Antonino Infranca (Min. Italiano de Cultura/España): “Ética y democratización”
Ricardo Antunes (UNICAMP/Brasil): “Trabajo sin positividad, valor sin-valor y inmaterialidad sin materialidad”

**Mesa 14: Lukács y la filosofía II**
Antônio José Lopes Alves(UFMG/Brasil): “Lukács y la cientificidad marxiana de la obra madura: de la lógica a la ontología”
Carlos Leal / Eduardo Granja Coutinho (UFRJ): “Cosificación y hegemonía: una aproximación”
Ana Selva Castelo Branco Albinati(PUC Minas Gerais/Brasil): “El análisis de los valores en Lukács: génesis y autenticidad”
Mônica Hallak Martins da Costa (PUC de Minas Gerais/Brasil): “Sociabilidad y vida cotidiana”

**Mesa 15: Lukács: Marx y marxismos**
Newton Narciso Gomes Junior(UNB/Brasil): “Notas acerca del pensamiento de Lukács y el marxismo occidental”
Sergio Daniel Gianna (Univ. Nac. de La Plata ): “Decadencia ideológica y pensamiento posmoderno: aportes para una crítica lukácsiana”
Ricardo Lara (UFSC): “Decadencia ideológica: crítica inmamente al irracionalismo burgués”
Mariana Alves de Andrade(Univ. Fed. de Maceió/Brasil) “Lukács y el marxismo ortodoxo”

**Mesa 16: Capitalismo y marxismo occidental**
Caio Eduardo Teixeira Vasconcellos (USP/Brasil): “dialéctica de la Ilustración : rupturas con Max Weber”
Vladimir Puzone (USP/Brasil): “Crítica civilizatoria y crítica al capitalismo. Reflexiones sobre los modelos de crítica a partir de la Dialéctica de la Ilustración ”
Edlene Pimentel (UFAL/Brasil): “Mészáros y los límites absolutos del capital: a la destrucción y devastación del medio ambiente”
Pollyana Venancio da Silva (UFAL/Brasil): “La producción destructiva del capital en Marx y Mészáros”

**Mesa 17: Política, estética, educación**
Flávio Ferreira de Miranda (UFRJ/Brasil): “Notas para una crítica ontológica de la teoría del sistema mundo como un universo en expansión”
Marcus Flávio Alexandre da Silva (Univ. Estadual Valle do Acaraú): “Estética y audiovisual en Ceará: una aproximación crítica a la luz de la ontología marxiana”
Alberth Alves Rodrigues / Thais Días de Queirós (UFVJM/Brasil): “Paulo Freire: educación ‘ampliada’ para una sociedad desigual”
Pedro Leão da Costa Neto (Univ. de Tuiuti do Paraná/Brasil): “Sobre algunas particularidades del desarrollo del marxismo en Europa del Este (1945-1989)”
Tainah Nataly dos Santos (UFAL/Brasil): “Individuo y reproducción social”

**Mesa 18: Lukács y Marx**
Ana Letícia Medeiros Godoi Silva / Paulo Victor de Azevedo (UFMG/Brasil): "Lukács y la cuestión del conocimiento en Marx"
Olegna de Souza Guedes (UNESP Marília/Brasil): "Un recorrido preliminar para la comprensión de la libertad en Marx: contribuciones de Lukács"
Ronaldo Vielmi Fortes (UFMG/Brasil) "La determinación lukácsiana de la inflexión filosófica del pensamiento de Marx: ser y objetividad"
Georg H. Fromm(Univ. de Puerto Rico): "Lukács lector de los Manuscritos de París (1844) de Marx"

**Mesa 19: Política y praxis revolucionaria**
Wanda Hirai: "Los intereses del capital sobreentendidos en los programas de transferencia de renta: un análisis a partir de Marx"
Luiz Henrique Bugarelli Chaves / Shirle Avelina Leite (UFVJM): "El capital y su orden científico contemporâneo: los obstáculos para una praxis revolucionaria"
Angélica Luiza Silva Bezerra (UFAL/Brasil): "La naturaleza del desempleo en Marx: la ley general de la acumulación capitalista"
Gabriel Magalhães Beltrão (UFAL/Brasil): "Praxis como fundamento para la ruptura con la filosofía moderna"
Reivan Marinho de Souza(UFAL/Brasil): "Control y división del trabajo en Lukács e Marx"

**Mesa 20: El problema del trabajo**
Maria Adriana da Silva Torres(UFAL/Brasil): "La centralidad del trabajo en las teorías de Marx y Lukács"
Paula Bonfim (UFRJ): "Trabajo, reproducción social y génesis de los valores"
Marcelo Dias Carcanholo (UFF/Brasil): "Más allá del carácter dual del trabajo en el capitalismo: crítica a la hipóstasis transhistórica e 'historicista' del trabajo
Pamella Beserra De Melo / Jamille Ma. Rodrigues Carvalho(UECE), "El trabajo en el complejo categorial de Lukács. Génesis y hominización"

**Mesa 21: ¿Existencialismo o marxismo?**
Pedro Corgozinho (UFMG/Brasil): "Lukács e Heidegger, una contraposicion de las ontologías a partir de la lectura de Tertulian"
Vitor Bartoletti Sartori (USP/Brasil): "Lukács y la cuestión de la técnica en Heidegger"
Julián Fava (UBA): "Adorno y Heidegger: una polémica sobre la historia y sus formas"
Paulo Rodrigues Gajanigo(UERJ): "El debate Sartre-Lukács revisitado: las polémicas sobre la dialéctica y el socialismo"

**Mesa 22: Lukács, arte y estética**
Francisco García Chicote (UBA/Conicet), "La peculiaridad del film en la Estéticade Lukács. Discusiones con Benjamin y Kracauer"
Máximo Eseverri(UBA): "La teoría del cine en Lukács y Kracauer"
Fellipe de Andrade Abreu e Lima (FAUUSP): "Arte y arquitectura del siglo XXI: ¿ética o estética?
Glória Goulart da Silva Campos (UFSC/Brasil): "Música y reflejo estético de la realidad"
Romina Conti (Conicet/UNMdP/UNLa):"Lukács y Marcuse: sincronías en la concepción del vínculo entre estética y emancipación"

**Mesa 23: Lukács: política y ontología**
Marteana Ferreira Lima(Univ. Estad. de Ceará/Brasil): "Trabajo, exteriorización y génesis de las funciones psicológicas superiores: un análisis a la luz de Lukács y de Vigotski"
Lúcia Aparecida Valadares Sartorio(PUC/Brasil): "El pensamiento de Lukács: resistencia y construcción de perspectivas para una nueva sociabilidad"
Maria Aparecida de Paula Rago (PUC/Brasil): "Lukács y la crítica ontológica de la particularidad histórica de la vía prusiana"
Claudia Mazzei Nogueira (UFSC/Brasil): "La división socio-sexual del trabajo y de la reproducción: una reflexión teórica"

**Mesa 24: György Lukács: política y filosofía**
João Leonardo Medeiros(UFF/Brasil): La crítica de Postone al marxismo tradicional, ¿afecta a Lukács? Limando asperezas para una reinterpretación de Marx".
Maria Orlanda Pinassi (UNESP/Araraquara): "Irracionalismo: la última frontera de la decadencia ideológica"
Antônio Rago Filho (PUC/SP): "Lukács y la crítica a la pseudo-ontología de Heidegger"
Ester Vaisman(UFMG/Brasil): "Ser genérico e individualidad en el último Lukács"

**Mesa 25: Pensar Latinoamérica desde Lukács**
Antônio Carlos Mazzeo (UNESP/FFC/Brasil): "La vía de desarrollo del capitalismo en Brasil"
Giovanni Alves(UNESP/FFC/Brasil): "Lukács y la cuestión del trabajo en Brasil"
Marcos del Roio (UNESP/FFC/Brasil): "Lukács y Gramsci en Brasil"
Maurio Iasi(UFRJ/Brasil): "Lukács y los movimientos sociales"

# ANEXO 2
# QUESTIONÁRIOS PARA AS ENTREVISTAS

## QUESTIONÁRIO 1

1) Prof., fale-me um pouco sobre a sua entrada na graduação.

2) No início de sua vida acadêmica quais eram os autores de maior relevo para o senhor e por quê?

3) Quais as questões que no início da sua vida acadêmica eram consideradas mais relevantes para o senhor? Gostaria que o senhor falasse mais detalhadamente sobre isso.

4) Como se deu seu contato com os teóricos do marxismo?

5) E Georg Lukács? Em que momento da sua trajetória acadêmica ele surge como autor significativo para o senhor?

6) Como ele chegou até o senhor? Por quais vias?

7) No seu percurso acadêmico (existiram) quais os elementos políticos (se houve) estiveram presentes no seu contato inicial com Lukács?

8) Os partidos de esquerda foram uma via de entrada das idéias lukacsianas no Brasil? Como isso se deu?

9) E a academia? Como esta recebeu essa nova perspectiva teórico-metodológica e política?

10) No Serviço Social é mais perceptível o transito de autores como Lukács. A que o senhor atribui isso?
11) Existe na sociologia do conhecimento a tese bastante difundida e debatida acerca das idéias que vem de fora suas aplicações às pesquisas e análises sobre a realidade brasileira. Como o senhor avalia isso? Qual o seu posicionamento a respeito?
12) As questões que o preocupavam no início da sua vida acadêmica passaram por mudanças?

13) Em sua opinião, quais os intelectuais mais importantes na divulgação de Lukács no Brasil e por quê?

14) É notório que muitos intelectuais que tinham uma perspectiva lukacsiana passaram por um processo de reavaliação das propostas teórico-metodológicas e políticas de Lukács e mudaram seu ponto de vista em relação a ele. Ou melhor, alteraram o *modus operandi* da análise da realidade do país. Como o senhor percebe essa mudança?

15) E o senhor modificou em alguma medida sua produção de conhecimento, sua forma de analisar a realidade brasileira em relação à perspectiva lukacsiana?

16) É possível a constituição, desenvolvimento, continuidade de uma sociologia que seja independente de concepções burguesas, que seja crítica e que busque uma análise da realidade de forma a contemplar ontologicamente os elementos que constituem essa realidade?

## QUESTIONÁRIO 2

1) Prof. Löwy, quais as questões que no início da sua vida acadêmica eram consideradas mais relevantes para o senhor? Gostaria que o senhor falasse mais detalhadamente sobre isso.
2) Como se deu o contato do senhor com Georg Lukács? Em que momento da sua trajetória acadêmica ele surge como autor significativo para o senhor?
3) Os partidos de esquerda foram uma via de entrada das idéias lukacsianas no Brasil?

4) É notório que muitos intelectuais que tinham uma perspectiva lukacsiana passaram por um processo de reavaliação das propostas teórico-metodológicas de Lukács e mudaram seu ponto de vista em relação a ele. Ou melhor, alteraram o *modus operandi* da análise da realidade do país. Como o senhor percebe essa mudança?

5) O senhor se considera sociólogo ?

## QUESTIONÁRIO 3

1) Profa. Ester, como o Prof. José Chasin percebia a relação entre o marxismo, de uma forma geral e o marxismo lukacsiano, de forma específica, e a academia
2) Como a senhora percebe essa relação na atualidade
3) As questões que preocupavam o Prof. Chasin no início da sua vida acadêmica passaram por mudanças significativas
4) Ele modificou em alguma medida a produção de conhecimento, sua forma de analisar a realidade brasileira em relação à perspectiva lukacsiana
5) Quais os intelectuais de maior relevo na divulgação de Lukács no Brasil
6) Qual era a relação do Prof. Chasin com a sociologia. Para ele havia a possibilidade de uma ciência social independente de concepções burguesas, que fosse crítica e que procurasse um entendimento da realidade de forma a contemplar ontologicamente os elementos que constituem essa realidade